

"Sanderson continua provando que é um dos
melhores autores de fantasia da atualidade."

— *Library Journal*

LeYa
omelete

autor best-seller do *New York Times*

BRANDON SANDERSON

MISTBÖRN

S E G U N D A E R A

AS SOMBRAS DE SI MESMO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

"Sanderson continua provando que é um dos
melhores autores de fantasia da atualidade."

— *Library Journal*



autor best-seller do *New York Times*

BRANDON SANDERSON

MISTBÖRN

S E G U N D A E R A

AS SOMBRAS DE SI MESMO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

[image]

Quando as obrigações da família

forçaram Waxillum Iadrian a assumir o seu lugar como lorde da casa, ele mal podia imaginar que a experiência adquirida durante os vinte anos nas Terras Brutas seria tão útil numa metrópole.

Passado um ano, Wax já está mais familiarizado com a nova vida em Elencel e aprendeu, a duras penas, a aplicar seus poderes de Adivinçaria e Feruquemia nas "regras" da cidade.

Ao ser chamado para investigar um assassinato em massa numa festa oferecida pelo irmão do governador, Wax se vê obrigado a se envolver na política local e passa a compreender melhor a evolução de Scadrial e sua sociedade, à medida que a tecnologia e a magia se misturam, a economia cresce, a democracia luta contra a corrupção e a religião passa a se tornar uma força cada vez mais perigosa.

Agora, a briga não é mais entre o bem e o mal. Wax, Wayne e a mais nova e competente integrante do grupo, Marasi, vão se ver envolvidos numa teia repleta de interesses políticos e religiosos em que a corrupção é quem dita as regras e mascara o verdadeiro inimigo.

MISTBORN:
SEGUNDA ERA
AS SOMBRAS DE SI MESMO

Títulos passados na Cosmere

Elantris

Mistborn – Nascidos da Bruma

O Império Final

O Poço da Ascensão

O Herói das Eras

Mistborn – Segunda Era

A liga da lei

As sombras de si mesmo

Os Braceletes da Perdição

BRANDON SANDERSON

MISTBORN:
SEGUNDA ERA
AS SOMBRAS DE SI MESMO

Tradução
Márcio Elascues



Copyright © Dragonsteel Entertainment, LCC, 2015, conforme edição original.

Todos os direitos reservados.

© Brandon Sanderson

Os direitos morais do autor foram afirmados.

Tradução para a Língua Portuguesa © 2017 Casa da Palavra/LeYa, Márcia Blasques

Título original: *Shadows of Self: a Mistborn novel*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Preparação: Elisa Nogueira

Revisão: Pedro Staite

Diagramação: Filigrana

Capa: Leandro Dittz

Ilustração de capa: Marc Simonetti

Curadoria: Affonso Solano

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

S198s

Sanderson, Brandon, 1975-

As sombras de si mesmo / Brandon Sanderson; tradução Márcia Blasques. – Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

(Mistborn : segunda era)

Tradução de: *Shadows of self*

Sequência de: A liga da lei

Continua com: Os Braceletes da Perdição

ISBN 978-85-441-0647-1

1. Ficção fantástica americana. I. Blasques, Márcia. II. Título. III. Série.

17-45368

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

Para Moshe Feder,
que apostou em mim.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

PRIMEIRA PARTE

1

2

3

4

SEGUNDA PARTE

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

TERCEIRA PARTE

22

23

24

25

26

EPÍLOGO

ARS ARCANUM

AGRADECIMENTOS

Este livro tem um passado atribulado, já que um terço dele surgiu durante o processo de escrita de outra obra. (Eu aguardava o retorno da editora sobre algumas observações que havia feito; acho que era o livro final de “A Roda do Tempo”). Então tive que parar de trabalhar neste livro para mergulhar no outro.

Quando voltei a ele, minha ideia para uma nova trilogia sobre Wax, Wayne e Marasi tinha se transformado, então, o primeiro terço do livro precisou de vários retoques para tomar forma e se encaixar nos outros dois terços, enquanto eu os escrevia. Depositei muita confiança nas excelentes visões críticas do meu editor, Moshe Feder, do meu agente, Joshua Bilmes e do meu assistente editorial, Peter *Instantâneo* Ahlstrom. Um agradecimento especial também para meu editor no Reino Unido, Simon Spanton.

Meu grupo de escrita também foi, como sempre, inestimável. Nele estão incluídos Emily Sanderson, Karen e Peter Ahlstrom, Darci e Eric James Stone, Alan Layton, Ben “por favor, escreva meu nome certo desta vez” Olsen, Danielle Olsen, Kathleen Dorsey Sanderson, Kaylynn ZoBell, Ethan e Isaac Skarstedt e Kara e Isaac Stewart.

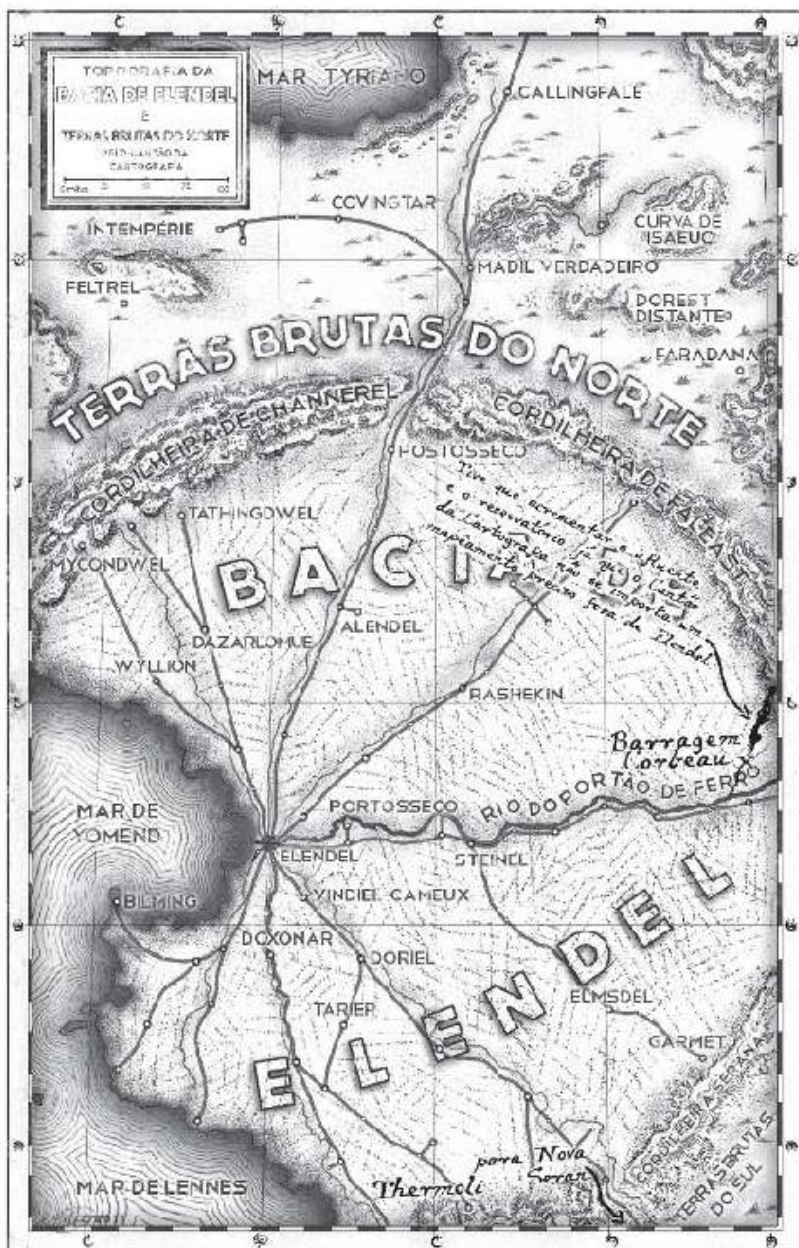
Organizamos uma leitura beta relâmpago, e algumas pessoas atentas ofereceram comentários excelentes. São elas: Jory Phillips, Joel Phillips, Bob Kluttz, Alice Arneson, Trae Cooper, Gary Singer, Lyndsey Luther, Brian T. Hill, Jakob Remick, Eric James Stone, Bao Pham, Aubree Pham, Steve Godecke, Kristina Kugler, Ben Olsen, Samuel Lund, Megan Kanne, Nate Hatfield, Layne Garrett, Kim Garrett, Eric Lake, Karen Ahlstrom, Isaac Skarstedt, Darci Stone, Isaac Stewart, Kalyani Poluri, Josh Walker, Donald Mustard III, Cory Aitchison e Christi Jacobsen.

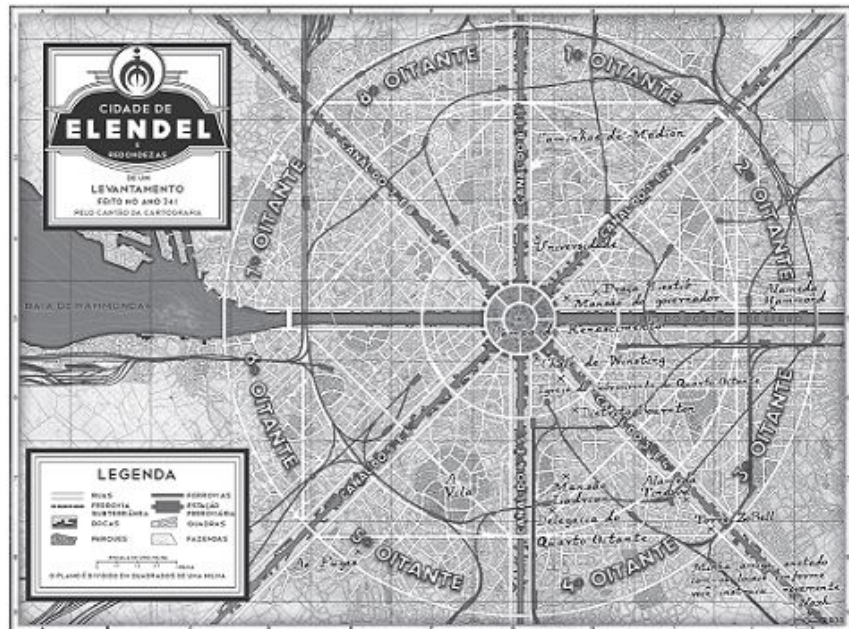
Tem sido incrivelmente satisfatório ver o desenvolvimento das capas dos meus romances ao longo dos anos. Sempre tive essa ideia louca de incluir muito mais imagens do que o normal, basicamente todas que eu conseguir. Dois artistas maravilhosos tornaram isso possível neste livro. Meu bom amigo e agora diretor de arte em tempo integral Isaac Stewart fez os mapas e símbolos. Os desenhos que aparecem na obra são do sempre excelente Ben McSweeney.

Na JABberwocky, minha agência, os agradecimentos vão para Eddie Schneider, Sam Morgan, Krystyna Lopez e Christa Atkinson. No Reino Unido, John Berlyne, da Zeno Agency, merece aplausos.

Na Tor Books, a editora americana que publicou este livro, muito obrigado a Tom Doherty, Linda Quinton, Marco Palmieri, Karl Gold, Diana Pho, Nathan Weaver, Edward Allen e Rafal Gibek. Ingrid Powell foi a revisora. A edição foi de Terry McGarry, e o audiolivro é do meu leitor favorito, Michael Kramer. Outros profissionais envolvidos no audiolivro que merecem agradecimentos são Robert Allen, Samantha Edelson e Mitali Dave. Adam Horne, meu novo assistente executivo, tem seu nome mencionado num livro pela primeira vez aqui. Muito bem, Adam!

Por fim, como sempre, um agradecimento enorme para minha família. Uma esposa maravilhosa e três garotinhos que ainda não entendem muito bem por que os livros que o papai escreve têm tão poucos desenhos.





PRÓLOGO



Waxillium Ladrian, homem da lei por contrato, desceu do cavalo e girou para encarar o *saloon*.

— Ah... você não enroscou a espora na sela nem tropeçou — disse o garoto, também descendo do cavalo.

— Isso só aconteceu *uma vez* — respondeu Waxillium.

— Sim, mas foi *tão* engraçado.

— Fique com os cavalos — falou Waxillium, jogando-lhe as rédeas.

— Não amarre a Destruidora. Posso precisar dela.

— Claro.

— E *não* roube nada.

O garoto de rosto redondo, dezessete anos, com a barba mal aparecendo, apesar de tentar deixá-la crescer por semanas, assentiu com uma expressão solene.

— Prometo não surrupiar nada seu, Wax.

Waxillium suspirou.

— Não foi o que eu disse.

— Mas...

— Fique com os cavalos. E tente não conversar com ninguém.

Waxillium balançou a cabeça enquanto entrava no *saloon*, sentindo uma leveza em seus passos. Estava preenchendo sua mente de metal, diminuindo o peso do corpo em dez por cento. Era uma prática comum para ele naqueles dias, já que ficara sem peso armazenado durante uma de suas primeiras caçadas por recompensa havia alguns meses.

O *saloon*, claro, era imundo. Praticamente tudo nas Terras Brutas era empoeirado, desgastado ou quebrado. Cinco anos ali, e ele ainda

não se acostumara àquilo. Na verdade, passara a maior parte desse tempo tentando ganhar a vida como escriturário, afastando-se cada vez mais dos centros populosos, num esforço para não ser reconhecido. Mas, nas Terras Brutas, até mesmo os centros mais populosos eram mais sujos do que os de Elendel.

E ali, na fronteira das terras povoadas, a palavra “sujeira” nem *começava* a descrever o estilo de vida. Os homens pelos quais passou no interior do bar, encurvados em suas mesas, mal erguiam os olhos. Essa era outra curiosidade das Terras Brutas. Tanto a vegetação quanto as pessoas eram mais espinhosas e rasteiras. Até as acácias em forma de leque, que de vez em quando alcançavam grandes alturas, davam essa impressão de dureza.

Ele esquadrinhou o aposento, mãos nos quadris, esperando chamar a atenção. Não conseguiu, o que o incomodou. Por que usar um terno elegante da cidade, com uma gravata Ascot lavanda, se ninguém notava? Pelo menos não estavam rindo dele, como aconteceu no último bar.

Com a mão na arma, Waxillium seguiu até o bar. O garçom era um homem alto que parecia ter um pouco de sangue de Terris em suas veias, a julgar pelos traços esbeltos, ainda que fosse provável que seus primos refinados da Bacia de Elendel ficassem horrorizados se o vissem roer uma coxa de frango gordurosa com uma das mãos enquanto servia uma caneca com a outra. Waxillium tentou não ficar nauseado; a noção local de higiene era outra coisa com a qual ainda não se acostumara. Aqui, os estranhos eram aqueles que se lembravam de limpar as mãos na calça entre cutucar o nariz e cumprimentar alguém com um aperto de mão.

Waxillium esperou. E esperou mais um pouco. Então, deu um pigarro. Por fim, o garçom se aproximou dele.

— Sim?

— Estou procurando um homem — disse Waxillium, baixinho. — Atende pelo nome de Joe Granito.

— Não conheço — respondeu o garçom.

— Não... ele é só o fora da lei mais notório por essas partes.

— Não conheço.

— Mas...

— É mais seguro não conhecer homens como Joe — comentou o garçom antes de dar outra mordida na coxa de frango. — Mas tenho um amigo.

— Isso é surpreendente.

O garçom o fulminou com os olhos.

— Hã... Desculpe. Prossiga.

— Meu amigo pode estar disposto a conhecer pessoas que outros não querem conhecer. Levarei um tempo para encontrá-lo. Vai pagar?

— Sou um homem da lei — falou Waxillium. — Faço o que faço em nome da justiça.

O garçom pestanejou. Lenta e deliberadamente, como se o gesto exigisse um esforço consciente.

— Então... Vai pagar?

— Sim, vou pagar. — Waxillium cedeu com um suspiro, somando mentalmente o que já gastara caçando Joe Granito. Não podia se dar ao luxo de ir novamente para o buraco. Destruidora precisava de uma sela nova, e os trajes de Waxillium não duravam nada por essas bandas.

— Ótimo — comentou o garçom, gesticulando para que Waxillium o seguisse. Percorreram o salão, passando ao redor das mesas e do piano que ficava ao lado de um dos pilares, entre duas mesas. Não parecia ser tocado há décadas, e alguém deixara uma fileira de canecas empoeiradas sobre ele. Perto da escada, entraram numa sala menor. Cheirava a poeira.

— Espere aqui — ordenou o garçom antes de sair e fechar a porta.

Waxillium cruzou os braços, olhando para a única cadeira do aposento. A pintura branca estava rachada e descascando; não duvidava que, se sentasse, acabaria com metade da tinta presa na calça.

Já se sentia mais confortável entre as pessoas das Terras Brutas, ainda que não com seus hábitos particulares. Esses poucos meses caçando recompensas mostraram para ele que *havia* homens e mulheres bons por ali, misturados entre o restante. Mesmo assim, todos tinham uma espécie de *fatalismo* obstinado. Não confiavam em autoridades, e com frequência evitavam homens da lei, mesmo que isso significasse deixar homens como Joe Granito continuarem a devastar e saquear. Sem as recompensas oferecidas pela estrada de ferro e pelas companhias mineradoras, nada jamais...

A janela tremeu. Waxillium parou. Então, pegou a arma no coldre e queimou aço. O metal gerou um calor agudo dentro dele, como a sensação depois de beber algo quente demais. Linhas azuis saíram de seu peito na direção de fontes de metal próximas, várias das quais logo depois da janela fechada. Outras apontavam para baixo. O *saloon* tinha um porão, o que era incomum nas Terras Brutas.

Ele poderia *empurrar* aquelas linhas se fosse necessário, afastando o metal ao qual estavam conectadas. Por enquanto, apenas observava

uma pequena haste deslizar entre as folhas da janela e depois ser erguida, levantando a trava que as mantinha fechadas. A janela estremeceu e então se abriu.

Uma jovem de calça escura saltou para dentro do aposento, com um rifle numa das mãos. Magra, com rosto quadrado, levava um cigarro apagado entre os lábios e parecia ligeiramente familiar para Waxillium. Ela ficou em pé, aparentemente satisfeita, e se virou para fechar a janela. Ao fazer isso, viu Waxillium pela primeira vez.

— Diabos! — exclamou, dando um passo para trás, derrubando o cigarro e levantando o rifle.

Waxillium levantou sua arma e preparou sua Alomancia, desejando encontrar um jeito de se proteger das balas. Podia *empurrar* metal, sim, mas não era rápido o bastante para deter um tiro, a menos que *empurrasse* a arma antes que o gatilho fosse puxado.

— Ei — disse a mulher, olhando pela mira do rifle. — Você não é aquele cara? Aquele que matou Peret, o Sombrio?

— Waxillium Ladrian — respondeu ele. — Homem da lei por contrato.

— Está brincando. É assim que se apresenta?

— Claro. Por que não?

Ela não respondeu. Desviou o olhar do rifle, analisando-o por alguns instantes. Por fim, ela falou:

— Uma gravata Ascot? Sério?

— É meio que uma coisa minha — comentou Waxillium. — O caçador de recompensas cavalheiro.

— Antes de mais nada, por que um caçador de recompensas precisaria de uma “coisa”?

— É importante ter uma reputação — disse Waxillium, erguendo o queixo. — Todos os fora da lei têm uma; as pessoas ouvem falar de homens como Joe Granito de um lado a outro das Terras Brutas. Por que eu não faria o mesmo?

— Porque isso coloca um alvo na sua cabeça.

— Vale o perigo — garantiu Waxillium. — Mas, falando em alvos... — Ele abaixou a arma e fez sinal com a cabeça na direção dela.

— Você está atrás da recompensa por Joe — disse ela.

— Claro que estou. Você também?

Ela assentiu.

— Vamos dividir? — sugeriu Waxillium.

Ela suspirou, mas abaixou o rifle.

— Tudo bem. Mas quem atirar leva o dobro.

— Eu planejava levá-lo vivo...

— Ótimo. Isso me dá uma chance melhor de matá-lo primeiro. — Ela sorriu para ele enquanto se aproximava de modo furtivo da porta. — Meu nome é Lessie. Granito *está* em algum lugar por aqui? Você já o viu?

— Não, não vi — respondeu Waxillium, aproximando-se da porta também. — Perguntei ao garçom, e ele me mandou para cá.

Ela se virou para ele.

— Você perguntou ao garçom.

— Claro — confirmou Waxillium. — Eu li as histórias. Os garçons sabem tudo e... você está balançando a cabeça.

— *Todo mundo* no *saloon* pertence a Joe, Sr. Gravatinha — ironizou Lessie. — Diabos, metade do povo dessa cidade pertence a ele. Você *perguntou ao garçom*?

— Pensei que já tínhamos deixado isso claro.

— Ferrugem! — Ela abriu a porta e olhou para fora. — Como, em nome de Ruína, *você* derrotou Peret, o Sombrio?

— Certamente não fiz tão mal assim. Nem *todos* no *saloon* devem...

Ele deixou a frase pela metade ao espiar pela porta. O garçom alto não tinha saído para buscar ninguém. Não, ele estava no salão principal, gesticulando na direção de uma porta lateral, incitando os assassinos e criminosos que estavam ali reunidos a se levantarem e se armarem. Os malfeitores pareciam hesitantes, e alguns gesticulavam, zangados, mas vários já tinham sacado as armas.

— Maldição — sussurrou Lessie.

— Vamos sair por onde você entrou? — perguntou Waxillium.

A resposta dela foi fechar a porta novamente, com todo o cuidado, empurrá-lo para o lado e correr até a janela. Quando segurou o peitoril para sair, um tiro disparou ali perto e lascas de madeira explodiram do parapeito.

Lessie xingou e se jogou no chão. Waxillium abaixou-se ao lado dela.

— Um atirador! — sussurrou ele.

— Você é sempre tão perspicaz, Sr. Gravatinha?

— Não, só quando estou levando tiros. — Ele espiou pelo peitoril da janela, mas havia uma dúzia de lugares próximos onde o atirador poderia se esconder. — Isso é um problema.

— Aí *está* seu agudo poder de observação mais uma vez. — Lessie

se arrastou pelo chão na direção da porta.

— Eu me referia a termos um problema em mais de um sentido — explicou Waxillium, cruzando o aposento agachado. — Como tiveram tempo de colocar um atirador em posição? Deviam *saber* que eu apareceria hoje. Esse lugar todo pode ser uma armadilha.

Lessie xingou baixinho enquanto ele alcançava a porta e a abria mais uma vez. Os bandidos estavam discutindo em voz baixa e gesticulando na direção da porta.

— Estão me levando a sério — comentou Waxillium. — Rá! A reputação está funcionando. Viu isso? Estão assustados!

— Parabéns — respondeu ela. — Acha que me darão uma recompensa se eu atirar em você?

— Temos que chegar ao andar de cima — continuou Waxillium, ao ver uma escada bem perto da porta.

— E de que servirá isso?

— Bem, primeiro, todas as pessoas armadas que querem nos matar estão neste andar. Prefiro estar em qualquer outro lugar, e será mais fácil defender a escada do que este quarto. Além disso, podemos encontrar uma janela do outro lado do edifício e fugir.

— Sim, se quiser saltar dois andares.

Saltar não era um problema para um Lançamoedas; Waxillium podia lançar um pedaço de metal no ar e se *empurrar* contra ele para frear a queda e aterrissar em segurança. Também era feruquemista e podia usar sua mente de metal para reduzir muito mais seu peso, até praticamente flutuar.

Mas as habilidades de Waxillium não eram amplamente conhecidas, e ele queria mantê-las assim. Ouvira as histórias de suas sobrevivências milagrosas e gostava do ar de mistério ao redor delas. Especulava-se que ele fosse um Nascido do Metal, claro, mas, enquanto as pessoas não soubessem exatamente o que podia fazer, ele teria uma vantagem.

— Olhe, vou correr até a escada — disse ele para a mulher. — Se quiser ficar aqui e abrir caminho na bala, ótimo. Vai proporcionar uma distração para mim.

Lessie olhou para ele e deu um sorriso.

— Tudo bem. Faremos do seu jeito. Mas, se levamos um tiro, você me paga uma bebida.

Há alguma coisa familiar nela, pensou Waxillium. Ele assentiu, contou baixinho até três e saiu correndo pela porta, apontando a arma para o bandido mais próximo. O homem saltou para trás enquanto Waxillium atirava três vezes — e errava. Suas balas acertaram o

piano, tocando uma nota discordante em cada impacto.

Lessie correu atrás dele e o seguiu pela escada. O grupo heterogêneo de bandidos ergueu as armas com exclamações de surpresa. Waxillium colocou sua arma para trás, para fora do caminho de sua Alomancia, e *empurrou* levemente as linhas azuis que saíam dele na direção dos homens no salão. Eles abriram fogo, mas seu *empurrão* afastara as armas o bastante para fazê-los errar o alvo.

Waxillium seguiu Lessie pela escada, fugindo do tiroteio.

— Malditos demônios — exclamou Lessie quando chegaram ao primeiro andar. — Estamos vivos. — Ela olhou para ele, com as bochechas coradas.

Alguma coisa estalou, como se um cadeado se abrisse na mente de Waxillium.

— Já nos encontramos antes — disse ele.

— Não, não nos encontramos — retrucou ela, afastando o olhar. — Vamos continuar...

— O Touro que Chora! — Waxillium se lembrou. — A dançarina!

— Ah, Deus Além — disse ela, continuando a subir para o andar seguinte. — Você se lembra.

— Eu *sabia* que você estava fingindo. Nem Rusko contrataria alguém tão descoordenada, por mais bonitas que fossem suas pernas.

— Podemos saltar de uma janela agora, por favor? — pediu ela, verificando o andar de cima em busca de bandidos.

— Por que você estava lá? Caçando uma recompensa?

— Sim, mais ou menos.

— E realmente não sabia que iam fazer você...

— Esta conversa acabou.

Chegaram ao andar de cima, e Waxillium esperou um instante até que uma sombra na parede anunciou que alguém os seguia. Deu um tiro no bandido que apareceu, errando mais uma vez, mas fazendo o homem recuar. Waxillium ouviu xingamentos e discussões no andar de baixo. Joe Granito podia mandar nos homens daquele bar, mas não eram tão leais assim. Os primeiros a subir a escada quase certamente levariam um tiro, e nenhum deles ansiava em correr o risco.

Isso daria um pouco mais de tempo para Waxillium. Lessie entrou num quarto, passando por uma cama vazia com um par de botas ao lado. Abriu a janela, que ficava do lado do prédio oposto ao atirador.

A cidade de Intempérie se estendia diante deles, um conjunto solitário de lojas e casas encolhidas, como se esperassem, em vão, pelo dia em que a estrada de ferro estenderia seus dedos tão longe. Não

muito distante, além das construções baixas, algumas girafas pastavam preguiçosamente, o único sinal de vida animal na vasta planície.

A queda da janela era vertical, sem telhados nos quais se segurar. Lessie observou o chão lá embaixo com cautela. Waxillium colocou os dedos na boca e deu um assobio estridente.

Nada aconteceu.

Ele assobiou novamente.

— O que diabos está fazendo? — Lessie exigiu saber.

— Chamando meu cavalo — respondeu Waxillium, e assobiou pela terceira vez. — Podemos saltar na sela dele e sair cavalgando.

Ela o encarou.

— Você está falando sério.

— Claro que sim. Estivemos treinando.

Uma figura solitária apareceu na rua embaixo deles. Era o garoto que andava seguindo Waxillium.

— Ah, Wax? A Destruidora está parada ali, bebendo água.

— Diabos! — respondeu Waxillium.

Lessie olhou para ele.

— Você colocou na égua o nome de...

— Ela é um pouco mansa demais, tá? — replicou Waxillium, subindo no parapeito da janela. — Achei que o nome pudesse inspirá-la. — Ele colocou as mãos em concha, em volta da boca, e gritou para o garoto lá embaixo. — Wayne! Traga-a até aqui. Vamos pular!

— Nem ferrando — falou Lessie. — Acha que há algo mágico numa sela que nos impedirá de quebrar as costas do cavalo quando saltarmos?

Waxillium hesitou.

— Bem, já li sobre pessoas que fazem isso...

— Sim. Olhe, tenho uma ideia — disse Lessie. — Da próxima vez, por que não grita por Joe Granito, vai até o meio da rua e fazem um belo duelo ao meio-dia?

— Você acha que daria certo? Eu...

— Não, não daria certo — ela replicou. — Ninguém faz isso. É estúpido. Ruína! Como você matou Peret, o Sombrio?

Eles se encararam por um instante.

— Bem... — Waxillium começou a dizer.

— Ah, diabos! Você o pegou cagando, não foi?

Waxillium sorriu para ela.

— Sim.

— Atirou nele pelas costas também?

— Tão bravamente quanto um homem pode atirar em outro pelas costas.

— Ah. Talvez ainda haja esperança para você. Ele acenou com a cabeça na direção da janela.

— Vamos pular?

— Claro. Por que não quebrar as duas pernas antes de levar um tiro? Vamos até o fim nisso, Sr. Gravatinha.

— Acho que ficaremos bem, Srta. Liga Cor-de-rosa.

Lessie levantou uma sobrancelha.

— Se vai me identificar pelas minhas escolhas de roupas — comentou ele —, então posso fazer o mesmo.

— Nunca mais mencionaremos isso — falou ela, e inspirou profundamente. — Então?

Ele assentiu, avivando seus metais, preparando-se para segurá-la e retardar a velocidade da queda, mas só o suficiente para parecer que tinham sobrevivido milagrosamente. Ao fazer isso, no entanto, ele percebeu uma das linhas azuis se movendo, uma linha fraca, apontando para o outro lado da rua.

A janela do moinho. A luz do sol refletia em alguma coisa lá dentro.

Waxillium agarrou Lessie imediatamente e a puxou para o chão. Uma fração de segundo mais tarde, uma bala passou assobiando por suas cabeças e acertou a porta do outro lado do quarto.

— Outro atirador — sussurrou ela.

— Seu poder de observação é...

— Cale-se — disse ela. — E agora?

Waxillium franziu a testa, pensando na pergunta. Olhou para o buraco formado pela bala, calculando a trajetória. O atirador mirara muito alto; mesmo se Waxillium não tivesse abaixado, provavelmente estaria bem.

Por que mirar no alto? A linha azul em movimento da arma indicava que o atirador correria para ficar em posição antes de atirar. Teria sido apenas uma mira apressada? Ou havia uma razão mais sinistra? *Atingir-me no ar? Quando eu pulasse pela janela?*

Ele ouviu passos na escada, mas não viu linhas azuis. Xingou, correndo até a porta e espiando. Um grupo de homens subia a escada, e não eram os bandidos do andar de baixo. Esses homens usavam camisas brancas justas, tinham bigodes finos e estavam armados com bestas. Nenhuma partícula de metal neles.

Ferrugem! Sabiam que ele era um Lançamoedas, e Joe Granito tinha um esquadrão da morte pronto para ele.

Ele voltou para o quarto e agarrou Lessie pelo braço.

— Seu informante disse que Joe Granito estava neste edifício?

— Sim — confirmou ela. — É quase certeza que esteja. Ele gosta de estar por perto quando uma gangue está se reunindo, gosta de ficar de olho em seus homens.

— Este edifício tem um porão.

— E daí?

— Segure-se.

Ele a agarrou com as duas mãos e rolou no chão, fazendo-a gritar e depois xingar. Ao segurá-la sobre si, Waxillium aumentou seu peso.

Já tinha uma grande quantidade estocada em sua mente de metal, depois de semanas enchendo-a. Ele drenou tudo, aumentando seu peso muitas vezes em um instante. O chão de madeira rachou e depois *quebrou* embaixo deles.

Waxillium caiu pelo buraco, rasgando a roupa elegante e trazendo Lessie consigo. Com os olhos fechados, ele *empurrou* as centenas de linhas azuis atrás de si, aquelas que levavam até os pregos no piso do andar de baixo. Fez com que explodissem para baixo, para estilhaar o chão e abrir caminho até o porão.

Acertaram o piso do térreo em meio a uma chuva de poeira e lascas de madeira. Waxillium conseguiu diminuir a velocidade da queda com um *empurrão* de aço, mas ainda caíram com força, esmagando uma mesa no porão.

Waxillium soltou um gemido, mas se obrigou a virar de lado, livrando-se da madeira quebrada. Para sua surpresa, o porão era revestido de madeira de boa qualidade e iluminado por abajures no formato de mulheres curvilíneas. A mesa que atingiram estava coberta por uma bela toalha branca, embora agora estivesse amontoada, com as pernas estilhaçadas e o tampo partido ao meio.

Um homem estava sentado à cabeceira da mesa. Waxillium conseguiu se erguer dos destroços e apontar a arma para o homem, que tinha o rosto pétreo e a pele escura cinza-azulado, a marca de um homem com ascendência koloss. Joe Granito. Aparentemente, Waxillium interrompera seu jantar, a julgar pelo guardanapo preso no colarinho e a sopa espalhada na mesa quebrada diante dele.

Lessie gemeu, rolando de lado e limpando as lascas de madeira que tinham ficado presas na roupa. Seu rifle devia ter ficado no andar de cima. Waxillium segurou a arma com firmeza enquanto encarava os dois guarda-costas vestindo sobretudoos atrás de Joe Granito: um

homem e uma mulher, irmãos, ele ouvira dizer, e atiradores de primeira. Estavam surpresos com a queda deles, era óbvio, pois, embora tivessem as mãos nas armas, ainda não tinham sacado.

Waxillium tinha vantagem, com Joe na mira, mas, se atirasse, os irmãos o matariam em um segundo. Talvez não tivesse planejado essa linha de ataque tão bem quanto deveria.

Joe raspou os restos de sua tigela quebrada, emoldurada por respingos da sopa vermelha na toalha. Conseguiu juntar um pouco em sua colher e a levou aos lábios.

— Você deveria estar morto — disse ele depois de tomar a sopa.

— Você deveria contratar um novo grupo de bandidos — comentou Waxillium. — Os que estão lá em cima não valem muito.

— Eu não estava me referindo a eles — respondeu Joe. — Há quanto tempo está por aqui, nas Terras Brutas, causando problemas? Dois anos?

— Um — corrigiu Waxillium. Estava na região havia mais tempo, mas só recentemente começara a “causar problemas”, como Joe colocara.

Joe Granito estalou a língua.

— Acha que seu tipo é novo por aqui, filho? Olhos arregalados, cinturão baixo no quadril e esporas novas e brilhantes? Chegando aqui para consertar nossos modos não civilizados? Vemos dezenas como você todos os anos. Os outros tiveram a decência de aprender a serem subornados ou morreram antes de estragarem muita coisa. Mas você não.

Ele está ganhando tempo, Waxillium pensou. Estava esperando que os homens lá de cima chegassem correndo.

— Soltem as armas! — disse Waxillium para os irmãos, apontando a arma para Joe. — Soltem ou eu atiro!

Os dois guarda-costas não se mexeram. *Nenhuma linha de metal leva ao guarda-costas à direita*, Waxillium pensou. *Nem a Joe*. O da esquerda tinha uma arma, talvez confiando na velocidade de seu saque contra um Lançamoedas. Apostava que os outros dois tinham elegantes bestas portáteis no coldre. Um dardo só, feito de madeira e cerâmica. Feito para matar Lançamoedas.

Mesmo com Alomancia, Waxillium nunca seria capaz de matar os três sem levar um tiro. O suor escorria por sua têmpora. Estava tentado a simplesmente puxar o gatilho e atirar, mas seria morto se fizesse isso. E eles sabiam. Era um impasse, mas *eles* tinham reforços a caminho.

— Você não pertence a este lugar — disse Joe, inclinando-se para a

frente, com os cotovelos apoiados na mesa quebrada. — Viemos para cá para escapar de tipos como você. Suas regras. Suas suposições. Não queremos você.

— Se isso fosse verdade — respondeu Waxillium, surpreso por sua voz se manter estável —, as pessoas não viriam até mim chorando porque você matou os filhos delas. Vocês podem não precisar das leis de Elendel por aqui, mas isso não significa que não precisem de lei alguma. E não significa que homens como você podem fazer o que bem entenderem.

Joe Granito balançou a cabeça, levantando-se, com a mão no coldre.

— Este não é seu habitat, filho. Todo mundo tem um preço nas Terras Brutas. Se não têm, então não se encaixam aqui. Você vai morrer, lenta e dolorosamente, assim como um leão morreria na sua cidade. O que estou fazendo hoje é um ato de misericórdia.

Joe sacou a arma.

Waxillium reagiu rapidamente, *empurrando-se* contra as lamparinas da parede à sua direita. Estavam bem presas, então seu *empurrão* alomântico o mandou para a esquerda. Ele girou a arma e atirou.

Joe apontou a besta e disparou um dardo, mas errou o tiro, que atravessou o ar onde Waxillium estava antes. A bala de Wax, ao menos uma vez, acertou o alvo, atingindo a guarda-costas, que também sacara sua besta. Ela caiu.

Ao se chocar contra a parede, Waxillium *empurrou*, arrancando a arma da mão do outro guarda-costas, que a disparava. Infelizmente, o *empurrão* de Waxillium também arrancou a arma de sua mão, fazendo-a rodopiar na direção do homem. A arma acertou o guarda-costas bem no rosto, nocauteando-o.

Waxillium se equilibrou, olhando para Joe do outro lado do aposento, que parecia perplexo ao ver que os dois guarda-costas tinham sido abatidos. Sem tempo para pensar, Waxillium avançou na direção do grande descendente de koloss. Se conseguisse encontrar algum metal para usar como arma, talvez...

Ouviu o clique de uma arma atrás de si. Waxillium parou e olhou por sobre o ombro para Lessie, que apontava uma pequena besta portátil para ele.

— Todo mundo aqui tem um preço — comentou Joe Granito.

Waxillium olhou para o dardo da besta, com ponta de obsidiana. Onde ela guardava aquilo? Ele engoliu em seco.

Ela se colocou em perigo, subindo as escadas comigo!, pensou. Como ela poderia...

Mas Joe sabia sobre sua Alomancia. Então, ela também devia saber. Lessie *sabia* que ele poderia atrapalhar a mira dos bandidos quando correu com ele escada acima.

— Você tem uma explicação de por que não simplesmente *atirou* nele no quarto do *saloon*, onde o garçom o deixou? — perguntou Joe.

Ela não respondeu. Em vez disso, ficou analisando Waxillium.

— Eu avisei que todo mundo no *saloon* era empregado de Joe — observou ela.

— Eu... — Waxillium engoliu em seco. — Ainda acho suas pernas bonitas.

Os olhos dela encontraram os dele. Então, ela suspirou, virando a besta, e acertou Joe Granito no pescoço.

Waxillium pestanejou ao ver o homem imenso cair no chão, gorgolejando enquanto sangrava.

— Sério? — falou Lessie, olhando furiosa para Waxillium. — Isso é tudo o que consegue me dizer para me fazer mudar de opinião? “Você tem pernas bonitas”? Sério? Você está *tão* perdido aqui, Gravatinha.

Waxillium respirou aliviado.

— Ah, *Harmonia*, achei que você fosse atirar em mim de qualquer jeito.

— Pois deveria — resmungou ela. — Não consigo acreditar...

Ela parou de falar quando as escadas rangeram. A tropa de malfeitores do andar de cima finalmente reunira coragem para descer correndo. Quase meia dúzia deles irrompeu porta adentro com as armas em punho.

Lessie mergulhou para pegar a arma do guarda-costas caído.

Waxillium pensou rápido e fez o que lhe veio mais naturalmente. Adotou uma pose dramática em meio aos escombros, um pé mais alto que o outro, Joe Granito morto ao seu lado, os dois guarda-costas abatidos. A poeira do teto quebrado ainda se espalhava por todo lado, iluminada pela luz do sol que entrava por uma janela no andar de cima.

Os bandidos pararam de supetão. Olharam para o cadáver do chefe e depois, boquiabertos, para Waxillium.

Por fim, parecendo crianças pegadas na despensa tentando abrir uma lata de biscoitos, abaixaram as armas. Os homens da frente tentaram forçar passagem entre os de trás para sair dali, e todo o bando clamoroso saiu, abandonando o garçom, que foi o último a fugir.

Waxillium se virou e ofereceu a mão para Lessie, que o deixou ajudá-la a ficar em pé. Ela observava os bandidos em fuga, cujas botas

rangiam o assoalho de madeira na pressa por escapar. Em instantes, o edifício estava em silêncio.

— Hã — comentou ela —, você é tão surpreendente quanto um macaco dançarino, Sr. Gravatinha.

— Ajuda ter uma coisa — observou Waxillium.

— Sim. Acha que eu devia ter uma coisa?

— Ter uma coisa foi uma das decisões mais importantes que tomei ao chegar nas Terras Brutas.

Lessie assentiu lentamente.

— Não tenho ideia do que estamos falando, mas parece bem sujo.

— Ela olhou na direção do cadáver de Joe Granito, que a encarava sem vida, deitado numa poça do próprio sangue.

— Obrigado — falou Waxillium. — Por não me matar.

— Ah, eu ia matar Joe em algum momento mesmo e entregá-lo pela recompensa.

— Sim, mas, bem, duvido que estivesse planejando fazer isso na frente de toda a gangue dele enquanto estava presa no porão, sem ter como fugir.

— É verdade. Isso foi bem estúpido da minha parte.

— Então por que fez isso?

Ela continuou a olhar para o corpo.

— Fiz muitas coisas em nome de Joe que eu gostaria de não ter feito, mas, até onde sei, nunca atirei num homem que não merecesse. Matar você... bem, parece que isso seria matar também o que você defende. Sabe como é?

— Acho que consigo captar o conceito.

Ela esfregou um arranhão ensanguentado no pescoço, que devia ter sido causado por alguma lasca de madeira quebrada durante a queda deles.

— Da próxima vez, no entanto, espero que isso não envolva causar uma confusão tão grande. Eu *gostava* deste *saloon*.

— Vou me esforçar — comentou Waxillium. — Pretendo mudar as coisas por aqui. Se não em toda a extensão das Terras Brutas, pelo menos nesta cidade.

— Bem — falou Lessie, passando por cima do cadáver de Joe Granito —, com certeza qualquer piano malvado que estiver pensando em atacar a cidade vai pensar duas vezes agora, considerando sua proeza com aquela pistola.

Waxillium estremeceu.

— Você... viu aquilo, não viu?

— Raramente vi um feito daqueles — comentou ela, ajoelhando-se e remexendo nos bolsos de Joe. — Três tiros, três notas diferentes, nem um bandido atingido. Isso exige habilidade. Talvez devesse passar um pouco menos de tempo com sua coisa e mais com sua arma.

— Isso soou sujo.

— Ótimo. Odeio ser grosseira sem querer. — Ela pegou a carteira de Joe e sorriu, jogando-a para cima e pegando-a novamente. Lá em cima, no buraco que Waxillium fizera, uma cabeça de cavalo apareceu, seguida por uma cabeça menor, de um adolescente com um chapéu grande demais. Onde ele conseguira aquilo?

A Destruidora arfou em saudação.

— Claro, *agora* você vem — reclamou Waxillium. — Cavalo estúpido.

— Na verdade, parece que ficar longe de você durante um tiroteio a torna bem *esperta*. — comentou Lessie.

Waxillium sorriu e estendeu a mão para Lessie. Quando ela a segurou, ele a puxou para perto de si. Seguindo uma linha de luz azul, ele os ergueu no ar, afastando-os dos destroços.



PRIMEIRA PARTE





Dezessete anos depois

Winsting sorria para si mesmo enquanto observava o sol se pôr. Era uma noite ideal para se leiloar.

— Minha sala secreta já está pronta? — perguntou ele, apertando levemente o balaústre da varanda. — Só por garantia?

— Sim, milorde. — Flog usava um estúpido chapéu das Terras Brutas e um sobretudo, embora nunca tivesse saído da Bacia de Elendel. Era um guarda-costas excelente, apesar do terrível senso de moda, mas Winsting assegurava-se de *puxar* as emoções do homem mesmo assim, aumentando sutilmente a lealdade de Flog. Cuidado nunca era demais. — Milorde? — chamou Flog, olhando para a sala atrás deles. — Estão todos aqui, milorde. Está pronto?

Sem se afastar do sol poente, Winsting levantou um dedo para calar o guarda-costas. A varanda, no Quarto Oitante de Elendel, dava vista para o canal e para o centro da cidade, então ele tinha uma bela vista do Campo do Renascimento. Longas sombras se projetavam das estátuas da Guerreira Ascendente e do Último Imperador no parque arborizado, onde, segundo uma lenda fantástica, seus cadáveres foram descobertos depois do Grande Catacendro e da Ascensão Final.

O ar estava úmido, levemente temperado por uma brisa fria da Baía de Hammondar, a alguns quilômetros a oeste. Winsting tamborilou no balaústre da varanda, enviando pacientemente pulsos de poder alomântico para moldar as emoções dos que estavam no aposento às suas costas. Ou pelo menos dos que fossem tolos o bastante para não usar chapéus forrados de alumínio.

A qualquer momento agora...

No começo, eram como manchas no ar, mas logo as brumas

augmentaram diante dele, espalhando-se como geada numa janela. Tentáculos esticavam-se e giravam uns sobre os outros, tornando-se correntezas e depois rios de movimento, correntes movendo-se e cobrindo a cidade. Engolindo-a. Consumindo-a.

— Uma noite de bruma — comentou Flog. — Isso é sinal de má sorte.

— Não seja tolo — respondeu Winsting, ajustando sua gravata Ascot.

— Ele está nos observando — falou Flog. — As brumas são os olhos Dele, milorde. Isso é certo como Ruína.

— Bobagem supersticiosa. — Winsting deu meia-volta e entrou na sala. Atrás dele, Flog fechou as portas antes que as brumas pudessem se infiltrar na festa.

As duas dúzias de convidados, juntamente com os inevitáveis guarda-costas, que se misturavam e conversavam, eram um grupo seletos. Não apenas importante, mas também em desacordo uns com os outros, apesar dos sorrisos calculados e da conversa fiada. Winsting preferia ter rivais em eventos como esse. Deixar que todos vissem uns aos outros e que cada um soubesse o custo de perder a competição por sua preferência.

Winsting foi cumprimentá-los. Infelizmente, muitos usavam chapéus cujos forros de alumínio os protegia da Alomancia emocional, embora ele tivesse assegurado pessoalmente para cada convidado que não haveria Abrandadores ou Tumultuadores no grupo. Não dissera nada sobre suas próprias habilidades, é claro. Até onde qualquer um deles sabia, ele não era alomântico.

Ele olhou pelo salão até onde Blome cuidava do bar. O homem balançou a cabeça. Ninguém mais na sala estava queimando metais. Excelente.

Winsting se aproximou do bar, virou-se e levantou as mãos para chamar a atenção de todos. O gesto expôs as reluzentes abotoaduras de diamante que usava na camisa branca engomada. As peças eram de madeira, é claro.

— Senhoras e senhores — disse ele —, bem-vindos ao nosso pequeno leilão. Os lances começam agora e terminam quando eu ouvir a oferta de que mais gostar.

Não disse mais nada; conversa demais mataria o efeito dramático. Winsting pegou uma bebida que era oferecida por um dos criados e se preparou para se misturar aos convidados. Hesitou ao olhar para o grupo de pessoas.

— Edwarn Ladrian não está aqui — disse, baixinho. Recusava-se a

chamar o homem pelo apelido ridículo de Sr. Elegante.

— Não — confirmou Flog.

— Achei que tivesse dito que todos tinham chegado!

— Todos que disseram que vinham — respondeu Flog. Parecia desconfortável.

Winsting apertou os lábios, mas, fora isso, escondeu o desapontamento. Tinha *certeza* de que sua oferta intrigara Edwarn. Talvez tivesse comprado um dos outros senhores do crime que estavam na sala. Era algo a se considerar.

Winsting foi até a mesa central, sobre a qual estava o motivo principal da reunião daquela noite. Era uma pintura de uma mulher reclinada; Winsting a pintara, e estava melhorando.

A pintura não tinha valor algum, mas mesmo assim os homens e mulheres na sala ofereciam imensas somas por ela.

O primeiro a se aproximar foi Dowser, que comandava a maior parte das operações de contrabando no Quinto Oitante. A barba por fazer havia três dias era sombreada por um chapéu-coco que ele, claramente, não deixara na chapelaria. Uma bela mulher de braços dados com ele e o terno elegante que ele usava faziam pouco para melhorar um homem como Dowser. Winsting franziu o nariz. Quase todo mundo na sala era um pedaço de lixo desprezível, mas os outros tinham a decência de não *parecer* sê-lo.

— É feia como o pecado — comentou Dowser, olhando para a pintura. — Não consigo acreditar que é o que você trouxe para os nossos “lances”. Um pouco descarado, não é?

— Você prefere que eu seja completamente sincero, sr. Dowser? — perguntou Winsting. — Quer que eu proclame em alto e bom som? “Pague-me e, em troca, você terá meu voto no Senado no ano que vem”?

Dowser olhou para os lados, como se esperasse que policiais irrompessem na sala a qualquer momento.

Winsting sorriu.

— Você notará sombras cinzentas nas bochechas dela. Uma representação da natureza cheia de cinzas da vida no mundo pré-Catacêndrico, não? É minha melhor obra até agora. Vai fazer uma oferta? Começar os lances?

Dowser não falou nada. Em algum momento, daria um lance. Cada pessoa naquela sala passara semanas fazendo pose antes de concordar com aquela reunião. Metade eram senhores do crime como Dowser. Os outros eram, como o próprio Winsting, senhores e senhoras de casas nobres proeminentes, embora não menos corruptos do que os senhores

do crime.

— Você não tem medo, Winsting? — perguntou a mulher de braços dados com Dowser.

Winsting franziu a testa. Não a reconhecia. Magra, de cabelo dourado curto, uma expressão gentil no olhar e incrivelmente alta.

— Medo, minha querida? — perguntou Winsting. — Das pessoas nessa sala?

— Não — respondeu ela. — Que seu irmão descubra... o que você faz.

— Garanto para você que Replar sabe exatamente o que sou — disse Winsting.

— O irmão do governador pedindo suborno... — comentou a mulher.

— Se isso realmente a surpreende, minha querida — replicou Winsting —, então você viveu uma vida muito protegida. Peixes muito maiores do que eu são vendidos neste mercado. Quando o próximo chegar, talvez você veja isso.

O comentário chamou a atenção de Dowser. Winsting sorriu ao ver as engrenagens estalarem atrás dos olhos de Dowser. *Sim*, pensou Winsting, *apenas sugeri que meu irmão pode estar aberto ao suborno dele*. Talvez isso aumentasse a oferta do homem.

Winsting se afastou para pegar alguns camarões e uma quiche na bandeja de um criado.

— A mulher com Dowser é uma espiã — disse Winsting, baixinho, para Flog, que estava sempre ao seu lado. — Talvez a serviço da polícia.

Flog se sobressaltou.

— Milorde! Conferimos duas vezes cada pessoa presente!

— Bem, deixaram passar uma — sussurrou Winsting. — Aposto minha fortuna nisso. Siga-a depois da reunião. Se ela se separar de Dowser por qualquer motivo, garanta que sofra um acidente.

— Sim, milorde.

— E, Flog, seja direto com isso. Não quero vê-lo tentando encontrar um lugar onde as brumas não estarão observando. Entendido?

— Sim, milorde.

— Excelente — disse Winsting, sorrindo de orelha a orelha enquanto se aproximava de Lorde Hughes Entrone, primo e confidente do senhor da Casa Entrone.

Winsting passou uma hora conversando com os convidados, e

lentamente as ofertas começaram a aparecer. Alguns dos participantes estavam relutantes. Teriam preferido encontrá-lo em particular, fazer uma oferta secreta e voltar para o submundo de Elendel. Tanto os senhores do crime como os nobres teriam preferido dançar ao redor do tema, sem discuti-lo abertamente. Mesmo assim, deram seus lances, e foram lances bons. No fim de sua primeira volta pelo salão, Winsting tinha que se esforçar para conter a animação. Não precisaria mais limitar seus gastos. Se seu irmão pudesse...

O tiro foi tão inesperado que, no início, ele achou que um dos criados tinha quebrado alguma coisa. Mas, não. O estalo foi agudo, ensurdecidor. Nunca ouvira uma arma disparada dentro de um aposento antes; não sabia quão assombroso podia ser.

Ele ficou boquiaberto, o copo caindo de seus dedos enquanto tentava encontrar a fonte do tiro. Outro se seguiu, depois mais um. Tornou-se uma tempestade, vários lados disparando uns contra os outros numa cacofonia de morte.

Antes que pudesse gritar por ajuda, Flog o segurou pelo braço, empurrando-o na direção da escada que levava à sala secreta. Um de seus outros guarda-costas tropeçou, olhando com surpresa o sangue em sua camisa. Winsting ficou olhando o homem moribundo por muito tempo antes que Flog conseguisse arrancá-lo dali e levá-lo até a escada.

— O que está acontecendo? — Winsting por fim conseguiu perguntar enquanto um guarda fechava a porta atrás deles e a trancava. Os guarda-costas o apressaram para descer a escada escura, fracamente iluminada por luzes elétricas intermitentes. — Quem atirou? O que *aconteceu*?

— Não temos como saber — respondeu Flog. O tiroteio continuava no andar de cima. — Aconteceu rápido demais.

— Alguém simplesmente começou a atirar — disse outro guarda. — Pode ter sido Dowser.

— Não, foi Darm — corrigiu outro. — Ouvi o primeiro tiro vindo do grupo dele.

De qualquer forma, aquilo era um desastre. Winsting ouviu sua fortuna ter uma morte sangrenta no andar acima e sentiu-se enjoado quando finalmente chegaram ao pé da escada, diante de uma porta semelhante à de um cofre, pela qual Flog o empurrou.

— Vou voltar lá para cima — disse Flog. — Verei o que posso salvar. Descobrir quem causou isso.

Winsting assentiu e fechou a porta, trancando-a por dentro. Sentou-se numa cadeira, preocupado. Havia vinho e outras amenidades no pequeno *bunker*, mas ele não se incomodou em prová-

los. Torcia as mãos. O que seu irmão diria? Ferrugem! O que os jornais diriam? De algum modo, tinha que manter aquilo em segredo.

Depois de um tempo, alguém bateu na porta. Winsting olhou pelo olho mágico e viu Flog. Atrás dele, uma pequena força de guarda-costas observava a escada. Aparentemente, o tiroteio tinha parado, embora ali os tiros soassem apenas como leves estalos.

Winsting abriu a porta.

— E então?

— Estão todos mortos.

— *Todos* eles?

— Até o último — comentou Flog, entrando no aposento.

Winsting largou-se na cadeira.

— Talvez seja bom — comentou ele, procurando algum sinal de luz naquele desastre sombrio. — Ninguém pode nos ligar a isso. Talvez possamos simplesmente escapar. Cobrir nossos rastros de alguma forma.

Era pouco provável. Winsting era o dono do edifício. Estaria conectado àquelas mortes. Precisaria de um álibi. Diabos, *teria* que falar com seu irmão. Aquilo custaria seu assento no Senado, mesmo que o público em geral nunca descobrisse o que acontecera. Recostou-se no assento, frustrado.

— E então? — perguntou. — O que acha?

Como resposta, um par de mãos agarrou Winsting pelo cabelo, puxou sua cabeça para trás e cortou com eficiência a garganta exposta.



Suponho que eu deveria escrever uma dessas coisas, o livrinho dizia. Contar o meu lado. Não o lado que os historiadores contarão por mim. Duvido que façam isso direito. De qualquer maneira, não sei se gostaria disso.

Wax deu batidinhas no livro com a ponta do lápis e, então, rabiscou uma anotação para si mesmo numa folha solta.

— Estou pensando em convidar os irmãos Boris para o casamento — disse Steris, sentada num sofá diante de Wax.

Ele grunhiu, ainda lendo.

Sei que Saze não aprova o que fiz, o livro continuou. Mas o que ele esperava que eu fizesse? Sabendo o que sei...

— Os irmãos Boris — prosseguiu Steris. — São conhecidos seus, não são?

— Atirei no pai deles — respondeu Wax, sem levantar os olhos. — Duas vezes.

Eu não podia deixar aquilo morrer, o livro dizia. Não é certo. Imagino que agora a Hemalurgia seja uma coisa boa. Saze está dos dois lados agora, certo? Ruína não está mais por aqui.

— Será que vão tentar matar você? — perguntou Steris.

— Boris Júnior jurou beber meu sangue — comentou Wax. — Boris III, e, sim, ele é o irmão de Boris Júnior, não pergunte... Boris III jurou... O que foi mesmo? Comer os dedos dos meus pés? Não é um homem muito esperto.

Podemos usar isso. Devemos. Não devemos?

— Eu os colocarei na lista, então — resolveu Steris.

Wax suspirou, levantando os olhos do livro.

— Você vai convidar meus inimigos mortais para nosso casamento — comentou ele, secamente.

— Temos que convidar *alguém* — respondeu Steris. Estava sentada, com o cabelo loiro preso num coque e pilhas de papéis dos arranjos para o casamento arrumadas ao redor dela como réus num tribunal. Seu vestido azul florido era elegante, sem ser nada ousado, e o chapéu formal estava tão preso ao cabelo que podia ter sido pregado ali.

— Tenho certeza de que há escolhas melhores para convidados do que pessoas que me querem me matar — disse Wax. — Ouvi dizer que a tradição manda convidar membros da família.

— Só para constar — observou Steris —, acredito que os membros restantes da sua família também queiram matar você.

Ela tinha razão.

— Bem, os da sua família não. Não que eu saiba, pelo menos. Se precisa encher a festa de casamento, convide mais parentes seus.

— Convidei toda a minha família, como é apropriado. E todos os meus conhecidos que merecem a consideração. — Ela pegou uma folha de papel de uma pilha lateral. — Você, no entanto, só me deu dois nomes. Wayne e uma mulher chamada Ranette, que, como você observou, *provavelmente* não vai tentar atirar em você no nosso casamento.

— Muito improvável — concordou Wax. — Ela não tenta me matar há anos. Não de verdade, pelo menos.

Steris suspirou, colocando a folha no lugar.

— Steris... — falou Wax. — Sinto muito, não quis ser debochado. Ranette vai se comportar. Brincamos com isso, mas é uma boa amiga. Ela não vai estragar o casamento, prometo.

— Então quem vai?

— Como é?

— Já o conheço há um ano, Lorde Waxillium. Posso aceitar você pelo que é, mas não tenho ilusões. *Alguma coisa* vai acontecer no nosso casamento. Um bandido vai invadir a cerimônia, armas vão ser disparadas. Ou vamos descobrir explosivos no altar. Ou o padre Bin, inexplicavelmente, vai se revelar um velho inimigo e tentar matá-lo em vez de realizar a cerimônia. *Vai* acontecer. Estou apenas tentando me preparar para isso.

— Você está falando sério, não está? — perguntou Wax, sorrindo. — Está realmente pensando em convidar um dos meus velhos inimigos só para poder *planejar* uma interrupção.

— Eu os classifiquei por nível de ameaça e facilidade de acesso — comentou Steris, remexendo nos papéis.

— Espere — falou Wax, levantando-se e caminhando até ela. Inclinou-se ao seu lado, olhando os papéis por sobre o ombro da noiva. Cada folha continha uma biografia detalhada. — Ape Manton... Os rapazes Dashir... Ferrugem! Rick Estranho. Tinha me esquecido dele. Onde conseguiu esses nomes?

— Suas façanhas são de conhecimento geral — falou Steris. — E despertam interesse crescente na sociedade.

— Quanto tempo gastou nisso? — perguntou Wax, folhando os papéis na pilha.

— Quis ser minuciosa. Esse tipo de coisa me ajuda a pensar. Além disso, eu queria saber o que você fez durante sua vida.

Aquilo era realmente muito gentil. De um jeito bizarro e Steris de ser.

— Convide Douglas Venture — sugeriu ele. — Ele é meio que um amigo, mas não consegue controlar a bebida. Pode contar que ele vai causar algum problema na recepção.

— Excelente — disse Steris. — E os outros 37 lugares do seu lado?

— Convide os líderes entre as costureiras e os ferreiros da minha casa — falou Wax. — E os comissários-gerais dos vários oitantes. Será um belo gesto.

— Muito bem.

— Se quiser que eu ajude mais com o planejamento do casamento...

— Não. O pedido formal para a realização da cerimônia que mandou para o padre Bin era a única tarefa exigida de você pelo protocolo. Posso cuidar do resto; é o tipo de coisa perfeita para me ocupar. Dito isso, algum dia eu *gostaria* de saber o que tem nesse livrinho que você examina com tanta frequência.

— Eu...

A porta da frente da mansão, no andar de baixo, se abriu com força e passos de botas ecoavam das escadas. No instante seguinte, a porta do escritório se abriu também, e Wayne quase tropeçou ao entrar. Darriance, o mordomo da casa, estava parado atrás dele, como que se desculpando.

Forte e de estatura média, Wayne tinha um rosto redondo e bem barbeado e, como sempre, usava suas velhas roupas das Terras Brutas, ainda que Steris tivesse feito questão de lhe fornecer roupas novas em pelo menos três ocasiões.

— Wayne, você podia usar a campainha de vez em quando — comentou Wax.

— Que nada. Isso chamaria a atenção do mordomo — respondeu Wayne.

— Esse é o objetivo.

— Vermes rastejantes — comentou Wayne, fechando a porta na cara de Darriance. — Não se pode confiar neles. Olhe, Wax, temos que ir! O Atirador deu sinal de vida!

Finalmente!, pensou Wax.

— Deixe-me pegar meu casaco.

Wayne olhou para Steris.

— Olá, Doida — ele a cumprimentou, com um aceno de cabeça.

— Olá, Idiota — respondeu ela, devolvendo o aceno.

Wax prendeu o coldre de cintura por baixo do terno elegante, mantendo o paletó e a gravata Ascot, e por último vestiu o casaco de bruma.

— Vamos — disse ele, conferindo a munição.

Wayne saiu pela porta e desceu depressa as escadas. Wax parou ao lado do sofá de Steris.

— Eu...

— Um homem precisa ter seus hobbies — comentou ela, pegando outra folha de papel e inspecionando-a. — Eu aceito o seu, Lorde Waxillium. Mas *tente* não levar um tiro no rosto, já que temos que tirar os retratos do casamento hoje à noite.

— Eu me lembrarei disso.

— Fique de olho na minha irmã — pediu Steris.

— É uma perseguição perigosa — falou Wax, apressando-se em direção à porta. — Duvido que Marasi esteja envolvida.

— Se acha isso, então seus dotes profissionais são suspeitos. Se é uma perseguição perigosa, ela vai *achar* um jeito de estar envolvida.

Wax hesitou na porta. Olhou para ela, e ela o encarou de volta. Parecia que deveria haver algo mais na partida dele. Uma despedida de algum tipo. Algum carinho.

Steris pareceu notar também, mas nenhum dos dois disse nada.

Wax jogou a cabeça para trás, tomando uma dose de uísque com flocos de metal, e saiu apressado pela porta, saltando sobre o parapeito. Reduziu a velocidade da queda com um *empurrão* na prata incrustada no chão de mármore do hall de entrada, aterrissando com um baque das botas na pedra. Darriance abriu a porta da frente para ele sair correndo ao encontro de Wayne na carruagem para seguirem até...

Ele parou nos degraus que davam para a rua.

— O que diabos é isso?

— Um automóvel! — disse Wayne do banco de trás do veículo.

Wax gemeu, acelerando o passo e se aproximando da máquina. Marasi estava sentada atrás do mecanismo de direção, usando um elegante vestido cor de lavanda com rendas. Parecia muito mais jovem do que sua meia-irmã, Steris, embora só tivessem cinco anos de diferença.

Tecnicamente, ela era policial agora. Uma assistente do comissário-geral daquele oitante. Ela nunca explicara realmente por que deixara uma carreira como advogada para se juntar à polícia, mas pelo menos fora contratada não como policial, mas como analista e assistente executiva. Não correria perigos nesta função.

Mesmo assim, ali estava ela. Um brilho de ansiedade ardia em seus olhos quando ela se virou para ele.

— Você vai entrar?

— O que está fazendo aqui? — perguntou Wax, abrindo a porta com alguma relutância.

— Dirigindo. Preferia que Wayne fizesse isso?

— Eu preferia ter uma carruagem e um bom conjunto de cavalos. — Wax se acomodou em um dos assentos.

— Pare de ser tão antiquado — comentou Marasi, movendo o pé e fazendo o engenho diabólico avançar. — O Atirador roubou o Primeira União, como você imaginava.

Wax se segurou com firmeza. Imaginara, três dias antes, que o Atirador atacaria o banco. Como não aconteceu, achou que o homem tinha fugido para as Terras Brutas.

— O capitão Reddi acha que o Atirador vai fugir para seu esconderijo no Sétimo Oitante — observou Marasi, ultrapassando uma carruagem com um cavalo.

— Reddi está errado — comentou Wax. — Vá direto para as Fugas.

Ela não discutiu. O automóvel seguiu sacudindo até chegarem a uma parte já pavimentada com pedras, onde a rua ficava mais suave e o veículo pôde ganhar velocidade. Era um automóvel de último tipo, cujas virtudes eram enumeradas nos jornais, com rodas de borracha e motor à gasolina.

Toda a cidade estava se transformando para acomodá-los. *Muito trabalho só para que as pessoas possam dirigir essas enghocas*, pensou Wax, azedo. Cavalos não precisavam de um solo tão liso, embora ele tivesse que admitir que o automóvel se saiu admiravelmente bem

quando Marasi dobrou uma esquina em alta velocidade.

Mesmo assim, era uma pilha de destruição horrível e sem vida.

— Você não deveria estar aqui — disse Wax quando Marasi dobrou outra esquina.

Ela mantinha os olhos à frente. Atrás deles, Wayne tinha colocado meio corpo para fora da janela, segurando o chapéu e sorrindo.

— Você estudou para ser advogada — comentou Wax. — Deveria estar no tribunal, não perseguindo um assassino.

— Cuidei muito bem de mim mesma no passado. Você nunca reclamou.

— Todas as vezes foram uma exceção. Mesmo assim, aqui está você novamente.

Marasi fez alguma coisa com o bastão à sua direita, mudando as engrenagens do motor. Wax nunca seria capaz de pegar o jeito daquilo. Ela ultrapassou vários cavalos, fazendo com que um dos cavaleiros os xingassem. O movimento ao desviar empurrou Wax contra a porta do passageiro, e ele gemeu.

— O que tem de errado com você ultimamente? — perguntou Marasi. — Reclamou por causa do automóvel, por eu estar aqui, porque o chá estava quente demais hoje cedo. Quase dá para pensar que você tomou uma decisão horrível na sua vida, que a lamenta do fundo da alma. Me pergunto o que poderia ser.

Wax manteve os olhos no caminho. Pelo espelho, viu Wayne recostando-se no assento e erguendo as sobrancelhas.

— Ela pode ter razão, cara.

— Você não está ajudando.

— Eu não pretendia — respondeu Wayne. — Felizmente, sei sobre qual horrível decisão de vida ela está falando. Você realmente deveria ter comprado aquele chapéu que vimos semana passada. Era um chapéu da sorte. Eu tenho um quinto sentido sobre essas coisas.

— Quinto? — perguntou Marasi.

— Sim. Meu olfato não vale um tostão furado. Eu...

— Ali — disse Wax, inclinando-se para a frente e olhando pelo para-brisa. Uma figura saiu de uma rua lateral, elevando-se no ar, aterrissou na rua e se lançou sobre a via diante deles.

— Você estava certo — falou Marasi. — Como sabia?

— O Atirador gosta de ser visto — explicou Wax, deslizando Vindicação pelo coldre ao lado do corpo. — Considera-se um cavalheiro desonesto. Mantenha essa engenhoca em movimento constante, se puder.

A resposta de Marasi foi interrompida quando Wax abriu a porta do automóvel e saltou. Atirou no chão e se *empurrou* contra a bala, lançando-se para cima. Um *empurrão* numa carruagem que passava inclinou sua trajetória para o lado, de modo que, quando desceu, aterrissou no teto de madeira do automóvel de Marasi.

Ele agarrou a beira do teto com uma das mãos, com a arma na altura da cabeça e o vento soprando o casaco de bruma atrás dele. Adiante, o Atirador saiu em disparada pela via pública numa série de *empurrões* de aço. Dentro de si, Wax sentiu a queima reconfortante de seu próprio metal.

Ele se propeliu para fora do automóvel e por sobre a estrada. O Atirador sempre fazia seus assaltos à luz do dia, sempre escapava pelas vias mais movimentadas que pudesse encontrar. Gostava da notoriedade. Provavelmente se sentia invencível. Ser alomântico podia fazer isso com um homem.

Wax lançou-se numa série de saltos sobre automóveis e carruagens, passando por casas em ambos os lados. O vento causado pelos movimentos, a altura e a perspectiva clarearam sua mente e acalmaram suas emoções como o toque de um Abrandador. Suas preocupações se dissolveram, e, por um instante, só havia a perseguição.

O Atirador usava roupas vermelhas e uma antiga máscara de artista de rua — negra com dentes brancos, como um demônio das Profundezas das histórias antigas. E ele estava conectado ao Grupo, segundo o livro de anotações que Wax roubara do tio. Depois de tantos meses, a utilidade do livro estava diminuindo, mas ainda havia algumas joias a serem exploradas.

O Atirador *empurrou-se* na direção do distrito industrial. Wax o seguiu, saltando de automóvel em automóvel. Era incrível como se sentia mais seguro avançando no ar da tarde do que estando preso numa daquelas horríveis caixas motorizadas.

O Atirador girou no ar e soltou um punhado de alguma coisa. Wax *empurrou-se* num poste de iluminação pública e se lançou para o lado. *Empurrou* as moedas do Atirador quando passaram por ele, colocando-as no caminho de um automóvel qualquer que seguia na rua. O veículo desviou do jeito que pôde, avançando na direção do canal quando o motorista perdeu o controle.

Ferrugem e Ruína, pensou Wax, irritado, se *empurrando* na direção do automóvel. Acionou sua mente de metal, aumentando seu peso vinte vezes, e desceu sobre o capô do veículo.

Com força.

A pancada esmagou a frente do veículo, amassando-o contra as

pedras e diminuindo sua velocidade até pará-lo um segundo antes que caísse no canal. Wax viu de relance as pessoas atônitas lá dentro e, então, voltou a encher sua mente de metal e lançou-se com um *empurrão* atrás do Atirador. Quase perdera o homem, mas felizmente as roupas vermelhas chamavam a atenção. Wax localizou-o saltando de um edifício baixo e *empurrando-se* para o alto, avançando junto à lateral de um dos arranha-céus mais baixos da cidade. Wax o seguiu, vendo quando o homem se *empurrou* por uma janela do andar mais alto, doze ou catorze andares acima.

Wax disparou pelo céu, as janelas passando por ele como um borrão. A cidade de Elendel espalhava-se ao seu redor, a fumaça erguendo-se das usinas de carvão, fábricas e casas em inúmeras chaminés. Ele se aproximou de uma janela à esquerda, pela qual o Atirador entrara, e, ao aterrissar levemente na borda de pedra, jogou uma moeda na janela que o bandido usara.

A moeda bateu no vidro. Tiros foram disparados pela janela. Ao mesmo tempo, Wax aumentou seu peso e quebrou a janela em que estava ao se apoiar contra ela, entrando no edifício. Deslizou sobre o vidro, apontando Vindicação para a parede de gesso que o separava do Atirador.

Linhas azuis translúcidas espalhavam-se por todos os lados, apontando em milhares de direções, levando a pedaços de metal. Os pregos na mesa atrás dele, onde um homem assustado, de terno, se encolhia. Os fios de metal nas paredes, levando às lâmpadas elétricas. Mais importante, algumas linhas apontavam para o *outro lado* da parede, na direção do aposento ao lado. Eram fracas, pois obstruções enfraqueciam seu sentido alomântico.

Uma dessas linhas se moveu como se alguém tivesse levantado uma arma. Wax girou o cilindro de Vindicação e parou na câmara certa.

Uma bala matabrumas.

Ele disparou e *empurrou*, queimando seu metal e acelerando a bala com toda a força que conseguiu. A munição atravessou como se a parede fosse feita de papel.

O metal no aposento ao lado caiu no chão. Wax jogou-se contra a parede, aumentando seu peso e rachando o gesso. Deu um segundo golpe, com o ombro, e irrompeu na sala ao lado, com a arma em punho, procurando o alvo.

Só encontrou uma poça de sangue encharcando o carpete e uma sub-metralhadora jogada no chão. O aposento era algum tipo de sala de escriturário. Vários homens e mulheres estavam deitados no chão, tremendo. Uma mulher levantou um dedo, apontando para a porta.

Wax acenou com a cabeça e se abaixou junto à parede perto da porta antes de olhar cuidadosamente para fora.

Com um som agudo e doloroso, um arquivo de ferro deslizou pelo corredor na direção dele. Wax recuou enquanto o móvel passava por ele e, então, saltou e mirou.

Sua arma imediatamente foi lançada para trás. Wax a agarrou com as duas mãos, segurando-a com força, mas um segundo *empurrão* arrancou sua outra pistola do coldre. Seus pés começaram a deslizar, sua arma arrastando-o para trás. Ele grunhiu, mas por fim soltou Vindicação. A arma foi batendo pelo corredor até se encontrar com os restos do arquivo que se esmagara na parede. Wax voltaria para buscá-la quando tudo terminasse.

O Atirador estava na outra ponta do corredor, iluminado pelas suaves luzes elétricas. Sangrava num ferimento no ombro, e o rosto estava oculto pela máscara negra e branca.

— Há milhares de criminosos muito piores do que eu nesta cidade — disse uma voz abafada por trás da máscara. — Mesmo assim você *me* caça, homem da lei. Por quê? Sou um herói dessa gente.

— Você parou de ser um herói há semanas — falou Wax, avançando, o casaco de bruma se agitando. — Quando matou uma criança.

— Aquilo não foi minha culpa.

— Você disparou a arma, Atirador. Pode não ter mirado na garota, mas *disparou a arma*.

O ladrão deu um passo para trás. O saco pendurado em seu ombro estava rasgado, atingido pela bala de Wax ou por algum estilhaço. Cédulas caíam dali.

O Atirador olhou para ele através da máscara, os olhos pouco visíveis sob as luzes elétricas. Então, saiu correndo para o lado, segurando o ombro enquanto seguia para outro aposento. Wax *empurrou-se* no arquivo e se lançou pelo corredor. Deslizou e parou na frente da porta pela qual o Atirador entrara e se *empurrou* na lâmpada atrás dele, dobrando-a contra a parede e entrando na sala.

A janela estava aberta. Wax agarrou um punhado de canetas que estavam numa escrivaninha antes de se atirar pela janela a doze andares de altura. Cédulas flutuavam no ar, assinalando a trajetória da queda do Atirador. Wax aumentou seu peso, tentando aumentar a velocidade da queda, mas não tinha nada contra o que se *empurrar* e o aumento de peso ajudou muito pouco contra a resistência do ar. O Atirador atingiu o chão antes dele e se *empurrou* para longe usando a moeda que jogara para diminuir sua velocidade de queda.

Um par de canetas com pontas de metal jogado a tempo mal foi suficiente para Wax se *empurrar* e diminuir a velocidade.

O Atirador saltou para longe, pulando sobre alguns postes de iluminação pública. Não tinha metal em seu corpo, ao menos que Wax pudesse localizar, mas se movia bem mais devagar do que antes e deixava um rastro de sangue.

Wax o seguiu. O Atirador devia estar indo para as Fugas, um cortiço onde as pessoas ainda lhe davam cobertura. Não se importavam que seus assaltos tivessem se tornado violentos e comemoravam que ele roubasse daqueles que mereciam.

Não posso deixá-lo alcançar a segurança, pensou Wax, *empurrando-se* num poste e jogando-o para trás a fim de ganhar velocidade. Aproximava-se de sua presa, que olhava freneticamente por sobre o ombro a cada instante para ver onde Wax estava. Wax levantou uma das canetas, calculando quão arriscado seria tentar atingir a perna do Atirador. Não queria um golpe mortal. Aquele homem sabia alguma coisa.

O cortiço estava logo adiante.

No próximo salto, pensou Wax, segurando a caneta. Pedestres estavam nas calçadas, vendo a caçada alomântica. Não podia correr o risco de atingir um deles. Tinha que...

Um daqueles rostos era familiar.

Wax perdeu o controle de seu *empurrão*. Aturdido pelo que acabara de ver, mal conseguiu se impedir de quebrar os ossos ao atingir a rua, rolando pelo calçamento de pedra. Parou com o casaco de bruma enroscado no corpo.

Apoiou-se nas mãos e nos joelhos.

Não. Impossível. NÃO.

Atravessou a rua cambaleando, alheio ao corcel negro que quase o atropelou e aos xingamentos do homem que o cavalgava. Aquele rosto. Aquele *rosto*.

Da última vez que vira aquele rosto, tinha atirado bem no meio de sua testa. Bronze Sangrento. O homem que matara Lessie.

— Um homem estava aqui! — gritou Wax, empurrando a multidão. — Dedos compridos, cabelo fino. Um rosto quase cadavérico. Vocês o viram? Alguém o viu?

As pessoas o encaravam como se ele estivesse maluco. Talvez estivesse. Wax levou uma das mãos à cabeça.

— Lorde Waxillium?

Ele deu meia-volta. Marasi parara o automóvel ali perto, e ela e

Wayne estavam saindo do veículo. Ela realmente fora capaz de segui-lo durante toda a perseguição? Não... não, ele lhe dissera para onde achava que o Atirador iria.

— Wax, meu chapa — interpelou Wayne. — Você está bem? O que ele fez? Derrubou você no ar?

— Algo assim — murmurou Wax, olhando ao redor uma última vez.

Ferrugem, pensou ele. O estresse está tomando conta da minha mente.

— Então ele fugiu — comentou Marasi, cruzando os braços e parecendo aborrecida.

— Não, ainda não — falou Wax. — Ele está sangrando e perdendo dinheiro. Vai deixar um rastro. Vamos lá.



— Preciso que você fique para trás enquanto entramos no cortiço — pediu Wayne, determinado a impor um tom solene à sua voz. — Não é que eu não queira sua ajuda. Eu quero. Só que vai ser perigoso demais para você. Precisa ficar onde sei que estará em segurança. Sem discussão. Sinto muito.

— Wayne — disse Wax ao passar perto dele —, pare de falar com seu chapéu e venha até aqui.

Wayne suspirou, dando um tapinha no chapéu e obrigando-se a colo-cá-lo no banco do automóvel. Wax era um cara muito bom, mas havia muitas coisas que não entendia. Mulheres eram uma dessas coisas. Chapéus eram outra.

Wayne correu até onde Wax e Marasi espiavam as Fugas. Parecia um mundo diferente. O céu ali era cortado por varais, peças de roupas abandonadas penduradas como homens enforcados. O vento soprava para fora do lugar, feliz em escapar dali, carregando odores incertos. Comida meio cozida. Corpos meio lavados. Ruas meio limpas.

As moradias altas, compactas, lançavam sombras profundas na tarde. Como se fosse um lugar onde o crepúsculo aparecia para uma bebida e um bate-papo antes de sair para cumprir seus deveres noturnos.

— O Lorde Nascido da Bruma não queria que existissem cortiços na cidade, sabia? — comentou Marasi enquanto os três entravam. — Ele se esforçou muito para impedir que surgissem. Construiu belos edifícios para os mais pobres, tentou fazê-los durar...

Wax assentiu, movendo, distraído, uma moeda entre os dedos enquanto caminhava. Parecia ter perdido suas armas em algum lugar. Tinha pedido algumas moedas para Marasi? Nunca era justo. Quando Wayne pegava emprestado dinheiro dos outros, gritavam com ele.

Algumas vezes, ele se esquecia de pedir, mas sempre oferecia uma troca justa.

Enquanto entravam nas Fugas, Wayne ficou para trás. *Preciso de um bom chapéu...*, pensava ele. O chapéu era importante.

Então, ouviu alguém tossindo.

Ah...

Encontrou o sujeito encolhido ao lado de uma entrada, com um cobertor surrado enrolado nos joelhos. Era um tipo comum nos cortiços. Velho, segurando-se à vida como um homem no fim da linha, os pulmões cheios de vários fluidos desagradáveis. O velho tossiu na mão enluvada enquanto Wayne se acomodava nos degraus ao lado dele.

— O que foi agora? — perguntou o homem. — Quem é você?

— O que foi agora? — repetiu Wayne. — Quem é você?

— Não sou ninguém — disse o homem antes de cuspir no chão. — Um estranho sujo. *Num* fiz nada.

— Não sou ninguém — repetiu Wayne, pegando um cantil no bolso do sobretudo. — Um estranho sujo. *Num* fiz nada.

Era um bom sotaque, era sim. Uma voz realmente sussurrante, um clássico antigo, envolto num cobertor de história. Fechando os olhos e ouvindo, Wayne achou que podia imaginar como as pessoas falavam anos atrás. Levantou o cantil.

— Tá tentando me envenenar? — perguntou o homem. Ele cortava as palavras, deixando de fora metade dos sons.

— Tá tentando me envenenar? — repetiu Wayne, movendo a mandíbula como se sua boca estivesse cheia de pedaços de pedra que ele tentava mastigar. Esse aí tinha alguma mistura dos campos do norte, com certeza. Abriu os olhos e ofereceu o uísque para o homem, que cheirou a bebida antes de tomar um pouco. Primeiro, um golinho. Depois, um belo trago.

— Então — perguntou o homem —, você é idiota? Tenho um filho que é idiota. De verdade, nasceu assim. Bem, você me parece normal, de qualquer forma.

— Bem, você me parece normal, de qualquer forma — falou Wayne, levantando-se. Estendeu a mão para pegar o velho gorro de algodão da cabeça do homem e então gesticulou na direção do cantil com uísque.

— Em troca? — perguntou o homem. — Rapaz, você é um idiota. Wayne colocou o gorro.

— Você poderia dizer uma palavra que comece com “h” para mim?

— Hã?

— Maravilha ferrada — comentou Wayne. Desceu os degraus até a rua e enfiou o sobretudo numa fresta, junto com seus bastões de duelo, infelizmente. Ficou com a soqueira de madeira, no entanto.

A roupa que usava por baixo do sobretudo era típica das Terras Brutas, não muito diferente das que eram usadas naquele cortiço. Camisa de botões, calça, suspensórios. Dobrou as mangas enquanto caminhava. A roupa era gasta, remendada em alguns lugares. Não a trocaria por nada no mundo. Levava anos para uma roupa ter a aparência certa. Usada, desbotada.

Demore para confiar num homem com roupas novas demais. Não dá para usar roupa nova e limpa tendo um trabalho honesto.

Wax e Marasi tinham parado adiante e conversavam com umas mulheres mais velhas com lenços na cabeça e pacotes nos braços. Wayne quase podia ouvir o que diziam.

Não sabemos nada.

Ele entrou correndo agora há pouco, diria Wax. Certamente vocês...

Não sabemos nada. Não vimos nada.

Wayne perambulou até onde um grupo de homens estava sentado sob um toldo sujo enquanto comia frutas passadas.

— Quem são aqueles forasteiros? — perguntou Wayne ao se sentar, usando o sotaque que acabara de aprender com o velho.

Eles nem pensaram em questioná-lo. Um cortiço como aquele tinha muita gente — gente demais para conhecer todo mundo —, mas era fácil dizer se alguém pertencia ou não ao lugar. E Wayne pertencia.

— Tiras, com certeza — comentou um dos homens. A cabeça dele parecia uma tigela de cabeça para baixo: careca e achatada em cima.

— Estão procurando alguém — disse outro homem. Ferrugem e Ruína, o rosto dele era tão pontudo que daria para usar para arar o campo! — Os tiras só aparecem aqui quando querem prender alguém. Nunca se importaram conosco e nunca vão se importar.

— Se eles se importassem, fariam alguma coisa sobre essas fábricas e usinas de força que jogam cinzas em nós. Não devíamos mais viver nas cinzas. Harmonia disse isso, disse sim — falou o cabeça de tigela.

Wayne assentiu. Era um bom argumento. As paredes daqueles edifícios *eram* cobertas de cinzas. As pessoas do lado de fora se preocupavam com isso? Não. Não, desde que *elas* não tivessem que viver ali. Não deixou de notar os olhares que Wax e Marasi atraíam, fossem das pessoas que passavam atrás deles, apontando, fossem daquelas que fechavam as janelas sobre eles.

Isso é pior, pensou Wayne. *Pior do que o normal*. Teria que falar com Wax sobre aquilo, mas por enquanto havia um trabalho a ser feito.

— *Estão procurando alguma coisa*.

— Fique fora disso — avisou o cabeça de tigela.

Wayne bufou.

— Talvez role um dinheiro.

— Você entregaria um dos seus? — perguntou o cabeça de tigela, com cara feia. — Sei quem você é. Filho de Edip, não é?

Wayne afastou o olhar, sem se comprometer.

— Escute aqui, filho — disse o cabeça de tigela, sacudindo o dedo. — Não confie num tira e *não* seja dedo-duro.

— Não sou dedo-duro — respondeu Wayne, irritado. *Não era*. Mas, de vez em quando, um homem precisava de dinheiro. — Estão atrás do Atirador. Ouvi eles falarem. Vão dar mil pratas pela cabeça dele, vão sim.

— Ele cresceu aqui — disse o cara de arado. — É um de nós.

— Ele matou aquela garotinha — lembrou Wayne.

— É mentira — falou o cabeça de tigela. — Não fique falando com os tiras, filho. Falo sério.

— Tudo bem, tudo bem — concordou Wayne, preparando para se levantar. — Eu só vou...

— Sente-se agora mesmo — mandou o cabeça de tigela. — Ou vou bater com alguma coisa na sua cabeça, vou sim.

Wayne suspirou, sentando-se novamente.

— Vocês, mais velhos, sempre falam de nós, mas não sabem como é nos dias de hoje. Trabalhar numa daquelas fábricas.

— Sabemos mais do que você pensa — respondeu o cabeça de tigela, estendendo uma maçã passada para Wayne. — Coma isso, fique longe de encrenca e não vá para onde eu não possa vê-lo.

Wayne resmungou, mas se sentou e mordeu a maçã. O gosto não era tão ruim. Comeu a fruta toda e se serviu de mais algumas.

Aconteceu logo depois. Os homens do grupo se separaram, deixando Wayne com uma cesta cheia de restos. Despediram-se com brincadeiras amistosas, cada um dos quatro afirmando que tinha tarefas importantes para cumprir.

Wayne colocou uma maçã em cada bolso, levantou-se e foi atrás do cabeça de tigela. Seguiu o camarada com facilidade, acenando com a cabeça para algumas pessoas, que respondiam acenando de volta como se o conhecessem. Era o gorro. Coloque o chapéu de um

homem, e você se cercará de sua mente, do jeito como ele pensa, e isso mudará você. Um homem vestido como um trabalhador das docas passou por ele, os ombros caídos, assobiando uma melodia triste. Wayne pegou a melodia. Trabalhar nas docas era uma vida realmente dura. Era preciso fazer longas viagens diárias nos barcos do canal — isso ou encontrar uma cama perto da margem, onde era tão provável ser esfaqueado quanto tomar café da manhã.

Vivera essa vida quando jovem. Tinha cicatrizes para provar, tinha sim. Mas, quando cresceu, passou a querer mais do futuro do que uma briga em cada esquina e mulheres das quais não se lembrava o nome um dia após o outro.

O cabeça de tigela entrou num beco. Bem, ali toda rua ferrada parecia um beco. Ele entrou no beco do beco. Wayne se aproximou da pequena passagem e queimou curvaliga. A Alomancia era um truque útil, era sim. Queimar esse metal criava uma pequena bolha de tempo acelerado ao redor dele. Olhou para o outro lado da esquina, permanecendo dentro da bolha — ela não se movia junto com ele, mas ele podia se mexer dentro dela.

Aí, sim. Ali estava o cabeça de tigela em pessoa, agachado ao lado de uma pilha de lixo, esperando para ver se alguém o seguira. Wayne *quase* tinha feito a bolha grande demais e pegado o homem dentro dela.

Desleixado, desleixado, pensou Wayne. Um erro como esse poderia custar a vida de um homem nas docas. Pegou um cobertor surrado de uma pilha de lixo que estava dentro de sua bolha, voltou pela esquina e desfez a bolha.

Dentro da bolha de velocidade, ele se movia tão rápido que o cabeça de tigela não teria visto mais do que um borrão, se chegasse a ver algo. Isso não despertaria nenhuma suspeita, Wayne tinha certeza. Se estivesse errado, comeria seu chapéu. Bem, um dos chapéus de Wax pelo menos.

Wayne encontrou uns degraus e se acomodou. Puxou o gorro por cima dos olhos, acomodou-se na parede numa posição confortável e jogou o cobertor ao redor de si. Apenas outro sem-teto bêbado.

O cabeça de tigela era cuidadoso. Esperou no beco mais de cinco minutos antes de sair de fininho, olhando para todos os lados, e correr para um edifício do outro lado da rua. Bateu na porta, sussurrou alguma coisa e entrou.

Wayne bocejou, espreguiçando-se, e jogou o cobertor de lado. Atravessou a rua até o edifício no qual o cabeça de tigela entrara e começou a verificar as janelas fechadas. As venezianas antigas eram tão velhas que um bom espirro poderia derrubá-las. Teve que ser

cuidadoso para evitar que lascas de madeira espetassem seu rosto enquanto encostava o ouvido em cada uma das janelas.

Os homens dos cortiços tinham um estranho senso de moralidade. Não entregariam um dos seus para a polícia. Nem mesmo por uma recompensa. Mas, por outro lado, um sujeito tinha que comer. Um homem como o Atirador não gostaria de saber como seus amigos eram leais?

— ... eram dois tiras, isso é certo — Wayne ouviu alguém dizer pela janela. — Mil pratas é muita coisa, Atirador. Muita coisa. Agora, não estou dizendo que não pode confiar nos rapazes; não há nenhuma liga ruim no bando. *Posso* dizer que um pouco de encorajamento vai ajudá-los a se sentir melhor sobre a lealdade que demonstram.

Dedurar um amigo estava completamente fora dos limites.

Extorquir um amigo... Bem, isso era apenas fazer negócios.

Se o Atirador não agisse com gratidão, talvez não fosse um bom amigo no fim das contas. Wayne sorriu e colocou a soqueira nos dedos. Deu um passo para trás e, então, atacou o edifício.

Acertou as venezianas com um ombro, arrebrandando-as, e então lançou uma bolha de velocidade no momento em que atingiu o chão. Rolou e ficou em pé diante do Atirador, que estava dentro da bolha de velocidade. O homem ainda usava a calça vermelha, embora tivesse tirado a máscara e usasse uma bandagem no ombro. Ele levantou a cabeça, mostrando um rosto surpreso de sobrancelhas largas e lábios grossos.

Ferrugem e Ruína. Não era de estranhar que o sujeito usasse máscara.

Wayne moveu o punho na direção do queixo dele, acertando-o com um soco. Ele rodopiou, punhos para cima, mas a outra meia dúzia de ocupantes do quarto, incluindo o cabeça de tigela, permaneceu congelada do lado de fora da bolha de velocidade. Aquilo é que era sorte.

Wayne sorriu, erguendo o Atirador por cima do ombro. Tirou a soqueira, guardando-a no bolso, e pegou uma maçã. Deu uma mordida suculenta, acenou em despedida para o cabeça de tigela, que olhava adiante com olhos vidrados, congelados, jogou o Atirador pela janela e foi logo atrás.

Assim que atravessaram a bolha de velocidade, ela automaticamente desapareceu.

— O que diabos foi aquilo? — gritou o cabeça de tigela dentro do edifício.

Wayne colocou o inconsciente Atirador no ombro e caminhou de

volta pela rua, comendo sua maçã.

— Deixe-me falar com o próximo grupo — pediu Marasi. — Talvez eu consiga fazer com que falem alguma coisa.

Ela sentiu os olhos de Waxillium nela. Ele achava que ela estava tentando provar algo para ele. Antigamente, ele podia estar certo, mas agora ela era policial, totalmente credenciada e a serviço da cidade. Era o *trabalho* dela. Waxillium não concordava com a sua decisão, mas os atos de Marasi não estavam sujeitos à aprovação dele.

Seguiram juntos até um grupo de jovens sentados nos degraus de uma entrada. Os três garotos os olharam desconfiados, a pele suja, as roupas grandes demais amarradas na cintura e nos tornozelos. Aparentemente aquilo era um estilo para jovens das ruas. Cheiravam à fumaça que saía de seus cachimbos.

Marasi se aproximou deles.

— Estamos procurando um homem.

— Se precisa de um homem, estou bem aqui — respondeu um dos garotos, olhando-a de cima a baixo.

— Ah, por favor — falou Marasi. — Você tem quanto? Nove?

— Isso quando está mole. Ei, ela sabe quanto mede! — disse o garoto, gargalhando e agarrando a virilha. — Andou me espiando, moça?

Bem, estou ficando corada, pensou Marasi. Isso não é nem um pouco profissional.

Felizmente, ela passara um bom tempo perto de Wayne e suas ocasionais metáforas ousadas. Ficar ruborizada era normal. Ela pressionou.

— Ele passou correndo por aqui há menos de uma hora. Ferido, pingando sangue, usando roupas vermelhas. Tenho certeza de que sabem de quem estou falando.

— Sim, o homem das horas! — exclamou um dos garotos, gargalhando com a referência ao personagem das antigas histórias de ninar. — Eu conheço ele!

Trate-os como testemunhas beligerantes, pensou ela. Num julgamento. Faça com que continuem falando. Ela precisava aprender a lidar com pessoas como aqueles garotos do mundo real, não só nas estéreis salas de treinamento.

— Sim, o homem das horas — concordou Marasi. — Para onde ele foi?

— Para a beira do crepúsculo — respondeu o menino. — Não ouviu as histórias?

— Gosto de histórias — comentou Marasi, pegando algumas moedas na carteira. Mostrou-as para eles. Suborno parecia trapaça, mas... bem, ela *não* estava na corte.

Os três garotos olharam as moedas, uma fome súbita brilhando em seus olhos. Pegaram o dinheiro rapidamente, mas talvez mostrar dinheiro ali não fosse muito esperto.

— Vamos ouvir uma história — falou Marasi. — Sobre onde esse... homem das horas pode estar. A beira do crepúsculo, se preferirem. Aqui nessas habitações.

— Talvez a gente saiba — disse um dos meninos. — Mas histórias custam muito mais caro, entende? Mais do que isso.

Atrás dela, alguma coisa tilintou. Waxillium também pegara algumas moedas. Os garotos olharam aquilo, ansiosos, até que Waxillium jogou uma moeda no ar e a *empurrou* até que ela sumiu. Imediatamente, os meninos ficaram em silêncio.

— Falem o que a senhora quer ouvir — disse Waxillium, baixinho, com um tom de ameaça na voz. — Parem de desperdiçar nosso tempo.

Marasi se virou para ele, e, atrás dela, os meninos tomaram sua decisão: saíram correndo, sem querer lidar com um alomântico.

— Isso foi muito útil — comentou Marasi, cruzando os braços. — Muito obrigada.

— Eles iam enganar você — falou Waxillium, olhando por cima do ombro. — E estamos chamando o tipo errado de atenção.

— Eu percebi que iam mentir — replicou Marasi. — Eu ia pegá-los. Atacar a história falsa de alguém é, com frequência, um dos melhores métodos de interrogatório.

— Na verdade — disse Waxillium —, o melhor método de interrogatório envolve uma gaveta e os dedos da pessoa.

— Na verdade — respondeu Marasi —, não envolve, *não*. Estudos mostram que um interrogatório forçado resulta em quase todas as vezes informações de má qualidade. De qualquer forma, o que você tem hoje, Waxillium? Percebo que tem ostentado seu personagem de “homem da lei durão das Terras Brutas”...

— Tenho nada.

— Tem, *sim* — confirmou ela. — E sei o motivo. Nas Terras Brutas, você agia como o homem da lei que era também um cavaleiro. Você mesmo me disse que se segurava à civilização para levá-la com você. Bem, aqui está cercado de lordes o tempo todo. Está praticamente *afogado* na civilização. Então, em vez disso, você tende a ser o homem da lei das Terras Brutas, para trazer um pouco de justiça à moda antiga para a cidade.

— Você pensou muito nisso — disse ele, dando as costas para ela e analisando a rua.

Ferrugem e Ruína. Ele achava que ela estava apaixonada por ele. *Arrogante, bruto... idiota!* Ela bufou e se afastou dele.

Ela *não* estava apaixonada. Ele deixara claro que não haveria nada entre eles e estava noivo da irmã dela. Isso era tudo. Agora os dois não podiam ter um relacionamento profissional?

Wayne parou nos degraus que levavam a um edifício próximo, observando-os e dando mordidas descuidadas numa maçã.

— E por onde você andou? — perguntou Marasi, caminhando até ele.

— Quer uma maçã? — perguntou Wayne, oferecendo outra fruta para ela. — Não está muito passada.

— Não, obrigada. Alguns de nós estão tentando encontrar um assassino, não uma refeição.

— Ah, isso. — Wayne chutou alguma coisa ao seu lado, escondida nas sombras dos degraus. — Sim, já cuidei disso para vocês.

— Você cuidou... Wayne, é uma pessoa que está aos seus pés! Ferrugem! Ele está sangrando!

— Claro que está — respondeu Wayne. — Mas isso não é minha culpa. Se bem que eu bati na cabeça dele.

Marasi levou a mão à boca. Era *ele*.

— Wayne, onde... como...

Waxillium a moveu gentilmente para o lado; ela não o vira se aproximar. Ele se ajoelhou, verificando os ferimentos do Atirador. Depois, olhou para Wayne e assentiu, compartilhando uma expressão que trocavam com frequência. Pelo que Marasi conseguia entender, significava algo entre “Bom trabalho” e “Você é desprezível; *eu* queria ter feito isso”.

— Vamos levá-lo até a delegacia — disse Waxillium, levantando o inconsciente Atirador.

— Sim, tudo bem — concordou Marasi. — Mas não vai me dizer *como* ele fez isso? Onde ele estava?

— Wayne tem seus métodos — respondeu Waxillium. — Num lugar como esse, são métodos muito melhores do que os meus.

— Você sabia — disse ela, apontando um dedo para Waxillium. — Você sabia que não íamos chegar a lugar algum fazendo perguntas!

— Eu suspeitava — confessou Waxillium. — Mas Wayne precisa de espaço para usar seus métodos...

— ... considerando que sou tão incrível — acrescentou Wayne.

— ... então fiz o possível para encontrar o Atirador por conta própria...

— ... considerando que *ele* é incapaz de aceitar que sou melhor nesse tipo de coisa do que ele...

— ... caso Wayne falhasse.

— O que nunca acontece. — Wayne sorriu e deu uma mordida na maçã, saltando os degraus para caminhar ao lado de Waxillium. — Só aquela única vez. E naquela outra vez também. Mas elas não contam, considerando que já bati a cabeça vezes suficientes para não me lembrar delas.

Marasi suspirou, sem conseguir acompanhar os passos dos dois. Eles tinham tantas histórias juntos que se moviam numa sincronia subconsciente, como dois dançarinos que se apresentaram juntos inúmeras vezes. Aquilo tornava a vida particularmente difícil para a recém-chegada que tentava se apresentar com eles.

— Bem — disse Marasi para Wayne —, você podia pelo menos *me* dizer o que fez. Talvez eu pudesse aprender com seus métodos.

— Não — replicou Wayne. — Não vai funcionar para você. Você é bonita demais. De um jeito nada agradável para mim, veja bem. Não vamos entrar nessa conversa de novo.

— Wayne, às vezes você me confunde completamente.

— Só às vezes? — perguntou Waxillium.

— Não posso dar tudo o que tenho para ela, meu chapa — comentou Wayne, os polegares enganchados nos suspensórios. — Tenho que guardar um pouco para os outros. Gosto de dividir sem preconceitos de classe social, sexo ou capacidade mental. Sou um santo ferrado, sou, sim.

— Mas *como*? — insistiu Marasi. — Como você o achou? Fez alguma dessas pessoas falar?

— Não — respondeu Wayne. — Eu as fiz não falar. Elas são melhores nisso. Por causa de toda a prática, suspeito.

— Você deveria fazer umas aulas com eles — acrescentou Waxillium.

Marasi suspirou enquanto se aproximavam da saída das Fugas. A escória humana que antes se amontoava nas escadas e nos becos por ali tinha evaporado, talvez achando que a atenção de vários homens da lei era desconfortável demais. Era...

Waxillium ficou rígido. Wayne também.

— O quê...? — começou Marasi a dizer bem quando Waxillium largou o Atirador e enfiou a mão no bolso do casaco de bruma. Wayne

jogou o ombro contra Marasi, empurrando-a para longe quando alguma coisa zuniu no ar e bateu contra as pedras do pavimento onde estavam. Mais projéteis se seguiram, embora ela não estivesse realmente olhando. Em vez disso, deixou Wayne levá-la até a lateral de um edifício, onde ficou relativamente protegida. Então, ambos esticaram o pescoço para vasculhar a linha do horizonte em busca do atirador. Waxillium se impulsionou no ar depois de largar uma moeda, num farfalhar escuro do casaco de bruma. Em momentos assim, ele parecia mais primitivo, como um dos antigos Nascidos da Bruma mencionados nas lendas. Não uma criatura da lei, mas uma fibra da própria noite que veio recolher o que lhe é devido.

— Ah, inferno — exclamou Wayne, acenando com a cabeça na direção do Atirador. O corpo ficara largado no meio da rua, e agora uma seta proeminente de madeira saía dele.

— Flecha? — perguntou Marasi.

— Dardo de besta — respondeu Wayne. — Não vejo um desses há anos. Só são usados para combater alomânticos. — Ergueu os olhos. Acima deles, Waxillium fazia uma busca, subindo rumo ao topo de um dos edifícios.

— Fique aqui — mandou Wayne, antes de sair correndo pelo beco.

— Espere... — falou Marasi, levantando a mão.

Mas ele já se fora.

Esses dois!, pensou ela, irritada. Bem, obviamente alguém não queria que o Atirador fosse capturado e contasse o que sabia. Talvez ela pudesse descobrir algo a partir do dardo ou do próprio cadáver.

Ela se ajoelhou ao lado do corpo, conferindo primeiro para ter certeza de que estava morto e esperando que o dardo não tivesse terminado o serviço. O Atirador *estava* morto, infelizmente. O dardo estava enfiado firmemente na cabeça. Quem podia imaginar que uma besta podia penetrar um crânio desse jeito? Marasi balançou a cabeça, pegando a caderneta de anotações em sua bolsa e fazendo um esboço da posição em que o corpo caíra.

Sabe, pensou ela. O assassino é sortudo. Ele sumiu tão rápido que nem pôde saber se conseguiu dar um tiro fatal. Se eu quisesse ter certeza de que o Atirador estava morto, eu certamente...

Marasi ouviu um clique atrás dela.

... voltaria para conferir.

Marasi se virou lentamente e encontrou um homem de aparência esfarrapada saindo de um beco e segurando uma besta. Ele a inspecionou com os olhos escuros.

A parte seguinte aconteceu rápido demais. Antes que Marasi

tivesse tempo de dar um passo, o homem correu até ela. Disparou a besta por sobre o ombro, fazendo com que um grito que parecia ser de Wayne ecoasse do beco, e agarrou Marasi pelo ombro quando ela tentou fugir.

Ele a virou, encostando algo frio em seu pescoço. Uma adaga de vidro. Waxillium aterrissou no chão diante deles, o casaco de bruma revoando ao seu redor.

Os dois se encararam, Waxillium com uma moeda na mão direita. Esfregou-a com o polegar.

Lembre-se de seu treinamento como refém, mulher!, pensou Marasi. *A maioria dos homens fazem reféns por desespero.* Conseguiria usar sua Alomancia? Podia reduzir a velocidade do tempo ao seu redor, acelerando-o para todos os que estavam fora de sua bolha. O oposto do que Wayne podia fazer.

Mas não tinha engolido nenhum cádmio. Estúpida! Um erro que os outros dois nunca cometeriam. Tinha que parar de se envergonhar de seus poderes, por mais fracos que fossem. Ela os usara de maneira eficaz em mais de uma ocasião.

O homem tinha a respiração entrecortada, a cabeça bem perto da dela. Marasi podia sentir a barba por fazer no queixo e na bochecha dele.

Homens que fazem reféns não querem matar, pensou ela. *Isso não era parte do plano. Você pode falar com ele, dizer palavras reconfortantes, buscar um território comum e construir algo sobre ele.*

Não fez nada disso. Apenas enfiou a mão na bolsa, pegando a pequena pistola de um tiro que guardava lá dentro. Antes mesmo de pensar no que estava fazendo, pressionou o cano contra o queixo do homem e apertou o gatilho.

E estourou o alto da cabeça dele.



Wax abaixou a mão, olhando para o novo cadáver ao lado de Marasi. O tiro dela arrancara um bom pedaço do rosto do homem. Seria quase impossível identificá-lo.

Teria sido difícil de qualquer jeito. Era notoriamente difícil rastrear os capatazes do Sr. Elegante.

Não se preocupe com isso agora, pensou ele. Aproximou-se de Marasi e ofereceu um lenço. Ela estava parada, com olhos arregalados, sangue e pedaços de carne espalhados pelo rosto. Ela olhava fixamente para a frente e não abaixou o olhar. Tinha largado a pistola.

— Aquilo foi... — disse ela, olhando adiante. — Aquilo foi... — Respirou profundamente. — Aquilo foi inesperado da minha parte, não foi?

— Você fez bem — comentou Wax. — As pessoas presumem que um refém está sob seu poder. Com frequência, revidar é o melhor jeito de escapar.

— O quê? — perguntou Marasi, finalmente pegando o lenço.

— Você descarregou a pistola muito perto da sua cabeça. Vai ter problemas de audição. Ferrugem... provavelmente causou danos permanentes ao ouvido. Espero que não seja muito ruim — falou Wax.

— O quê?

Wax gesticulou na direção do rosto dela, e ela olhou para o lenço como se o visse pela primeira vez. Pestanejou e abaixou os olhos. Olhou imediatamente para longe do cadáver e começou a limpar o rosto.

Wayne, resmungando, cambaleou para fora do beco, com um buraco novo na roupa, na altura do ombro, e um dardo de besta na mão.

— Tanto esforço para interrogá-lo... — disse Marasi, com uma careta.

— Está tudo bem — respondeu Wax. — Continuar viva era mais importante.

— O quê?

Ele deu um sorriso tranquilizador para ela enquanto Wayne acenava para outros policiais, que finalmente chegavam na cena do crime e seguiam para o cortiço.

— Por que isso continua acontecendo comigo? — perguntou Marasi. — Sim, sei que não vou conseguir ouvir sua resposta. Mas essa é... O quê? A terceira vez que alguém tenta me usar como refém? Eu *transpiro* indefensabilidade ou algo assim?

Sim, você transpira indefensabilidade, pensou Wax, ainda que não dissesse. *Isso é uma coisa boa. Faz com que subestimem você*. Marasi era uma pessoa forte. Pensava com clareza nos momentos de tensão e fazia o que precisava ser feito, mesmo que fosse desagradável. Contudo, também era muito interessada em se vestir bem e se maquiar.

Lessie não suportaria nada daquilo. As únicas vezes que Wax a vira usando um vestido foram nas viagens ocasionais que fizeram a Covington para visitar os jardins dos Caminhantes. Ele sorriu, lembrando-se da vez que ela usou uma calça *embaixo* do vestido.

— Lorde Ladrian! — Reddi se aproximou, usando o uniforme de capitão da delegacia. O homem magro tinha um bigode bem cortado e lânguido.

— Reddi. — Wax o cumprimentou com um aceno de cabeça. — Aradel está aqui?

— O comissário-geral está envolvido em outra investigação, milorde — disse Reddi, com um tom de voz decidido.

Por que Wax sempre tinha vontade de bater naquele homem depois de falar com ele? Ele nunca era desrespeitoso, era sempre impecavelmente adequado. Talvez fosse motivo suficiente.

Wax apontou para os edifícios.

— Pode fazer a gentileza de pedir para seus homens protegerem essa área? Provavelmente teremos que interrogar os que estão nas redondezas para ver se, por algum milagre, conseguimos descobrir a identidade do homem que Lady Colms acaba de matar.

Reddi bateu continência, embora isso não fosse tecnicamente necessário. Wax tinha uma autorização especial, que o permitia fazer coisas como... bem, saltar pela cidade armado e atirando. Mas não estava na estrutura de comando.

Mesmo assim, os outros policiais se apressaram em fazer o que ele pedia. Enquanto olhava para o Atirador, Wax se obrigava a manter sua raiva sob controle. Neste ritmo, *já* localizaria seu tio Edwarn. Wax tinha só uma mínima pista do que o homem estava tentando fazer.

Isso pode transformar qualquer pessoa em um alomântico, entende... Se não usarmos isso, alguém vai usar.

Palavras do livro que o Olhos de Ferro lhe dera.

— Excelente trabalho, milorde — comentou Reddi, com voz calma, acenando com a cabeça na direção do cadáver do Atirador. A roupa era inconfundível. — Um bandido a menos com o qual se preocupar, e com sua eficiência costumeira.

Wax não disse nada. O “excelente trabalho” era só outro beco sem saída.

— Ei, olhem! — exclamou Wayne ali perto. — Acho que encontrei um dos dentes do cara! Isso dá sorte, não dá?

Marasi parecia atordoada e se sentou num degrau ali perto. Wax sentiu-se tentado a confortá-la, mas será que ela o interpretaria mal? Não queria encorajá-la.

— Milorde, podemos conversar? — perguntou Reddi enquanto mais policiais chegavam ao local. — Mencionei que o comissário-geral está envolvido em outro caso. Na verdade, eu já ia procurar você quando ouvimos sobre sua perseguição aqui.

Wax se voltou para ele, imediatamente alerta.

— O que aconteceu?

Reddi fez uma careta, numa rara demonstração de emotividade.

— Algo ruim, milorde — disse ele, em voz mais baixa. — Envolve *política*.

Então o Sr. Elegante também devia estar envolvido.

— Conte-me mais.

— Está... bem... ligado ao governador, milorde. O irmão dele, veja bem, organizou um leilão na noite passada. E, bem, você devia ver com os próprios olhos...

Marasi não deixou de notar Waxillium segurando Wayne pelo ombro e apontando para uma carruagem da delegacia que aguardava por ali. Não viera falar com ela. Quanto tempo levaria para que o maldito homem estivesse disposto a aceitá-la, se não como uma igual, como uma colega?

Frustrada, ela seguiu na direção da carruagem. Infelizmente, encontrou o capitão Reddi no caminho. Ele falava, e ela tinha que

aproximar o ouvido e adivinhar um pouco para entender o que estava dizendo.

— Policial Colms. Não está usando seu uniforme.

— Sim, senhor — disse ela. — É meu dia de folga, senhor.

— E, mesmo assim, está aqui — disse ele, com as mãos atrás das costas. — Como é que você sempre acaba em situações como essa, apesar de ter sido dito *explicitamente* que essa não é sua função, uma vez que você não é policial de campo?

— Pura coincidência, estou certa disso, senhor — respondeu Marasi.

Ele lhe deu um sorriso de escárnio. Engraçado. Em geral, ele guardava isso para Waxillium, quando o homem não estava olhando. Reddi disse algo que ela não conseguiu entender e, então, acenou com a cabeça na direção do automóvel que ela trouxera — que, tecnicamente, era propriedade da delegacia. Ela recebera a missão de se tornar proficiente em dirigir automóveis e relatar a eficácia do veículo ao comissário-geral. Ele queria testá-los como substitutos das carruagens puxadas a cavalo.

— Senhor? — perguntou ela.

— Você obviamente já passou por muita coisa hoje, policial — disse Reddi, mais alto. — Não discuta comigo sobre isso. Vá para casa, limpe-se e apresente-se amanhã.

— Senhor — disse Marasi —, eu gostaria de relatar ao comissário-geral Aradel minha perseguição ao Atirador e seu falecimento subsequente, antes que os detalhes se tornem confusos. Ele terá interesse em ouvir, já que está acompanhando o caso pessoalmente.

Ela encarou Reddi. Ele tinha um posto mais alto do que o dela, mas não era seu chefe. Aradel era o chefe de ambos.

— O comissário-geral não está no escritório no momento — disse Reddi, com uma relutância óbvia.

— Bem, então vou me reportar a ele e deixar que ele me dispense, senhor — respondeu Marasi. — Se for o desejo dele.

Reddi rangeu os dentes e começou a dizer alguma coisa, mas um chamado de um dos outros policiais o distraiu. Ele acenou na direção do automóvel, e Marasi presumiu que fosse uma permissão para fazer o que ela lhe dissera que faria. Então, quando a carruagem com Waxillium partiu, ela a seguiu no carro.

Quando o percurso terminou, numa mansão elegante com vista para o centro da cidade, ela começava a se recuperar. Ainda se sentia abalada, embora desejasse não demonstrar, e já podia ouvir com o ouvido esquerdo, ainda que não com o outro, ao lado do qual

disparara a arma.

Quando desceu do automóvel, pegou-se limpando o rosto mais uma vez com o lenço, mesmo que já tivesse tirado todo o sangue havia muito. Seu vestido estava completamente arruinado. Pegou o casaco de policial no banco de trás do automóvel, vestiu-o para esconder as manchas e correu para se juntar a Wax e aos outros, que desciam da carruagem.

Só há mais uma carruagem da delegacia aqui, ela notou, inspecionando a garagem. O que quer que tivesse acontecido ali, Aradel não queria chamar muita atenção. Ao seguir para a porta da frente, Waxillium olhou ao redor e a viu, acenando para que ela fosse até ele.

— Você sabe do que se trata isso? — perguntou ele, em voz baixa, enquanto Reddi e vários outros policiais conversavam perto da carruagem.

— Não — respondeu Marasi. — Ele não fez um relato inicial?

Waxillium negou com a cabeça. Olhou para o vestido ensanguentado de Marasi, que aparecia por baixo da robusta jaqueta marrom, mas não fez comentários. Em vez disso, subiu os degraus, seguido por Wayne.

Dois policiais, um homem e uma mulher, guardavam a porta da mansão. Bateram continência quando Reddi alcançou Wax, fazendo questão de ignorar Marasi, e mostraram o caminho.

— Tentamos manter isso em sigilo — comentou Reddi. — Mas as notícias se espalharão, dado o envolvimento de Lorde Winsting. Ferrugem, isso vai ser um pesadelo.

— O *irmão do governador*? — perguntou Marasi. — O que aconteceu aqui?

Reddi apontou para os degraus.

— Devemos encontrar o comissário-geral Aradel no grande salão de baile. Aviso a vocês que não é uma cena para estômagos delicados. — Ele olhou de relance para Marasi.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não faz nem uma hora que a cabeça de um homem *literalmente* explodiu em cima de mim, capitão. Acho que ficarei bem — comentou ela.

Reddi não disse mais nada, mostrando o caminho pelos degraus. Ela percebeu que Wayne guardou uma pequena cigarreira decorativa no bolso quando passaram, da marca Magistrados da Cidade, substituindo-a por uma maçã passada. Ela teria que fazê-lo devolver aquilo em algum momento.

O salão de baile, no andar de cima, estava cheio de corpos. Marasi e Waxillium pararam na porta, olhando para o caos. Os homens e mulheres mortos usavam roupas elegantes, belos vestidos de baile ou ternos pretos. Os chapéus tinham caído das cabeças, o elegante carpete bege tinha grandes manchas vermelhas ao redor dos falecidos. Era como se alguém tivesse arremessado uma cesta de ovos no ar e a deixado cair, as entranhas escorrendo por todo o chão.

Claude Aradel, comissário-geral do Quarto Oitante, observava a cena. De vários modos, ele não tinha a aparência de um policial. Seu rosto retangular tinha uma barba ruiva de alguns dias por fazer; só se barbeava quando estava a fim. Sua pele grossa, marcada de rugas, atestava os dias passados em campo, não atrás de uma mesa. Provavelmente já tinha passado dos sessenta anos, embora não divulgasse sua idade verdadeira, e até os registros do oitante tivessem um ponto de interrogação ao lado de sua data de nascimento. O que era certo era que Aradel não tinha nenhuma gota de sangue nobre em suas veias.

Ele deixara a delegacia havia dez anos, sem dar um motivo oficial para sua partida. Os rumores eram de que chegara ao auge da carreira para um homem sem sangue nobre. Muita coisa podia mudar em dez anos, no entanto, e quando Brettin se aposentou, logo depois da execução de Miles Cem-vidas quase um ano antes, a busca por um novo comissário-geral chegara a Aradel. Ele deixara a aposentadoria para aceitar o cargo.

— Ladrian — cumprimentou ele, levantando os olhos e deixando de observar um cadáver. — Ótimo. Você está aqui. — Cruzou o salão e deu um olhar para Marasi, que bateu continência. Ele não a dispensou.

— Ah... — disse Wayne, espiando para dentro —, a diversão já acabou.

Waxillium entrou no salão e apertou a mão que Aradel lhe oferecia.

— Esse é Chip Erikell, não é? — perguntou Waxillium, acenando com a cabeça na direção do cadáver mais próximo. — Aquele que supostamente controla o contrabando no Terceiro Oitante?

— Sim — confirmou Aradel.

— E Isabaline Frellia — acrescentou Marasi. — Ferrugem! Temos um arquivo sobre ela que é mais alto do que Wayne, mas os promotores nunca conseguiram acusá-la de nada.

— Sete desses corpos pertencem a pessoas de notoriedade equivalente à dela — comentou Aradel, apontando para vários cadáveres entre os caídos. — A maior parte tem envolvimento com

sindicatos do crime, embora alguns fossem membros de casas nobres com... reputações duvidosas. Os demais eram representantes de alta patente de outras facções importantes. Temos quase trinta cadáveres notáveis, juntamente com um punhado de guarda-costas de cada um deles.

— É metade da elite criminosa da cidade — disse Waxillium, baixinho, agachando-se ao lado de um corpo. — Pelo menos.

— Todas pessoas em quem nunca fomos capazes de tocar — comentou Aradel. — Não por falta de tentativa, veja bem.

— Então por que todo mundo está tão sério? — perguntou Wayne. — Devíamos estar dando uma festa de arromba, não? Alguém veio aqui e fez nosso trabalho por nós! Podemos tirar um mês de férias.

Marasi negou com a cabeça.

— Uma mudança violenta na estrutura de poder do submundo pode ser perigosa, Wayne. Esse foi um golpe muito ambicioso. Alguém quis eliminar os rivais no atacado.

Aradel olhou para ela e assentiu, concordando. Ela sentiu um ímpeto de satisfação. Fora o comissário-geral quem a contratara, escolhendo-a entre uma dúzia de outros candidatos. Todos os outros currículos eram de pessoas que tinham anos de experiência policial. Em vez disso, ele escolhera uma estudante de direito recém-formada. Vira algo promissor nela, obviamente, e ela pretendia provar que ele estava certo.

— Não consigo imaginar alguém fazendo isso — disse Waxillium. — Derrubar tantos poderes do submundo da cidade de uma só vez não vai favorecer os perpetradores; isso é um mito dos romances baratos. Assassinatos nessa escala só chamam a atenção e unificam a oposição de todas as gangues sobreviventes assim que a notícia se espalha.

— A menos que tenha sido feito por um forasteiro — sugeriu Marasi. — Um elemento incerto desde o início, alguém que pode ganhar se todo o sistema desmoronar.

Aradel grunhiu e Waxillium assentiu, concordando.

— Mas como? — sussurrou Waxillium. — Como alguém conseguiu fazer isso? Certamente, os guarda-costas dessas pessoas rivalizavam com os melhores da cidade. — Começou a caminhar pelo salão, analisando as distâncias, olhando certos corpos, depois outros, murmurando consigo enquanto se ajoelhava de tempos em tempos.

— Reddi disse que o irmão do governador estava envolvido, senhor? — perguntou Marasi para Aradel.

— Lorde Winsting Innate.

Lorde Winsting, líder da Casa Innate. Tinha uma cadeira no Senado

de Elendel, uma posição que recebera assim que seu irmão fora eleito governador. Era corrupto. Marasi e o resto dos policiais sabiam. Em retrospecto, ela não ficara surpresa ao encontrá-lo no meio de algo assim. A coisa era que Winsting sempre parecera peixe pequeno para Marasi.

O governador, no entanto... Bem, talvez aquele arquivo que ela mantinha oculto em sua escrivaninha, cheio de pistas, hipóteses e dicas, finalmente fosse ser útil.

— Winsting? — perguntou Marasi para Aradel. — Ele está...?

— Morto? — completou Aradel. — Sim, policial Colms. Pelos convites que encontramos, ele organizou essa reunião sob o disfarce de um leilão. Localizamos o cadáver dele numa sala secreta no porão.

Isso chamou a atenção de Waxillium. Ele se levantou, olhando diretamente para eles. Então, murmurou alguma coisa para si mesmo e caminhou até outro corpo. O que estava procurando?

Wayne se aproximou de Marasi e Aradel. Tomou um gole de um cantil prateado com as iniciais de outra pessoa gravadas no metal. Marasi resolveu não perguntar de que morto ele pegara aquilo.

— Então — disse Wayne —, nosso pequeno lorde era amigo de criminosos, não era?

— Havia muito tempo que suspeitávamos que ele era desonesto — comentou Aradel. — Mas as pessoas amam a família dele, e seu irmão fez grandes esforços para manter os lapsos anteriores de Winsting fora do foco de atenção.

— Você está certo, Aradel — falou Waxillium, que estava do outro lado do salão. — Isso vai ser bem ruim.

— Não sei. Talvez ele não soubesse que todas essas pessoas fossem encrenca — sugeriu Wayne.

— Duvido — respondeu Marasi. — E, mesmo se fosse verdade, isso não importaria. Assim que os jornais souberem disso... O irmão do governador, morto numa casa cheia de criminosos conhecidos, sob circunstâncias muito suspeitas?

— O que estou ouvindo é que eu estava errado. A diversão *não* acabou — falou Wayne, tomando outro gole.

— Muitas dessas pessoas atiraram umas nas outras — disse Waxillium. Todos se voltaram para ele. Ele se ajoelhou ao lado de outro corpo, inspecionando o jeito como tinha caído, e então olhou para alguns buracos de bala na parede.

Ser um homem da lei, em especial nas Terras Brutas, tinha exigido que Waxillium aprendesse uma ampla variedade de habilidades. Ele era parte detetive, parte executor, parte orientador, parte cientista.

Marasi lera uma dúzia de perfis diferentes dele, feitos por vários eruditos, todos investigando a mente de um homem que se tornava uma lenda viva.

— O que quer dizer, Lorde Ladrian? — perguntou Aradel.

— A luta envolveu múltiplos grupos — explicou Waxillium, apontando. — Se isso fosse um ataque inesperado de alguém externo, e Lady Colms está certa, pois isso teria feito mais sentido, devíamos esperar que as vítimas tivessem morrido de uma sequência de tiros disparada por um inimigo invasor. Os cadáveres não nos contam essa história. Isso foi uma briga. Caos. Pessoas aleatórias atirando umas nas outras. Acho que começou quando alguém atirou do *meio* do grupo para fora.

— Então *foi* um dos participantes do evento que começou — concluiu Aradel.

— Talvez — concordou Waxillium. — Só se pode analisar a queda dos corpos e as manchas de sangue até certo ponto. Mas algo está estranho aqui, muito estranho... Todos foram baleados?

— Estranhamente, não. Alguns dos presentes foram mortos com uma facada nas costas.

— Você identificou todo mundo no salão? — perguntou Waxillium.

— A maior parte — respondeu Aradel. — Queríamos evitar movê-los muito.

— Deixe-me ver Lorde Winsting — pediu Waxillium, levantando-se e fazendo o casaco de bruma farfalhar.

Aradel assentiu para uma policial jovem, e ela os levou para fora do salão de baile, por uma passagem secundária. Algum tipo de passagem secreta? A escada com cheiro de mofo que vinha logo na sequência era estreita o bastante para obrigá-los a andar em fila; a policial ia na frente, levando uma lanterna.

— Srta. Colms — disse Waxillium, baixinho —, o que suas estatísticas dizem sobre esse tipo de violência?

Ah, então agora estamos nos chamando pelos sobrenomes, é isso?

— Muito pouco. Posso contar nos dedos de uma das mãos o número de vezes que algo assim aconteceu. A primeira coisa que eu procuraria são conexões entre as pessoas mortas. Estavam todos no ramo do contrabando, capitão Aradel?

— Não — respondeu ele, atrás dela. — Alguns eram contrabandistas, outros faziam extorsões, outros eram magnatas do jogo.

— Então não foi uma tentativa específica de consolidar poder em certo tipo de atividade criminosa — falou Marasi, a voz ecoando na

escada de pedras úmidas. — Precisamos encontrar a conexão, o que tornou essas pessoas alvos específicos. A pessoa mais provável por trás disso está morta.

— Lorde Winsting — disse Waxillium. — Está dizendo que ele os atraiu até aqui, planejou a execução e algo deu errado?

— É uma teoria.

— Ele não era capaz desse tipo de sujeira — opinou Wayne, no fim da fila.

— Você conhecia Winsting? — perguntou Marasi, olhando por sobre o ombro.

— Não especificamente — respondeu Wayne. — Mas ele era político. A sujeira política é diferente da sujeira regular.

— Devo concordar — disse Aradel. — Embora eu não fosse capaz de dizê-lo tão explicitamente. Sabemos que Winsting era corrupto, mas ele sempre se ateuve a esquemas pequenos. Vender espaços de carga para contrabandistas quando lhe convinha, alguns negócios imobiliários escusos aqui e acolá. Dinheiro em troca de favores políticos. Rumores recentes diziam que ele ia colocar seu voto no Senado à venda. Estávamos investigando, mas ainda não tínhamos evidências. De qualquer modo, matar quem estava disposto a lhe pagar seria como explodir uma mina de prata com dinamite para tentar encontrar ouro.

Chegaram ao pé da escada, onde encontraram mais quatro cadáveres. Os guardas, aparentemente, todos mortos com tiros na cabeça.

Waxillium se ajoelhou.

— Tiros pelas costas, vindos da direção da sala secreta — sussurrou ele. — Todos os quatro em sucessão rápida.

— Executados? — perguntou Marasi. — Como o assassino conseguiu que ficassem parados aqui para levar os tiros?

— Não conseguiu — respondeu Waxillium. — Ele se moveu rápido demais para que reagissem.

— Feruquemista — disse Wayne, baixinho. — Maldição.

Feruquemistas que alcançavam altas velocidades eram chamados de Corredores de Aço. Tinham que se mover lentamente por um tempo, para que pudessem usar sua reserva mais tarde. Waxillium levantou os olhos. Marasi viu algo em seu olhar, um desejo ardente. Ele achava que seu tio estava envolvido. Era o que ele pensava *toda* vez que um Nascido do Metal cometia crimes. Waxillium via a sombra do Sr. Elegante atrás dele cada vez que se virava, o espectro do homem que ele não fora capaz de deter.

O Sr. Elegante ainda estava com a irmã de Waxillium, pelo que sabiam. Marasi não conhecia muito da história. Waxillium não contava os detalhes.

Ele se levantou, com uma expressão sombria, e caminhou até a porta atrás dos homens caídos. Abriu-a e entrou, com Marasi e Wayne logo atrás, para encontrar um único cadáver largado em uma cadeira no meio da sala. A garganta fora cortada; o sangue na frente de sua roupa era grosso, seco como tinta.

— Morto com algum tipo de faca comprida ou pequena espada — falou Aradel. — E o mais estranho é que a *língua* dele foi cortada. Já chamamos um cirurgião, para que ele nos diga algo mais sobre o ferimento. Não sei por que o assassino não usou uma arma de fogo.

— Porque os guardas ainda estavam vivos quando isso aconteceu — disse Waxillium, baixinho.

— O quê?

— Eles deixaram o assassino passar pela escada — explicou Waxillium, olhando para a porta. — Era alguém em quem confiavam, talvez um dos seus. Deixaram o assassino entrar na sala secreta.

— Talvez ele estivesse se movendo rápido demais para ser detido — sugeriu Marasi.

— Talvez — concordou Waxillium. — Mas a porta tinha que ser aberta por dentro, e não foi forçada. Há um olho mágico. Winsting deixou o assassino entrar, e ele não teria feito isso se os guardas tivessem sido mortos. Ele estava sentado calmamente na cadeira... não houve luta, apenas um corte rápido por trás. Ou ele não sabia que mais alguém estava aqui ou confiou no assassino. Julgando pelo jeito como os guardas caíram lá fora, eles ainda estavam concentrados na escada, esperando que o perigo viesse. Ainda estavam protegendo este lugar. Meus instintos me dizem que foi um deles, alguém que deixaram passar, que matou Winsting.

— Ferrugem — disse Aradel, baixinho. — Mas... um feruquemista? Tem certeza?

— Sim — confirmou Wayne, parado junto à porta. — Não foi uma bolha de velocidade. Não dá para atirar de dentro de uma dessas, meu chapa. Esses rapazes foram mortos antes que *alguém* pudesse se virar. Wax está certo. Ou é um feruquemista ou alguém descobriu como atirar de dentro de uma bolha de velocidade... o que é algo que nós *realmente* gostaríamos de saber como fazer.

— Alguém se movendo com velocidade feruquêmica explicaria as mortes com facas lá em cima — sugeriu Waxillium, levantando-se. — Algumas poucas execuções rápidas no meio do caos, enquanto todo mundo estava atirando. Rápido e cirúrgico, mantendo o assassino em

segurança apesar do tiroteio. Capitão Aradel, sugiro que reúna os nomes dos convidados e da equipe de Winsting. Veja se alguns dos cadáveres que deveriam estar aqui não estão. Investigarei a possibilidade de ser um Nascido do Metal. Corredores do Aço não são comuns, mesmo entre os feruquemistas.

— E a imprensa? — perguntou Marasi.

Waxillium olhou para Aradel, que deu de ombros.

— Não posso evitar, Lorde Ladrian — comentou Aradel. — Não com tantas pessoas envolvidas. Vai acabar vazando.

— Que seja — disse Waxillium, com um suspiro. — Mas não posso deixar de sentir que essa era a finalidade desses assassinatos.

— Como é? — perguntou Wayne. — Achei que a finalidade era matar gente.

— Muita gente, Wayne — respondeu Waxillium. — Uma mudança de poder na cidade. Os mortos que estão lá em cima eram os alvos principais? Ou foi um ataque ao governador, um ataque lateral contra a casa dele, uma mensagem de algum tipo enviada para dizer ao governador Innate que nem ele está fora do alcance...? — Inclinou a cabeça de Winsting para trás, olhando a boca aberta. Marasi afastou o olhar. — Removeram a língua dele — sussurrou Waxillium. — Por quê? O que está tramando, tio?

— Como é? — perguntou Aradel.

— Nada — falou Waxillium, soltando a cabeça na posição anterior. — Tenho que ir posar para um retrato. Presumo que estará disposto a me mandar um relatório assim que detalhar tudo isso?

— Posso fazer isso — concordou Aradel.

— Ótimo — respondeu Waxillium, olhando para a porta. — Ah, e capitão?

— Sim, Lorde Ladrian?

— Prepare-se para uma tempestade. Isso não foi feito com discrição, e sim para ser noticiado. Foi um desafio. Quem quer que tenha feito isso, não deve parar por aqui.



SEGUNDA PARTE





Wayne colocou seu chapéu da sorte. Era um chapéu de cocheiro, algo parecido com um chapéu-coco de abas largas, só que sem as inúmeras peninhas chiques enfiadas na parte de trás. Assentiu para si mesmo no espelho e limpou o nariz. Catarro. Começara a armazenar saúde um dia antes, logo depois de encontrar todos aqueles cadáveres.

Já podia recorrer a uma bela reserva de cura, guardada nos braceletes que usava como mentes de metal. Não precisara de muita saúde ultimamente, e sempre passava os dias de ressaca o mais enjoado que conseguisse suportar, já que seria terrível de todo jeito. Mas o modo como as coisas iam, com todas aquelas pessoas importantes mortas, era um aviso para ele. Logo precisaria de algum poder de cura. Era melhor se precaver o máximo possível.

Mas hoje pegaria leve. Porque era hoje, um dia em que precisaria de alguma sorte. Estava tentado a chamá-lo de o pior dia de sua vida, mas isso certamente seria um exagero. O pior dia de sua vida seria o dia de sua morte.

Mas posso morrer hoje, pensou ele, prendendo o cinto e pendurando os bastões de duelo nas alças antes de assoar o nariz de novo. *Ainda não é certo*. Todo homem tinha que morrer. Sempre achara estranho que tantos morressem quando estavam velhos, quando a lógica dizia que era o momento da vida deles em que tinham mais prática em não morrer.

Saiu de seu quarto na mansão de Wax, notando distraidamente o cheiro do pão matutino vindo da cozinha. Gostava daquele lugar, embora só ficasse ali por causa da comida grátis. Bem, por isso e por causa de Wax. O homem precisava de companhia para evitar que ficasse mais estranho.

Wayne seguiu por um corredor acarpetado que cheirava a madeira polida e a criados que tinham tempo demais. A mansão era bonita,

mas, na verdade, um homem não deveria viver num lugar tão grande; isso só o fazia se lembrar de quão pequeno era. Se vivesse num bom alojamento apertado, Wayne ficaria mais feliz. Assim ele se sentiria como um rei, com tanta *coisa* por todos os lados.

Ele hesitou do lado de fora da porta do escritório de Wax. O que era aquilo colocado sobre o aparador ao lado da entrada? Um novo candelabro, de ouro puro, com uma toalhinha branca de renda embaixo. *Exatamente* aquilo de que Wayne precisava.

Enfiou a mão no bolso. Pessoas ricas se comportavam de um jeito que não fazia sentido algum. Aquele candelabro provavelmente valia uma fortuna, e Wax o deixava largado ali. Wayne enfiou a mão no outro bolso, procurando por algo bom para trocar, e encontrou um relógio.

Ah, isso, pensou ele, balançando e ouvindo as peças sacudirem lá dentro. *Há quanto tempo essa coisa não mostra as horas?* Ele levantou o candelabro, pegou a toalhinha e colocou o candelabro no lugar, com o relógio pendurado nele. Enfiou a toalhinha no bolso. Parecia uma troca justa.

Eu estava mesmo precisando de um lenço novo, pensou ele, assoando o nariz. Depois, abriu a porta do escritório e entrou.

Wax estava parado diante de um cavalete, olhando para o grande bloco de desenho que ele enchera de planos intrincados.

— Passou a noite toda aqui? — perguntou Wayne, com um bocejo.
— Ferrugem, meu chapa, assim fica difícil vadiar por aí adequadamente.

— Não vejo o que minha insônia tem a ver com sua preguiça, Wayne.

— Ela me deixa em maus lençóis, meu chapa — explicou Wayne, olhando por cima do ombro de Wax. — Uma vadiagem apropriada requer companhia. Um homem em repouso está sendo preguiçoso; dois homens em repouso é um *intervalo de almoço*.

Wax balançou a cabeça, afastando-se para olhar alguns folhetos. Wayne se inclinou, inspecionando os papéis de Wax. Tinham uma longa lista de ideias, algumas conectadas por setas, com um esboço do modo como os corpos tinham caído no salão de baile e na sala secreta.

— O que é tudo isso? — perguntou Wayne, pegando um lápis e desenhando uma figurinha com uma arma atirando em todos os corpos mortos. Sua mão tremia enquanto fazia o desenho, mas fora isso fez uma boa figurinha.

— Provas para mim de que um Corredor de Aço está envolvido — comentou Wax. — Observe o padrão das mortes no salão de baile.

Quatro das pessoas mais poderosas na sala foram mortas com o mesmo revólver, e foram as únicas mortas com essa arma na sala... mas é a mesma que matou os guardas do lado de fora da sala secreta. Aposto que esses quatro guardas foram os primeiros a levarem um tiro, mortos num piscar de olhos, tão rápido que soou como um único tiro. A coisa é que, a julgar pelos ferimentos, cada disparo veio de um lugar diferente.

Wayne não sabia muito sobre armas, já que não podia usar uma sem que seu braço parecesse uma carruagem numa estrada esburacada, mas Wax provavelmente estava certo. Wayne se inclinou para começar a desenhar algumas figurinhas de mulheres seminuas no centro da folha, mas Wax se aproximou e tirou o lápis de seus dedos.

— O que é isso? — perguntou Wayne, apontando para o centro do bloco, onde Wax desenhara um monte de linhas retas.

— O padrão que o assassino usou me confunde — comentou Wax. — As quatro pessoas que foram baleadas no salão de festa caíram enquanto estavam conversando... Veja como estão deitadas. Todos os outros morreram durante o tiroteio, mas esses quatro morreram enquanto a festa ainda estava acontecendo. Mas por que ele atirou nelas de lugares diferentes? Veja, o melhor que posso supor é que ele atirou daqui primeiro, matando Lady Lentin. A bebida que ela derrubou foi pisada muitas vezes nos minutos seguintes. Então, o assassino usou sua velocidade para se mover rapidamente até aqui e atirar em outra direção. E aí se moveu de novo, e depois uma quarta vez. Por que quatro tiros de lugares distintos?

— Quem estava parado onde ele atirou?

— As pessoas que ele matou, é claro.

— Não, quero dizer quem estava parado perto do assassino quando ele disparou a arma. Não em quem ele atirou, mas quem estava perto dele quando ele atirou?

— Ah... — compreendeu Wax.

— Sim. Para mim, parece que ele estava tentando despistar todos eles — comentou Wayne, fungando. — Conseguir que todo mundo no salão atirasse um no outro. Vê? É como começar uma briga num bar. Você joga uma garrafa em alguém e vira para a pessoa ao seu lado e grita: “Ei, por que você jogou aquela garrafa num cara tão legal? Ferrugem, ele parece grande! E agora está vindo pegar você e...”

— Já entendi o conceito — respondeu Wax, secamente. Apontou para o bloco de desenho. — Pode ser que você tenha alguma coisa...

— Não é contagioso.

Wax sorriu, anotando algo na lateral do bloco.

— Então o assassino queria semear o caos... Começou o tiroteio saltando pela sala, fazendo parecer que vários grupos se atacavam. Eles já deviam estar tensos, suspeitando uns dos outros...

— Sim. Sou um gênio.

— Você só reconheceu isso porque o assassino estava obrigando outros a fazerem seu trabalho, o que é uma especialidade sua.

— Como eu disse, sou um gênio. Então como vai encontrá-lo?

— Bem, eu estava pensando em mandar você até a Vila para...

— Hoje, não — disse Wayne.

Wax se voltou para ele, levantando as sobrancelhas.

— É o primeiro dia do mês — explicou Wayne.

— Ah. Eu tinha esquecido. Você não precisa ir *todo* mês.

— Preciso.

Wax o analisou, como se esperasse mais algum comentário ou piada. Wayne não falou nada. Isso era realmente sério. Lentamente, Wax assentiu.

— Entendo. Então por que ainda não partiu?

— Bem, você sabe... — respondeu Wayne. — É como eu sempre digo...

— Receba cada manhã com um sorriso? Dessa forma, ela não saberá o que você está planejando fazer com ela?

— Não, não é isso.

— Até que saiba que isso não é verdade, trate toda mulher como se ela tivesse um irmão mais velho e mais forte do que você?

— Não, não... Espere, eu disse isso?

— Disse — respondeu Wax, voltando-se para suas anotações. — Foi um momento muito cavalheiresco de sua parte.

— Ferrugem! Eu realmente devia escrever essas coisas.

— Acho que essa é outra coisa que você diz com frequência. — Wax fez uma anotação. — Infelizmente, primeiro você precisaria aprender a escrever.

— Isso é injusto — reclamou Wayne, aproximando-se da escrivaninha de Wax e olhando as gavetas. — Eu sei escrever... Conheço quatro letras, e uma delas nem está no meu nome!

Wax sorriu.

— Vai me contar o que sempre diz?

Wayne encontrou uma garrafa numa gaveta mais baixa e a levantou, deixando a toalhinha de renda que pegara antes no lugar.

— Se você tem que fazer algo horrível, pare no escritório de Wax e troque alguma coisa por um pouco de rum antes.

— Acho que você nunca disse isso.

— Acabo de dizer — Wayne tomou um gole de rum.

— Eu... — Wax franziu a testa. — Não tenho resposta para isso. — Suspirou, deixando o lápis de lado. — Contudo, já que está indisponível, suponho que *eu* terei que visitar a Vila.

— Sinto muito. Sei que odeia aquele lugar.

— Vou sobreviver — respondeu Wax, fazendo uma careta.

— Quer um conselho?

— Seu? Provavelmente não. Mas vá em frente.

— Você deveria parar no escritório de Wax antes de ir — sugeriu Wayne, seguindo até a porta — e pegar um pouco do rum dele.

— O rum que você acabou de colocar no bolso?

Wayne hesitou antes de pegar a garrafa.

— Ah, meu chapa... Sinto muito. Que azar o seu. — Ele balançou a cabeça. Pobre camarada. Fechou a porta, tomou mais um gole de rum e desceu as escadas, saindo da mansão.

Marasi levantou o colarinho da jaqueta, feliz com a brisa marinha que soprava. Às vezes, passava calor em seu uniforme — um traje completo naquele dia, com blusa branca abotoada e saia marrom que combinava com o casaco também marrom.

Perto dela, o jornaleiro não estava tão grato pelo vento. Ele xingou, jogando um pedaço pesado de ferro, parecia uma parte de um eixo velho, em cima de sua pilha de jornais. Na rua, o tráfego começava a ficar congestionado. Motoristas de automóveis e cocheiros gritavam uns para os outros.

— Que Ruína acabe com Tim Vashin — reclamou o jornaleiro, olhando para o tráfego. — E com suas máquinas!

— Não é culpa dele — comentou Marasi, vasculhando sua carteira.

— É, sim — disse o jornaleiro. — Os automóveis são bons, não há nada errado em dirigir um deles no campo ou numa tarde de verão. Mas estão baratos demais agora, todo mundo tem uma dessas coisas ferradas! Um homem não consegue andar dois quarteirões com seu cavalo sem ser ultrapassado meia dúzia de vezes.

Marasi trocou moedas por um jornal. A gritaria diminuiu quando o trânsito melhorou um pouco, cavalos e carros fluindo mais uma vez pelas ruas de paralelepípedos. Ela levantou o jornal, olhando as notícias abaixo da dobra.

— Escute, você já não passou por aqui? — questionou o jornaleiro.

— Eu precisava da edição da tarde — respondeu Marasi, distraída, afastando-se.

“Indignação nas ruas!”, dizia a manchete.

Um grito como o de metal retorcido ecoou por Elendel quando as pessoas tomaram as ruas, indignadas com a corrupção do governador. Uma semana após o governador vetar a Lei 775, o então chamado manifesto dos direitos dos trabalhadores, seu irmão Winsting Innate foi encontrado morto após uma aparente reunião com conhecidos criminosos.

Winsting foi morto em sua mansão, talvez uma baixa durante a ação policial contra esses elementos criminosos. Entre os falecidos está o notório Dowser Maline, há muito suspeito de comandar as operações de contrabando de minério na cidade, prejudicando o trabalho de homens honestos. Os policiais não admitem a culpa pelas mortes, mas as suspeitas sobre as circunstâncias misteriosas levaram a um clamor geral.

Marasi pegou a edição matutina do mesmo jornal em sua bolsa. “Mistério na mansão de Lorde Winsting!”, dizia a manchete.

Policiais revelaram que Lorde Winsting, irmão do governador, foi encontrado morto em sua mansão ontem à noite. Pouco se sabe sobre as misteriosas circunstâncias da morte, embora rumores apontem que vários membros da alta sociedade estavam presentes.

Todas as outras notícias do jornal eram idênticas nas duas edições, exceto por um relato sobre as inundações no leste, que tinha uma linha extra, atualizando as estimativas de baixas. A história sobre Winsting tirara duas outras notícias da página principal, em parte por causa do tamanho da manchete. Dificilmente o *Diário de Elendel* era a fonte de notícias mais respeitável na Bacia de Elendel, mas a publicação conhecia seu público. Notícias com as quais as pessoas concordavam, ou com as quais se assustavam, vendiam a maior parte dos exemplares.

Marasi hesitou nos degraus da delegacia do Quarto Oitante. As pessoas corriam pelas calçadas, apressadas, ansiosas, com a cabeça baixa. Outros vagavam ali perto, homens de jaquetas escuras de caminhoneiros, mãos enfiadas nos bolsos, olhos cobertos por chapéus.

Desempregados, pensou Marasi. *Muitos homens ociosos, sem trabalho.* Os automóveis e a luz elétrica estavam mudando a vida em Elendel tão rapidamente que parecia que o homem comum não tinha esperança de acompanhar as novidades. Homens cujas famílias trabalhavam havia três gerações no mesmo ramo de repente estavam desempregados. E com as disputas trabalhistas nas siderúrgicas...

Recentemente, o governador fizera um discurso político para esses homens, com promessas. Mais linhas de carruagens para competir com as linhas de trem, indo a lugares onde a ferrovia não chegava. Tarifas mais altas nas importações vindas de Bilming. Promessas vazias em geral, mas homens desesperados agarram-se a tais promessas. A morte de Winsting podia ser um golpe inesperado nessas promessas. Como as pessoas reagiriam se comesçassem a questionar se o governador Replar Innate era tão corrupto quanto seu irmão?

Um incêndio pode tomar conta da cidade, pensou Marasi. Ela quase podia sentir o calor saindo das páginas do jornal em suas mãos.

Virou-se e entrou na delegacia, preocupada com o fato de que Lorde Winsting podia realmente causar mais danos a Elendel morto do que vivo, o que era algo considerável.

Wax desceu da carruagem, acenando com a cabeça para o cocheiro e indicando que o homem deveria seguir para casa em vez de esperar por ele.

Wax colocou o chapéu forrado de alumínio — abas largas, no estilo das Terras Brutas, combinando com o sobretudo, embora usasse uma camisa elegante e uma gravata por baixo. O chapéu e o casaco de bruma chamavam atenção e faziam com que ele parecesse um homem que levava uma escopeta para uma briga de faca. Trabalhadores passavam vestidos com suspensórios e gorros, banqueiros com coletes e monóculos, policiais com capacetes ou chapéus-coco e casacos em estilo militar.

Nenhum chapéu das Terras Brutas. Talvez Wayne estivesse certo; ele nunca parava de falar sobre a importância de um chapéu. Wax inspirou fundo e entrou na Vila.

Provavelmente, no passado, tinha sido apenas uma rua qualquer da cidade. Uma rua larga, mas ainda uma rua. Isso foi antes das árvores. Elas brotaram ali, empurrando os paralelepípedos, criando uma densa cobertura que percorria todo o comprimento da via.

Era um lugar que parecia irreal. Não era um simples parque — era uma floresta não cultivada e sem cuidados, fresca e primitiva. Não era possível andar numa carruagem ou um automóvel na Vila; mesmo sem as árvores, o chão era irregular demais agora, ondulado e desigual. Os edifícios ao longo da rua tinham sido engolidos e se tornaram

propriedade da Vila. Wax não podia deixar de se perguntar se Elendel seria assim sem a mão do homem. Harmonia criara a Bacia, fazendo-a furiosamente fecunda; os homens ficavam tão ocupados colhendo os frutos que mal tinham necessidade de plantá-los.

Wax seguiu em frente, vestido como se fosse para uma batalha. Levava Vindicação e as Sterrions nos quadris, uma escopeta de cano curto no coldre da coxa e metal queimando dentro dele. Puxou a aba do chapéu para baixo e entrou em outro mundo.

Crianças usando blusas brancas simples brincavam entre as árvores. Adolescentes usavam *tinningdar*, uma túnica de Terris com um padrão em forma de V na parte da frente, e deixavam de olhar os degraus dos edifícios para vê-lo passar. O ar tinha um cheiro *suave*. Ar suave. Era uma metáfora estúpida, mas, mesmo assim, era desse jeito. O cheiro o fazia se lembrar de sua mãe.

Sussurros erguiam-se ao redor de Wax como brotos na primavera. Ele mantinha os olhos adiante, atravessando o terreno demasiado irregular. Não havia portões para entrar ou sair da Vila, mesmo assim não era possível passar por ali sem ser identificado. De fato, momentos depois de sua entrada, uma jovem com longo cabelo dourado passou correndo na frente dele para espalhar a notícia de sua chegada.

Eles encontraram paz para si mesmos aqui, pensou Wax. *Criaram a paz para si mesmos. Você não deveria se ressentir disso.*

Depois de uma curta caminhada, Wax deu de cara com três terrisanos que aguardavam por ele, de braços cruzados, todos usando túnicas de Brutos, feruquemistas que armazenavam força física. Suas feições eram variadas o bastante para que ninguém pudesse considerá-los parentes. Dois tinham a altura que em geral distinguia os herdeiros de Terris, e um tinha a pele mais escura — alguns dos Originadores da antiga Terris tinham pele escura; até o bronzeado de Wax provavelmente vinha dessa linhagem. Nenhum dos homens ali tinha as feições alongadas vistas nas pinturas antigas. Isso era coisa da mitologia.

— O que deseja, forasteiro? — perguntou um dos homens.

— Quero falar com o Sínodo — respondeu Wax.

— Você é policial? — perguntou o homem, olhando Wax de cima a baixo. As crianças o espiavam por detrás de árvores próximas.

— Tipo isso — confirmou Wax.

— Terris fiscaliza a si mesma — falou outro homem. — Temos um acordo.

— Estou ciente do pacto — disse Wax. — Só quero falar com o

Sínodo, ou pelo menos com a Anciã Vwafendal.

— Você não deveria estar aqui, homem da lei — comentou o líder terrisano. — Eu...

— Está tudo bem, Razal — disse uma voz cansada entre as sombras de uma árvore nas proximidades.

Os três terrisanos se viraram e fizeram uma reverência assim que uma velha terrisana se aproximou. Majestosa, de cabelo branco e pele mais escura do que a de Wax, ela caminhava com uma bengala da qual não precisava. A mulher, Vwafendal, analisava Wax. Ele percebeu que estava suando.

Razal, ainda de cabeça baixa, falou com um tom de voz teimoso.

— Estávamos tentando mandá-lo embora, Anciã.

— Ele tem o direito de estar aqui — respondeu Vwafendal. — Ele tem tanto sangue de Terris quanto você e mais do que a maioria.

O Bruto terrisano começou a falar alguma coisa e, então, levantou a cabeça, olhando mais uma vez para Wax.

— Você quer dizer...

— Sim — confirmou Vwafendal, parecendo muito cansada. — É ele. Meu neto.

* * *

Wayne virou a garrafa e jogou as últimas gotas de rum na boca. Depois, enfiou-a no bolso do casaco. Era uma boa garrafa. Poderia trocá-la por alguma coisa.

Saltou do barco do canal, despedindo-se de Vermelho, o barqueiro, com um aceno de mão. Bom rapaz. Deixava Wayne viajar sem pagar, em troca de uma história. Wayne cuspiu uma moeda que levava na bochecha e a jogou para Vermelho, que a pegou no ar.

— Por que está molhada? Estava na sua boca?

— Alomânticos não podem *empurrar* minha moeda se ela estiver na minha boca! — gritou Wayne.

— Você está bêbado, Wayne! — disse Vermelho, com uma gargalhada, afastando-se do cais com o remo.

— Nem perto do que deveria! — gritou Wayne de volta. — Aquele pão-duro do Wax não tem nem a decência de guardar uma garrafa cheia!

Vermelho virou o barco no canal, empurrando-o pelas águas, o vento movendo sua capa. Wayne se afastou do poste que indicava o ponto de atracagem e deu de cara com a visão mais intimidadora que um camarada podia ver. A Universidade de Elendel.

Chegara a hora dos três testes de Wayne.

Ele estendeu a mão para pegar o rum e então se lembrou, um pouco aturdido, de que já tomara tudo.

— Ferrugem e Ruína! — reclamou, baixinho. Talvez não devesse ter tomado tudo. Mas aquilo tornava mais fácil ignorar o nariz escorrendo. Quando estava bêbado o bastante, podia levar um ou dois socos na cara e nem sentir. Era um tipo de invencibilidade. Um tipo estúpido, mas Wayne não era um homem exigente.

Ele seguiu até os portões da universidade, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. As letras gravadas no alto do prédio proclamavam, em Alto Imperial, “INDO ERA O SEMPRE DO DESEJO DO SABENDO”. Palavras profundas. Ele já as ouvira interpretadas como “O desejo eterno de uma alma faminta é o conhecimento”. Quando a alma de Wayne estava faminta, ele preferia resolver a questão com bolinhos, mas aquele lugar era cheio de jovens inteligentes, e eles eram um tipo estranho.

Dois homens de casaco preto estavam reclinados casualmente contra os portões. Wayne hesitou. Então estavam esperando por ele do lado de fora desta vez? O primeiro dos três testes estava diante dele. Maravilhosamente ferrado.

Bem, seguindo a natureza de qualquer grande herói das histórias, ele faria o melhor possível para evitar esse teste em particular. Wayne agachou-se na lateral da muralha antes que os dois homens o vissem e seguiu junto a ela. A universidade era cercada pela coisa, como se fosse um tipo de bunker. Será que tinham medo que todo o conhecimento vazasse, como água dos ouvidos de um nadador?

Wayne esticou o pescoço, procurando um jeito de entrar. Tinham fechado com tijolos a parte quebrada que ele usara para entrar da última vez. E a árvore que escalara na vez anterior tinha sido cortada. Malditos sejam por isso! Ele decidiu seguir outra grande tradição dos heróis que enfrentavam testes e começou a procurar um jeito de trapacear.

Achou Obscuro numa esquina ali perto. O jovem usava um chapéu-coco e uma gravata-borboleta, mas uma camisa sem as mangas. Era o líder de uma das mais importantes gangues de rua naquela área, mas nunca esfaqueava as pessoas com muita gravidade quando as assaltava e era educado com aquelas a quem extorquia. Era praticamente um modelo de cidadão.

— Olá, Obscuro. — Wayne o cumprimentou.

Obscuro olhou para ele.

— Tá de tira hoje, Wayne?

— Não.

— Ah, ótimo — respondeu Obscuro, sentando-se nos degraus. Pegou alguma coisa do bolso. Era um pequeno recipiente de metal.

— Ei, o que é isso? — perguntou Wayne, secando o nariz.

— Chiclete.

— Chiclete?

— Sim, é para mastigar. — Obscuro lhe ofereceu um pedaço daquilo. Tinha formato de bola, era suave ao toque e coberto de açúcar. Wayne olhou o rapaz, mas decidiu experimentar. Mastigou por um momento.

— Tem um gosto bom — comentou e engoliu.

Obscuro deu uma gargalhada.

— Não é pra *engolir*, Wayne. Só pra mastigar!

— Qual é a graça disso?

— Tem um gosto bom. — Ele jogou outra bola para Wayne.

Wayne enfiou na boca.

— Como estão as coisas entre você e os Sapateiros?

Os Sapateiros eram a gangue rival na área. Obscuro e seus companheiros arrancavam as mangas de suas camisas. Os Sapateiros não usavam sapatos. Aparentemente, isso fazia sentido para os garotos da rua, muitos dos quais eram filhos de sem-teto. Wayne gostava de ficar de olho neles. Eram bons rapazes. Ele fora assim no passado.

A vida o levava para o mau caminho. Mas garotos assim podiam se beneficiar de alguém que lhes apontasse a direção correta.

— Ah, você sabe... — respondeu Obscuro. — Alguns avanços, outros retrocessos.

— Não vai haver encrenca hoje, vai? — perguntou Wayne.

— Achei que tivesse dito que não tava de tira hoje!

— Não estou — confirmou Wayne, adotando instintivamente um dialeto mais parecido com o de Obscuro. — Tô perguntando como amigo, Obscuro.

O rapaz franziu a testa, afastando o olhar, mas sua resposta, dita baixinho, foi genuína.

— Não somos estúpidos, Wayne. Temos a cabeça no lugar. Você sabe disso.

— Ótimo.

Obscuro olhou para ele de novo enquanto Wayne se sentava.

— Trouxe o dinheiro que me deve?

— Devo dinheiro para você? — perguntou Wayne.

— Das cartas? — disse Obscuro. — Duas semanas atrás? Ferrugem! Wayne, você tá bêbado? Não é nem meio-dia ainda!

— Não tô bêbado — respondeu Wayne, fungando. — Tô investigando estados alternativos de sobriedade. Quanto devo para você?

Obscuro fez uma pausa.

— Vinte.

— Veja só — comentou Wayne, remexendo no bolso —, lembro muito bem que você me emprestou cinco. — Pegou uma nota de cinquenta.

Obscuro levantou uma sobrancelha.

— Acho que quer algo de mim. Tô certo?

— Preciso entrar na universidade.

— Os portões estão abertos — respondeu Obscuro.

— Não posso entrar pela frente. Eles me conhecem.

Obscuro assentiu. Esse tipo de coisa era uma reclamação comum no mundo dele.

— O que precisa de mim?

Pouco tempo depois, um homem usando o chapéu, o casaco e os bastões de duelo de Wayne tentou passar pelos portões da frente da universidade. Ele viu os dois homens de preto e deu meia-volta quando começaram a persegui-lo.

Wayne ajustou seus óculos, observando-os ir embora. Balançou a cabeça. Bandidos tentando entrar na universidade! Um escândalo. Ele atravessou os portões, usando uma gravata-borboleta e carregando uma pilha de livros. Outro daqueles homens, que estava num local mais escondido, observando seus companheiros perseguirem Obscuro, mal olhou para Wayne.

Óculos. Eram o mesmo que um chapéu para pessoas inteligentes. Wayne largou os livros no pátio e seguiu por uma fonte com uma estátua de uma senhora que não estava adequadamente vestida — ele parou para contemplar apenas por pouco tempo. Continuou em direção ao Salão Pashadon, o dormitório das garotas. O edifício tinha uma semelhança horrível com uma prisão: três andares com janelas pequenas, arquitetura de pedra e portões de ferro que pareciam dizer: “Fiquem longe, rapazes, se valorizam suas partes baixas.”

Wayne atravessou a porta da frente, onde se preparou para o segundo de seus três testes: a Tirana de Pashadon. Ela estava sentada em sua escrivaninha, uma mulher com a constituição física de um

touro e um rosto que combinava com o corpo. Até seu cabelo encaracolado lembrava chifres. Ela era uma instituição da universidade, ou pelo menos foi o que disseram para Wayne. Talvez tivesse vindo com os lustres e os sofás.

Ela olhou para ele e logo se levantou em desafio.

— Você!

— Olá — Wayne a cumprimentou.

— Como passou pela segurança do campus?!

— Joguei uma bola para eles — respondeu Wayne, guardando os óculos no bolso. — A maioria dos cães de caça adora correr atrás de algo.

A tirana deu a volta na mesa. Era como ver um navio oceânico tentando navegar nos canais da cidade. Usava um chapéu minúsculo, numa tentativa de parecer elegante. Gostava de se considerar parte da alta sociedade de Elendel, e meio que era. Do mesmo jeito que os blocos de granito que formavam os degraus da mansão do governador eram parte do governo civil.

— Você — repetiu ela, colocando o indicador no peito de Wayne.

— Achei que tivesse dito para não voltar.

— Achei que eu tivesse ignorado você.

— Está bêbado? — Ela cheirou o hálito dele.

— Não — falou Wayne. — Se eu estivesse bêbado, você não pareceria tão feia.

Ela bufou e lhe deu as costas.

— Não posso acreditar na sua audácia.

— Sério? Porque tenho certeza de que já fui audacioso assim antes. Todo mês, na verdade. Então, parece uma coisa bem crível.

— Não vou deixar você entrar. Não desta vez. Você é um canalha.

Wayne suspirou. Os heróis das histórias nunca tinham que lutar contra a mesma besta duas vezes. Parecia injusto ele ter que encarar aquela todo mês.

— Olhe, eu só quero ver como ela está.

— Ela está bem.

— Tenho dinheiro — disse Wayne. — Para dar para ela.

— Você pode deixar o dinheiro aqui. Você aflige a menina, miserável.

Wayne deu um passo adiante, segurando a tirana pelos ombros.

— Não queria ter que fazer isso.

Ela olhou para ele. E, para surpresa de Wayne, ela estalou os

dedos. *Uau*. Ele se apressou em colocar a mão no bolso e pegar um pedaço de papelão.

— Um ingresso — falou Wayne rapidamente — para duas pessoas para o jantar de primavera com o discurso político do governador, que vai ocorrer na casa de Lady ZoBell hoje à noite. Este ingresso não é nominal. Qualquer um que estiver com ele pode entrar.

Ela arregalou os olhos.

— De quem você roubou isso?

— Por favor... — disse Wayne. — Foi entregue na minha casa.

O que era a mais pura verdade. O convite era para Wax e Steris, mas eles eram pessoas importantes o bastante para que os convites não tivessem nomes, permitindo que mandassem o emissário que desejassem. Quando se tratava de alguém importante como Wax, mesmo ter um parente ou amigo dele na festa podia ser vantajoso.

A tirana não contava nem como parente nem como amiga, mas Wayne imaginava que Wax ficaria feliz em não ter que ir à maldita festa de qualquer maneira. Além disso, Wayne deixara em troca uma folha bem bonita que encontrara. A folha era ferrada de bonita.

A tirana hesitou, e então Wayne acenou com o ingresso diante dela.

— Acho... — disse ela. — Acho que poderia deixá-lo entrar uma última vez. Mas não devo permitir homens que não sejam parentes na sala de visitas.

— Sou praticamente da família — respondeu ele. Eles faziam muito alarde sobre manter as moças e os rapazes separados, o que Wayne achava estranho. Com tantas pessoas inteligentes por ali, uma delas não teria percebido o que meninos e meninas deviam fazer juntos?

A tirana o deixou entrar na sala de visitas e pediu que uma das garotas na recepção fosse buscar Allriandre. Wayne se sentou, mas não conseguiu evitar que o pé tamborilasse no chão. Estava sem armas, subornos e até mesmo sem chapéu. Estava praticamente nu, mas se preparou para o teste final.

Allriandre entrou algum tempo depois. Trouxera ajuda consigo, na forma de duas outras jovens mais ou menos da mesma idade, perto dos vinte anos. *Garota esperta*, pensou Wayne, orgulhoso. Ele se levantou.

— Madame Penfor disse que você está bêbado — falou Allriandre, permanecendo na porta.

Wayne acessou sua mente de metal, drenando cura. No instante seguinte, seu corpo queimou todas as impurezas e cicatrizou os

ferimentos. Ele achava que o álcool era um veneno, o que mostrava que um camarada não podia confiar sempre em seu corpo, mas hoje Wayne não reclamaria. Também evitou que o nariz escorresse por enquanto, embora isso fosse voltar. Por algum motivo, era difícil curar doenças com a mente de metal.

De qualquer modo, a sobriedade o atingiu como um tijolo no queixo. Ele inspirou profundamente, sentindo-se ainda mais desnudo do que antes.

— Eu só gosto de brincar com ela — respondeu Wayne, sem nenhum sinal de embriaguez na voz, os olhos focados.

Allriandre o observou intensamente e, então, assentiu. Mas não entrou na sala.

— Trouxe o dinheiro do mês — falou Wayne, pegando um envelope e colocando-o na mesinha baixa, com tampo de vidro, ao lado dele. Levantou-se, ereto, e depois transferiu o peso do corpo de um pé para o outro.

— Esse é ele de verdade? — perguntou uma das garotas para Allriandre. — Dizem que ele anda com o Tiro da Alvorada. Das Terras Brutas.

— É ele — respondeu Allriandre, ainda de olho em Wayne. — Não quero seu dinheiro.

— Sua mãe me disse para trazer para você — falou Wayne.

— Você não precisa trazer pessoalmente.

— Preciso — disse Wayne, baixinho.

Ficaram em silêncio e imóveis. Wayne, por fim, pigarreou.

— Como vão os estudos? Estão tratando você bem? Há algo de que precise?

Allriandre colocou a mão na bolsa e tirou um grande medalhão. Abriu a peça, mostrando um evanotipo assombrosamente nítido de um homem com um bigode grande e brilho nos olhos. Tinha um rosto alongado e amigável, e seu cabelo começava a rarear no alto da cabeça. O pai dela.

Ela fazia Wayne olhar a imagem todas as vezes.

— Diga-me o que você fez — disse ela. Aquela voz. Fria como o próprio inverno.

— Eu não...

— *Diga-me.*

O terceiro teste.

— Eu matei seu pai — disse Wayne com suavidade, olhando a imagem. — Eu o assaltei num beco, queria sua carteira. Atirei num

homem melhor do que eu e, por conta disso, não mereço estar vivo.

— Você sabe que não será perdoado.

— Eu sei.

— Você nunca será perdoado.

— Eu sei.

— Então, aceitarei seu dinheiro ensanguentado — falou Allriandre.

— Se você se importa em saber, meus estudos vão bem. Estou pensando em estudar direito.

Algum dia, ele esperava ser capaz de olhar nos olhos da garota e ver alguma emoção. Ódio, talvez. Algo mais do que aquele vazio.

— Vá embora.

Wayne abaixou a cabeça e partiu.

Não deveria haver uma cabana de palha no meio de Elendel, mas, mesmo assim, ali estava ela. Wax parou na entrada, sentindo como se estivesse voltando no tempo até centenas de anos antes. O ar lá dentro cheirava a couros e peles antigos.

A imensa área para uma fogueira no meio da cabana nunca seria necessária no clima ameno de Elendel. Uma fogueira menor fora acesa bem no centro, e sobre ela havia uma pequena chaleira de água quente para o chá. No entanto, as pedras queimadas indicavam que toda a área era usada de vez em quando. Isso, as peles e as pinturas em estilo antigo na parede — de ventos, chuva congelada e minúsculas figuras pintadas com rabiscos simples — eram fragmentos do mito.

A antiga Terris. Uma terra lendária de neve e gelo, com animais de pelo branco e espíritos que assombravam nas tempestades congeladas. Durante os primeiros dias após o Catacendro, refugiados de Terris haviam escrito as memórias de sua terra natal, já que não restara nenhum Guardador.

Wax se acomodou ao lado da fogueira da avó. Alguns diziam que a antiga Terris esperava por essas pessoas, escondidas em algum lugar nesse novo mundo projetado por Harmonia. Para os crentes, poderia muito bem ter sido o paraíso, um paraíso congelado, hostil. Viver numa terra naturalmente exuberante, com frutos abundantes, onde pouco cultivo era exigido, podia turvar a visão.

A avó V. se sentou do lado oposto ao dele, mas não acendeu o fogo.

— Desta vez você tirou suas armas antes de entrar na Vila?

— Não.

Ela bufou.

— Tão insolente. Durante sua longa ausência, eu com frequência me perguntei se as Terras Brutas melhorariam seu gênio.

— Elas me deixaram mais teimoso, só isso.

— Uma terra de calor e morte — comentou a avó V. Amassou um punhado de ervas, deixando os pedaços caírem no coador de chá sobre sua caneca. Despejou água fervente por cima e colocou a tampa com a mão ossuda e enrugada. — Tudo em você cheira a morte, Asinthew.

— Esse não foi o nome que meu pai me deu.

— Seu pai não tinha o direito. Eu deveria exigir que você tirasse suas armas, mas seria inútil. Você poderia me matar com uma moeda, com um botão ou com essa chaleira.

— A Alomancia não é tão má quanto você faz parecer, avó.

— Nenhum poder é mau — comentou ela. — É a mistura desses poderes que é perigosa. Sua natureza não é sua culpa, mas não posso deixar de ver isso como um sinal. Outro tirano em nosso futuro, poderoso demais. Isso leva à morte.

Sentado na cabana, sentindo o cheiro do chá da avó, Wax sentiu as memórias o pegarem pelo colarinho e o empurrarem de cara contra o passado. Um jovem que nunca se sentira capaz de decidir o que era. Alomântico ou feruquemista, cavalheiro da cidade ou humilde terrisano? Seu pai e seu tio o empurravam para um caminho; sua avó, para outro.

— Um feruquemista massacrou pessoas no Quarto Oitante na noite passada, avó — contou Wax. — Era um Corredor de Aço. Sei que você rastreia todos que têm sangue feruquêmico. Preciso de uma lista de nomes.

A avó V. remexeu o chá.

— Você visitou a Vila em... o quê? Três ocasiões desde que retornou à cidade? Quase dois anos, e só conseguiu tempo para sua avó duas vezes antes de vir aqui hoje.

— Pode me culpar, considerando como esses encontros em geral terminam? Para ser direto, avó, sei como se sente a meu respeito. Então, por que torturar nós dois?

— Você se prende às imagens que tinha de mim há duas décadas, criança. As pessoas mudam. Até alguém como eu. — Ela bebericou o chá, acrescentou mais ervas no coador e se inclinou para pegar mais água. Ela não beberia até que estivesse no ponto. — Mas não alguém como você, ao que parece.

— Está tentando me provocar, avó?

— Não. Sou melhor em insultos do que isso. Você não mudou. Ainda não sabe quem é.

Uma velha discussão. Ela disse isso para ele nas duas vezes que se encontraram nos últimos dois anos.

— Não vou começar a usar túnicas terrisanas, falar com suavidade nem citar provérbios para as pessoas.

— Em vez disso, você vai atirar nelas.

Wax suspirou profundamente. Uma mistura de odores pairava no ar. Do chá? Cheiros como o de grama recém-cortada. Na propriedade de seu pai, sentado no gramado, ouvindo o pai e a avó discutirem.

Wax vivera na Vila durante um único ano. Foi tudo que seu pai concordara em ceder. Mesmo isso fora surpreendente; seu tio Edwarn queria que Wax e sua irmã ficassem longe daquele lugar. Antes que seu herdeiro oficial, o falecido Hinston Ladrian, nascesse, quando Wax tinha dezoito anos, Edwarn basicamente se apropriara dos filhos do irmão e tentara criá-los. Era difícil para Wax separar os desejos de seus pais e os de Edwarn.

Um ano entre essas árvores. Wax foi proibido de usar a Alomancia durante o tempo que passou na Vila, mas aprendeu algo ainda melhor. Que criminosos existem, mesmo na idílica Terris.

— Os únicos momentos em que realmente sei quem sou — disse Wax, levantando os olhos para encarar a avó — são aqueles em que coloco o casaco de bruma, prendo as armas na cintura e saio numa caçada a homens raivosos.

— Você não deveria se definir pelo que faz, mas por quem é.

— Um homem é o que faz.

— Veio procurar um assassino feruquemista? Só precisa olhar no espelho, criança. Se um homem é o que faz... pense no que fez.

— Eu nunca matei um homem que não merecesse.

— Tem certeza *absoluta* disso?

— Bastante. Se cometi erros, pagarei por eles algum dia. Você não vai me distrair, avó. Lutar não vai contra o modo de vida de Terris. Harmonia matou.

— Ele matou apenas bestas e monstros. Nunca um dos nossos.

Wax soltou a respiração. Isso de novo? *Ferrugem! Eu deveria ter obrigado Wayne a vir aqui no meu lugar. Ele diz que ela gosta dele.*

Um novo cheiro o atingiu. Flores esmagadas. Na escuridão da câmara, ele se imaginou mais uma vez parado entre as árvores da Vila de Terris. Olhando por uma janela quebrada e sentindo a bala em sua mão.

E sorriu. Antigamente essa lembrança lhe trazia dor, a dor do isolamento. Agora só via um homem da lei em ascensão, lembrava-se

do sentimento de *propósito*.

Wax se levantou e pegou o chapéu, fazendo o casaco de bruma farfalhar. Quase queria acreditar que os cheiros do aposento, as lembranças, estavam sendo criados pela avó. Quem sabia o que ela colocara no chá?

— Vou caçar um assassino — falou Wax. — Se eu fizer isso sem sua ajuda, e ele matar novamente antes que eu possa detê-lo, você será parcialmente culpada. Veja quão bem vai dormir à noite, avó.

— Você o matará? — perguntou ela. — Dará um tiro no peito dele em vez de mirar na perna? As pessoas morrem perto de você. Não negue isso.

— Não nego — disse ele. — Um homem nunca deve puxar o gatilho, a menos que esteja disposto a matar. E se o outro camarada estiver armado, vou mirar no peito. Desse jeito, quando as pessoas morrerem perto de mim, serão as pessoas certas.

A avó encarou o bule.

— Você está procurando alguém chamada Idashwy. E ela não é um homem.

— Corredora de Aço?

— Sim. Ela não é assassina.

— Mas...

— É a única Corredora de Aço que conheço que pode estar envolvida em algo assim. Ela desapareceu há um mês, depois de agir... de um jeito muito imprevisível. Afirmava que estava sendo visitada pelo espírito do irmão morto.

— Idashwy — disse ele. Pronunciava-se do jeito terrisano: *ai-dash-uí*. As sílabas pareciam grossas em sua boca, outra recordação de seus dias na Vila. O idioma terrisano já esteve morto, mas os registros de Harmonia o incluíram, e muitos terrisanos agora aprendiam a falá-lo na juventude. — Juro que conheço esse nome.

— Você a conheceu. Há muito tempo — confirmou a avó V. — Você estava com ela naquela noite, na verdade, antes de...

Ah, sim. Magra, cabelo dourado, tímida, não falava muito. *Eu não sabia que ela era feruquemista*.

— Você nem tem a decência de parecer envergonhado — falou a avó V.

— Não tenho — respondeu Wax. — Odeie-me se precisar, avó, mas viver com você mudou minha vida, bem como sempre prometeu. Não vou ficar envergonhado se a transformação não foi a que você esperava.

— Só... tente trazê-la de volta, Asinthew. Ela não é uma assassina. Está confusa.

— Todos eles estão — disse Wax, saindo da cabana. Os três homens que encontrara antes estavam parados do lado de fora, olhando para ele com desprazer. Wax fez um aceno para eles com o chapéu, jogou uma moeda no chão e se lançou no ar entre duas árvores, passando pelas copas e alcançando o céu.

Cada vez que entrava na delegacia, Marasi sentia certa emoção.

Era a emoção das expectativas frustradas, de um futuro negado. Mesmo que o lugar não fosse como ela imaginava — o centro administrativo e organizacional das delegacias do oitante parecia mais um escritório do que qualquer outra coisa —, o simples fato de estar ali a animava.

Aquela não deveria ser sua vida. Ela crescera lendo histórias das Terras Brutas, de homens da lei e vilões. Sonhava com revólveres e diligências. Até aprendera a cavalgar e dar tiros de rifle. E, então, a vida real interferira.

Nascera num meio privilegiado. Sim, era filha ilegítima, mas a generosa pensão de seu pai a colocara numa bela casa junto com a mãe. Dinheiro para sua educação lhe fora garantido. Com esse tipo de promessa — e com a determinação da mãe de que Marasi entraria na sociedade e provaria seu valor para o pai —, ninguém escolheria uma profissão tão humilde quanto a de policial.

Mesmo assim, ali estava ela. Era maravilhoso.

Ela atravessou o salão cheio de pessoas em escrivaninhas. Embora a cadeia fosse anexa ao prédio, tinha uma entrada separada, e ela raramente ia até lá. A maior parte dos policiais por quem passou a caminho da sala principal era do tipo que gastava a maior parte dos dias no escritório. Seu próprio local de trabalho era um recanto confortável perto da sala do capitão Aradel. A sala dele mais parecia um armário, e Aradel raramente passava algum tempo ali. Em vez disso, ele andava de um lado para outro na sala principal, como um leão orgulhoso, sempre em movimento.

Marasi deixou a bolsa sobre sua escrivaninha, perto de uma pilha de relatórios dos crimes do último ano — em seu tempo livre, tentava julgar até que ponto pequenos crimes numa região prediziam crimes maiores. Era melhor do que ler as cartas educadamente zangadas da mãe, que estavam logo embaixo. Ela espiou a sala do capitão e viu que o colete dele estava jogado em cima da mesa, bem ao lado de uma pilha de relatórios de despesas que supostamente ele devia aprovar. Ela sorriu e balançou a cabeça, tirou o relógio de bolso do colete dele e começou sua busca.

Os escritórios eram movimentados, mas não tinham a agitação dos escritórios do procurador. Durante seu estágio lá, sob a supervisão de Daius, todo mundo sempre parecia *frenético* demais. As pessoas trabalhavam o tempo todo, e, quando um novo caso aparecia, todos os advogados juniores corriam numa enxurrada de papéis, casacos e saias, esticando o pescoço para ver quem assumiria o caso e quantos assistentes seriam necessários.

As oportunidades de prestígio, e até de riqueza, eram generosas. E, mesmo assim, ela não conseguia afastar a sensação de que ninguém *fazia* nada de verdade. Casos que podiam fazer a diferença definhavam porque não eram chamativos o suficiente enquanto qualquer coisa a pedido de uma lady ou um lorde poderoso tinha que ser resolvido imediatamente. A correria era menos sobre consertar os problemas da cidade e mais sobre ter certeza de parecer mais proativo do que os colegas.

Ela provavelmente ainda estaria lá se não tivesse conhecido Waxillium. Teria feito a vontade da mãe, que buscava validação através da filha. Uma prova, talvez, de que *poderia* ter se casado com Lorde Harms, se estivesse nas cartas, apesar do nascimento inferior. Marasi balançou a cabeça. Amava a mãe, mas a mulher simplesmente tinha muito tempo disponível.

Os escritórios dos policiais eram muito diferentes daqueles dos advogados. Ali, havia um senso de propósito verdadeiro, ainda que contido e cercado de atenção. Policiais recostavam-se nas cadeiras e descreviam evidências para outros oficiais, buscando ajuda num caso. Soldados andavam pela sala, levando xícaras de chá, pegando arquivos ou cumprindo alguma outra tarefa. A competição que ela sentia entre os advogados quase não existia ali. Talvez fosse pelo pouco prestígio e pela chance ainda menor de enriquecimento.

Encontrou Aradel com as mangas da camisa dobradas, um pé apoiado numa cadeira, incomodando a tenente Caberel.

— Não, não — disse Aradel. — Estou dizendo... Precisamos de mais homens nas ruas. Perto dos bares, à noite, onde os trabalhadores das fundições se reúnem após os piquetes. Não se preocupe em vigiá-los durante o dia.

Caberel assentiu placidamente, embora tenha revirado os olhos para Marasi quando ela entrou. Aradel *tendia* a ser controlador, mas pelo menos levava as coisas a sério. Pela experiência de Marasi, quase todos gostavam dele, apesar de revirem os olhos.

Ela pegou uma xícara de chá numa bandeja levada por um soldado. Seguiu em frente com rapidez, olhos adiante, mas quase podia senti-lo olhando para ela. Bem, não era culpa *dela* que tivesse

alcançado aquela posição e a patente de tenente sem nunca ter servido chá.

Tudo bem, admitiu para si enquanto dava um gole no chá e se aproximava de Aradel. *Talvez haja um pouco de competição por aqui.*

— Você cuida disso então? — perguntou Aradel.

— É claro, senhor — respondeu Caberel. Ela era uma das poucas pessoas naquele lugar que tratava Marasi com algum respeito. Talvez porque ambas fossem mulheres.

Havia ainda menos mulheres na delegacia do que entre os advogados. Alguém podia pensar que o motivo era que as mulheres não se interessavam por violência, mas, tendo trabalhado nos dois lugares, Marasi sentia que sabia qual era a profissão mais sangrenta. E não era a das pessoas que portavam armas.

— Bom, bom — falou Aradel. — Tenho uma reunião com o capitão Reddi em... — Ele deu um tapinha no bolso.

Marasi estendeu o relógio. Ele pegou e conferiu as horas.

— Quinze minutos. Hum. Mais tempo do que eu esperava. Onde conseguiu esse chá, Colms?

— Quer que eu pegue uma xícara para você? — perguntou ela.

— Não, não. Eu posso fazer isso. — Ele se afastou. Marasi cumprimentou Caberel com um aceno de cabeça e saiu correndo atrás dele.

— Senhor — chamou ela. — Viu os jornais da tarde?

Ele estendeu a mão, e ela lhe entregou o periódico. Ele levantou a pilha de jornais e quase atropelou três policiais no caminho até o chá.

— Isso não é bom — murmurou ele. — Eu esperava que virassem isso contra nós.

— Nós, senhor? — perguntou Marasi, surpresa.

— Claro — confirmou ele. — Um nobre morto, policiais que não estão dando detalhes para a imprensa. Essas leituras mostram que começaram a centrar as mortes nos policiais, mas mudaram de ideia. No fim, o tom é muito mais de indignação contra Winsting do que contra nós.

— E isso é pior do que indignação contra *nós* por acobertarmos o que aconteceu?

— Muito pior, tenente — disse ele, com cara feia, pegando uma xícara. — As pessoas estão acostumadas a odiar os policiais. Somos um ímã para isso, um para-raios. Melhor nós do que o governador.

— A menos que o governador mereça, senhor.

— Palavras perigosas, tenente — falou Aradel, enchendo a xícara

com o chá fervente de uma grande chaleira mantida sobre o fogão a carvão. — E provavelmente inadequadas.

— Você sabe que há rumores de que ele é corrupto — disse Marasi, baixinho.

— O que *sei* é que somos funcionários civis — respondeu Aradel. — Há gente suficiente por aí com a mentalidade e a posição moral para monitorar o governo. *Nosso* trabalho é manter a paz.

Marasi franziu a testa, mas não falou mais nada. O governador Innate *era* corrupto, ela tinha quase certeza. Havia coincidências demais, muitos detalhes estranhos em suas decisões políticas. Não era óbvio, mas perceber padrões era a especialidade de Marasi, e sua paixão.

Não que quisesse descobrir que o líder de Elendel estava negociando favores com a elite da cidade, mas, assim que localizou os sinais, sentiu-se compelida a escavar. Em sua mesa, cuidadosamente escondido sob uma pilha de relatórios comuns, havia uma pasta na qual reunira toda a informação. Nada concreto, mas o quadro era claro para ela, ainda que soubesse que aquilo poderia parecer inocente para qualquer um.

Aradel a analisou.

— Você discorda da minha opinião, tenente?

— Ninguém muda o mundo evitando as perguntas difíceis, senhor.

— Sinta-se livre para fazê-las. Em sua cabeça, tenente, não em voz alta... e principalmente não para pessoas de fora da delegacia. Os homens para quem trabalhamos não podem pensar que estamos tentando enfraquecê-los.

— Engraçado, senhor — comentou Marasi. — Achei que trabalhássemos para o povo da cidade, não para seus líderes.

Aradel parou, com a xícara de chá quente a meio caminho dos lábios.

— Acho que mereci isso — disse ele. Tomou um gole, balançando a cabeça. Ele pareceu não perceber a quentura da bebida. Dizia-se no escritório que ele perdera as papilas gustativas havia anos. — Vamos.

Seguiram até o escritório de Aradel, passando pela escrivania do capitão Reddi. O homem esbelto se levantou, mas Aradel fez sinal para que ele se sentasse, pegando o relógio.

— Ainda tenho... cinco minutos antes de lidar com você, Reddi.

Marasi deu um sorriso de desculpas para o capitão. Ganhou uma carranca em retorno.

— Algum dia vou descobrir por que aquele homem me odeia —

observou ela.

— Hum? — disse Aradel. — Ah, porque você roubou o trabalho dele.

Marasi tropeçou na mesa do tenente Ahlstrom.

— O quê? — perguntou, correndo atrás de Aradel. — Senhor?

— Reddi ia ser meu assistente — contou Aradel quando chegaram ao escritório dele. — Tinha um currículo muito bom para o cargo; eu estava quase convencido a contratá-lo quando você se candidatou.

Marasi corou violentamente.

— Por que *Reddi* iria querer ser seu assistente, senhor? Ele é um policial de campo, um detetive.

— Todo mundo tem essa ideia de que para subir na carreira é preciso passar mais tempo no escritório e menos na rua — comentou Aradel. — Uma tradição estúpida, ainda que os outros oitantes a sigam. Não quero que meus melhores homens e mulheres fiquem acomodados em suas mesas. Quero que a posição de assistente sirva para ensinar alguém novo e promissor, não para deixar que algum policial experiente fique mofando aqui dentro.

Aquilo fez com que várias coisas se encaixassem para Marasi. A hostilidade que sentia por parte de vários outros não era só porque ela pulara as posições mais baixas, já que muitos com títulos nobres faziam isso. Era porque eles tinham tomado as dores de Reddi, o amigo deles que fora desprezado.

— Então... — falou Marasi, respirando fundo, ansiosa por algo que a impedisse de entrar em pânico. — Você acha que sou promissora?

— É claro que acho. Por que eu teria contratado você se não achasse? — O cabo Maindew passou por eles, batendo continência, e Aradel jogou os jornais dobrados no rosto dele. — Nada de continência aqui dentro, Maindew. Vai acabar desmaiado se bater assim na testa toda vez que passo por você. — Ele olhou para Marasi, que vinha logo atrás, enquanto Maindew murmurava uma desculpa e saía correndo. — Há algo em *você*, Colms — disse Aradel. — Não é sua dedicação. Não me importo com suas notas ou com o que os línguas de zinco do escritório de advocacia falam de você. As palavras que escreveu sobre mudar a cidade fizeram sentido. Elas me impressionaram.

— Eu... Obrigada pelo elogio, senhor.

— Não estou lisonjeando você, Colms. É apenas um fato. — Ele apontou para a porta. — Aquele jornal dizia que o governador vai discursar hoje à tarde. Aposto que os policiais do Segundo Oitante vão nos pedir ajuda para conter as multidões, eles sempre pedem. Então

vou enviar um destacamento de rua. Vá com eles e ouça. Depois, me conte o que o governador Innate disse. E preste atenção em como a multidão vai reagir.

— Sim, senhor — respondeu Marasi, contendo-se antes de bater continência enquanto pegava sua bolsa e corria para cumprir as ordens.

Mentir sentidos com
interam um pequeno te-
lhorar de lhorar. Pe-
norimenter quise ir
vicio de um chlo para
a para a esquerda. Não



Wax se elevou no ar, no céu de Elendel, com o chapéu amarrado ao pescoço e o casaco de bruma agitando-se atrás dele como uma bandeira. Embaixo, a cidade se agitava, pessoas lotando as ruas que mais pareciam artérias. Algumas olhavam para ele, mas a maioria o ignorava. Alomânticos não eram raridade ali como eram nas Terras Brutas.

Toda essa gente..., pensou Wax, *empurrando* uma fonte de cobre esverdeado representando Harmonia envolto em brumas, com os braços levantados e braceletes de ouro brilhante. Mulheres estavam sentadas na beirada de pedra; crianças brincavam em suas águas. Automóveis e carruagens puxadas a cavalo davam a volta no monumento, entrando em outras vias, cuidando dos negócios sempre importantes da vida na cidade.

Eram tantas pessoas — e ali, no Quarto Oitante, uma porcentagem assustadora delas estava sob sua responsabilidade. Para começar, ele pagava os salários delas, ou supervisionava aqueles que pagavam; na solvência de sua casa repousava a estabilidade financeira de milhares e milhares. Mas isso era só uma parte: graças ao seu assento no Senado, ele representava todos os que trabalhavam para ele ou que viviam em suas propriedades.

O Senado era dividido em duas partes. Um lado, o dos representantes das profissões, era eleito e ia e vinha conforme as necessidades das pessoas. O outro lado, o das casas nobres, era estável e imutável, não sujeito aos caprichos dos eleitores. O governador, eleito pelos representantes das casas nobres, presidia todos eles.

Era um sistema bom o bastante, exceto que significava que Wax devia cuidar de dezenas de milhares de indivíduos que nunca poderia conhecer. Seus olhos se contraíram, e ele se virou, *empurrando* um pedaço de vergalhão deixado descuidadamente para fora de uma

parede de um cortiço.

As cidades eram melhores nas Terras Brutas, onde era possível conhecer todo mundo. Desse jeito, era possível cuidar das pessoas e realmente *sentir* que se estava fazendo alguma coisa. Marasi argumentaria que, estatisticamente, liderar uma casa em Elendel era mais efetivo para criar felicidade em geral, mas ele não era um homem de números, e sim um homem que confiava em seus instintos. Seus instintos sentiam falta de conhecer as pessoas às quais ele servia.

Wax aterrissou numa grande torre d'água perto da cúpula de vidro que cobria a maior Igreja do Sobrevivente em seu oitante. As pessoas faziam suas adorações lá dentro, embora um grande número saísse ao anoitecer para esperar as brumas. A Igreja do Sobrevivente reverenciava as brumas e, mesmo assim, com aquela cúpula, permanecia separada delas. Wax balançou a cabeça e *empurrou-se* ao longo de um canal ali perto.

Ele já deve ter terminado, pensou Wax. *Ele estará numa das docas próximas, ouvindo o ruído das águas...*

Prosseguiu pelo canal, que estava cheio de barcos. A Alameda Tindwyl, que seguia ao longo do canal, estava lotada, ainda mais do que o normal. Cheia de vida. Era difícil não se sentir dominado pela cidade, engolido, oprimido, insignificante. Nas Terras Brutas, Wax não executava a lei apenas, mas a interpretava, revisava-a quando necessário. Ele *era* a lei.

Aqui, tinha que dançar ao redor de egos e segredos.

Enquanto procurava a doca certa, ficou surpreso de, em determinado momento, descobrir a razão para o tráfego na alameda. Automóveis e carruagens estavam parados, tentando passar por um grande grupo de homens carregando cartazes. Wax passou sobre eles e ficou surpreso em ver um pequeno contingente de policiais do oitante local cercado pelos piqueteiros — estavam sendo pressionados por todos os lados pelos homens que gritavam e agitavam os cartazes de um jeito desconfortavelmente violento.

Wax soltou-se no ar e *empurrou-se* de leve contra os pregos das tábuas do passeio público da alameda, reduzindo a velocidade da descida. Aterrissou agachado num espaço aberto ali perto, o casaco de bruma farfalhando, já preparando suas armas.

Os piqueteiros o olharam por um longo instante e, então, se separaram, indo por direções diferentes. Ele não teve que dizer nenhuma palavra. Logo depois, surgiram os policiais sitiados, como pedras na terra depois que o solo é lavado por uma chuva súbita.

— Obrigado, senhor — agradeceu a capitã deles, uma mulher mais velha cujo cabelo loiro aparecia cerca de três centímetros abaixo do

chapéu de policial.

— Eles estão ficando violentos? — perguntou Wax, enquanto observava os últimos piqueteiros sumirem.

— Não gostaram quando tentamos tirá-los da alameda, Tiro da Alvorada — comentou a mulher antes de estremecer. — Não esperava que ficasse tão ruim, tão rápido...

— Não posso dizer que os culpo — falou um dos outros policiais, um rapaz com um pescoço que parecia uma pistola de cano longo. Seus companheiros se voltaram para ele, e ele deu de ombros. — Olhem, não dá para dizer que não temos conhecidos entre eles. Não dá para dizer que não os ouvimos resmungar. Alguma coisa precisa mudar nessa cidade. É só isso que estou falando.

— Eles não têm o direito de bloquear uma via principal — disse Wax. — Não importa quais sejam as queixas deles. Informe isso em sua delegacia e assegure-se de trazer mais homens da próxima vez.

Eles assentiram e foram embora. O nó de pedestres na alameda se desatou lentamente, e Wax balançou a cabeça, preocupado. Os homens que faziam greves *tinham* seus motivos. Ele encontrara algumas das mesmas condições problemáticas nas poucas fábricas que possuía — longas jornadas, ambientes perigosos — e fora obrigado a despedir alguns supervisores por causa disso. Ele os substituíra por outros, que, por sua vez, contrataram mais homens, dando-lhes jornadas mais curtas, já que não havia falta de mão de obra desempregada na cidade ultimamente. Mas, então, Wax teve que aumentar os salários, para que os homens pudessem viver com o pagamento de uma jornada mais curta, e seus bens ficaram mais onerosos. Tempos difíceis. E ele não tinha respostas, não para esses problemas.

Ele caminhou uma curta distância pelo passeio, atraindo mais do que uns poucos olhares das pessoas que passavam, mas logo encontrou o que estava procurando. Wayne estava sentado numa doca estreita ali perto. Estava sem sapatos e sem meias, com os pés na água, e encarava o canal.

— Oi, Wax — disse ele sem olhar para cima.

— Não correu bem? — perguntou Wax.

— O mesmo de sempre. É estranho. Na maior parte dos dias, não me incomodo em ser eu mesmo. Hoje, sim.

Wax se agachou, apoiando uma das mãos no ombro do homem mais jovem.

— Já se perguntou se deveria ter atirado em mim? — perguntou Wayne. — Quando você e Jon me encontraram?

— Não tenho o hábito de atirar em pessoas que não podem atirar de volta — comentou Wax.

— Eu podia estar fingindo.

— Não. Não podia.

Wayne era um jovem de dezesseis anos quando Wax e Jon Dedomorto, um homem da lei que fora o mentor de Wax, encontraram-no de cócoras num espaço apertado embaixo de uma casa, com as mãos nos ouvidos, coberto de sujeira e lamúrias. Wayne jogara suas armas e munições num poço. Mesmo quando Dedomorto o arrastou para fora daquele lugar, Wayne reclamou do tiroteio. Tiros que só ele podia ouvir, ecoando naquele poço...

— Todos os garotos que perseguimos e abatemos... — comentou Wayne. — Qualquer um deles poderia ser como eu. Por que eu tive uma segunda chance, mas nenhum deles teve?

— Sorte.

Wayne se virou para encará-lo.

— Eu daria segundas chances para aqueles rapazes, se pudesse — assegurou Wax. — Talvez tenham tido seus momentos de dúvida, de arrependimento. Mas, naqueles em quem atiramos, nós não os encontramos desarmados, escondidos, desejando ser resgatados. Nós os encontramos matando. E, se eu tivesse encontrado você cometendo um assalto à mão armada naquela época, eu teria atirado em você também.

— Não está mentindo, está?

— É claro que não. Eu teria atirado na sua cabeça, Wayne.

— Você é um bom amigo — falou Wayne. — Obrigado, Wax.

— Você é a única pessoa que conheço que consigo animar prometendo que o matarei.

— Você não prometeu me matar — comentou Wayne, calçando as meias. — Você prometeu que teria me matado. No futuro do pretérito composto.

— Seu conhecimento de gramática é incrível — disse Wax —, considerando a frequência com a qual você a brutaliza.

— Ninguém conhece a vaca melhor do que o açougueiro, Wax.

— Imagino que sim... — concordou Wax, levantando-se. — Você conhece uma mulher chamada Idashwy? Uma feruquemista?

— Corredora de Aço?

Wax assentiu.

— Não conheço — afirmou Wayne. — Sempre me chutam para fora da Vila quando eu os visito. Bem pouco hospitaleiros.

Até onde Wax sabia, isso não era verdade. De vez em quando, Wayne vestia umas túnicas de Terris, imitava o sotaque deles e se esgueirava para dentro da Vila para viver entre eles por alguns dias. Depois de um tempo, metia-se em confusão por dizer alguma grosseria para uma jovem mulher, mas não era expulso. Ele os confundia, como fazia com a maioria das pessoas, até ficar entediado e resolver ir embora.

— Vamos ver o que conseguimos descobrir — falou Wax, acenando para uma gôndola no canal.

* * *

— Cinco notas por *uma cesta* de maçãs! Isso é um roubo!

Marasi hesitou na rua. Tinha ido de automóvel até perto do centro para ouvir o discurso do governador e deixara o carro com um cocheiro que recebia para vigiar o veículo e reabastecer o motor, com a intenção de fazer o restante do caminho a pé. O centro podia ser um lugar lotado.

Isso a levava até ali, perto de um pequeno mercado de rua onde as pessoas vendiam frutas. Incrédula, viu que uma vendedora estava realmente oferecendo um cesto de maçãs por *cinco notas*. Aquilo não podia custar mais do que meio boxe. Já vira uma cesta daquela vendida por um punhado de tostões.

— Eu podia comprar uma cesta dessas na barraca de Elend por uma fração do preço! — reclamou o consumidor.

— Bem, por que não vai ver se ele ainda tem alguma lá? — respondeu a dona da carrocinha, aborrecida. O consumidor saiu furioso, deixando a vendedora com sua placa proclamando o preço absurdo. Marasi franziu a testa e olhou para a fila de barracas, barris e carrocinhas.

Todos suspeitamente desabastecidos. Ela seguiu até a dona da carrocinha com os preços abusivos; a mulher se endireitou rapidamente, sacudindo as tranças e enfiou as mãos nos bolsos do avental.

— Oficial — cumprimentou ela.

— Cinco é um pouco demais, não acha? — perguntou Marasi, pegando uma maçã. — A menos estejam banhadas em atium.

— Estou fazendo algo errado? — questionou a mulher.

— Você tem o direito de definir seus preços — respondeu Marasi. — Só que alguém pode se perguntar se por acaso você sabe algo que ninguém mais sabe.

A mulher não respondeu.

— O carregamento atrasou? — perguntou Marasi. — A safra de maçãs foi ruim?

A mulher suspirou.

— Não a de maçãs, oficial. Os carregamentos de grãos do leste. Eles simplesmente não estão vindo. As inundações acabaram com tudo.

— Um pouco cedo para especular com os preços dos alimentos, não acha?

— Perdão, oficial, mas sabe quanta comida essa cidade consome? Estamos a um carregamento de distância da inanição, estamos, sim.

Marasi olhou para a feira novamente. A comida saía rapidamente, e pelo menos grande parte dela, pelo que podia ver, era comprada pelo mesmo grupo de pessoas. Especuladores agarrando frutas e sacos de grãos. A cidade não estava tão perto da inanição quanto a proprietária do carrinho afirmava — havia estoques que podiam ser liberados —, mas as más notícias corriam mais rápido do que ventos calmos. E havia uma boa chance de a mulher estar certa, de que fosse capaz de vender suas maçãs a preço de ouro até que as coisas se acalmassem em alguns dias.

Marasi balançou a cabeça, devolveu a maçã e continuou seu caminho para o centro. Sempre havia uma aglomeração ali, pessoas na alameda, veículos tentando abrir caminho nas ruas ao redor. Havia mais pessoas naquele dia, e as multidões atraídas pelo discurso do governador causavam mais engarrafamentos na agitação habitual. Marasi mal conseguia distinguir as estátuas gigantes da Guerreira Ascendente e de seu marido no Campo do Renascimento espiando por sobre a multidão.

Marasi aproximou-se de um grupo de policiais que acabara de chegar sob as ordens de Aradel; suas carruagens tinham demorado muito mais do que o automóvel dela. Juntos, abriram caminho a pé pelas ruas até a mansão. O governador preferia dirigir-se ao povo a partir da escadaria, a algumas ruas do centro, no Segundo Oitante.

Logo chegaram à grande praça na frente da mansão. Era mais difícil mover-se ali, mas felizmente os policiais daquele oitante já estavam de prontidão e tinham isolado várias áreas perto da frente e das laterais da praça. Numa delas, dignitários e nobres estavam sentados em arquibancadas para ouvir o discurso. Em outra, os policiais do Segundo Oitante se reuniram e vigiavam a multidão a partir das escadarias do Arquivo Nacional em busca de batedores de carteiras. Outros policiais moviam-se entre a multidão e os oficiais prontamente identificados pelas plumas azuis em seus chapéus.

Marasi e o tenente Javies, que comandava a equipe de campo,

seguiram na direção do Arquivo Nacional, onde seus colegas do Segundo Oitante os deixaram passar. Um policial mais velho, de bigode, coordenava as coisas por ali. Seu capacete, sob o braço, ostentava a dupla pluma de capitão. Quando viu Marasi, Javies e a equipe, o homem se animou.

— Ah, então Aradel mandou reforços no fim das contas! — exclamou ele. — Maravilha ferrada! Vocês podem vigiar o lado leste da praça, ao longo da rua Longard. Trabalhadores das fundições estão se reunindo ali e não parecem muito felizes. Ouso dizer que este não é lugar para os piquetes deles. Talvez uns observadores com uniformes da polícia os mantenham sob controle.

— Senhor — cumprimentou Javies, batendo continência. — As massas estão forçando para se aproximarem das escadarias da mansão! Com todo o respeito, senhor, não quer que fiquemos lá?

— Os guardas do governador têm a jurisdição, tenente — explicou o velho capitão. — Eles nos expulsariam se tentássemos fazer qualquer coisa na área da mansão. Malditos pescoços de peltre. Mal nos avisam quando o governador quer falar ao povo e esperam que façamos o trabalho sujo de policiar essa bagunça.

Javies bateu continência, e sua equipe se retirou.

— Senhor — disse Marasi, permanecendo para trás. — O comissário-geral Aradel quer que eu leve para ele um relatório do discurso. Acha que posso conseguir um lugar naquelas arquibancadas?

— Ali não vai dar — respondeu o capitão. — Cada sobrinho e babá das casas nobres exigiu um lugar. Vão me matar se eu mandar mais alguém.

— Obrigada mesmo assim, senhor. Verei se consigo um lugar na frente da multidão para fazer meu trabalho. — Marasi começou a se afastar.

— Espere, policial — chamou o velho. — Eu conheço você, não? Ela olhou para trás, corando.

— Eu sou...

— A filha de Lorde Harms! — exclamou o velho capitão. — A bastarda. É isso! Ah, não fique vermelha! Isso não é um insulto, filha. É só quem você é, e é isso, simples como o dia. Gosto de seu pai. Ele é ruim o suficiente nas cartas para ser divertido jogar com ele, mas é cuidadoso para não apostar muito, a fim de que eu não me sentisse mal em ganhar.

— Senhor. — A notícia de sua origem, antes guardada com discrição, espalhara-se por toda a alta sociedade. Andar com Waxillium, que criava tantas agitações, tinha seus inconvenientes. E

sua mãe *tinha* certa razão em suas cartas zangadas.

Marasi aceitava bem quem era, o que não significava que gostasse que jogassem isso em sua cara. Velhos oficiais nobres como aquele, no entanto... Bem, eram de um tempo em que achavam que podiam falar o que bem entendessem, particularmente sobre seus subordinados.

— Tem espaço entre os repórteres, pequena Harms — disse ele, apontando. — Ali perto do lado norte. Não tem uma vista muito boa, já que terá os degraus na frente, mas é ótimo para ouvir. Diga ao policial Wells, que cuida do acesso, que eu disse que você pode passar e dê minhas lembranças ao seu pai.

Ela bateu continência, ainda lutando contra uma mistura de vergonha e indignação. Ele não quis dizer nada com seus comentários, mas, Ferrugem e Ruína, ela trabalhara a maior parte da vida sem revelar quem era, com apenas algumas moedas nas mãos enquanto o pai se recusava a reconhecê-la oficialmente. Entre os policiais, pelo menos, não podia ser reconhecida por suas conquistas profissionais, em vez de pela natureza de seu nascimento?

Mas não podia perder a oportunidade de conseguir um lugar melhor, então começou a abrir caminho ao redor da praça, na direção da área que lhe fora especificada.

O que era aquilo?, pensou Wax. Virou-se, desviando sua atenção do grupo de mendigos que estava interrogando.

— Wax? — Wayne o chamou, afastando-se de outro grupo de pessoas. — O quê...?

Wax o ignorou, empurrando as pessoas na direção da coisa que vira. Um rosto.

Não pode ser.

Suas ações frenéticas suscitaram gritos de irritação de algumas pessoas, mas só olhares de reprovação de outras. Os dias em que um nobre, mesmo um alomântico, podia calar as pessoas com um olhar começavam a ficar no passado. Por fim, Wax deu de cara com uma área aberta e andou para todos os lados. *Onde?* Febril, com todos os sentidos tensos, deixou cair um cartucho e *empurrou-o*, saltando imediatamente mais de três metros. Procurando, deu um giro completo, agitando o casaco de bruma.

O fluxo de pessoas que seguiam em direção ao centro continuava intenso na Alameda Tindwyl — aparentemente, o governador faria um discurso ali perto. É uma multidão perigosa, uma parte dele observou. Havia muitos homens usando casacos surrados e expressões surradas. As questões trabalhistas tornavam-se um problema cada vez maior. Metade da cidade tinha trabalhos mal pagos com jornadas exaustivas. A outra metade simplesmente não tinha emprego. Uma dicotomia

estranha.

Ele continuava a ver homens aparecendo nas esquinas. Agora seguiam todos juntos, num rio de gente. Isso criaria correntezas perigosas, como acontece quando um rio de verdade encontra rochas. Wax aterrissou, o coração batendo forte, como se no ritmo de uma marcha. Desta vez tinha certeza. *Tinha* visto Bronze Sangrento no meio da multidão. Um olhar de relance num rosto familiar, o agente funerário assassino, o último homem que Wax caçara nas Terras Brutas antes de voltar a Elendel.

O homem que causara a morte de Lessie.

— Wax? — Wayne chegou correndo até ele. — Wax, você está bem? Parece alguém que comeu um ovo que encontrou na sarjeta.

— Não é nada — falou Wax.

— Ah, então o olhar que eu vi... era só você contemplando seu casamento iminente com Steris, certo?

Wax suspirou, afastando-se da multidão. *Eu imaginei. Devo ter imaginado.*

— Eu gostaria que deixasse Steris em paz. Ela não é tão má quanto você a retrata.

— É a mesma coisa que você disse sobre aquele cavalo que comprou... Lembra? Aquele que só *me* mordida?

— Roseweather tinha bom gosto. Descobriu alguma coisa?

Wayne assentiu, levando-os para longe do tráfego mais intenso de pessoas.

— A Srta. Corredora de Aço vive aqui perto — contou ele. — Consegui um emprego como contadora de um joalheiro no fim da rua. Não vem trabalhar há uma semana, no entanto. O joalheiro mandou alguém ir ao apartamento dela, mas ninguém atendeu a porta.

— Consegui o endereço? — perguntou Wax.

— É claro que sim — Wayne pareceu ofendido, enfiando as mãos nos bolsos do sobretudo. — Também consegui um relógio de bolso novo. — Mostrou um relógio feito de ouro maciço, com incrustações em opalina na frente.

Wax suspirou. Depois de uma caminhada curta até o joalheiro para devolver o relógio, que Wayne alegava ter imaginado que estava ali para ser trocado por outra coisa, já que estava sobre o balcão sem qualquer outra proteção além de uma pequena caixa de vidro ao redor, seguiram até o Distrito Bournton.

Era uma vizinhança de alto nível, o que também significava menos

personalidade. Não havia roupas estendidas na frente dos prédios nem gente sentada nas escadas. Em vez disso, a rua era repleta de sobrados brancos e edifícios de apartamentos com decorações espigadas de ferro ao redor das janelas superiores. Conferiram o endereço com um dos jornaleiros locais e, depois de um tempo, estavam diante do prédio em questão.

— Algum dia, eu gostaria de viver num lugar chique assim — comentou Wayne, melancólico.

— Wayne, você vive numa mansão.

— Não é chique. É *opulenta*. Tem uma grande diferença.

— Qual?

— Na maior parte, envolve os tipos de copos em que você bebe e o tipo de arte que você pendura na parede. — Wayne parecia ofendido. — Você precisa saber essas coisas agora, Wax, sendo incrivelmente rico e tal.

— Wayne, você praticamente ficou rico também depois da recompensa do caso dos Desaparecidos.

Wayne deu de ombros. Não tocara em sua parte, que fora paga, em grande medida, com o alumínio recuperado de Miles e sua gangue. Wax subiu a escada externa do edifício. O apartamento de Idashwy ficava no último andar, um lugar pequeno na parte de trás, com vista para outros prédios. Wax sacou Vindicação do coldre e bateu na porta, ficando de lado caso alguém atirasse.

Nenhuma resposta.

— Bela porta — disse Wayne, baixinho. — Madeira boa. — Abriu-a com um chute.

Wax levantou a arma e Wayne entrou, esgueirando-se contra a parede para evitar ter sua silhueta iluminada por trás. Encontrou um interruptor alguns instantes depois e acendeu as luzes elétricas da sala.

Wax ergueu a arma até a altura da cabeça, apontando para o teto, e esquadrinhou o aposento. Não tinha muito o que ver. Uma pilha de cobertores dobrados num canto provavelmente servia como cama. Com sua visão de aço, Wax não viu metais em movimento. Tudo estava calmo e em ordem.

Wax espiou o banheiro enquanto Wayne seguia para o único aposento restante do apartamento, uma cozinha. Havia encanamento embutido no banheiro, luzes elétricas. Aquele *era* um lugar chique. A maioria dos terrisanos dizia preferir uma vida simples. O que a levava a pagar por algo assim?

— Ah, inferno — disse Wayne. — Isso não é legal.

Wax foi até lá, arma em punho, olhando antes de entrar na cozinha. Era grande o bastante para uma pessoa deitar. Sabia disso por causa do cadáver ensanguentado caído no chão, com um grande buraco no peito, os olhos encarando o vazio, sem enxergar.

— Parece que vamos precisar de um novo suspeito, Wax — comentou Wayne. — Esta aqui evidentemente se recusa a não estar morta.

O lugar que Marasi encontrou para ouvir o discurso era exatamente como lhe disseram: acomodado num vão estreito entre a multidão e as escadas laterais da mansão. Ao redor dela, membros da imprensa seguravam lápis e blocos de notas, prontos para anotar breves citações do discurso do governador que pudessem render boas manchetes. Marasi era a única policial entre eles, e sua patente de tenente não lhe garantia muita consideração entre os repórteres.

A vista deles era obstruída não só pela posição dos amplos degraus de pedra, mas também pela guarda do governador, uma fila de homens e mulheres de uniformes escuros e chapéus, parados com as mãos atrás das costas ao longo dos degraus. Só dois desenhistas, num canto da aglomeração de repórteres, tinham algo parecido com uma boa vista do palanque em que o governador apareceria, que fora erigido na escadaria.

Marasi não se importava. Não precisava ver Innate para digerir e relatar suas palavras. Além disso, sua posição lhe dava uma visão excelente da multidão reunida, o que lhe parecia mais interessante. Homens sujos de fuligem do trabalho nas fábricas. Mulheres cansadas que, por causa do advento da eletricidade, agora podiam ser forçadas a trabalhar muitas horas a mais, até bem tarde da noite, sob ameaça de demissão. Mesmo assim havia esperança naqueles olhares. Esperança de que o governador tivesse algum encorajamento a oferecer, uma promessa de acabar com a tensão crescente na cidade.

As *regras de Mirabell*, pensou Marasi, assentindo para si mesma. Mirabell fora uma estatística e psicóloga do século III, que estudara por que algumas pessoas trabalhavam mais do que outras. Ela descobriu que era muito mais provável que um homem ou uma mulher fizesse um bom trabalho se tivesse autonomia, se sentisse que era dono do que fazia e visse a importância da sua função. Seus estudos provavam que a criminalidade diminuía quando as pessoas tinham um senso de identidade e pertencimento à sua comunidade.

Esse era o problema, uma vez que a sociedade moderna erodira esses conceitos. A vida parecia mais transitória agora, com as pessoas mudando de trabalho ou de lugar ao longo do tempo — coisas que quase nunca aconteciam há um século. O progresso as impelia. Hoje

em dia, Elendel não precisava tanto de cocheiros quanto de mecânicos de automóveis.

As pessoas tinham que se adaptar. Mover-se. Mudar. Isso era bom, mas também ameaçava sua identidade, sua conexão, seu senso de propósito. A guarda do governador observava a multidão com hostilidade, murmurando sobre malfeitores, como se visse a população como um bando de homens maus à procura de qualquer desculpa para causar tumulto e desordem.

Ao contrário, aquelas pessoas queriam algo estável, algo que as permitisse sustentar suas comunidades ou forjar novas. Raramente os tumultos eram causados por cobiça, mas com frequência eram motivados por frustração e desespero.

Por fim, o governador apareceu, saindo da mansão. Marasi conseguiu vê-lo de relance entre as pernas dos guardas. Innate era um homem alto e bonito, ao contrário de seu irmão, que sempre parecera atarracado para Marasi. Bem barbeado, com o cabelo levemente grisalho e óculos da moda. Innate tinha sido o primeiro governador a posar para o retrato oficial usando óculos.

Ele saberia? Poderia acalmar aquelas pessoas? Era corrupto, mas praticava um tipo silencioso de corrupção — pequenos favores feitos para enriquecer a si ou aos seus amigos. Era bem possível que se preocupasse com o povo da cidade, mesmo enquanto enriquecia. Ele se aproximou do palanque, onde uma mulher diminuta, com um vestido verde, ia de um lado para outro, ajustando aparelhos que pareciam grandes cones com as aberturas voltadas para a multidão. Marasi achou que reconhecia a jovem mulher, que era um pouco mais que uma garota, com cabelo loiro comprido e rosto magro. Onde Marasi a tinha visto?

Pensou por um instante e então se aproximou um pouco de um dos repórteres para ler suas anotações por sobre o ombro. *“Dia agradável”... blá-blá-blá... “ar de suspense e violência”, seja lá o que isso queira dizer... Ali estava! “Com a meticulosa assistência da srta. Sophi Tarcsel, a filha do inventor.”*

Sophi Tarcsel. Ela andava fazendo um alvoroço, escrevendo artigos nos jornais sobre o pai, que supostamente fora um grande inventor, embora Marasi nunca tivesse ouvido o nome dele.

— Povo de Elendel — começou o governador Innate, e Marasi ficou surpresa com o modo como sua voz ecoou pela praça, alta e clara. Tinha algo a ver com aqueles aparelhos, aparentemente. — Os jornais querem que acreditem que estamos à beira de uma crise, mas asseguro que esses problemas não existem. Meu irmão não era o criminoso que estão afirmando que era.

Ah, *Innate*, pensou Marasi, suspirando enquanto escrevia. *Não é por isso que estão aqui.* Ninguém viera para ouvir mais coisas sobre Winsting. E quanto aos problemas reais da cidade?

— Não aceitarei essa difamação do caráter do meu querido irmão — prosseguiu *Innate*. — Ele era um bom homem, um homem de estado e um filantropo. Vocês podem ter esquecido o projeto de embelezamento do centro da cidade que ele liderou há apenas três anos, mas eu não...

E o governador prosseguiu nessa linha. Marasi continuou fazendo anotações para o capitão Aradel, mas meneava a cabeça. O objetivo de *Innate* era compreensível. Queria preservar a reputação da família aos olhos de investidores e nobres importantes e talvez diminuir um pouco a raiva do povo. Não funcionaria. Na verdade, as pessoas *não* se importavam com Winsting. Era a corrupção mais profunda e a sensação de impotência que destruíam a cidade.

Enquanto o discurso prosseguia, cheio de explicações sobre como Winsting tinha sido um bom homem, Marasi esgueirou-se mais para o canto, na tentativa de conseguir ver melhor. Como *Innate* respondia à multidão? Era carismático, dava para perceber só pelo jeito como ele falava. Talvez conseguisse algum efeito positivo apenas com sua oratória, ainda que faltasse substância ao discurso.

— Ordenarei uma investigação completa da polícia — continuou *Innate*. — Não estou convencido de que meu irmão foi morto como dizem. Minhas fontes afirmam que isso tudo pode ter sido resultado de uma operação malsucedida, que usou meu irmão como isca para capturar criminosos. Se isso for verdade, se colocaram meu irmão numa situação perigosa e agora estão tentando acobertar isso, os responsáveis vão responder por seus atos.

Marasi chegou mais para o lado, mas seu campo de visão era obstruído por um dos guardas, que estava na sua frente. Irritada, Marasi tentou outra posição, e mais uma vez o guarda se moveu. Pareceria de propósito, se ele não estivesse de costas para ela.

— Quanto às inundações no leste, estamos enviando ajuda. Seus amigos e parentes lá serão auxiliados. Estamos ao lado deles diante desse desastre.

Isso não é bom, observou ela. *As pessoas não querem ouvir sobre ajuda para gente fora da cidade, não importa quão necessária seja, não quando as coisas estão cada vez piores aqui...* Marasi se moveu mais uma vez. Aradel queria que ela julgasse a reação do público, mas precisava ver melhor.

Sua inquietação provocou a cólera de um dos repórteres, mas ela por fim conseguiu ver *Innate* em seu palanque. Ele passou a fazer um

longo discurso contra a imprensa. Talvez por isso o repórter estivesse tão rabugento. Ela certamente ficaria...

Marasi franziu a testa. O guarda que estivera se mexendo e atrapalhando sua visão se virou, e ela pôde ver uma expressão *muito* estranha em seu rosto, como uma careta de dor. E ele estava sussurrando, ou pelo menos sua boca estava se movendo. Ninguém mais parecia notá-lo, já que estavam concentrados no discurso.

Então, Marasi foi a primeira a gritar quando o guarda puxou um revólver guardado sob o casaco e o apontou para o governador.

Wayne perambulava pelo quarto da mulher morta. Era muito limpo. Um lugar onde uma pessoa vivia devia ter uma quantidade saudável de bagunça. A Srta. Corredora do Aço não passava muito tempo ali.

No outro aposento, Wax inspecionava o corpo. Wayne o deixara com essa tarefa; não tinha interesse em cutucar interiores de cadáveres, embora Wax afirmasse que era importante. Em vez disso, Wayne procurava amostras mais interessantes de vida. Sua primeira descoberta foi um pequeno esconderijo de bebidas no armário sob a pia do banheiro. Várias formas de álcool, todas bem fortes, cada garrafa parcialmente consumida. Todas exceto uma, que estava vazia. Wayne cheirou a garrafa. Vinho licoroso.

Não é de surpreender, pensou ele. Pegou um uísque e tomou um bom gole. Bah. Muito forte e quase morno. Deu outro gole enquanto seguia para a sala. Aquelas vizinhanças chiques eram muito silenciosas. As pessoas deviam estar gritando lá fora. Isso era o *certo* na cidade. Ele deu uma olhada no baú ao lado dos cobertores que ela usava como cama e descobriu que continha três mudas de roupa, todas limpas e cuidadosamente dobradas. A túnica terrisana estava no fundo. Estava vincada nas dobras; não devia ser usada com frequência. As outras duas mudas eram modelos modernos, a de cima mais ousada do que a de baixo.

Tomou outro gole de uísque e voltou para a cozinha. Wax tirara o chapéu e o casaco e se ajoelhara ao lado do corpo.

— Vejo que encontrou a bebida — comentou Wax. — Que surpresa.

Wayne sorriu e ofereceu a garrafa a Wax, que tomou um gole pequeno.

— Argh — reclamou, devolvendo. — Este assassinato é perturbador, Wayne.

— Tenho certeza de que ela também achou.

— Muitas perguntas. Por que ela deixou a Vila e por que escolheu viver aqui? Isso não parece muito terrisano.

— Ah, posso dizer por que ela estava aqui — disse Wayne.

— Pode?

— Imagine-se uma terrisana protegida na casa dos quarenta anos — falou Wayne. — Velha o bastante para ter perdido a chance de uma juventude louca e começando a desejar ter feito algo mais ousado.

— Os terrisanos não desejam fazer loucuras — comentou Wax, fazendo anotações num caderninho enquanto inspecionava o ferimento da mulher. — Não são ousados. São um povo reservado.

— Não somos terrisanos?

— Somos exceções.

— Todo mundo é uma exceção para alguma coisa, Wax. Essa garota deixou a Vila e encontrou um mundo inteiro aqui fora. Devia ter um lado aventureiro.

Uísque.

— Ela tinha — admitiu Wax. — Eu não a conhecia bem, mas ela costumava escapar da Vila quando jovem. Foi há muito tempo.

— E escapou de novo — continuou Wayne —, pois a Vila é tão entediante que embota os sentidos até de um escriba. Diabos, até *Steris* odiaria aquele lugar.

— Wayne...

— Nossa senhorita — falou Wayne, acenando com a garrafa na direção da falecida — tentou permanecer conservadora no início e conseguiu um emprego de escriturária, um bom emprego terrisano. Convenceu-se de que um belo apartamento, onde supostamente estaria a salvo dos horrores dos bairros mais simples, valia a despesa. Coisa simples. Mas, então, alguns funcionários da joalheria a convidaram para sair, e ela começou a beber. E gostou. Despertou lembranças de quando bebia escondida na juventude. Ela quis mais, então comprou diferentes tipos de bebidas fortes para experimentar. Gostava mais do vinho licoroso, a propósito.

— Faz sentido — concordou Wax.

— Depois, ela começou a usar roupas cada vez mais liberais, mostrando mais pele, passando mais noites fora de casa. Se tivesse mais alguns meses, teria se transformado numa garota perfeita com quem se divertir.

Uísque.

— Ela não teve mais alguns meses — disse Wax, baixinho. Pegou algo no bolso e entregou para Wayne. Um livro de bolso, encadernado em couro. — Dê uma olhada nisso.

Wayne pegou, folheando algumas páginas.

— O que é?

— O livro que a Morte me deu.

O grito de Marasi se perdeu em meio ao clamor geral quando o governador terminou seu discurso. Houve aplausos educados da nobreza e gritos e xingamentos da maioria dos trabalhadores. O barulho engoliu o grito dela como um único respingo numa onda que se quebra.

Ela revirou a bolsa de mão enquanto o guarda apontava a arma para o governador. Não. Não havia tempo para pegar sua arma. Ela tinha que fazer outra coisa.

Ela saltou na direção do homem e diminuiu a velocidade do tempo.

Tinha metal em seu interior desta vez — assegurara-se disso depois de ter se envergonhado durante a manhã. Sua Alomancia criou uma bolha em que o tempo passava de modo muito lento, envolvendo-a juntamente com o pretenso assassino e alguns espectadores.

Ela agarrou o homem pelas pernas, mas sua bolha de velocidade fez o verdadeiro trabalho, prendendo-o lá dentro enquanto todo mundo do lado de fora se tornava um borrão. O homem apertou o gatilho e o disparo da arma soou entre a estranha mistura de sons distorcidos do exterior que Marasi ouvia de dentro da bolha. Um dos outros guardas, também dentro da bolha, gritou, dando o alarme.

A bala disparada atingiu o perímetro da bolha de velocidade e foi desviada. Seguiu por cima do borrão que era a multidão, a figura do governador desaparecendo enquanto, Marasi presumia, ele se apressava para sair do palanque. A investida de Marasi não tinha sido suficiente para derrubar o pretenso assassino, então ela ficou deitada ali, no meio da escada, segurando-o pelas pernas e sentindo-se uma tola, até que um dos outros guardas o atingiu com força, derrubando-o.

Ela desfez a bolha de velocidade e saltou para trás, e o barulho súbito da multidão caiu sobre ela. O homem capturado lutava, gritando, enquanto os outros guardas pulavam em cima dele.

* * *

— Então, basicamente, com essa Hemalurgia... — disse Wax — dá para *transformar* uma pessoa num Nascido do Metal.

Wayne fungava enquanto folheava as páginas do livro, e suas bochechas sofriam algum tipo de erupção cutânea. *Está armazenando saúde*, pensou Wax. Wayne quase sempre tinha estranhas erupções cutâneas quando fazia isso. Estavam sentados na sala do apartamento

de Idashwy, longe do cadáver, que tinham coberto com um lençol. Fizeram uma breve pausa na inspeção para mandar o jornaleiro atrás da polícia local.

Wax rangeu os dentes. O ferimento de Idashwy... era exatamente como um daqueles descritos no livro. Alguém matara aquela mulher com uma estaca enfiada no peito, roubando seu talento feruquêmico. O livro descrevia o processo como “arrancar um pedaço da alma de alguém”. Usando a estaca, alguém podia efetivamente *anexar* esse pedaço da alma de outra pessoa à sua própria, ficando com os poderes do falecido.

Nos velhos tempos, os Inquisidores atravessavam uma estaca pelo corpo de alguém que seria morto até o corpo da pessoa que ganharia os poderes. Isso prevenia que algum poder fosse perdido. Aparentemente, revestir a estaca recém-feita em sangue garantia um efeito similar.

Ele sabia, pensou Wax. *O Olhos de Ferro sabia que algo assim aconteceria.* O livro fora escrito por Lorde Nascido da Bruma havia muito tempo para deixar algum registro da arte conhecida como Hemalurgia. O livro de Lestibournes dizia que ele considerava um crime que as “Palavras de Fundação”, registros do próprio Harmonia, omissem referências à arte negra.

— Então, nosso assassino conhece essas coisas de Hemalurgia? — perguntou Wayne.

— Sim — confirmou Wax. — O assassino usou uma estaca para roubar o talento feruquêmico de Idashwy e depois usou essa habilidade para matar Lorde Winsting e seus convidados. Temos que presumir que nosso assassino tem inúmeros outros poderes em seu repertório: qualquer combinação de habilidades alomânticas ou feruquêmicas. Ou todas elas.

Wayne assobiou baixinho.

— Descobriu mais alguma coisa em sua busca no quarto? — quis saber Wax.

— Não muito.

— Entendo o motivo desse assassinato — disse Wax, olhando novamente para a cozinha. — Mas ainda não tenho um motivo para o assassinato de Winsting. Ou... bem, posso imaginar *várias* possibilidades. Mas não tenho o motivo certo.

— O que você encontrou nos bolsos do cadáver?

Wax hesitou.

— Você não mexeu nos bolsos? — perguntou Wayne, consternado.
— Wax, você é um *péssimo* ladrão de túmulos!

— Eu me distraí com a maneira como ela foi morta— disse Wax, levantando-se. — Eu teria chegado a isso.

Dizer que estava distraído não fazia justiça às emoções dele, ao profundo choque, ao atordoamento. Durante meses, o livro tinha sido apenas um objeto de estudo, mas agora seu conteúdo deixava abruptamente de ser meras palavras numa página e se tornava motivo para assassinatos.

Isso é grande demais para nós, pensou Wax, voltando à cozinha. Estamos nos metendo no reino dos deuses. Harmonia, Olhos de Ferro, Lorde Nascido da Bruma...

Wayne tirou o lençol, expondo o buraco no peito da mulher, bem no esterno. Quem saberia fazer algo assim? Quem Harmonia *permitiria* que soubesse fazer algo assim?

— Aqui — falou Wayne, enfiando a mão nos bolsos da camisa da mulher. Tirou um pedaço de papel dobrado. Desdobrou-o e grunhiu. — Ah, é para você.

O estômago de Wax revirou. Wayne virou lentamente o papel. Era uma folha arrancada de um livro-caixa, cheia de números e somas. Rabiscada em cima, com uma caligrafia diferente, havia uma única frase, uma frase familiar. As mesmas palavras que Bronze Sangrento dissera antes de mover Leslie e colocá-la no caminho da bala de Wax, fazendo-o matar a mulher que amava.

Alguém nos move, homem da lei.



— Olhe, Wax — disse Wayne, quando os dois entraram na Mansão L Adrian —, eu vi o corpo do Bronze. Você o acertou bem na cabeça. O sujeito estava mais morto do que um leão empalhado num chalé de caça. Não foi ele.

— E se, secretamente, ele fosse um Nascido do Metal? — perguntou Wax. — Miles teria sobrevivido a um tiro na cabeça.

— Não funciona assim, meu chapa — respondeu Wayne, fechando a porta e jogando o casaco para Darriance. Acertou o mordomo no rosto. — Se você é um Criassangue, tem que curar um ferimento na cabeça *assim* que acontece. Quando o sujeito está morto, nenhum poder, alomântico ou feruquêmico, vai trazê-lo de volta.

— Eu o vi, Wayne. Duas vezes. — *A primeira enquanto perseguia o Atirador e a outra hoje, um pouco mais cedo.*

— Mestre — disse Darriance, dobrando o casaco de Wayne —, um equipamento novo chegou para o senhor, da srta. Ranette. Ela perguntou se estaria disposto a testá-lo.

— Ah, Ruína! — exclamou Wayne. — Eu não estava aqui quando ela veio? O que ela deixou para mim?

— Ela... me pediu que lhe desse uma tapa — admitiu Darriance.

— Ah. Ela se importa. Veja, Wax, ela se importa!

Wax assentiu, ausente, enquanto Wayne tentava obrigar Darriance a lhe dar uma tapa no traseiro, o que duvidava que fosse o que Ranette queria dizer.

— Senhor — falou Darriance, dando as costas para o traseiro de Wayne. — Além do pacote, Lady Harms espera por você na sala de estar.

Wax hesitou, impaciente para subir as escadas. Precisava de tempo

para pensar — de preferência, usando seu brinco — e para abrir o pacote de Ranette. Sempre eram muito interessantes.

Mas não podia simplesmente ignorar Steris.

— Obrigado, Darriance — respondeu Wax. — Mande um bilhete para minha avó na Vila, dizendo que encontramos a terrisana perdida, mas alguém a alcançou primeiro e, infelizmente, a matou antes que chegássemos. Diga que os policiais explicarão o resto e podem ter perguntas para ela.

— Muito bem, milorde.

Wax foi até a sala de estar. Steris se levantou para cumprimentá-lo, e Wax beijou sua mão.

— Não tenho muito tempo, Steris.

— Então você já está metido nessa investigação — comentou ela, olhando-o de cima a baixo. — Suponho que possa ser útil. Pegar o assassino do irmão do governador será politicamente favorável.

— A menos que eu traga alguns cadáveres à luz do dia.

— Bem, talvez possamos nos preparar para isso — disse ela. — Sobre a festa de Lady ZoBell. Ainda pretende ir comigo?

Ferrugem! Tinha se esquecido disso.

— Nosso convite sumiu... Suponho que seja culpa de Wayne, mas não importa. Você é o lorde de uma Grande Casa. Não vão nos mandar embora.

— Steris, não sei se tenho tempo...

— O governador estará presente — contou Steris. — Você pode conversar com ele sobre o irmão.

Mais conversas sem sentido, pensou Wax. *Mais danças e jogos políticos*. Precisava trabalhar, caçar.

Bronze Sangrento. Seu olho estremeceu.

— Houve um boato de que o governador não iria à festa, considerando o que aconteceu hoje — comentou Steris. — Mas me deram certeza de que ele *irá*. Ele não quer que pareça que tem algo a esconder nesses tempos difíceis.

Wax franziu a testa.

— Espere. O que aconteceu hoje?

— Tentaram assassinar o governador — contou Steris. — Você realmente não sabia?

— Estive ocupado. Ferrugem! Alguém tentou matá-lo? Quem?

— Algum homem louco — Steris. — Alguém fora de si. Disseram que foi capturado.

— Preciso falar com o suspeito — falou Wax, caminhando até a porta. — Pode ter alguma conexão com os outros assassinatos.

— Não foi uma ameaça crível — comentou Steris. — Segundo todos os relatos, a mira do homem era terrível. Não chegou nem perto de atingir a vítima. Waxillium?

— Wayne! — exclamou Wax, abrindo a porta. — Temos que...

— Já estou sabendo — completou Wayne, segurando um jornal. Era a edição noturna de um jornal que Wax assinava. A manchete principal dizia: “Ataque ousado contra o governador à luz do dia!”

Wayne jogou o chapéu para Wax e estalou os dedos para o mordomo, que estava prestes a pendurar o sobretudo de Wayne no armário. Darriance suspirou, pegando o casaco novamente e levando-o até Wayne.

— Tentarei ir na festa — disse Wax para Steris, colocando o chapéu. — Se eu não voltar, sinta-se livre para ir sem mim.

Steris cruzou os braços.

— Devo levar o mordomo então?

— Se quiser.

— Tenha cuidado com isso, Steris — acrescentou Wayne. — Os mordo-mos de Wax têm uma tendência a explodir.

Wax lhe dirigiu um olhar de repreensão, e os dois homens saíram pela porta em direção à carruagem.

— Ainda precisa de um tempo em particular para essa sua coisa de pensar? — perguntou Wayne.

— Sim.

— Eu mesmo nunca mexo nesse tipo de coisa — disse Wayne. — Dá dor de cabeça. Ei, Hoid, posso ir com você aí em cima?

O novo cocheiro deu de ombros, abrindo espaço para Wayne no alto da carruagem. Wayne subiu, e Wax entrou no veículo. Não era o ideal, mas tinha que servir. Abaixou as cortinas das janelas e se acomodou no assento enquanto a carruagem começava a avançar.

Pegou o brinco no bolso, o brinco do Caminho. O dele era especial. Tinha sido entregue em mãos, sob circunstâncias misteriosas. Ultimamente, no entanto, Wax evitava usá-lo, já que o livro deixava claro o que aquilo devia ser. Há muito tempo, uma pequena estaca de metal como aquela permitia que as pessoas se comunicassem com Ruína e Preservação, deuses do mundo antigo. Era Hemalurgia.

Seu brinco teria sido feito com a morte de alguém?

Com hesitação, ele o colocou.

Infelizmente, seus temores sobre o brinco estão corretos, disse uma voz

em sua mente. *É uma pequena estaca hemalúrgica.*

Wax deu um pulo, abrindo a porta da carruagem com Alomancia e preparando sua fuga enquanto sacava Vindicação. Ferrugem! Ouvira aquela voz como se alguém estivesse sentado ao seu lado.

Acho que disparar essa arma não terá o efeito que deseja, falou a voz. *Mesmo se pudesse me ver, atirar em mim simplesmente estragaria os bancos da sua carruagem, custando precisamente oitenta e quatro boxes em consertos, o que a srta. Grimes descobriria ao levar a carruagem para o conserto na semana que vem. E você ainda ficaria com um painel de madeira novo, que nunca combinaria com os demais.*

Wax inspirou e expirou.

— Harmonia.

Sim?, respondeu a voz.

— Você está aqui, na minha carruagem.

Tecnicamente, estou em todos os lugares.

Wax tremia; sua boca estava seca. Obrigou-se a fechar a porta e sentar-se novamente.

Diga-me, falou a voz em sua mente, *o que achava que aconteceria quando colocasse o brinco, se não isso?*

— Eu... — Wax guardou Vindicação no coldre. — Eu não estava esperando uma resposta tão... imediata. E meus reflexos tendem a responder de um jeito nervoso ultimamente, hum, Vossa Deidade.

Pode me chamar de Harmonia ou Senhor, se preferir. A voz parecia divertida. *Agora, sobre o que quer falar?*

— O Senhor sabe.

Melhor ouvir do que dizer.

— Melhor para o Senhor — perguntou Wax — ou para mim?

Para ambos.

— Estou louco? — questionou Wax.

Se estiver, falar com um produto do seu delírio certamente não diagnosticará esse fato.

— O Senhor não está ajudando muito.

Então faça perguntas melhores, Waxillium.

Wax se inclinou para a frente.

— Eu... — Ele apertou as mãos. — O Senhor é real.

Você ouviu minha voz; seguiu meu Caminho.

— Algumas palavras sussurradas quando eu estava num momento de grande estresse, quando estava gravemente ferido — falou Wax. —

Palavras das quais duvidei desde então. Isso é diferente. Isso é... mais real.

Você precisa ouvir, então, não é?, disse a voz. Soava tão clara e comum quanto se alguém normal, alguém visível, estivesse sentado ali, conversando com ele. *Muito bem. Sou Harmonia, o Herói das Eras, uma vez chamado Sazed. E, no fim de um mundo, tomei para mim os poderes de proteção e destruição e, ao fazer isso, me tornei o guardião do mundo vindouro. Estou aqui, Waxillium, para dizer a você que não está louco.*

— Bronze Sangrento está vivo.

Não exatamente.

Wax franziu a testa.

Há... seres neste mundo que não são nem humanos, nem koloss. São algo relacionado a ambos. Vocês os chamam de Imortais sem Rosto.

— Kandra — falou Wax. — Como TenSoon, o Guardião. Ou a pessoa que me deu este brinco.

Eles podem pegar os cadáveres e usar seus ossos para imitar uma pessoa que já morreu. Eles vestem os corpos como você veste uma roupa, mudando conforme desejam. Foram criados pelo Senhor Soberano usando Hemalurgia.

— Seus livros sagrados dão poucos detalhes sobre eles — comentou Wax. — Mas todo mundo sabe que os Imortais sem Rosto são seus servos. Não são assassinos.

Todo ser tem escolhas, disse Harmonia. *Até os koloss têm o poder de escolher. Este... o ser que usa o corpo de Bronze Sangrento... não fez escolhas muito boas.*

— Quem é ele?

Ela é um membro da Terceira Geração, e você deveria saber que não deve presumir que alguém perigoso sempre será um homem. Paalm era como a chamávamos, mas ela escolheu o nome de Sangradora para si mesma. Waxillium, a Sangradora é antiga, mais velha do que a destruição do mundo, quase tão velha quanto o Império Final. De fato, ela é até mais velha do que eu, embora não tão antiga quanto meus poderes. É habilidosa, cuidadosa e brilhante. Temo que tenha ficado louca.

A carruagem dobrou uma esquina.

— Uma de suas servas mais antigas ficou louca e está matando pessoas — disse Wax, tentando entender.

Sim.

— Então faça-a parar!

Não é tão simples.

— Livre-arbítrio? — perguntou Wax, irritado.

Não, não neste caso. Posso controlar diretamente um ser que se imbuíu de tanta Hemalurgia. Neste caso, eu poderia agir, pois a Sangradora desobedeceu ao seu Contrato comigo e se tornou suscetível à minha intervenção. Infelizmente, alguma coisa está errada.

— O quê? — perguntou Wax.

Deus ficou em silêncio por um instante.

Ainda não sei.

Wax sentiu-se gelar.

— Isso é possível?

Parece que sim. De algum modo, a Sangradora descobriu como se esconder de mim. De vez em quando, consigo localizá-la, mas só quando ela age de forma direta e óbvia. Infelizmente, ela removeu uma de suas Bênçãos, uma das duas estacas que um kandra deve manter dentro de si para reter sua cognição. Eu a controlaria à força se pudesse, mas uma estaca não entra na alma o suficiente para que eu possa assumi-la.

— Cognição — comentou Wax. — São necessárias duas estacas para um kandra ser capaz de pensar. Mas ela está andando por aí com uma só. O que significa...?

Insanidade, disse Harmonia, com a voz mais suave. Só que algo mais está errado. Ela pode se esconder de mim e, embora eu possa falar com ela, não tem que me escutar... e não posso descobrir onde ela está.

— O Senhor não disse que está em toda a parte?

Minha essência está, explicou Harmonia. Mas essa coisa que sou... é mais complexa do que você pode imaginar.

— Ser Deus é mais complexo do que um mortal pode compreender? — perguntou Wax. — Que surpresa.

Harmonia deu uma risadinha.

Espere, pensou Wax. Acabei de ser sarcástico com o próprio Deus?

Sim, respondeu Harmonia. Está tudo bem. Poucos agem desse jeito diante de mim, mesmo entre os kandra. Eu gosto. Como nos velhos tempos. Desde Kelsier... Bem, não tenho tido muito disso.

— O Senhor pode ouvir meus pensamentos? — perguntou Wax.

Quando você está com o brinco, sim. Ganho a capacidade de ouvi-lo, de Preservação, e a capacidade de falar com você, de Ruína. Cada uma tinha só uma metade. Eu sempre achei isso intrigante.

Mesmo assim, sei que você andou lendo o livro do jovem Lestibournes. Não me agrada que ele tenha escrito aquilo, mas não pude proibi-lo. Prefiro acreditar que Marsh agiu bem ao dá-lo para você. A Sangradora pode usar a Hemalurgia, mas de um jeito que não deveria ser capaz de fazer. Uma kandra não tem poderes alomânticos ou feruquêmicos. Ela

aprendeu a tomá-los e a usá-los para manter sua forma kandra.

Felizmente, ela é limitada. Só pode usar uma estaca por vez; caso contrário, vai se abrir ao meu controle. Se ela troca as estacas, precisa fazer isso arrancando uma e caindo sobre a outra, digerindo-a e retornando à consciência.

Não sei o que ela pretende fazer nessa cidade, mas estou alarmado. Ela passou séculos estudando o comportamento humano. Está planejando alguma coisa.

— Terei que impedi-la, então.

Eu enviarei ajuda para você.

— Considerando a fonte, presumo que será espetacular.

Harmonia suspirou com suavidade. Em sua mente, Wax teve uma súbita visão de um ser parado, com as mãos nas costas, contemplando a escuridão da eternidade diante de Si. Alto, vestido com uma túnica, de costas para Wax, era quase visível e distinguível e, ao mesmo tempo, completamente irreconhecível.

Waxillium, disse Harmonia, tentei explicar isso para você, mas acho que não me saí bem. Minhas mãos estão atadas, e minhas ações são limitadas.

— Quem pode atar as mãos de Deus?

Eu mesmo as atei.

Wax franziu a testa.

Contenho ao mesmo tempo Ruína e Preservação, explicou Harmonia. O perigo em carregar esses poderes opostos é que posso ver os dois lados: a necessidade de vida e a necessidade de morte. Sou o equilíbrio. E, como extensão, sou a neutralidade.

— Mas a Sangradora costumava ser uma das suas, e agora está agindo contra o Senhor.

Ela costumava ser de Preservação. Passou a ser de Ruína. Ambos são necessários.

— Assassinos são necessários — disse Wax sem expressão.

Sim. Não. O potencial para assassinos é necessário. Waxillium, eu, a personalidade com quem você fala, concorda com sua indignação. Mas os poderes que sou, a essência do meu ser, não me permite tomar partidos.

Já temo ter feito as coisas muito fáceis para os homens. Esta cidade, o clima perfeito, os solos que se renovam... Vocês já deveriam ter inventado o rádio há um século, mas não precisavam disso, então não lutaram por isso. Vocês ignoram a aviação e não conseguem domar a natureza porque não se preocupam em estudar irrigação e fertilização.

— Rádio? O que é isso?

Vocês não exploram, prosseguiu Harmonia, ignorando a confusão de Wax. Por que explorariam? Têm tudo o que querem aqui. Progrediram pouco tecnologicamente além do que eu lhes dei nos livros. Outros, no entanto, que foram quase destruídos...

Vejo agora que cometi um erro com vocês. Ainda cometo muitos. Isso acaba com sua fé, Waxillium? Você se preocupa com o fato de que seu Deus pode falhar?

— O Senhor nunca afirmou ser infalível, até onde eu me lembro.

Não. Não afirmei.

Wax sentiu um calor, um fogo, como se o interior da carruagem estivesse alcançando temperaturas incríveis.

Detesto o sofrimento, Waxillium. Odeio que pessoas como a Sangradora tenham permissão para fazer o que fazem. Não posso impedi-las. Você pode. Imploro que faça isso.

— Eu tentarei.

Ótimo. Ah, e Waxillium?

— Sim, Senhor?

Seja menos duro com Marasi Colms. Você não é meu único agente para tratar dos assuntos da humanidade; trabalhei duro para conseguir colocar Marasi numa posição em que ela pudesse fazer o bem para essa cidade. É frustrante que você continue a desprezá-la porque a admiração dela por você o deixa desconfortável.

Wax engoliu em seco.

— Sim, Senhor.

Eu enviarei ajuda.

A voz desapareceu. A temperatura retornou ao normal. Wax recostou-se no assento, suando, sentindo-se esgotado.

Ouviu umas batidinhas na janela. Hesitante, abriu a cortina. O rosto de Wayne apareceu, de cabeça para baixo, segurando o chapéu na cabeça.

— Parou de falar sozinho, Wax?

— Eu... sim, parei.

— Também ouvi vozes uma vez, sabia?

— Ouviu?

— Claro. Fiquei apavorado. Bati a cabeça na parede até ficar inconsciente. Nunca mais as ouvi de novo! Rá! Mostrei para elas, mostrei, sim. Se os ratos aparecem, o melhor a fazer é queimar o ninho e mandá-los embora.

— E o ninho... era sua cabeça.

— Sim.

O triste era que provavelmente Wayne não estava mentindo. Não poder ser morto, desde que tivesse algum poder de cura armazenado, podia fazer coisas estranhas ao senso de autopreservação de uma pessoa. É claro que Wayne provavelmente estava bêbado quando aquilo aconteceu. Isso *também* tendia a ter efeitos estranhos no senso de autopreservação de uma pessoa.

— Bem, de todo modo, estamos quase na delegacia — disse Wayne. — Hora de voltar ao papel de tiras sujos. Pelo menos devem ter bolinhos lá dentro.

Marasi estava na delegacia, com os braços cruzados, em parte para esconder o fato de que suas mãos ainda estavam trêmulas. Aquilo era injusto. Já participara de vários tiroteios. Deveria estar acostumada... mesmo assim, depois que passava o momento, com toda a emoção e a ação, ela se pegava sentindo-se esgotada. Certamente, cedo ou tarde, isso passaria.

— Ele estava usando isso, senhor — falou Reddi, colocando um par de braceletes em cima da mesa com um baque. — Nenhum outro metal em seu corpo além da arma e um punhado de munição. Chamamos a Sugadora da delegacia do Primeiro Oitante para checar se ele engoliu algum metal, mas não podemos ter certeza até que ela chegue.

Aradel pegou um dos braceletes, girando-o nas mãos. A sala escura era um tipo de balcão, com vista para a sala de interrogatório abaixo, onde o assassino que Marasi impedira estava sentado numa cadeira. O nome dele era Rian; não tinha casa, embora tivessem localizado sua família. Estava amarrado com cordas numa pedra grande atrás da cadeira. Não havia metal na sala, para deixá-la à prova de Lançamoedas ou Atraidores. Piso de pedra, paredes feitas de madeiras grossas unidas com estacas de madeira. Quase primitiva na aparência. O balcão tinha paredes de vidro que deixavam as pessoas ali verem o interrogatório sem serem ouvidas.

— Então ele é um Nascido do Metal — disse a tenente Caberel, a única outra pessoa na sala. A mulher robusta pegou o outro bracelete. — Por que não usou suas habilidades na tentativa de assassinato? Se ele matou Winsting usando velocidade feruquêmica, como o velho Waxillium Tiro da Alvorada diz, ele podia ter feito o mesmo hoje.

— Talvez ele não tenha matado Winsting — comentou Aradel. — Os ataques podem não estar relacionados.

— Ele se encaixa no perfil, senhor — falou Reddi. — Os guardacostas de Winsting provavelmente teriam confiado num membro da guarda pessoal do governador. Ele poderia ter passado por eles e

cometido o crime.

— É difícil imaginar que os guardas de Winsting teriam deixado mesmo alguém como ele sozinho com seu protegido, capitão — ponderou Aradel. — Depois de um tiroteio onde outros tinham sido mortos? Estariam tensos. Suspeitando de todos.

Lá embaixo, o suspeito começou a balançar o corpo para a frente e para trás em seu assento. Os respiradouros que lhes permitiriam escutar o que acontecia ali estavam fechados, mas Marasi teve a impressão de que ele estava murmurando alguma coisa para si.

— Então, vamos perguntar para ele — falou Caberel.

— De novo? — questionou Reddi. — Você já o ouviu antes. Tudo o que ele faz é murmurar.

— Então vamos encorajá-lo — sugeriu Caberel. — Você é muito bom nisso, Reddi.

— Suponho que ele ficaria bem com alguns novos hematomas no rosto — comentou Reddi.

— Você sabe que não pode fazer isso — disse Marasi, perto da janela.

Reddi olhou para ela.

— Não cite estatísticas para mim, Colms. Sei que posso fazer um homem falar a verdade, não importa o que você afirme.

— Não são estatísticas desta vez — explicou Marasi. — Se torturar aquele homem, você o invalidará para a acusação. Os advogados dele certamente vão conseguir livrá-lo.

Reddi fez cara feia.

— Então vamos trazer a filha dele — sugeriu Caberel, olhando a ficha que tinham sobre o homem. — Vamos ameaçá-la diante dele, mas não faremos nada para feri-la. Ele falará.

Marasi esfregou a testa.

— Isso é *especificamente* ilegal, Caberel. Vocês não sabem nada sobre o Artigo 89? Ele tem direitos.

— Ele é um criminoso — falou Reddi.

— Ele é suspeito de um crime — suspirou Marasi. — Não podem continuar agindo como se estivessem no passado, Reddi. Novas leis estão em vigor. Estão ficando cada vez mais rigorosas, e os advogados de defesa são cada vez mais espertos.

— Os advogados se venderam para o outro lado — disse Caberel, com um aceno de cabeça. — Ela está certa.

Marasi ficou em silêncio sobre esse assunto. Era claro que não era uma questão de se vender, mas ela se contentaria se os policiais

aprendessem a seguir as regras, independentemente do raciocínio.

— Acho que é uma infelicidade que alguns entre nós pareçam estar mais do lado dos advogados do que do lado da justiça — falou Reddi. — Ela sabe mais sobre o jeito de agir deles do que sobre o nosso.

— Talvez sim — disse Aradel, em voz baixa e severa. — E alguém poderia pensar que foi exatamente por isso que eu a trouxe para nosso lado, capitão Reddi. Colms conhece os códigos legais contemporâneos. Se prestasse mais atenção às mesmas leis que jurou defender, talvez Daughnin não tivesse voltado às ruas no mês passado.

Reddi enrubesceu, abaixando a cabeça. Aradel caminhou até o lado de Marasi, olhando para o preso.

— Você é boa em interrogar testemunhas hostis, tenente?

— Tenho menos prática do que gostaria — respondeu ela, com uma careta. — Estou disposta a tentar, mas poderíamos esperar mais alguns minutos.

— Por quê?

Ao longe, uma porta bateu.

— Por isso — respondeu Marasi.

No momento seguinte, a porta da sala de observação se abriu, *empurrada* por Waxillium, que se aproximava. O homem não podia se dar ao trabalho de levantar a mão de vez em quando? Ele entrou, seguido por Wayne, que, por algum motivo, usava o chapéu do policial Terri.

Waxillium deu uma olhada no preso. Estreitou os olhos e viu os braceletes na mesa ali perto. Um deles saltou e caiu da mesa, *empurrado* por sua habilidade alomântica invisível.

Ele grunhiu.

— Não são mentes de metal — disse ele. — Este homem é uma isca. Vocês foram enganados. — Deu meia-volta, como se fosse embora. Wayne se acomodou numa das cadeiras, colocou os pés ao lado dos braceletes e imediatamente começou a roncar.

— Espere, é só isso? — perguntou Reddi, olhando para Waxillium. — Você nem mesmo vai interrogá-lo?

— Eu falarei com ele — disse Waxillium. — Ele pode nos dar pistas que nos ajudem a encontrar o assassino de Winsting. Mas não foi esse homem.

— Como pode ter tanta certeza, Waxillium? — perguntou Marasi.

— É necessário mais esforço para *empurrar* uma mente de metal de verdade — comentou Waxillium, apontando. — E este homem é óbvio demais. Quem quer que tenha feito isso previu nossa conjectura de

que um dos guardas de Innate estaria por trás do assassinato e queria que pulássemos sobre este homem como um suspeito. Queria que presumíssemos estar com o assassino sob custódia. Mas por quê? Estará planejando algo para esta noite? — Distraído, ele seguiu até a porta. — Vou falar com o prisioneiro. Marasi, eu não me incomodaria em ter outro par de ouvidos comigo.

Ela ficou surpresa. Ele estava lhe *pedindo* ajuda? Era uma mudança, já que ele sempre a fazia se sentir culpada quando aparecia numa cena de crime. Ela olhou para Aradel, que lhe deu permissão, e apressou-se para acompanhar Waxillium.

No meio da escada, Waxillium parou e se virou para ela. Ele usava seu chapéu das Terras Brutas. Só fazia isso quando estava no modo “homem da lei durão”.

— Ouvi dizer que você prendeu esse cara.

— Sim.

— Bom trabalho.

Isso *não* deveria causar a emoção que causou. Ela não precisava da aprovação dele.

Mesmo assim, era ótimo.

Ele continuou a observá-la, como se estivesse prestes a dizer mais alguma coisa.

— O que foi? — perguntou Marasi.

— Falei com Deus no caminho para cá.

— Tudo bem... — disse Marasi. — Fico feliz que seja devoto o bastante para fazer uma oração de vez em quando.

— Sim. A questão é que Ele respondeu.

Ela inclinou a cabeça, tentando julgar o significado daquilo, mas Waxillium Ladrian sempre falava sério. Ferrugem, com frequência era até brusco.

— Tudo bem — falou ela. — O que ele disse para você?

— Nosso assassino é um Imortal sem Rosto — contou Waxillium, voltando a descer a escada. — Uma criatura que chama a si mesma de Sangradora. Pode mudar de forma pegando os ossos dos mortos. E ficou louca. Nem mesmo Harmonia conhece seus propósitos.

Marasi o seguiu até o andar de baixo, tentando digerir aquilo. Espectros da bruma e kandra... eram coisas da *Histórica*, não da vida real. Mas algum tempo antes ela teria dito que homens como Miles Cem-vidas e Waxillium Tiro da Alvorada eram personagens das histórias. Tinham alcançado o status de lendas num grau surpreendente.

— Então aquilo *poderia* ser ela — sugeriu Marasi, gesticulando na direção da parede que os separava do prisioneiro. — Ela poderia ter qualquer forma, qualquer rosto! Por que tem tanta certeza de que ela não tentou assassinar o governador?

— Porque ele ainda está vivo — respondeu Waxillium, baixinho. — A criatura que está por trás disso conseguiu matar Winsting numa sala secreta protegida por uma parede de guardas depois de começar um tiroteio na sala no andar de cima. Ela não seria capturada assim. Isso é um escárnio. — Ele olhou para Marasi. — Mas não posso ter certeza, não cem por cento. Então preciso saber o que estamos enfrentando.

Ela assentiu para ele, e ele assentiu de volta e continuou pela escada e depois por um corredor em direção à sala de interrogatório. Marasi teve um instante de satisfação quando o policial que guardava a sala esperou pela autorização dela antes de abrir a porta para Waxillium.

O pobre homem mantido lá dentro estava sentado com os braços bem amarrados, encarando a mesa diante dele. Murmurava baixinho. Waxillium foi direto até lá e se sentou na outra cadeira, acomodando-se e colocando o chapéu na mesa. Marasi ficou um pouco mais para trás, onde, caso estivessem errados sobre o prisioneiro, estaria fora do alcance dele e seria capaz de oferecer ajuda.

Waxillium tamborilou na mesa com o dedo indicador, como se tentasse decidir o que dizer. O prisioneiro, Rian, por fim o olhou.

— Ela disse que você viria até mim — falou Rian, baixinho.

— Ela? — perguntou Waxillium.

— Deus.

— Harmonia?

— Não. Ela disse que eu tinha que matar o governador. Tinha que ata-cá-lo. Eu tentei não ouvir...

Waxillium estreitou os olhos.

— Você a viu? Qual é a aparência dela? Que rosto estava usando?

— Você não pode salvá-lo — sussurrou Rian. — Ela vai matá-lo. Ela me prometeu liberdade, mas estou aqui, preso. Ah, Ruína. — Ele inspirou profundamente. — Tenho algo para você. No meu braço.

— No seu... — Waxillium pareceu realmente perturbado. Marasi deu um passo inconsciente para a frente, notando pela primeira vez um pequeno volume no antebraço do prisioneiro.

Antes que ela pudesse citar os problemas legais de fazer aquilo, Waxillium se levantou e pegou o braço do prisioneiro, fazendo um pequeno corte na pele. Tirou alguma coisa ensanguentada. Uma

moeda? Marasi deu mais um passo para a frente enquanto o prisioneiro levantava o braço ensanguentado até a cabeça e começava a murmurar para si mesmo.

Waxillium limpou a moeda com seu lenço. Inspeccionou-a de um lado, depois do outro. Então, ficou muito quieto, pálido.

— Onde conseguiu isso? — perguntou.

Rian só continuou murmurando.

— Onde? — perguntou Waxillium, agarrando o homem pelo colarinho.

— Waxillium! — Marasi o chamou, correndo até ele e colocando a mão em seu braço. — Pare.

Ele olhou para ela e soltou Rian.

— O que é esta moeda? — perguntou Marasi.

— Uma mensagem — respondeu Waxillium, guardando a moeda no bolso. — Este homem não sabe nada de útil. A Sangradora sabia que podíamos capturá-lo. Você tem planos para hoje à noite?

Ela franziu a testa.

— O que... Por que está perguntando?

— O governador vai participar de uma festa. Steris disse que ele não cancelará sua aparição apesar do que aconteceu, e esse é o tipo de coisa sobre a qual ela sempre está certa. Ele vai querer se mostrar forte; não quer que seus inimigos políticos pensem que tem algo para esconder ou temer. Precisamos estar nessa festa. Porque garanto que a Sangradora estará lá.



Aos doze anos, o jovem Waxillium olhava de uma moeda para a outra. Ambas tinham a figura de Lorde Nascido da Bruma, parado com o braço esquerdo estendido em direção à Bacia de Elendel. Do outro lado, cada uma mostrava uma imagem do Primeiro Banco Central, do qual sua família possuía grande parte.

— E então? — perguntou Edwarn. Ele tinha um rosto severo e cabelo perfeitamente penteado. Usava seu terno como se tivesse nascido com ele; para ele, era como um uniforme de guerra.

— Eu... — O jovem Waxillium olhava para as duas moedas.

— É compreensível que não note a diferença — disse Edwarn. — É preciso ser um especialista, e é por isso que tão poucas moedas dessas foram descobertas. Muitas ainda devem estar em circulação; não sabemos quantas. Uma dessas é uma moeda comum; a outra tem um defeito muito especial.

A carruagem continuava a trepidar pelas ruas enquanto Waxillium observava as moedas. Depois, desfocou a vista. Era um truque que aprendera recentemente numa festa com um amigo, usado para fazer dois desenhos ganharem vida sobrepondo-os.

Sem focar as moedas diante dele, Waxillium cruzou os olhos intencionalmente e deixou as imagens das duas moedas se sobreporem. Quando ficaram no lugar, o elemento discordante, os pilares do edifício do banco, ficou difuso, e seus olhos foram incapazes de focá-lo.

— O erro ocorreu porque foi usada uma matriz defeituosa — prosseguiu seu tio Edwarn. — Um trabalhador da casa da moeda levou um punhado dessas curiosidades para casa, e elas nunca deveriam ter entrado em circulação. Você não será capaz de vê-lo, mas o erro...

— São os pilares — disse Waxillium. — No lado direito da imagem

do banco. Estão próximos demais.

— Sim. Como sabia disso? Quem contou para você?

— Eu vi — contou Waxillium, devolvendo as moedas.

— Bobagem — falou seu tio Edwarn. — Sua mentira não é boa, mas posso respeitar sua tentativa de esconder sua fonte. — Ele segurou uma das moedas. — Esta é a moeda defeituosa mais valiosa na história de Elendel. Vale tanto quanto uma pequena casa. Estudá-la me ensinou algo importante.

— Que as pessoas ricas são tolas? Que pagarão mais dinheiro por uma moeda do que seu valor?

— Todas as pessoas são tolas, só que de maneiras distintas — disse seu tio Edwarn, sem jeito. — Essa lição aprendi em outro lugar. Não, esta moeda me mostrou uma verdade difícil, mas inestimável. O dinheiro não tem valor.

Waxillium se animou.

— Como?

— Só a expectativa tem valor como dinheiro, Waxillium — explicou seu tio Edwarn. — Esta moeda vale mais do que as outras porque as pessoas *acham* que é assim. *Esperam* que seja assim. As coisas mais importantes do mundo são valiosas porque as pessoas pagarão por elas. Se puder aumentar a expectativa de alguém... se puder fazer com que *precise* de algo... essa é a fonte da riqueza. Possuir coisas de valor é secundário quando se pode criar coisas de valor.

A carruagem parou. Do lado de fora, uma intimidante subida de degraus de pedra levava ao mesmo banco representado na moeda. Tio Edwarn esperou que o cocheiro abrisse a porta, mas Waxillium desceu pelo outro lado por conta própria.

Tio Edwarn o encontrou na escada.

— Seu pai é inútil em questões econômicas — comentou o tio. — Tento ensiná-lo há anos, mas ele não consegue... ou não quer... aprender. Tenho grandes expectativas em relação a você, Waxillium. Ser banqueiro não é a única opção para servir sua casa. No entanto, suspeito que depois de hoje você vai reconhecer que é a melhor de todas.

— Não serei banqueiro — respondeu Waxillium, subindo os degraus.

— Ah? Está de olho na gestão dos funcionários, então?

— Não — assegurou Waxillium. — Serei um herói.

O tio preferiu não responder imediatamente enquanto alcançavam

o alto da escada. Por fim, disse, com suavidade:

— Você tem doze anos e ainda fala dessas coisas? Espero tal tolice da sua irmã, mas seu pai já deveria ter arrancado isso de você.

Waxillium deu um olhar desafiador para o tio.

— Os dias dos heróis já passaram — disse o tio Edwarn. — Os contos em que pessoas mudam a história pertencem a outro mundo. Chegamos à era do modernismo, mais barulhenta e mais silenciosa ao mesmo tempo. Você verá. Se reis e guerreiros moldavam o mundo no passado, agora homens silenciosos em escritórios farão o mesmo. E farão isso de um jeito muito, mas muito mais eficiente.

Entraram no saguão do banco, que tinha o teto baixo e uma parede tomada por cubículos com grades onde pessoas curvadas cambiavam dinheiro com quem estava na fila. O tio de Waxillium o levou para os fundos. Os móveis de madeira escura e os tapetes cor de mofo davam uma aparência de crepúsculo à sala, mesmo com as janelas abertas e as lamparinas a gás acesas.

— Há duas reuniões hoje que quero que observe — disse o tio Edwarn quando entraram numa sala grande e sem enfeites. As cadeiras davam para a parede; era uma sala de observação, um lugar para espionar as reuniões que ocorriam no banco. O tio gesticulou para que ele se sentasse e, então, abriu um painel na parede, revelando uma fenda de vidro que permitia que vissem as duas pessoas na sala ao lado. Uma era um banqueiro, que usava calça e colete. Sentava-se numa escrivaninha imponente, falando com um homem de meia-idade com roupas empoeiradas e segurando uma boina de feltro entre os dedos.

— O empréstimo vai nos ajudar a melhorar de vida — disse o homem sujo. — Conseguir um lugar longe do cortiço. Tenho três filhos. Trabalharei duro, prometo que sim.

O banqueiro olhava para o homem e remexia em alguns papéis. Tio Edwarn fechou a fenda, surpreendendo Waxillium com o movimento súbito. Ele se levantou e Waxillium o seguiu, indo até outro conjunto de cadeiras ao longo da mesma parede. Uma segunda fenda de espionagem permitiu que vissem outra sala semelhante à primeira. Uma banqueira, usando saia e colete, estava sentada atrás de uma escrivaninha igualmente intimidadora. O cliente, no entanto, era alto e limpo e parecia relaxado.

— Tem certeza de que precisa de *outro* barco, Lorde Nikolin? — perguntou a banqueira.

— Claro que tenho certeza. Eu me daria ao trabalho de vir até aqui se não fosse sério? Honestamente. Vocês deveriam permitir que meu intendente cuidasse dessas coisas. É para isso que *servem* os

intendentes, no fim das contas.

Tio Edwarn fechou a fenda com um estalido silencioso e se voltou para Waxillium.

— Você está vendo uma revolução.

— Uma revolução? — perguntou Waxillium. Ele estudara economia; bem, fora obrigado a estudar por seus tutores. — Parece ser o que acontece todos os dias num banco.

— Ah! — exclamou o tio. — Você já sabe tudo isso. E para qual desses homens daremos o empréstimo?

— Para o rico — respondeu Waxillium. — Presumindo que não esteja mentindo ou fingindo ter dinheiro.

— Não, Nikolin é realmente rico — assegurou o tio. — Negociou conosco várias vezes no passado e nunca faltou com seus pagamentos.

— Então você emprestará dinheiro para ele, e não para o outro.

— Errado — disse o tio Edward. — Vamos emprestar para ambos.

— Você usará o crédito bom do rico para minimizar os riscos de ajudar o pobre?

O tio Edwarn pareceu surpreso.

— Seus tutores foram diligentes.

Waxillium deu de ombros, mas estava ficando mais interessado. Talvez esse fosse um jeito de se tornar um herói. Talvez o tio Edwarn estivesse certo, e a fronteira estivesse encolhendo, a necessidade por homens de ação estivesse desaparecendo. Talvez esse novo mundo não fosse em nada parecido com aquele no qual a Guerreira Ascendente e o Sobrevivente viveram.

Waxillium certamente poderia equilibrar riscos e dar mais dinheiro para quem precisasse. Se, de algum modo, os homens de terno governariam o mundo, não poderiam também torná-lo um lugar melhor?

— Sua avaliação é correta por um lado — prosseguiu o tio, sem imaginar o que passava pela cabeça de Waxillium —, mas falha por outro. Sim, vamos emprestar para o pobre, mas não aceitaremos o risco.

— Mas...

— Os papéis que nosso banqueiro está apresentando vão amarrar o trabalhador à dívida de uma maneira que será impossível escapar. Se não conseguir cumprir os pagamentos, sua assinatura naquele papel nos permitirá ir diretamente ao seu empregador e pegar uma porcentagem de seu salário. Se não for o suficiente, podemos fazer o mesmo com seus filhos. O rico já fez vários empréstimos conosco, e

sua casa conseguiu termos favoráveis. Mal ganharemos três por cento do que ele pegará conosco. Mas o trabalhador está desesperado, e nenhum outro banco pensaria em emprestar para ele. Ele nos pagará doze por cento.

O tio Edwarn se inclinou.

— Os outros bancos ainda não viram isso. Empréstam de modo seguro, e apenas de modo seguro. Não mudaram como o mundo mudou. Trabalhadores ganham mais agora do que jamais ganharam, e estão ansiosos para pagar por coisas que sempre estiveram além de suas possibilidades. Nos últimos seis meses, mantivemos uma estratégia agressiva de empréstimos para as pessoas comuns da cidade. Elas correm até nós, e logo nos tornarão muito, muito ricos.

— Você os tornará escravos — concluiu Waxillium, horrorizado.

O tio pegou a moeda errada e a colocou no balcão ao lado de Waxillium.

— Esta moeda era um erro. Uma vergonha. Agora, ela vale mais do que milhares de outras moedas juntas. Valor criado onde não existia nenhum. Pegarei os pobres desta cidade e farei a mesma coisa com eles. Como eu disse, uma revolução.

Waxillium se sentiu enjoado.

— Esta moeda é para você — disse seu tio Edwarn, levantando-se.
— Desejo que seja um lembrete. O presente que...

Waxillium pegou a moeda e saiu correndo pela porta.

— Waxillium! — chamou o tio.

O banco era um labirinto, mas Waxillium encontrou o caminho. Entrou correndo na pequena sala onde o homem pobre consultava o empréstimo. O trabalhador ergueu os olhos da pilha de papel; mal sabia ler. Nem mesmo sabia o que estava assinando.

Waxillium colocou a moeda na mesa diante dele.

— Esta é uma moeda com defeito, algo que os colecionadores cobiçam. Venda-a numa loja de curiosidades. Não aceite menos de dois mil por ela. E use o dinheiro para tirar sua família do cortiço. Não assine esses documentos. Eles serão como um grilhão no seu pescoço.

Wax fez uma pausa em sua história. Segurou a moeda diante de si, analisando-a enquanto ele e Steris seguiam para a festa.

— E então? — perguntou Steris, sentada diante dele na carruagem.
— O que seu tio fez?

— Ficou lívido, é claro — contou Wax. — O trabalhador assinou os papéis, não conseguiu acreditar que eu lhe dava algo realmente tão valioso. Meu tio veio, teceu mentiras no ar como belas nuvens de

fumaça colorida e conseguiu seus documentos.

Wax virou a moeda, olhando a imagem de Lorde Nascido da Bruma impressa na frente.

— O trabalhador... o nome dele era Jendel... se matou pulando de uma ponte oito anos depois. Seus filhos ainda devem para o banco, embora a Casa Ladrian não tenha mais vínculo com o Primeiro Banco Central; meu tio vendeu suas ações para levantar dinheiro antes de esvaziar as reservas da casa e forjar sua morte.

— Sinto muito — disse Steris, baixinho.

— Isso foi parte do que me fez ir embora — falou Wax. — Acontecimentos assim, e o que ocorreu na Vila, é claro. Eu disse a mim mesmo que estava partindo em busca de aventuras; nunca pretendi ser um homem da lei. Acho que sabia, no fundo, que não poderia mudar nada em Elendel. Era grande demais, e os homens de terno eram muito habilidosos. Lá nas Terras Brutas, um homem com uma arma significava alguma coisa. Aqui, é difícil vê-lo como algo além de uma relíquia.

Steris crispou os lábios; obviamente não sabia o que dizer. Wax não a culpava. Ele pensava com frequência nos acontecimentos naquele banco e ainda não sabia o que podia ter feito diferente, se era que havia alguma coisa.

Ele girou a moeda nos dedos. Rabiscadas na parte de trás, em letras minúsculas, estavam as palavras “Por que partiu, Wax?”.

— Como a Sangradora conseguiu a moeda? — perguntou Steris.

— Não consigo imaginar — falou Wax. — Eu a vendi antes de ir para as Terras Brutas. Meu pai tinha me deserdado na época, e eu precisava de dinheiro para me preparar para a viagem.

— E essas palavras?

— Não sei — respondeu Wax, guardando a moeda no bolso. — A questão é que lembrar essa história me incomoda. Eu disse a mim mesmo, na época, que estava tentando ajudar o homem, mas acho que não é verdade. Olhando para trás, eu só estava tentando irritar meu tio. Ainda sou assim, Steris. Por que fui para as Terras Brutas? Queria ser um herói... Queria ser visto e conhecido. Eu podia ter feito muitas coisas boas assumindo uma posição em minha casa aqui em Elendel, mas teria que fazer isso discretamente. Partir e, com o tempo, tentar fazer minha fama como homem da lei foi, em última instância, egoísta. Mesmo me juntar à polícia aqui me parece, algumas vezes, um ato de arrogância insuportável.

— Duvido que se importe — disse Steris, inclinando-se —, mas eu considero seus motivos irrelevantes. Você salva vidas. Você... salvou

minha vida. Minha gratidão não é influenciada pelo que estava passando em sua cabeça quando você fez isso.

Wax olhou-a nos olhos. Steris era propensa a isto: momentos surpreendentes de honestidade pura, quando arrancava tudo e se mostrava totalmente desnuda.

A carruagem diminuiu a velocidade, e Steris desviou o olhar para a janela.

— Chegamos, mas ainda levaremos algum tempo para entrar. Há muitas carruagens na nossa frente.

Wax franziu a testa, abrindo sua janela e colocando a cabeça para fora. De fato, uma fila de carruagens e até mesmo alguns automóveis obstruíam o caminho até as cocheiras da Torre ZoBell. O arranha-céu erguia-se cerca de vinte andares no céu noturno, desaparecendo nas brumas escuras.

Wax voltou para dentro da carruagem, deixando as brumas entrarem pela janela aberta ao seu lado. Steris olhou para as brumas, mas não pediu que fechasse a cortina.

— Acho que chegaremos atrasados — falou Wax.

A menos, é claro, que ele improvisasse.

— Esta é a primeira festa no alto da torre — comentou Steris, tirando um pequeno caderno de anotações da bolsa de mão —, e os atendentes da cocheira não estão acostumados a este movimento.

Wax sorriu.

— Você contava com este atraso, não é?

Steris parou numa página e a virou para que ele lesse. Ali, numa caligrafia cuidadosa, havia uma agenda detalhada para a noite deles na festa. O terceiro item dizia: *20h17. O caminho para o edifício certamente estará bloqueado pelo tráfego. Lorde Waxillium nos levará até o andar de cima usando Alomancia, o que é completamente inapropriado e, ao mesmo tempo, deslumbrante.*

Ele ergueu uma sobrancelha, verificando seu relógio de bolso, que carregava no cinturão da arma, não no colete, para ser abandonado mais facilmente com seus outros metais.

— São 20h13. Você deu uma escorregada.

— O trânsito na alameda estava mais leve do que eu imaginava.

— Você realmente quer fazer isso do jeito difícil?

— Acredito, na verdade, que é o jeito mais fácil — comentou Steris. — Ainda que completamente inapropriado.

— Completamente.

— Felizmente, você tem uma reputação para esse tipo de coisa e

não podem esperar que eu o controle. Vim com roupas íntimas escuras, que não serão tão visíveis de baixo enquanto estivermos voando.

Wax sorriu e estendeu a mão para debaixo do assento, pegando o pacote que Ranette lhe enviara. Enfiou-o sob o braço e abriu a porta.

— As pessoas subestimam você, Steris.

— Não — corrigiu ela, descendo na calçada enevoadada. Ele viu que ela usava sapatos bem presos aos pés. Ótimo. — Elas simplesmente presumem que me conhecem, mas isso não é verdade. Entender as convenções sociais não é o mesmo que concordar com elas. Agora, como é que vamos... Ah!

Ela disse a última parte quando Wax a segurou bem perto do corpo, sacou Vindicação e disparou uma bala no chão, entre três paralelepípedos aos pés deles. Ele sorriu quando várias cabeças assomaram pelas janelas das carruagens em fila. Ele precisaria deixar que Wayne e Marasi se virassem para passar por tudo aquilo, mas provavelmente seria melhor assim. Isso manteria as atenções distantes dos dois.

Wax diminuiu seu peso, orientando-se no ângulo correto em relação à bala e *empurrou*, sem soltar Steris. Eles dispararam no ar numa trajetória inclinada, sobrevoando as carruagens em fila. Aterrisaram numa das saliências decorativas do arranha-céu, alguns andares acima. Steris o agarrava com a força de um gato pendurado sobre o oceano, com os olhos arregalados. Então, cuidadosamente, soltou-o e desceu na beirada da cornija de pedra, inclinando-se e espiando as profundezas enevoadas. Luzes moviam-se lá embaixo: carruagens, iluminação de rua, lanternas levadas por pedestres. Nas brumas, eram apenas bolhas e sombras.

— Sinto-me como se flutuasse num mar de fumaça e névoa — comentou ela.

As brumas retorciam-se e agitavam-se como se estivessem vivas. Turbilhões e redemoinhos pareciam se mexer nas correntes de ar, sempre em movimento.

Wax abriu o pacote de Ranette, pegando um rolo da corda firmemente trançada. Olhou para cima. O bilhete de Ranette dizia que queria que ele tentasse usar uma amarra da próxima vez que saltasse com Alomancia e lhe desse seu parecer.

— Você estava ansioso para vir esta noite — disse Steris. — É mais do que querer conhecer o governador. Você está a trabalho. Posso ver em você.

Wax levantou a corda, atada a um gancho de aço numa ponta, calculando a força que seria necessária para arremessá-la.

— Posso afirmar isso porque você está totalmente alerta — comentou ela. — Você é um predador, Waxillium Ladrian.

— Eu caço predadores.

— Você também é um. — Ela olhou para ele através das brumas translúcidas que dançavam entre os dois. Seus olhos estavam ardentes, refletindo o brilho do mar de névoas abaixo. — Você é como um leão. Na maior parte dos dias, está apenas parcialmente presente, comigo. Repousando, meio adormecido. Sabe o que tem que fazer, atende às necessidades da casa, mas não floresce. Então, a presa aparece. Você acorda. Esse estalo de velocidade, a fúria, o poder, a pulsação, a palpitação, a corrida da caça. Este é o verdadeiro você, Waxillium Ladrian.

— Se o que diz é verdade, todos os homens da lei são predadores.

— Os verdadeiros homens da lei talvez. Não sei, pois não conheço outro. — Ela seguiu o olhar dele para cima. — Então, minha pergunta é: o que você está caçando esta noite?

— A Sangradora estará aqui.

— A assassina? Como sabe?

— Ela vai tentar matar o governador de novo — explicou Wax. — Ela quer me testar, ver se consegue chegar perto, julgar como eu reajo.

— Você age como se isso fosse pessoal, entre vocês dois.

— Eu gostaria que fosse. — *Alguém nos move.* — Eu gostaria de conhecer a Sangradora bem o bastante para que fosse pessoal, pois isso me daria uma vantagem. Mas ela certamente está interessada em mim, e isso significa que não posso faltar a esta festa. Caso contrário, ela pode ver isso como um sinal de que deve atacar.

Wax terminou de enrolar a corda numa das mãos, segurando a ponta com o gancho e balançando-a. Estendeu a mão, e Steris rapidamente se aproximou dele.

Ele procurou uma linha de metal que apontasse para uma das vigas de aço na pedra sob seus pés. Com tanta rocha o separando de Wax, o metal não seria uma âncora tão forte quanto se estivesse descoberto, mas era grande e sólido, então serviria para seus propósitos. Segurando Steris, ele *empurrou* direto para o ar noturno. Arranha-céus como aquele representavam um problema para ele, já que afunilavam à medida que ficavam mais altos. Além disso, muitos dos pontos de apoio que ele usava eram saliências estreitas, o que tornava mais difícil dar um *empurrão* direto para cima — esses *empurrões* com frequência o levavam levemente numa diagonal, para longe do ponto de chegada desejado. De qualquer forma, quanto mais alto chegava, mais distante da parede ficava. Em geral, podia contar com sua arma e

sua habilidade de ficar mais leve, mas isso não funcionaria enquanto estivesse levando Steris.

Seria bom se pudesse compensar com a corda e o gancho de Ranette. Alcançara uma altura na qual podia começar a diminuir a velocidade, sua âncora ficando longe demais para conseguir erguer-se mais. Como sempre, ele flutuou a uns três metros de distância do edifício. Então, quando diminuiu a velocidade, balançou o gancho de metal na direção de uma sacada e *empurrou-o*, jogando a corda no parapeito da sacada. O gancho passou entre as barras de metal da sacada, mas se soltou. Ele continuou flutuando, parado de forma precária, com risco de despencar do edifício. Xingou e tentou mais uma vez; desta vez, o gancho ficou preso.

Wax puxou-se juntamente com Steris para dentro, como um peixe enrolando-se na linha. Isso os levou até a sacada. Ele colocou Steris no chão e enrolou a corda de novo, olhando para cima.

— Foi uma ótima performance.

— Muito lento — respondeu Wax, distraído.

— Ah, querido.

Ele sorriu, segurou-a novamente e *empurrou* para cima da sacada. Desta vez, chegou quase na metade do caminho até a festa e lançou o gancho na direção de uma sacada enquanto estava em movimento, prendendo-o no lugar. Continuou a se *empurrar*, movendo-se até a sacada à sua direita. Então, uma puxada firme na corda o fez rodopiar no ar enquanto voava, e ele se balançou em direção ao edifício.

Wax acertou a lateral do prédio com os pés primeiro, a corda numa das mãos, o outro braço em volta de Steris. Então, deixou-se cair a alguns metros da sacada. Melhor, melhor. A grande desvantagem de um Lançamoedas como ele era que só podia se *empurrar* para longe das coisas, nunca *puxar* em direção a elas. Uma corda poderia ser útil de fato.

Ele balançou o gancho para soltá-lo. Isso era estranho. E se precisasse soltá-lo enquanto estivesse voando ou lutando? Será que Ranette podia fazer um gancho capaz de se soltar sob algum tipo de comando? Ele se *empurrou* na sacada, mandando-os novamente para cima. Steris enfiava os dedos nos ombros dele. As brumas fluíam preguiçosamente sobre os dois. Um Lançamoedas ficava muito confortável nas alturas — não importava de que altura caísse, soltar um único pedaço de metal e *empurrá-lo* cuidadosamente permitia que aterrissasse com segurança.

— Esqueci como isso pode ser desorientador — comentou Wax, diminuindo a velocidade da subida deles. — Feche os olhos.

— Não — respondeu Steris. Parecia sem fôlego. — Isso é... isso é

maravilhoso.

Acho que nunca vou entender esta mulher, pensou. Ele podia jurar que ela estava apavorada. Os últimos saltos tinham sido melhores, conforme ele pegava mais o jeito com a corda. *É muito volumosa*, pensou. *Arrastar isso por aí pode ser bem cansativo*. E o gancho podia ficar emaranhado facilmente. Se usasse isso numa luta, provavelmente teria que deixar a corda para trás depois do primeiro salto.

No entanto, naquela noite, ela funcionou bem, e, no momento seguinte, Wax os levou até a sacada do último andar, num redemoinho de saias e do casaco de bruma. Um pequeno grupo de convidados estava parado ali, e a chegada de Wax e Steris causou exclamações de surpresa e até uma taça caída no chão. Wax se endireitou, soltando Steris. Apesar do que tinha passado, ela se recompôs rapidamente, ajeitando a saia e arrumando o cabelo em cachos suaves.

— Acho que foi uma entrada digna da sua posição — disse ela, baixinho.

— Pelo menos alertamos os guardas — respondeu Wax, acenando com a cabeça para os homens parados nas laterais da sacada, observando-os. Os homens estavam fazendo seu trabalho, o que era bom de ver. Um Lançamoedas não poderia entrar naquela festa sem ser notado. Eles não o detiveram, no entanto. Era importante demais para ser incomodado.

Wax enrolou a corda e o gancho, prendendo-os na cintura, por baixo do casaco, o que fez Steris revirar os olhos. Então, ela apoiou a mão em seu braço. Antes de deixarem a Mansão Ladrian, ela o ensinara com precisão como andar e parar — era a sexta vez que ensinava isso a ele desde que estavam juntos. Talvez porque ele nunca fizesse como deveria. De fato, naquela noite, ele a pegou pelo braço de um jeito muito mais natural do que ela explicara. Eram noivos. Ferrugem, ele podia segurá-la pelo braço.

Steris o olhou, mas não disse nada, enquanto Wax *empurrava* as portas da sacada para abri-las com um golpe alomântico e entravam na festa.



Parado aos pés da Torre ZoBell, Wayne observava Wax e Steris desaparecerem nas brumas. Balançou a cabeça e pegou um chiclete de uma lata no bolso. Conseguira um pouco daquela coisa. Na verdade, era bem divertido mastigar aquilo.

Wayne enfiou o chiclete na boca e pensou no tolo ferrado que seu amigo era. Obviamente, Wax persistia com toda essa história de noivado com Steris porque sentia muita falta de Lessie. Então, escolhera um casamento que não exigia investimento emocional. Era tão fácil ver isso quanto o fundo de um copo num pub que vende cerveja aguada, era sim.

Wayne estendeu a mão para ajudar Marasi a descer da carruagem.

— Você está bonito — comentou ela. — Estou surpresa que tenha concordado em vestir isso.

Wayne olhou para seu terno bem cortado, mas continuou mascando o chiclete com um ar ausente. Marasi parecia assombrada pelo fato de ele ter um terno, combinando com um chapéu-coco chique e uma gravata Ascot verde-escura. Por que ele não teria uma roupa dessas? Ele tinha roupas de mendigo, roupas de policial e roupas de velhas senhoras. Um camarada precisava ser capaz de se misturar com os arredores. Nas Terras Brutas, isso significava ter um traje marrom-claro de vaqueiro. Na cidade, significava ter um terno elegante.

A estúpida fila era tão comprida que uma barra de alumínio teria enferrujado no tempo que levaram para chegar ao meio do caminho. *O ferrado do Wax e suas trapaças*, pensou Wayne. O homem podia pelo menos tê-lo levado no lugar de Steris.

Bem na frente deles, estranhamente, um casal foi barrado na porta e obrigado a voltar para a carruagem depois de toda a espera. *O que*

está acontecendo por aqui? Pessoas elegantes como aquelas não eram barradas em festas, eram? Todo mundo tinha um convite, mesmo que fosse falso, como o seu, que era idêntico ao que dera para a velha tirana na universidade.

Bem, não dava para dizer até que chegassem. E a fila ainda se movia *leeeeeeeeeentamente*.

— O camarada que você prendeu não chegou a dizer nada útil? — perguntou ele.

— Não — respondeu Marasi. — Mentalmente, ele não estava ali. Mas descobrimos o que parecia ser uma estaca hemalúrgica nele.

— Ferrugem! Você também sabe sobre isso?

— Tive a oportunidade de ler o livro — disse Marasi, de um jeito ausente. — A Morte o deu para *mim* primeiro, *na verdade*, e Waxillium me deixou fazer uma cópia. Nosso prisioneiro tinha a pequena estaca enfiada sob a pele no peito. Depois que removemos, ele se acalmou. Mesmo assim, não falará.

Depois de um tempo, mais ou menos o que seria necessário para colher sete safras, chegaram na frente da fila. Marasi apresentou o convite. O porteiro os olhou de cima a baixo, com o rosto sombrio.

— Temo dizer que recebemos ordens para recusar qualquer convite não nominal que não esteja na posse das pessoas para quem foram enviados. Com a tentativa de assassinato do governador, só convidados com nome em nossa lista têm permissão para entrar.

— Mas... — Marasi começou a dizer.

— Olhe só — interrompeu Wayne —, somos pessoas importantes. Não vê como minha gravata é elegante?

Perto da porta, homens em casacos negros deram um passo à frente, ameaçadores. Seguranças ferrados do governador. Os policiais eram pessoas de verdade — ah, eles até podiam quebrar um pescoço de vez em quando, mas vinham das ruas como todo mundo. Esses caras, no entanto... mal tinham alma.

— Eu salvei a vida do governador hoje — comentou Marasi. — Certamente você não vai *me* barrar.

— Temo não haver nada que eu possa fazer — disse o porteiro, com o rosto severo completamente sem expressão.

Sim, alguma coisa estava acontecendo por ali. Wayne segurou o braço de Marasi, puxando-a de lado.

— Vamos. São uns tolos ferrados.

— Mas...

Wayne olhou por cima do ombro e, bem no momento certo, ergueu

uma bolha de velocidade.

— Tudo bem — disse ele. — Plano novo!

— Você parece animado — comentou ela, olhando para a borda da bolha de velocidade. Estava mais nítida do que o usual, já que as brumas dentro da bolha continuavam a se mover e a flutuar no interior enquanto as que estavam do lado de fora tinham ficado congeladas no ar como gaze.

— Sou um tipo animado — disse Wayne, apressando-se de volta para a tribuna onde estava o porteiro. Wayne conseguira incluir a tribuna em sua bolha de velocidade, mas não o porteiro. Excelente precisão de sua parte. Encontrou uma relação de nomes.

— Achei que desistiu rápido demais de entrarmos na festa pela maneira normal — disse Marasi, cruzando os braços.

— Nossos nomes estão aqui — respondeu Wayne, tomando o cuidado de se manter em movimento enquanto lia o papel. — Numa relação de pessoas que têm que ser barradas. Não faria diferença o quanto você argumentasse.

— O quê? — Ela quis ver a lista, colocando-se do lado dele. — Maldição. Eu salvei a *vida* daquele desgraçado.

— Marasi! — exclamou Wayne, sorrindo. — Você está começando a falar como uma pessoa normal.

— Por sua causa — respondeu ela antes de fazer uma pausa. — Desgraçado.

Wayne abriu ainda mais o sorriso, mascando o chiclete com ruído.

— Você salvou a vida do governador, sim, mas provavelmente é a equipe de segurança dele que quer mantê-la longe daqui, não ele. Eles se sujaram de lama, porque um dos deles estava podre, e você os envergonhou ao perceber isso primeiro.

— Mas isso é mesquinho! Estão brincando com a vida do governador!

— Homens são mesquinhos. — Ele fez uma dancinha para o lado.

— Por que está se mexendo assim?

— Se eu ficar muito tempo num lugar, eles podem me ver, mesmo com a velocidade com que me mexo na bolha. Se continuarmos nos movimentando, seremos um borrão e passaremos despercebidos nas brumas.

Ela começou a se mexer, relutante.

Wayne olhou mais uma vez para as listas, reconhecendo um nome.

— Aqui está. Esse deve servir.

— Wayne, você vai nos meter em encrenca, não vai?

— Só se nos pegarem! — notou ele. — Eles têm duas listas: pessoas que devem mandar embora, não importa o motivo, e pessoas que podem entrar. Vê as anotações? O quarto nome de cima para baixo? Diz aqui que ele informou que talvez não possa comparecer, e os seguranças precisam ter certeza de que ninguém entrará usando seu convite.

— Wayne — disse Marasi —, esse é o professor Hanlanaze. Ele é um matemático brilhante.

— Hum — resmungou Wayne, coçando o queixo. — Da universidade.

— Não, de Nova Seran. É o responsável por algumas das descobertas na área de tecnologia da combustão.

Wayne se animou.

— Alguém de fora da cidade. As pessoas não devem conhecê-lo.

— Conhecem sua reputação.

— Mas o conhecem pessoalmente?

— Ele é um pouco recluso — admitiu Marasi. — É convidado com frequência para essas coisas, mas raramente aparece. Wayne, estou vendo aquela expressão em seu rosto. Você *não pode* imitá-lo.

— Qual é a pior coisa que pode acontecer?

— Sermos pegos — respondeu ela, ainda andando com ele dentro da bolha de velocidade. — Sermos jogados na cadeia, processados por conspiração, envergonhar Waxillium.

— Esse é o melhor argumento para tentar, o melhor que qualquer um poderia oferecer — garantiu Wayne, voltando para onde estavam quando acelerou o tempo. — Volte para cá para que eu possa desfazer esta bolha. Depois disso, vamos precisar encontrar umas armas para nós.

Marasi empalideceu, juntando-se a ele.

— Se está pensando em entrar com armas de fogo escondidas...

— Armas de fogo, não — disse Wayne, com um sorriso. — Um tipo de arma diferente. *Matemática*.

— Então aquela kandra está aqui — disse Steris, baixinho, ao lado de Wax enquanto esquadrinhava o salão. — Em algum lugar.

A cobertura da Torre ZoBell, rodeada de janelas, ocupava todo o último andar. Luzes de uma dezena de lustres brilhavam nas taças de vinho, nos diamantes das joias e nas lantejoulas de vestidos lustrosos. O estilo dos vestidos era novo. Seria ele tão alheio à moda que não notara uma mudança tão dramática?

Steris usava um modelo mais tradicional, um vestido fino e drapeado branco, com um decote discreto e cintura marcada, mas tinha lantejoulas no colo e nos punhos e era mais leve, mais fino do que aqueles que ela em geral usava, e ficava realmente muito bonito nela. As lantejoulas aproximavam-no dos modelos mais modernos.

Os convidados moviam-se por vários bares e numerosos mostruários espalhados pelo aposento de carpete vermelho. Wax e Steris passaram por um desses mostruários, onde uma caixa de vidro protegia uma pepita de cobre não polida tão grande quanto a cabeça de um homem. A luz resplandecia na superfície.

Metais alomânticos, pensou Wax ao passarem por outro mostruário. Dezenas de tipos, com placas mencionando de onde a pepita foi retirada ou o veio do qual foi minerada. Os metais provocavam conversas pela sala e grupos de pessoas falavam enquanto a luz brincava com as bebidas coloridas entre seus dedos.

— Você está chamando atenção — observou Steris. — Não tenho certeza se usar esse casaco foi uma boa ideia.

— O casaco de bruma é um símbolo — comentou Wax. — É um lembrete.

Ela conseguira convencê-lo a tirar o chapéu, mas não o casaco.

— Faz com que você pareça um bandoleiro.

— É a intenção. Talvez as pessoas pensem duas vezes antes de mentir para mim. Não quero ser parte dos joguinhos delas.

— Você *já* é parte dos joguinhos delas, Lorde Waxillium.

— E é por isso que eu não gosto de ir a festas. — Ele levantou a mão, impedindo que ela falasse. — Eu sei. É importante que estejamos aqui. Vamos conversar com os convidados dos quais você planeja se aproximar.

Ela sempre tinha uma lista cuidadosamente preparada. Steris era a única pessoa que ele conhecia que levava uma agenda a uma festa.

— Não — disse ela.

— Não?

— É isso o que fazemos normalmente — explicou Steris, dando um sorriso específico, entre os tipos diferentes que ela praticava, para Lady Mulgrave ao passarem por ela. — Hoje estamos aqui por sua causa. Vamos nos concentrar nisso e encontrar aquela assassina.

— Tem certeza?

— Tenho — assegurou ela, acenando para outro casal. — Cabe a uma esposa estar interessada, se não envolvida, nos hobbies do esposo.

— Você não precisa fazer isso, Steris. Eu...

— Por favor — disse ela, baixinho. — Eu preciso.

Wax não argumentou mais. A verdade era que estava satisfeito. Com a possibilidade de a Sangradora estar em algum lugar por ali, ele não conseguiria relaxar de jeito algum.

Então, como encontrar a criatura? Mais importante ainda, como derrotar alguém que se movia como um borrão? Ao contrário da Alomancia, que queimava em algumas taxas-padrão, os poderes feruquêmicos podiam ser usados de uma vez. A Sangradora poderia drenar suas mentes de metal em uma única explosão de velocidade, o que provavelmente lhe permitiria derrubar dúzias de pessoas num piscar de olhos. Talvez centenas. E Wax não poderia fazer nada.

Mas talvez ela não tivesse o suficiente para isso. Ela não podia simplesmente engolir mais metal, como um alomântico, e repor suas reservas. Teria que se contentar com a velocidade que fora capaz de armazenar, e só roubara sua estaca recentemente. Matar os presentes na festa de Winsting devia ter consumido uma grande quantidade do que teoricamente economizara nas semanas anteriores.

Então, ele tinha duas opções. Matá-la antes que ela se movesse ou, de algum modo, fazê-la gastar sua reserva feruquêmica sem machucar ninguém.

Wax foi até o bar, pediu bebidas e se virou para observar a multidão. Já fazia duas décadas desde que ele fora parte da alta sociedade, e os dois anos desde que voltara a Elendel ainda não tinham polido toda a ferrugem. Para ele, todos os presentes tinham o mesmo jeito falso e conversavam com um ar calculado de jovialidade enquanto iam secretamente atrás dos próprios objetivos. Não havia lugar melhor para esconder um assassino.

Com as bebidas nas mãos, Wax se afastou do bar e criou uma bolha de aço.

Não era algo que sempre fora capaz de fazer, e não tinha muita certeza de como fazia aquilo. Ah, a mecânica básica era óbvia: ele queimava aço e *empurrava* levemente para fora de si em todas as direções de uma só vez. Mas como aprendera a não incluir o metal que levava consigo? Ainda não sabia. Era só algo que acontecera com o tempo.

Com a bolha, seus instintos alomânticos procurariam outros pedaços de metal que se movessem rapidamente em sua direção e os *empurrariam* com força crescente conforme se aproximassem. Estava ficando cada vez melhor nisso. Ficar parado e deixar Darriance atirar em seu peito enquanto usava uns trinta centímetros de acolchoamento e blindagem ajudava. Não podia desviar de balas, mas a bolha servia

para algo.

— O que você está fazendo? — perguntou Steris quando ele lhe ofereceu a bebida. — Minha pulseira quer saltar do meu braço.

— Tire-a — pediu Wax. — Se houver uma briga alomântica, não quero você usando nenhum metal.

Steris ergueu uma sobralalha, mas tirou o bracelete e o guardou na bolsa. Wax adicionou mentalmente aquela exceção.

— Não sei se vai fazer diferença — comentou Steris. — Este lugar está repleto de metais. O que está fazendo com sua bebida?

Wax levantou os olhos. Acabara de colocar, discretamente, um pouco de pó marrom em seu copo.

— Eu pedi água — comentou ele. — O pó vai fazer com que pareça que estou bebendo uísque. Fingir uma embriaguez mais tarde pode me dar uma vantagem.

— Fascinante. — Steris parecia verdadeiramente impressionada.

Eles se moveram pelo salão, passando sob um candelabro. Os pedaços de cristal suspensos por fios moviam-se sutilmente para longe de Wax, como a agulha de uma bússola confrontada com o polo magnético correto de um ímã. Sem querer, ele derrubou uma das pepitas ao passar por um mostruário. Ferrugem! Ainda que a prudência aconselhasse o contrário, diminuiu a intensidade da bolha.

— Vamos procurar o governador — sugeriu Steris.

Wax assentiu. Não conseguia evitar a sensação de que, não importava o caminho que tomasse, alguém tinha uma arma apontada para suas costas.

Alguém nos move, homem da lei.

Vermelho nos tijolos. Lessie em seus braços, já morta. Suas mãos manchadas com o sangue dela.

Não. Ele deixara isso para trás. Ele *souffrira sua perda*. Não seria arrastado para aquela espiral mais uma vez. Enquanto caminhavam pelo salão de festas, um par de nobres menos importantes, usando cores escuras, mostrou a intenção de interceptá-los, mas o olhar que Wax lhes deu foi o bastante para que se afastassem.

— Lorde Waxillium... — advertiu Steris.

— O que foi? — perguntou Wax. — Você disse que íamos procurar o governador.

— Isso não significa que pode rosnar para os demais.

— Eu não rosnei. — Ou será que tinha rosnado?

— Eu cuido disso da próxima vez — sugeriu Steris, levando-os até um mostruário que, estranhamente, não continha nada. A placa dizia:

“ATIUM, O METAL PERDIDO.”

Quando se aproximaram do governador, que recebia sua audiência perto das janelas no lado norte, um homem usando uma gravata-borboleta amarela notou a presença de Wax. Ótimo... Lorde Stenet. Provavelmente queria falar sobre tarifas têxteis de novo. Mas é claro que não *diria* isso, não de cara. As pessoas nunca diziam o que queriam por ali.

— Lorde Waxillium! — chamou Stenet. — Eu estava pensando em você! Como vão os preparativos para o casamento? Devo esperar um convite para breve?

— Não tão breve — respondeu Steris. — Acabamos de encontrar um sacerdote. E quanto a você? Seu noivado é o assunto da cidade!

A animação sumiu de seu rosto.

— Ah, quanto a isso... — Ele pigarreou. Steris tentou insistir, mas Stenet encontrou uma desculpa em instantes, mudou de assunto e se retirou educadamente.

— O que foi aquilo? — perguntou Wax.

— Ele está traindo a noiva — disse Steris, de modo ausente. — Naturalmente, o assunto o deixou desconfortável.

— Bom trabalho — falou Wax. — Você é muito boa nisso.

— Sou proficiente.

— Acho que foi isso o que eu disse.

— Há uma diferença — comentou Steris, balançando a cabeça. — Nesta sala, há verdadeiros mestres em interação social. Não sou um deles. Estudei as normas sociais, pesquisei, e agora eu as executo. Outra mulher teria tido esta mesma conversa deixando-o feliz, mas distraído. Eu tive que usar a força bruta, por assim dizer.

— Você é uma mulher bizarra, Steris.

— Diz o único homem na sala com armas nos quadris — respondeu ela. — Um homem que está inconscientemente *empurrando* os brincos de cada mulher por quem passamos. Você não percebeu que o anel de Lady Remin caiu dentro da bebida, percebeu?

— Perdi essa.

— Uma pena. Foi divertido. Aqui, venha por aqui. Não queremos ter que iniciar uma conversa com Lorde Bookers. Ele é mortalmente entediante.

Wax a seguiu pelos próximos três passos, passando por um mostruário com pepitas de estanho que estremeceram com sua proximidade, juntamente com pinturas de Olhos de Estanho famosos, incluindo vários esboços do Lorde Nascido da Bruma, que fora um

Olho de Estanho antes do Catacendro. É *engraçado que Steris ache alguém entediante...*

— Você está pensando que é irônico que eu ache alguém entediante... já que eu mesma tenho a reputação de ter o mesmo defeito — comentou Steris.

— Eu não colocaria assim.

— Não tem problema — disse Steris. — Como eu já disse várias vezes, estou ciente da minha reputação. Devo aceitar meu jeito de ser. Reconheço outro chato como você deve reconhecer outro mestre alomântico: um colega de cujas artes não desejo ter uma amostra.

Wax se pegou sorrindo.

— Falando nisso — disse Steris, baixinho, enquanto se dirigiam para onde o governador falava com o lorde da Casa Erikell —, se encontrar a assassina, leve-me até ela. Tentarei fasciná-la com detalhes das finanças da nossa casa. Com sorte, ela vai acabar dormindo com a cara na bebida e se afogará, e eu terei matado alguém pela primeira vez.

— Steris! Isso foi realmente engraçado.

Ela corou. Tinha uma expressão conspiratória no rosto.

— Você precisa saber que eu trapaceei.

— Trapaceou?

— Eu sei que você gosta de conversas espirituosas — disse ela. — Então eu me preparei, escrevendo uma lista de coisas que você acharia interessantes.

Wax riu.

— Você tem planos para tudo, não é?

— Gosto de ser meticulosa — confessou ela. — Embora eu deva admitir que algumas vezes posso ser *tão* meticulosa que acabo precisando de um plano para saber como fazer planos melhores. Minha vida acaba parecendo um belo navio numa doca seca, construído com dezoito lemes apontando em direções diferentes para ter uma garantia *extra* de que pelo menos um dos mecanismos de direção está no lugar. — Ela hesitou e corou novamente. — Sim. Essa piada estava na minha lista.

Wax riu de novo.

— Steris, acho que nunca a vi ser tão genuína.

— Mas estou sendo falsa. Preparei as falas com antecedência. Não estou sendo *realmente* engraçada.

— Você ficaria surpresa com a quantidade de pessoas que fazem o mesmo — comentou Wax. — Além disso, você é assim. Então é

genuíno.

— Então sou sempre genuína.

— Acho que sim. Eu só não tinha percebido antes.

Eles seguiram na direção de Innate, ficando perto o bastante para que o governador pudesse notá-los. Ali perto, outros casais e grupos os olhavam de soslaio. Como o lorde de uma grande casa, Wax superava quase todos na sala em posição. Títulos de nobreza antigos importavam cada vez menos, mas, com o dinheiro de Steris por trás, ele conseguira desenterrar-se da maior parte de suas dívidas. Isso, por sua vez, permitiu que Wax evitasse execuções hipotecárias e aguentasse até que outros investimentos dessem resultado. A Casa Ladrian se tornara novamente uma das mais ricas da cidade. E, cada vez mais, isso era mais importante do que um pedigree nobre.

Ele achava lamentável, embora não fosse uma surpresa, a frequência com que nascimentos nobres se alinhavam com poder econômico e político. As leis de Lorde Nascido da Bruma, baseadas no ideal do Último Imperador, deveriam colocar o poder nas mãos das pessoas comuns. Ainda assim, os mesmos grupos continuavam no governo. Wax estava entre eles. Quanta culpa deveria sentir?

Já temo ter feito as coisas muito fáceis para os homens...

Drim, o chefe dos guarda-costas do governador, aproximou-se de Wax.

— Suponho que você será o próximo — grunhiu o homem de pescoço grosso. — Ouvi dizer que meus homens o deixaram ficar com suas armas.

— Deixe-me dizer uma coisa, Drim — falou Wax. — Se o governador correr o menor perigo, você vai *querer* uma arma em minhas mãos.

— Suponho que sim. De qualquer forma, uma arma não significa muito para você, não é? Você poderia matar alguém com o troco que traz no bolso.

— Ou com um par de abotoaduras. Ou com as tachas que prendem o carpete ao chão.

Drim deu um grunhido.

— Sinto por seu ajudante.

Wax voltou sua atenção para Drim.

— Wayne. O que tem ele?

— Ele é uma ameaça para a segurança — respondeu Drim. — Tive que mandá-lo embora ainda lá embaixo.

Wax relaxou.

— Ah. Tudo bem então.

Drim sorriu, obviamente sentindo que ganhara algo com a conversa. Voltou para seu lugar perto da parede, observando quem vinha falar com o governador.

— Não está preocupado com Wayne? — perguntou Steris, baixinho.

— Não mais. Eu estava preocupado que ele achasse a festa tão chata que resolvesse ir embora. Em vez disso, aquele bom homem ali gentilmente deu a Wayne um desafio.

— Então... está dizendo que ele vai entrar de penetra?

— Se Wayne já não estiver em algum lugar por aí — falou Wax —, eu sou capaz de comer sua bolsa de mão e tentar queimá-la para conseguir poder alomântico.

Continuaram a esperar. A interlocutora do governador, Lady Shayna, era uma faladora incontrolável, mas, depois do apoio político e financeiro que dera ao governador, ele não podia dispensá-la. Wax olhou ao redor, perguntando-se onde Wayne estaria.

— Lorde Waxillium Ladrian — chamou uma voz feminina. — Ouvi falar muito de você. É mais bonito do que as histórias sugerem.

Ele ergueu as sobrancelhas na direção de quem falava, uma mulher alta que aguardava para falar com o governador. Muito alta, pelo menos alguns centímetros a mais do que ele. Com lábios carnudos e peito largo, tinha pele clara e cabelo cor de pólvora e usava um vestido vermelho bastante decotado.

— Acho que não nos conhecemos — disse Steris, com voz fria.

— Eu me chamo Milan — falou a mulher. Ela não se incomodou em olhar para Steris, mas inspecionou Wax de cima a baixo e, então, sorriu de modo misterioso. — Lorde Waxillium, você está usando armas na cintura e um casaco de bruma no estilo das Terras Brutas numa festa. Ousado.

— Não há nada ousado em fazer o que se faz sempre — respondeu Wax. *Flertar com um homem quando sua noiva está parada ao lado dele, no entanto...*

— Você tem uma reputação interessante — prosseguiu Milan. — As coisas que dizem sobre você são verdade?

— São.

Ela crispou os lábios, sorrindo, esperando mais. Em vez disso, ele a encarou e esperou. Ela se mexeu, passando o copo de uma das mãos para a outra. Então, desculpou-se e se afastou.

— Uau! — exclamou Steris. — E dizem que *eu* deixo as pessoas

desconfortáveis.

— Você aprendem o truque de encarar cedo — disse Wax, voltando sua atenção para o governador. No fundo de sua mente, ele avaliou a tal Milan e decidiu ficar de olho nela. E se fosse a Sangradora disfarçada, tentando avaliá-lo? Ou teria sido apenas outra convidada idiota, com um pouco de vinho a mais e uma opinião inflada sobre como os homens responderiam a ela?

Ferrugem! Isso vai ser difícil.

Wayne perambulava pela festa, levando um minúsculo prato de jantar com a pilha de comida mais alta que conseguiu fazer. Por que sempre usavam esses pratinhos de nada em festas elegantes? Para evitar que as pessoas comessem muito? Ferrugem! Pessoas ricas não faziam sentido. Distribuíam as bebidas mais caras da cidade e se preocupavam que as pessoas fossem comer todas as salsichinhas?

Wayne era um rebelde. Recusava-se a jogar segundo as regras deles, recusava-se, sim. Elaborou rapidamente um plano de batalha. As mulheres que traziam as salsichinhas vinham do fundo do bar no lado leste enquanto o bar do lado oeste preparava os canapés de salmão. Minúsculos sanduíches vinham do norte e sobremesas de vários tipos, do sul. Se desse uma volta na cobertura em exatos treze minutos, poderia alcançar cada área exatamente quando os criados estivessem chegando com bandejas novas.

As pessoas começavam a olhá-lo. Um camarada sabia que estava fazendo seu trabalho bem quando conseguia esse tipo de olhares.

Marasi estava parada ali perto, interpretando o papel de assistente do professor Hanlanaze. Wayne coçou a barba. Não gostava de barbas, mas Marasi dissera que as poucas imagens em evanotipo do professor Hanlanaze o mostravam com uma. Além disso, Hanlanaze era muito mais largo na cintura do que Wayne. Isso era ótimo. Poderia esconder todo tipo de coisa num enchimento como aquele que usava.

— Ainda não consigo acreditar que você tinha tudo isso na carruagem — sussurrou Marasi antes de roubar uma das salsichas. Do seu prato. Um ultraje!

— Minha cara mulher — disse Wayne, coçando a cabeça, onde usava uma colorida touca terrisana, um emblema orgulhoso da linhagem de Hanlanaze. — Ser um acadêmico qualificado depende, antes de mais nada, de preparação adequada. Eu não deixaria meu lar sem o equipamento apropriado para cada eventualidade assim como não trabalharia em meu laboratório sem as precauções adequadas de segurança!

— É a voz que realmente *faz* o disfarce, sabia? — comentou

Marasi. — Como faz isso?

— Nossos sotaques são roupas para nossos pensamentos, minha cara — explicou Wayne. — Sem eles, tudo o que dizemos estaria desnudado, e bem poderíamos estar gritando uns com os outros. Ah, olhe! A moça das sobremesas tem doces de chocolate novamente! Acho-os irresistíveis.

Deu um passo adiante, mas algo o interrompeu.

— Professor Hanlanaze?

Wayne ficou paralisado.

— Ora, é *mesmo* você! — disse a voz. — Eu não acreditava que você viesse. — Um homem alto se aproximou, vestindo tanta estampa xadrez que poderia ser pendurado num mastro e usado como bandeira de guerra.

Por um lado, Wayne estava satisfeito. Só teve a descrição de Marasi para criar seu disfarce, então o fato de conseguir enganar alguém que obviamente vira o retrato do professor era impressionante.

Por outro lado... Maldição.

Wayne entregou o prato para Marasi, dando-lhe um olhar severo que dizia “não coma nada disso”. Então, apertou a mão do recém-chegado. O tecido daquele terno era realmente incrível. A fábrica que o fez devia ter usado toda a cota de listras do ano.

— E você é? — perguntou Wayne, deixando a voz mais aguda. Descobrira que grandes homens como o professor Hanlanaze com frequência tinham vozes menores do que seus donos. Estava feliz por ter estudado sotaques do sul. É claro que também acrescentara algum sotaque da universidade e colocara ambos numa base de sons anasalados thermonianos, típicos da vila distante onde o professor havia crescido.

Conseguir um bom sotaque era como misturar tintas para chegar ao tom que já estava numa parede. Se não misturasse bem, as falhas ficariam muito piores do que se tivesse resolvido pintar tudo de uma cor completamente diferente.

— Sou Rame Maldor — apresentou-se o homem, apertando a mão de Wayne. — Você sabe... o artigo sobre os efeitos de Higgens?

— Ah, sim — respondeu Wayne, soltando a mão e dando um passo para trás. Ele fingiu ficar nervoso perto de tanta gente, e Maldor engoliu o disfarce tão rápido quanto bebidas baratas vendidas em festas populares. Na verdade, Maldor estava bastante disposto a dar o espaço necessário para o suposto recluso.

Aquilo permitiu que Wayne acelerasse o tempo ao redor dele e de

Marasi.

— Pelos pulsos de Harmonia, sobre o que ele está falando? — sibilou Wayne.

Marasi pegou na bolsa o livro que comprara numa loja ali perto enquanto Wayne preparava seu disfarce. Logo encontrou a página desejada.

— O efeito de Higgs. Tem a ver com o jeito que um campo espectral é afetado por ímãs. — Folheou algumas páginas. — Aqui, tente isso... — Recitou alguma baboseira para Wayne, que assentiu e desfez a bolha de velocidade.

— O efeito de Higgs é notícia velha! — comentou Wayne. — Estou muito mais interessado agora na forma como um campo *elétrico* estático produz resultados semelhantes. Ora, você devia *ver* o trabalho que estamos prestes a concluir!

Rame ficou pálido.

— Mas... mas... eu pretendia estudar esse mesmo efeito!

— Então você está pelo menos três anos atrás de mim!

— Por que não mencionou isso em suas cartas?

— E revelar minha próxima descoberta? — perguntou Wayne.

Rame cambaleou e se apressou na direção do elevador. Wayne nunca vira um cientista se mexer tão rápido. Até parecia que alguém estava distribuindo jalecos de laboratório no saguão.

— Ah, Wayne — comentou Marasi —, você percebe o caos que isso pode causar no campo de pesquisa deles?

— Sim — falou Wayne, pegando o prato novamente. — Será bom para eles. Vão parar de ficar sentados por aí pensando tanto.

— Wayne, eles são cientistas. Pensar não é o *trabalho* deles?

— E eu que sei? — falou Wayne, enfiando uma salsichinha na boca. — Mas, ferrugem!, se for mesmo, *muita coisa* pode ser explicada.

O governador Innate terminou sua conversa e se voltou para Wax. Drim, o guarda-costas, fez sinal para que se aproximassem. Não gostava de Wax, mas, até onde Wax sabia, Drim era firme, leal e confiável. Ele percebera que Wax não era uma ameaça.

Infelizmente, Drim não imaginava a ameaça que *estavam* encarando. Uma kandra... Podia ser qualquer um. Wax não confiaria tanto nos outros.

Não mesmo?, pensou, apertando a mão do governador. *E se a kandra for Drim? Considerarei essa hipótese?*

Fora assim que a Sangradora conseguira matar Lorde Winsting, no

fim das contas. Ela usou o rosto de alguém em quem os homens de Winsting confiavam. *Pelo ferro enferrujado sobre a colina*, pensou Wax. *Isso vai ser muito, muito difícil.*

— Lorde Waxillium? — perguntou Innate. — Você está bem?

— Sinto muito, milorde — respondeu Wax. — Meus pensamentos vagaram por um instante. Como está Lady Innate?

— Teve um enjoo passageiro — falou o governador, beijando a mão de Steris. — E foi para casa se deitar. Eu lhe direi que perguntou por ela. Lady Harms, você está adorável esta noite.

— E você é sempre um cavalheiro — replicou Steris, dando-lhe um sorriso genuíno. Steris gostava do governador, embora politicamente fossem opositores: Steris era moderadamente progressista, como imaginava que seria esperado de novos ricos que queriam avançar, enquanto Innate era conservador. Mas esse tipo de coisa não incomodava Steris. Ela gostava de pessoas cujos motivos faziam sentido e achava que o histórico político de Innate era bem ordenado. — Espero que Lady Allri se recupere logo.

— É um problema de nervos, mais do que qualquer coisa — comentou Innate. — Ela não reagiu bem ao que aconteceu hoje.

— Você parece muito bem — disse Wax. — Considerando tudo o que passou.

— O pretenso assassino era um dos nossos guardas mais novos e era mentalmente desequilibrado. Tinha uma mira terrível, e provavelmente não queria me matar *de verdade*. — O governador deu uma risada. — Que o Sobrevivente sempre envie tais inimigos para mim, e com frequência perto da época de eleições.

Wax forçou um sorriso e olhou para os lados. Aquela mulher de antes, a bonita, de olhos grandes, estava ali perto. Quem mais estava perto dele de um jeito suspeito?

A Sangradora não será alguém que eu possa localizar com facilidade, pensou Wax. *Os Imortais sem Rosto têm séculos de prática em se misturar à sociedade humana.*

— Qual é sua opinião sobre isso, Lorde Waxillium? — perguntou Innate. — Quais eram os motivos do homem?

— Ele foi provocado para atacar — disse Wax. — Foi uma distração. Outra pessoa matou seu irmão. Tentarão matar você de novo.

Ali perto, Drim endireitou o corpo, olhando para ele.

— Curioso — comentou Innate. — Mas você é conhecido por tirar conclusões precipitadas, não é?

— Todo homem da lei chega a becos sem saída de vez em quando.

— Acredito que vai descobrir que Lorde Waxillium está certo com mais frequência do que está errado, milorde — comentou Steris. — Se ele o adverte do perigo, eu o ouviria.

— Eu ouvirei — garantiu Innate.

— Quero me encontrar com você para discutir assuntos importantes — falou Wax. — Amanhã, no mais tardar. Você precisa saber com o que estamos lidando.

— Vou agendar. — Vindo de Innate, isso era uma promessa. Wax teria sua reunião. — Lady Harms, posso perguntar sobre sua prima? Ainda tenho que agradecer o que ela fez hoje, mesmo que a mira do homem fosse ruim e eu estivesse em segurança de qualquer modo.

— Marasi está bem — garantiu Steris. — Ela deveria estar aqui esta noite para...

Olhe para eles.

O pensamento forçou caminho pela mente de Wax. Steris e o governador continuavam a falar, mas Wax estava paralisado.

Estão vestidos com lantejoulas coloridas. Bebem vinho. Riem, sorriem, brincam, dançam, comem e matam em silêncio. Tudo isso é parte do plano de Harmonia. São todos atores no palco. É isso que você também é, Waxillium Ladrian. O que todos os homens são.

Um calafrio percorreu o corpo de Wax, como formigas correndo por sua pele. Os pensamentos em sua mente eram uma voz, como a de Harmonia, mas áspera e bruta. Brutal. Um sussurro terrível.

Wax ainda estava usando seu brinco. A Sangradora descobrira como se comunicar com alguém usando uma estaca hemalúrgica.

A assassina estava em sua mente.



Wayne se virou quando a moça com as salsichinhas passou. Tentou pegar outro punhado. Em vez disso, levou uma bofetada.

Ele pestanejou e, a princípio, supôs que os criados finalmente estavam cansados de serem enganados por ele. Mas a agressora não era nenhum deles. Era uma criança. Ele olhou a jovem garota enquanto Marasi se apressava para voltar até ele. Ora, aquela criança não devia ter mais de quinze anos. E tinha dado uma *bofetada* nele!

— Você é um *monstro* — disse a garota.

— Eu...

— Remmingtel Tarcel! — exclamou a garota. — Acha que alguém nessa festa já escutou esse nome?

— Bem...

— Não, não escutaram. Eu perguntei. Todos aqui estão usando as luzes incandescentes do meu pai, que ele trabalhou *anos* para criar, e ninguém sabe o nome dele. Sabe por quê, sr. Hanlanaze?

— Suspeito que não...

— Porque você roubou os projetos dele e, com isso, a vida dele. Meu pai morreu sem dinheiro, desamparado e deprimido, por causa de homens como você. Você não é um cientista, sr. Hanlanaze, apesar do que afirma. Não é um inventor. É um ladrão.

— Essa parte está certa. Eu...

— Eu vou vencer no final — sibilou a garota, avançando um passo em sua direção e pressionando um dedo contra seu peito, quase no lugar em que escondera os bastões de duelo. — Tenho *planos*. E, ao contrário do meu pai, eu sei que a questão não é quem tem as melhores ideias, mas quem consegue vender essas ideias. Encontrarei investidores e vou mudar esta cidade. E quando você estiver

chorando, desamparado e desacreditado, vai se lembrar do nome do meu pai e do que você fez.

Ela deu meia-volta, o cabelo loiro e liso acertando-o no rosto, e foi embora.

— O que diabos foi aquilo? — sussurrou Wayne.

— O preço de usar a aparência de outra pessoa, imagino — comentou Marasi. Ela parecia se *divertir*!

— O pai dela — falou Wayne. — Ela disse... que eu matei o pai dela...

— Sim. Parece que Hanlanaze tem um passado negro.

Hanlanaze. Certo. Hanlanaze. O professor.

— Tenho lido as colunas que a garota escreve no jornal — falou Marasi. — É realmente uma vergonha, se for verdade que essas invenções foram roubadas.

— Sim — concordou Wayne, esfregando o rosto. — Uma vergonha. — Ele olhou a bandeja de salsichinhas que passava, mas não teve vontade de persegui-la. A diversão se fora, por algum motivo.

Em vez disso, começou a procurar Wax.

— Com licença — disse Wax para o governador e para Steris.

Os dois ficaram atônitos quando ele deu meia-volta e se afastou. Um gesto rude, mas ele não se importou com isso. Foi até o meio do salão, os instintos gritando.

Armas à vista!

Tiroteio começando!

Buscar cobertura!

Fugir.

Não fez nenhuma dessas coisas, mas não conseguia evitar que seu olho estremecesse. Com aço queimando, várias linhas azuis finas e translúcidas o conectavam às fontes de metal próximas. Tinha o costume de não prestar muita atenção nelas.

Agora ele as observava. Agitando-se, movendo-se, sentindo o ritmo e a pulsação de uma centena de pessoas na sala. Bandejas de comida, joias, óculos. Partes de metal em mesas e cadeira. A estrutura das vidas de homens e mulheres era composta de muito metal. As pessoas eram a carne da civilização, e o aço era seu esqueleto.

Então, você percebeu o que eu sou, disse a voz em sua mente. Feminina, mas áspera.

Não, o que você é?, replicou Wax. Um teste.

Harmonia falou com você. Sei que conversaram.

Você é uma koloss, falou Wax, usando a palavra errada de propósito.

Você dança ao ritmo de Harmonia, respondeu a voz. *Você lhe obedece e se move na direção dele. Não se importa que ele deixe tanto a desejar como deus.*

Wax não tinha certeza — não havia como ter certeza —, mas parecia que a Sangradora não conseguia ler sua mente. A kandra só conseguia enviar pensamentos. O que Harmonia dissera? Que ouvir pensamentos vinha de Preservação, mas inseri-los vinha de Ruína?

Wax virou-se lentamente no salão, observando as linhas. A Sangradora não devia ter metal algum nela. Pessoas que podiam notar metais eram mais cuidadosas com coisas como essa. Os guardas do governador, por exemplo. Metade deles levava armas, mas a outra metade só portava bastões de duelo.

Como aguenta isso, Wax?, perguntou a Sangradora. *Viver entre eles. É como viver com esgoto até o joelho.*

— Por que matou Winsting? — perguntou Wax em voz alta.

Eu o matei porque ele tinha que morrer. Eu o matei porque ninguém mais faria isso.

— Então você é uma heroína — comentou Wax, virando-se. *Ela está perto*, pensou. *Observando-me. Quem? Qual deles?*

E se ele achasse que tinha descoberto... ousaria atirar primeiro?

Um raio que acerta alguém não é um herói, disse a Sangradora. *Um terremoto não é um herói. Essas coisas apenas existem.*

Wax começou a caminhar pelo salão. Talvez a Sangradora tentasse acompanhá-lo. Mantinha os braços nas laterais do corpo, uma moeda em cada mão. Nenhuma arma por enquanto. Isso provocaria pânico.

— Por que o governador? — perguntou Wax. — Ele é um bom homem.

Não há bons homens, corrigiu a Sangradora. *A escolha é uma ilusão, homem da lei. Há os que foram criados para serem egoístas e os que foram criados para serem altruístas. Isso não os torna bons ou maus, não mais do que um leão destruidor é mau quando comparado a um coelho plácido.*

— Você os chamou de esgoto.

O esgoto não é mau. Mas isso não o torna desejável.

A voz da Sangradora em sua mente parecia ganhar mais personalidade enquanto ela falava. Suave, assustadora, taciturna. Como Bronze Sangrento teria sido.

Alguém nos move...

— E você? — perguntou Wax. — O que você é? Lobo ou coelho?

Sou a cirurgiã.

A mulher, a beldade de vermelho, o seguia. Tentava ser discreta, dirigindo-se para um grupo e conversando com as pessoas, mas movia-se paralelamente a Wax. Havia outra pessoa seguindo-o também. Um homem baixo com roupas de criado, levando uma bandeja de comida. Fazia suas rondas, mas os outros criados moviam-se em sentido horário. Wax ia no sentido anti-horário.

Estavam perto o bastante para ouvi-lo falar? Não com ouvidos comuns. Talvez a Sangradora pudesse queimar estanho. Se esse fosse o poder escolhido por ela para a noite.

Você também é um cirurgião, disse a Sangradora. *Eles o chamam de lorde, sorriem para você, mas você não é um deles. Se pudesse ser realmente livre. Se pudesse...*

— Eu sigo a lei — sussurrou Wax. — O que você segue?

A Sangradora não respondeu. Talvez ela não conseguisse ouvir sussurros.

O governador é corrupto, falou a Sangradora. *Passou anos encobrindo o irmão, mas, na verdade, deveria ter encoberto a si mesmo.*

Wax olhou para o lado. Já dera uma volta completa no salão e estava quase de volta ao lugar em que começara. O criado o seguira o caminho todo.

Tenho muito trabalho a fazer, disse a Sangradora. *Preciso libertar todos nessa cidade. Harmonia esmaga a sociedade, asfixiando-a. Afirma não interferir, mas nos move como peças num tabuleiro.*

— Então vai matar o governador? — perguntou Wax. — Isso de algum modo vai libertar a cidade?

Sim, vai, assegurou a Sangradora. *Mas é claro que não posso matá-la ainda, Wax. Eu ainda nem matei seu santo pai.*

Wax sentiu um frio repentino. Seu pai já estava morto. Ele deu meia-volta, com a mão na arma, e deu de cara com o criado. O homem ficou paralisado, com os olhos arregalados.

Então, saiu correndo.

Wax xingou, correndo atrás dele e jogando uma moeda diante de si. Ela rodopiou no ar, mas o garçom correu para trás de um grupo de pessoas. Wax rangeu os dentes e deixou a moeda cair sem *empurrá-la*, mas sacou Vindicação. Isso provocou gritos de temor nos convidados da festa. O garçom se escondia atrás de grupos de pessoas, pronto para se esquivar de Wax.

Felizmente, ele — ou ela ou o que fosse — não contava com a presença de Wayne, que surgiu entre duas mulheres gordas com taças de vinho nas mãos e se jogou sobre o garçom. Ambos caíram no chão.

Wax diminuiu a velocidade, levantando a arma e mirando. Não podia dar à Sangradora uma chance de usar Alomancia ou Feruquemia, em especial se estivesse errado em seu palpite de que ela estava usando estanho. Um tiro na cabeça não mataria uma kandra, ele achava, mas devia retardá-la. Wax só tinha que ter certeza de não acertar Wayne...

Os guardas do governador saltaram sobre Wayne e a Sangradora. Wax xingou e voltou a correr, com Vindicação levantada junto à cabeça e o casaco de bruma agitando-se atrás dele. Saltou sobre os convidados atemorizados, *empurrando* algumas tachas no chão para conseguir altura, e caiu perto do grupo de guardas.

Wayne, usando uma barba falsa e xingando como um estivador com dor de cabeça, lutava para se libertar de cinco guardas que o seguravam.

— Soltem-no! — ordenou Wax. — Esse é meu ajudante. Onde está o outro?

Os guardas se afastaram, cambaleando, todos exceto um, deitado no chão, sangrando pela barriga.

Wax levantou a cabeça, vendo um homem com trajes de garçom abrindo caminho em direção à saída do salão. Ergueu Vindicação e mirou.

Gostaria que soubesse que fiquei triste com a morte de sua amante, disse a Sangradora. *Odiei que aquilo fosse necessário.*

A mão de Wax paralisou. Lessie. Morta.

Maldição, eu superei isso! Wax apertou o gatilho mesmo assim, mas a Sangradora desviou, escorregando no chão. A bala abriu um buraco na janela acima da cabeça do homem.

A Sangradora atirou uma cadeira na janela, estilhaçando-a. Então, quando Wax atirou novamente, saltou.

Mais de vinte andares no ar.

Wax gritou, correndo até a janela. Wayne o acompanhou, agarrando Wax pelo braço.

— Eu me seguro com firmeza, meu chapa. Vamos lá.

— Você fica — respondeu Wax, obrigando-se a pensar apesar do turbilhão de emoções. — Vigie o governador. Isso pode ser uma distração, como o atentado que aconteceu mais cedo.

Wax não deu tempo para Wayne retrucar. Soltou-se da mão que o segurava e se jogou nas brumas.



Cair era algo natural para um Lançamoedas. Aquele momento repentino de aceleração, o estômago contraído, mas o espírito saltando. O vento. O frio das brumas na pele.

Ele abriu os olhos e viu redemoinhos brancos contra o fundo negro, as brumas dançando ao seu redor, convidativas, ansiosas. Todos os alomânticos partilhavam um laço com as brumas, mas os que não eram Lançamoedas não conheciam a emoção de saltar por elas. Quase se fundir a elas. Durante momentos como este, Wax entendia a Guerreira Ascendente. Vin. Ela raramente era chamada pelo nome. Seu título, como os dos outros Preservadores, era usado para mostrar reverência.

A *Histórica*, um volume das “Palavras de Fundação”, dizia que ela se fundira com as brumas. Tinha-as tomado para si, tornando-se sua guardiã, enquanto elas se tornavam sua essência. Enquanto o Sobrevivente protegia todos aqueles que lutavam, Vin protegia os que estavam na noite. Algumas vezes, Wax sentia que podia ver a forma dela nos padrões das brumas: magra, cabelo curto espalhado enquanto ela se movia, a capa de bruma flutuando atrás de si.

Era uma miragem, não era?

Wax disparou Vindicação, acertando uma bala no chão e *empurrando-a* para deter a queda. Aterrissou na rua, diante da entrada do edifício, apoiando-se num joelho. Ali perto, alguns esperançosos ainda esperavam conseguir entrar na festa.

— Para onde ele foi? — perguntou Wax, olhando para eles. — Alguém caiu antes de mim. Para onde ele foi?

Eu ainda nem matei seu santo pai...

Ferrugem! Será que ela se referia ao pai de Steris, que em breve seria seu sogro?

— Não... Não tinha ninguém aqui — respondeu um homem de terno preto. — Só aquilo. — Ele apontou para um carro esmagado.

Ao longe, um motor de automóvel ganhou vida. Saiu em disparada, com um som frenético.

A Sangradora deve ser uma Lançamoedas agora, pensou Wax, correndo em direção ao som, esperando que fosse ela. *Mas, se esse fosse o caso, ela não precisaria de um automóvel.* Talvez ela tivesse escolhido o poder feruquêmico de mudar seu peso, para que pudesse flutuar no vento.

Wax lançou-se para cima, observando as linhas de aço em movimento. Nas brumas, uma visão comum tinha alcance limitado, mas as linhas azuis da visão de aço entravam nas brumas como flechas. Ele podia identificar facilmente o carro se afastando, mas não tinha certeza se a Sangradora estava nele. Levou um instante para observar o movimento de outros veículos ali perto. Uma carruagem parou a uma rua de distância. Ele sabia disso pelo jeito que as linhas ligadas às peças de metal do cabresto dos cavalos tremiam. Pessoas caminhavam lentamente pela Alameda Tindwyl. Nada suspeito.

Tomada sua decisão, ele *empurrou* uns postes de iluminação pública, lançando-se atrás do carro que seguia em alta velocidade. Saltou de poste em poste e depois se lançou por sobre o alto de um edifício quando o carro virou uma esquina. Wax passou por cima do prédio, com as brumas rodopiando ao seu redor, quase rente ao telhado. Alguns garotos brincavam nele e o viram passar, boquiabertos. Wax aterrissou na outra extremidade do telhado, o casaco de bruma agitando-se em volta do corpo, e saltou quando o carro passou lá embaixo.

Isso não vai funcionar tão bem quanto você esperava, Sangradora, pensou.

Wax aumentou seu peso e *empurrou* o motor do carro para baixo.

Ele não esmagou a pessoa lá dentro, pois não podia ter certeza absoluta de ter o alvo certo. Seu peso cuidadosamente pressionado fez as rodas arrebentarem como tomates e esmagou o teto do carro só o suficiente para dobrar as portas de metal. Mesmo se a Sangradora tivesse acesso à velocidade aumentada, ela não conseguiria passar por aquelas portas.

Wax aterrissou ao lado do automóvel, com Vindicação na mão, apontada para um homem confuso que usava um chapéu de taxista. Taxistas dirigindo automóveis? Quando isso começou a acontecer?

— Ele saiu! — exclamou o taxista. — Duas ruas para trás. Ele me disse para continuar dirigindo; não me deixou nem parar quando saltou do carro!

Wax ficou completamente imóvel, com a arma apontada para a testa do taxista. Poderia ser a Sangradora. Ela podia mudar de rosto.

— P-por favor... — disse o taxista, choramingando. — Eu...

Maldição! Wax não conseguia saber. *Harmonia. É ele?*

Teve como resposta uma vaga sensação de incerteza. Harmonia não sabia.

Wax grunhiu, mas afastou a arma do motorista assustado, confiando em seus instintos.

— Onde você o deixou?

— Na rua Tage.

— Vá até a delegacia do Quarto Oitante — instruiu Wax. — Espere por mim ou pelos policiais que enviarei. Provavelmente teremos perguntas para você. Assim que eu estiver satisfeito, compraremos um novo automóvel para você.

Wax *empurrou-se* no ar até a esquina da Tage com a Guillem, o que o deixou na entrada de um labirinto de ruas industriais estreitas, que ligavam os armazéns às docas onde os barcos que chegavam pelos canais eram descarregados. Com a visão e a bolha de aço ativas, ele entrou cuidadosamente nas brumas, mas não tinha muita esperança. Seria muito difícil encontrar um homem sozinho naquela escuridão.

Tudo o que a Sangradora tinha que fazer era escolher um lugar e se esconder. Muitos criminosos na mesma situação que ela não faziam essa escolha inteligente, no entanto. Era difícil ficar completamente imóvel, sem mover nenhum metal, enquanto um alomântico vasculhava o lugar à sua procura.

Wax persistiu, caminhando por uma viela escura, checando a corda que Ranette lhe dera, presa em sua cintura, assegurando-se de que poderia abandoná-la rapidamente caso a Sangradora fosse uma Lançamoedas ou uma Atraidora e ele precisasse soltar seus metais. Logo as brumas o fizeram sentir como se estivesse num corredor sem fim, que desaparecia no nada em ambas as direções. Acima de Wax, também, só havia as brumas rodopiantes e escuras. Ele parou num cruzamento vazio, onde os armazéns silenciosos pareciam leviatãs dormindo nas profundezas dos quatro cantos, só um deles com uma lâmpada externa acesa. Ele olhou com sua visão de aço, esperando, contando os segundos.

Nada.

Ou o taxista era a Sangradora disfarçada ou a presa de Wax tinha escapado. Wax suspirou, abaixando a arma.

Uma das grandes portas do armazém mais próximo foi derrubada com um estrondo, revelando uma dúzia de homens. Wax sentiu uma

onda de alívio. Não perdera sua presa — simplesmente fora atraído para uma armadilha!

Espere.

Maldição, pensou Wax, levantando Vindicação e sacando a Sterrion que trazia no quadril. Ao mesmo tempo, *empurrou* os homens, o que o lançou para trás, em direção à cobertura de um edifício em obras.

Infelizmente, os homens abriram fogo antes que ele aterrissasse. A bolha de aço de Wax desviou uma grande quantidade de tiros, mudando sua trajetória para o vazio. As balas deixavam rastros nas brumas. Uma delas, no entanto, atingiu-lhe o braço.

Wax arfou quando seu *empurrão* o jogou contra uma parede incompleta. Ele disparou um tiro no chão e o *empurrou*, subindo no ar e passando para trás da parede, onde conseguiu cobertura.

As balas continuaram a acertar os tijolos enquanto Wax soltava uma arma e pressionava a mão esquerda contra a parte superior do braço direito, sentindo uma ardência e o sangue escorrendo. Os homens do outro lado da parede continuavam a disparar, e algumas balas não eram acompanhadas por linhas azuis. Balas de alumínio. A Sangradora estava muito mais preparada do que Wax esperava.

Por que continuar atirando com tanta fúria? Estavam tentando derrubar o muro com sua artilharia? *Não. Estão tentando chamar minha atenção enquanto me cercam pelos flancos.*

Wax pegou Vindicação, segurando-a com o braço sangrando e erguendo-a — aquilo *doía* — bem quando várias sombras sem metal algum entraram pelo outro lado do edifício. Wax acertou o primeiro homem na cabeça e derrubou o segundo com um tiro no pescoço. Três outros se ajoelharam, levantando suas bestas.

Alguna coisa puxou um deles para as sombras. Wax ouviu um gemido de dor bem fraco logo antes de atirar no segundo homem. Virou a arma na direção do terceiro e viu que ele já estava caído, com algo enfiado na cabeça. Uma faca?

— Wayne? — perguntou Wax, recarregando Vindicação às pressas com os dedos ensanguentados.

— Não exatamente — respondeu uma voz feminina. Uma figura alta aproximou-se pelas brumas, movendo-se por sobre a pilha de tijolos para alcançá-lo. Quando ela se aproximou, Wax conseguiu ver os olhos grandes, o cabelo escuro e o vestido justo e elegante, que agora estava rasgado pouco abaixo dos joelhos. A mulher da festa, aquela que tentara flertar com ele.

Wax virou Vindicação recarregada, ergueu-a num movimento suave e apontou para a cabeça da mulher. Do lado de fora, as balas

tinham parado de acertar a parede. O silêncio era muito mais sinistro.

— Ah, por favor — falou a mulher, encostando o corpo na parede ao lado dele. — Por que eu salvaria sua vida se fosse sua inimiga?

Porque você pode ser a Sangradora, pensou Wax. Qualquer um podia.

— Hum... você está machucado — comentou a mulher. — É muito grave? Porque *realmente* deveríamos começar a correr agora. Eles vão atacar daqui a pouco.

Maldição. Não tenho muita escolha. Confiar nela e correr o risco de morrer ou não confiar nela e quase certamente morrer.

— Venha — falou Wax, segurando a mulher e puxando-a para perto. Ele apontou Vindicação para o chão.

— Eles têm atiradores — disse ela. — Em cinco telhados, esperando você se *empurrar* nas brumas. Balas de alumínio.

— Como você sabe?

— Ouvi os caras com as bestas sussurrando enquanto davam a volta para pegar você.

Wax grunhiu.

— Quem é você? — perguntou ele, entre os dentes.

— Isso importa agora?

— Não.

— Consegue correr?

— Sim. Não está tão mal quanto parece. — Wax saiu correndo, com a mulher ao lado.

O ferimento doía como o inferno, mas havia algo nas brumas... Ele se sentia mais forte nelas. Não devia ser assim — ele não era um Braço de Peltre —, mas era o que acontecia.

Na verdade, levar um tiro era ruim, mas não tão ruim quanto as pessoas imaginavam. O tiro acertara pele e músculo, na parte interna do braço, tornando difícil levantá-lo, mas não causaria uma hemorragia. A maioria das balas, na verdade, não parava um homem; psicologicamente, o pânico de ter levado um tiro causava a maior parte dos danos.

Os dois saíram pelo outro lado do edifício, passando pelo homem com a faca na cabeça. Atrás deles, gritos se ouviam nas brumas, e alguns dos responsáveis pela emboscada tentavam entrar no edifício dando tiros para todos os lados.

A mulher corria bem, apesar de estar de vestido. Sim, ela arrancara a parte de baixo, mas ainda parecia correr com facilidade demais, sem suar nem ofegar.

Linhas azuis. Adiante.

Wax agarrou Milan pelo braço, puxando-a para uma viela bem no instante em que um grupo de quatro homens apareceu na rua, apontando suas armas.

— Ferrugem! — disse Wax, espiando pela esquina. A viela curta era um beco sem saída. Os bandidos tinham cercado os dois. — Quantos homens a Sangradora têm? — murmurou Wax, xingando mais uma vez baixinho.

— Não podem ser homens da Sangradora — comentou Milan. — Como ela teria recrutado um exército desses? Ela sempre trabalhou sozinha.

Wax olhou rapidamente para ela. Quanto mais ela sabia sobre tudo aquilo?

— Teremos que lutar — disse Milan enquanto os tiros soavam atrás deles. Levou a mão ao peito, onde o vestido expunha um decote considerável.

Waxillium vira algumas coisas estranhas na vida. Visitara acampamentos de koloss nas Terras Brutas e até fora convidado para se juntar a eles. Encontrara e falara com o próprio Deus e recebera um presente pessoal da Morte. Nada disso o tinha preparado para ver o peito de uma jovem e bela mulher ficar quase transparente e um dos seios se abrir e mostrar o punho de uma pequena pistola.

Ela o pegou e tirou a arma para fora.

— Muito conveniente — observou ela. — Dá para guardar todo tipo de coisa aqui.

— Quem é você?

— MeLaan — respondeu ela, erguendo e segurando a arma com as duas mãos. Desta vez, ela disse seu nome com uma pronúncia levemente diferente. — O Pai prometeu ajuda a você. Aqui estou.

Uma Imortal sem Rosto. Assim que ela parou de falar, Wax ouviu um farfalhar em sua mente. *Pode confiar nela.* A voz de Harmonia, acompanhada por uma sensação de infinito, uma visão como jamais tivera antes. Era a melhor confirmação que poderia ter de que ela não era a Sangradora.

Mesmo assim, Wax semicerrou os olhos para a mulher.

— Espere. Acho que sei quem você é.

Ela sorriu.

— Nós nos conhecemos esta noite. Joguei charme para você, lembra? Você fica com os da frente ou com os de trás?

Pelo menos uma dúzia de homens os perseguia. Quatro na frente.

Ele tinha que confiar em alguém em algum momento.

— Fico com os de trás.

— Que cavalheiro — brincou ela. — A propósito, tecnicamente eu não deveria matar pessoas. Eu... ah... acho que já quebrei essa regra hoje. Se conseguirmos sobreviver, por favor não diga a TenSoon que matei um monte de gente de novo. Ele fica chateado com isso.

— Claro. Sem problemas.

Ela sorriu. Quem quer que fosse, esse lado dela era completamente diferente do que mostrara antes.

— Diga quando.

Wax espiou a esquina. Figuras sombrias moviam-se nas brumas, aproximando-se de sua posição. Se ela estivesse certa, e isso não fosse coisa da Sangradora, então quem...

Balas de alumínio. Atiradores para impedir sua fuga.

Era seu tio. De algum modo, Wax havia caído em sua armadilha. Ah, Harmonia... Se a Sangradora e o Grupo estiverem trabalhando juntos...

Ele jogou um cartucho de bala para o lado, contra a parede à sua direita, e o segurou no lugar com um leve *empurrão* alomântico. Flexionou o braço machucado e ergueu as duas armas.

— Vamos.

Wax não esperou para ver o que MeLaan faria. Ele *empurrou* o cartucho, atirando-se para a rua, agitando as brumas. Os homens atiraram, e Wax aumentou seu peso antes de *empurrar* com toda a sua força, lançando uma onda de energia alomântica. Algumas armas foram lançadas para trás e algumas balas pararam no ar. Os homens grunhiram conforme seu *empurrão* os mandava para longe.

As armas de dois homens não foram afetadas pelo *empurrão*. Wax atirou neles primeiro. Os dois caíram, e ele não deu tempo para que os outros homens alcançassem as armas de alumínio. Diminuiu muito seu peso e *empurrou* contra os homens atrás dele, esperando que aquilo ajudasse MeLaan.

Seu *empurrão* o mandou para o meio dos homens com os quais lutava. Ele aterrissou, chutando uma das armas de alumínio para longe, no meio das brumas. Depois, abaixou Vindicação e perfurou a cabeça de um bandido bem na altura da orelha. Os estouros de seus disparos soavam na noite.

Wax continuou atirando, derrubando os homens ao redor dele enquanto girava nas brumas. Alguns o atacavam com bastões de duelo enquanto outros preferiam arco e flecha. Ele não localizou nenhum alomântico. Na noite, finalmente conseguiu provar o valor de seu

casaco de bruma. Enquanto desviava dos bandidos, chutando a outra arma de alumínio para longe, as franjas de seu casaco rodopiavam no ar, parecendo se misturar com as brumas. Os homens atacavam onde achavam que ele estava, mas as franjas os confundiam.

Ele se contorceu entre dois bandidos, ergueu uma arma para cada lado e disparou, mandando-os para o chão. Depois, virou-se e apontou as duas armas para um homem que se aproximava dele.

Acho que as duas já estão descarregadas. Puxou os gatilhos mesmo assim. As armas emitiram apenas um clique.

O homem aterrorizado cambaleou para trás, mas então parou.

— Ele está sem munição! Venham! Ele está sem defesas! — O homem avançou.

Wax soltou as armas.

Por que, exatamente, eles presumem que preciso de armas para ser perigoso?

Ele enfiou a mão no casaco e soltou a corda que trazia na cintura. Largou uma ponta, deslizando a corda entre os dedos. O gancho de Ranette tilintou quando acertou o chão.

O homem diante dele hesitou ao ouvir o som, segurando, nervoso, o bastão de duelo.

— Era assim que costumava ser feito antes — comentou Wax.

Ele puxou a corda, chicoteando a ponta de metal no ar, e *empurrou* o gancho contra o peito do homem, deixando que a corda corresse por entre seus dedos para dar mais folga. O golpe quebrou costelas do sujeito, e Wax puxou a corda de volta, balançando o gancho no ar enquanto se virava. *Empurrou* de novo, acertando o metal num homem que levantava um arco.

Wax virou e se ajoelhou, rodando a corda ao redor de si num grande arco, agitando as brumas enquanto lhe dava mais folga e *empurrava* o gancho, atirando-o contra o peito de outro homem. Wax puxou o gancho de volta, pegando outro homem pela coxa e fazendo-o perder o equilíbrio enquanto avançava com um bastão de duelo.

Wax pegou o gancho com uma das mãos e se virou mais uma vez, *empurrando* a ponta de metal no ombro de um inimigo. Wax o soltou com um puxão e o *empurrou* diretamente no rosto do homem.

Mais um, pensou Wax. Deu meia-volta, puxou o gancho e procurou.

O último homem rastejava no chão em busca de alguma coisa. Levantou os olhos, segurando uma das armas de alumínio caídas.

— O Grupo manda seus cumprimentos, homem da...

Parou de falar quando uma sombra por trás dele enfiou uma faca

nas suas costas.

— Fica a dica, garoto — comentou MeLaan. — Guarde as piadas até que seu inimigo esteja morto. Assim. Viu como é fácil? — Chutou o cadáver no rosto.

Wax olhou para os homens caídos e gemendo ao seu redor. Segurou a corda com força. Os atiradores nos telhados logo se reposicionariam e começariam a atirar.

— Precisamos agir rápido. Acho que a Sangradora vai atrás de Lorde Harms, o pai da minha noiva.

— Maldição — exclamou MeLaan. — Quer tentar subir e ir atrás dos atiradores?

— Não temos tempo para isso — sussurrou Wax. Apontou para a rua. — Você vai por ali; eu vou pelo outro lado. Se conseguir despistá-los, vá para a Taça do Conselheiro, uma taverna no Caminho de Edden. Eu a encontrarei lá depois que procurar Lorde Harms. Se eu ou alguém que eu mandar falar com você, diga primeiro as palavras “todas as calças amarelas”.

— Pode deixar.

— Boa sorte.

— Não sou eu quem precisa de ajuda, homem da lei — disse MeLaan. — *Eu* sou basicamente à prova de balas.

Ela lhe fez uma saudação zombeteira e seguiu rua abaixo, correndo pelas brumas.

Wax recuperou Vindicação, mas não a guardou no coldre. Em vez disso, pegou um dos cadáveres caídos nas proximidades, colocou-o sobre o ombro e encheu os bolsos do morto de balas. Depois, tirou seu cinturão. Não sabia se os atiradores eram Nascidos do Metal, prontos para ver linhas de metal nas brumas.

Só por precaução, ergueu o cadáver por sobre a cabeça e o *empurrou*, mandando-o bem alto nas brumas. Depois, *empurrou* seu cinturão, fazendo-o voar diante dele pela rua.

Por fim, saiu correndo, indo até o cinturão e usando Alomancia para erguê-lo e mandá-lo para a frente mais uma vez sempre que começava a cair. Um tiro irrompeu na noite, mas Wax não conseguiu localizar a origem. Não sabia se o atirador tentava atingir o cadáver, o cinturão ou ele. Outro tiro veio em seguida.

Ele saiu da viela, pegou o cinturão e saltou, sobrevoando a passarela e mergulhando na escuridão gélida do canal. A água escura o cercou e as armas o puxavam para baixo enquanto o casaco de bruma flutuava.

Ele agitou as pernas, procurando o fundo. Então, ainda submerso,

empurrou os anéis de amarração em cada lateral do canal. Quase todo mundo, até mesmo atiradores experientes, subestimavam o poder amortecedor de bons trinta centímetros de água. Wax movia-se pelo canal como um peixe nadando rio abaixo, continuando a *empurrar* os anéis de amarração conforme passava por eles, permanecendo no meio da água, ainda submerso. Passou por baixo de um barco, raspando o fundo, mas continuou a *empurrar*, rezando para não se chocar contra alguma coisa nas profundezas.

Quando ficou sem ar, já devia ter viajado por vários quarteirões. Saiu da água e, tossindo, rastejou pela margem do canal até alcançar a rua. Ficou em pé, cambaleando. Ninguém estava atirando nele, o que era um bom sinal.

Fez uma pausa apenas para recuperar o fôlego e fazer uma atadura grosseira no braço. Então, ganhou os céus, dirigindo-se para a mansão Harms.



— Tudo bem — falou Wayne, segurando seu bloco de anotações. — Tem certeza de que o camarada não estava agindo de modo estranho? Nada esquisito?

A criada negou com a cabeça, sentada, abraçando o corpo. Por fim, tinham conseguido descer da cobertura, seguindo o êxodo em pânico dos ricos. O governador estava cercado por um círculo de guardas à esquerda de Wayne, e várias lâmpadas elétricas fortes iluminavam a noite cheia de brumas.

O jardim na frente do arranha-céu parecia bem vazio agora que tantas pessoas tinham ido embora. Wayne imaginou que aquilo mudaria em breve, assim que Marasi voltasse com mais alguns policiais. Ela tinha saído correndo para buscá-los e fazer um relato. Isso significava que Wayne era o único oficial da lei na vizinhança. Um pensamento assustador.

— Tenho mais uma pergunta para você — disse Wayne para a mulher.

— Sim, oficial? — disse ela.

— Onde você conseguiu esses sapatos?

A mulher pestanejou antes de olhar para os pés.

— Hum... meus sapatos?

— Sim, seus sapatos — confirmou Wayne. — Parecem muito confortáveis, parecem, sim. Sapatos pretos nunca são demais. Combinam com praticamente tudo.

Ela olhou para ele.

— Você é homem.

— Claro que sou — respondeu Wayne. — Confirmei na última vez em que fui ao banheiro. Os sapatos?

— São da loja Rousseau — disse ela. — Terceiro Oitante, na rua Yomen. — Ela fez uma pausa. — Estavam em promoção na semana passada.

— Maldição! — exclamou Wayne. — Isso é ótimo. Obrigado. Você já pode ir.

Ela lhe deu aquele olhar que as pessoas pareciam dar apenas para Wayne, aquele que ele não entendia muito bem. Ah, certo. Ele escreveu o nome da loja de sapatos. Se tivesse que usar aqueles sapatos de salto horríveis da sua caixa de disfarces mais *uma* vez, provavelmente ficaria louco.

Colocou um chiclete na boca e caminhou até o grupo de guardas enquanto revia suas anotações. *Aquele criado lá em cima não era nenhum kandra*, pensou, batendo no caderno com o lápis. Wayne conversara com uma dúzia de empregados. Todos conheciam o camarada e disseram que ele não estava agindo de modo estranho. Mas ninguém gostava dele. Era um idiota, e nenhum deles estava surpreso que ele acabasse sendo a maçã podre.

Um amador poderia pensar que escolher o cara novo seria um bom disfarce, mas essa Sangradora poderia ser *qualquer um*. Por que pegaria o último homem da lista, alguém que se juntara à equipe havia algumas semanas? Claro, ser novo lhe dava uma desculpa para não saber o nome das pessoas, mas, segundo os relatos, o camarada não esquecera o nome de ninguém esta noite. E escolher um esquisitão com uma má reputação só faria todo mundo ficar de olho nela. Uma escolha terrível para um imitador.

Aquele cara devia ser algum outro tipo de infiltrado. Wayne balançou a cabeça.

— Onde está Drim? — perguntou para os guardas. — Quero mostrar para ele o que consegui.

O guarda se inclinou, olhando o caderno de anotações de Wayne.

— Aí só tem um monte de rabiscos.

— É para fazer de conta — explicou Wayne. — As pessoas falam mais se acham que você está escrevendo coisas. Não sei o motivo. Eu certamente não ia querer que ninguém se lembrasse das bobagens que digo... — Ele hesitou e, então, empurrou o guarda de lado, olhando para o meio do grupo. Drim não estava ali, nem o governador.

— O que fizeram com ele?! — perguntou Wayne, voltando-se para os demais. Um bando presunçoso de desgraçados, era isso que eram.

— Era melhor que todo mundo pensasse que ele ainda estava aqui — explicou o guarda. — Na verdade, ele e Drim foram para um local seguro há muito tempo. Se enganamos você, então, com sorte,

também enganamos o assassino.

— Enganando... eu devia estar protegendo o cara!

— Bem, você está fazendo um trabalho ferrado de bom, camarada, não acha? — disse o guarda, sorrindo maliciosamente.

Então, Wayne fez a única coisa razoável. Cuspiu o chiclete e socou o camarada.

Wax raramente apreciava tanto a cidade como quando precisava ir a algum lugar com rapidez.

Para os olhos dos alomânticos que queimavam aço, Elendel era viva e cheia de movimento, mesmo quando coberta pela escuridão e pelas brumas. Metal. De certo modo, essa era a verdadeira marca da humanidade. O homem tinha domesticado as pedras, os ossos da terra. O homem tinha domesticado o fogo, aquela alma efêmera e consumidora de vida. E, combinando ambos, tirou a própria essência das rochas e fez ferramentas fundidas.

Wax passou por entre os arranha-céus como um sussurro, o movimento secando suas roupas. Ele se tornara apenas outra corrente que agitava as brumas, movendo-se como o eixo de uma rede majestosa de linhas azuis, como um milhão de dedos estendidos apontando o caminho para âncoras que ele usava ao longo do caminho. Quando até um cavalo em galope era lento demais, Wax tinha o aço. O metal queimava nele, retornando ao fogo que o formara.

Daí ele tirava poder. Algumas vezes, isso não era o bastante.

Mas, naquela noite, ele atravessou uma das janelas superiores iluminadas da mansão Harms, rolando no chão e se aprumando com as armas apontadas. Lorde Harms virou-se na cadeira da escrivaninha, derrubando o pote de tinta. O velho de rosto vermelho tinha uma pança confortável, maneiras tranquilas e um bigode que competia com a papada para ver quem chegaria mais rápido no chão. Ao ver Wax, ele se sobressaltou e tentou abrir a gaveta da escrivaninha.

Wax esquadrinhou a sala. Não havia mais ninguém ali. Nenhum inimigo nos cantos, nenhum pedaço de metal se mexendo nos armários ou no quarto. Chegara a tempo. Wax soltou um suspiro de alívio, levantando-se enquanto Lorde Harms por fim conseguia abrir a gaveta. O homem pegou a pistola, de um modelo moderno, semiautomático, popular entre os policiais. Harms ficou em pé de um salto e correu até Wax, segurando a arma com as duas mãos.

— Onde eles estão? — exclamou Harms. — Podemos acabar com eles, hein, garotão?

— Você tem uma arma — comentou Wax.

— Sim, de fato, sim, de fato. Depois do que aconteceu no ano passado, percebi que um homem tem que estar armado. Qual é a emergência? Dou cobertura para você!

Wax abaixou cuidadosamente a ponta da arma de Lorde Harms, caso tivesse uma bala na câmara — porque, felizmente, o velho não colocara o carregador no lugar. Wax olhou de relance para as janelas. Tinha-as aberto com um *empurrão* ao se aproximar, mas eram feitas para abrir para fora, *não* para dentro. Ele arrancara as duas folhas das dobradiças, derrubando uma e deixando a outra pendurada no canto. Ela finalmente cedeu, despencando no chão e quebrando o vidro dentro da moldura de madeira.

As brumas entravam pela abertura, inundando o chão. Onde estava a Sangradora? Em algum lugar da casa? Fazendo de conta que era uma criada? Um vizinho? Um policial passando na rua?

Parada na sala com ele?

— Jackstom — falou Wax, olhando para Lorde Harms —, você se lembra de quando nos conhecemos, e Wayne fingiu que era meu mordomo?

Harms franziu a testa.

— Seu tio, você quer dizer?

Ótimo, pensou Wax. Uma impostora não saberia isso, saberia? Ferrugem!... Ele tinha que suspeitar de todo mundo.

— Você está em perigo — falou Wax, colocando as armas nos coldres nos quadris. Seu terno estava bem estragado pela água do canal, e ele tinha jogado a gravata de lado, mas seu casaco de bruma estava muito pior. — Vou tirar você daqui.

— Mas... — Lorde Harms recuou, empalidecendo. — E minha filha?

Como se ele só tivesse uma.

— Steris está bem — garantiu Wax. — Wayne está cuidando dela. Vamos.

O problema era: ir para onde? Wax tinha uma centena de lugares para onde poderia levar Harms, mas a Sangradora podia estar em qualquer um deles. As probabilidades certamente estavam a favor de Wax, mesmo assim...

A Sangradora é antiga, dissera Harmonia. *Mais velha do que a destruição do mundo. Ela é habilidosa, cuidadosa e brilhante... Passou séculos estudando o comportamento humano.*

Qualquer opção que Wax escolhesse poderia ser exatamente a que a Sangradora previra que ele escolheria. Como enganar algo tão antigo, tão sábio?

A solução parecia fácil. Era só não tentar.

Steris saiu da Torre ZoBell e encontrou Wayne sentado do outro lado da rua diante de um amontoado de homens feridos e obviamente zangados. Wayne comia um sanduíche.

— Ah, Wayne — disse ela, olhando para os homens, hostis e feridos, e depois para ele. — São os guarda-costas do governador. Innate vai precisar deles esta noite.

— Não foi minha culpa — respondeu Wayne. — Eles foram pouco corteses. — Deu uma mordida no sanduíche.

Ela suspirou, acomodando-se ao lado dele e olhando através das brumas na direção da torre. Podia ver as luzes acesas em vários andares brilhando como fantasmas, mostrando o caminho até o topo.

— É assim que vai ser com ele, não é? — perguntou ela. — Sempre sendo deixada para trás no meio de alguma coisa? Sempre sentindo que *meio* que faço parte da vida dele?

Wayne deu de ombros.

— Você podia fazer a coisa mais nobre, Steris. Desistir dessa coisa de casamento. Deixá-lo livre para encontrar alguém de quem realmente goste.

— E o investimento da minha família nele e em sua casa?

— Bem, sei que aqui vão palavras revolucionárias, Steris, mas você pode emprestar dinheiro a um sujeito *sem* que ele tenha que começar a apreciar você, se entende o que quero dizer.

Bom *Harmonia*, Wayne podia ser incrivelmente sem modos. Ele não era assim com os demais. Ah, era grosseiro e caprichoso, mas raramente era rude de um jeito descarado. Deixava aquilo só para ela. Será que ele esperava que ela revidasse, que provasse quem era, de algum jeito? Ela nunca fora capaz de entendê-lo. Preparar o que dizer para ele só parecia deixá-lo mais vulgar.

— Ele disse para onde ia? — perguntou ela, tentando permanecer educada.

— Não — disse Wayne, dando outra mordida no sanduíche. — Estava perseguindo a Sangradora. Isso quer dizer que pode ter ido para qualquer lugar, o que quer dizer que seria inútil tentar encontrá-lo. Ele virá me buscar quando puder. Se eu partir, podemos acabar nos desencontrando.

— Entendo. — Ela se recostou no banco, cruzando os pés no meio-fio e encarando as luzes. — Você me odeia pelo que eu represento, Wayne? As responsabilidades que trouxeram Wax de volta a Elendel?

— Eu não odeio você — falou Wayne. — Acho você repulsiva. Há

uma diferença importante, há, sim.

— Mas...

Wayne se levantou. Enfiou o resto do sanduíche na boca.

Então, foi até os guardas que o olhavam com caras de poucos amigos e se sentou. A implicação era óbvia.

Prefiro ficar aqui.

Steris fechou os olhos, apertando-os com força, e tentou fingir que era outra pessoa por um tempo. Logo, o som de sinos anunciou a chegada das carruagens da polícia. Ela se levantou e se recompôs, aliviada quando viu Marasi sair de um dos veículos e correr até ela.

— Waxillium? — perguntou.

Steris negou com a cabeça.

— Entre. — Marasi apontou para uma das carruagens. — Vou mandar você para um lugar seguro.

— Acho que o perigo já passou por aqui — comentou Steris. — A menos que Wayne procure briga de novo.

— Não — corrigiu Marasi. — O perigo só começou.

Alguma coisa no tom de voz da mulher mais jovem fez com que Steris prestasse atenção. Outros policiais não saíram das carruagens. Na verdade, pareciam esperar por Marasi. Não tinham ido lá investigar o homem que Waxillium perseguira.

— Alguma coisa aconteceu, não foi? — perguntou Steris.

— Sim — respondeu Marasi. — Wayne, venha aqui! Temos trabalho a fazer.

Wax escondeu Lorde Harms no alto da Torre Feder. Escolheu o lugar no mapa da cidade, por meio de números aleatórios; com sorte, a Sangradora não seria capaz de se adiantar a um plano que não foi premeditado. Harms tinha instruções para ficar abaixado, escondido na escuridão e em silêncio. Mesmo se a Sangradora pudesse *empurrar* aço e procurá-lo na noite, a chance de dar de cara com Harms era ridiculamente baixa, beirando o impossível. Aquilo não impedia Wax de se preocupar. O pai de Steris era um homem tolo, mas bondoso e amável.

Era o melhor que Wax podia fazer, já que precisava localizar o governador. Essa caçada tomou mais tempo do que Wax imaginava, o que era uma coisa boa, na verdade. Significava que Drim, apesar de não gostar de Wax, estava fazendo seu trabalho adequadamente. Pelo que Wax conseguiu perceber, ao menos três carruagens sem marcas tinham saído da Torre ZoBell: duas iscas e uma com o governador. Ele localizou uma na rua Stanton e a descartou. Muito óbvia, com os

guardas montados em cima. Imaginando que a outra tinha ido para leste, descobriu-a dirigindo em círculos no Terceiro Oitante, também tentando chamar a atenção. Movia-se devagar demais.

Além disso, o governador não iria por aquele caminho. Innate era um lutador. Ele não gostaria de ser visto com medo, escondendo-se do perigo. Foi o que Wax se pegou pensando, empoleirado no alto de um edifício perto da Alameda Hammond, a algumas ruas da mansão de Innate. Ele voltaria para casa, evitando as casas seguras da cidade. Ele gostaria de estar em seu centro de poder e autoridade.

As brumas pareciam brilhar na cidade, iluminada por milhares de luzes, um número crescente delas elétricas. Levou tanto tempo para a carruagem chegar que Wax começava a repensar suas conclusões. Mas ela chegou: um veículo fechado, de teto alto e cortinas vermelhas. Sim, era um tanto quanto discreta. Os cavalos, no entanto, eram do bando de reprodutores premiados do governador. Assim como os das outras duas carruagens.

Wax balançou a cabeça enquanto saltava e *empurrava* até o alto dos arcos de pedra do lado de fora do Primeiro Banco de Seguros. A carruagem avançava rapidamente e não tinha escolta visível. Deviam ter dado uma volta bem grande para demorar tanto tempo até chegar ali. Wax saltou da fachada do banco e *empurrou* um poste de iluminação, arremessando-se atrás da carruagem do governador. Aterrisou no alto do veículo e acenou com a cabeça para o cocheiro, surpreso, antes de se pendurar ao lado da carruagem e bater na porta, preso por um braço sobre os paralelepípedos que ficavam rapidamente para trás na rua. Era visível que estavam forçando os animais ao máximo.

Depois de alguns instantes, a cortina da janela se abriu, revelando o rosto surpreso de Drim.

— Ladrian? — perguntou ele. — O que diabos está fazendo?

— Sendo educado — respondeu Wax. — Posso entrar?

— E se eu recusar?

— Então vou *parar* de ser educado.

Drim deu um sorriso zombeteiro, mas olhou de relance para o governador, que estava ao seu lado, com o chapéu no colo. O homem assentiu, e Drim suspirou e se voltou para a porta.

Não pararam a carruagem. Então, Wax teve que se soltar, derrubar um cartucho de munição e *empurrar-se* de volta para a carruagem quando Drim abriu a porta. Segurou a porta com uma das mãos, *empurrando* um poste pelo qual passavam, e entrou no veículo, sentando-se no banco na frente de Drim e do governador.

Drim seria um disfarce perfeito para a Sangradora. Assim como o motorista da carruagem, ou basicamente qualquer um com acesso ao governador, incluindo sua esposa e família.

— Lorde Ladrian — disse Innate, com um suspiro. — Acabar com a festa não foi o bastante para você? Tem que me incomodar no caminho para casa também?

Wax deu de ombros e se preparou para *sair* da carruagem. Já tinha a porta meio aberta quando Innate, falando precipitadamente, continuou:

— O que está fazendo agora, seu tolo?

— Vou embora — falou Wax. — Há milhares de lugares em que eu podia estar agora, a maioria deles mais agradáveis. — Ele hesitou e, então, pegou uma de suas Sterrions, girou-a na mão e deu para o governador pelo punho. — Tome.

Os olhos do governador se esbugalharam.

— Por que eu precisaria de uma arma? Tenho guarda-costas.

— Assim como seu irmão — comentou Wax. — Pegue. Eu me sentirei culpado quando você levar um tiro, se eu não tiver feito *alguma coisa*.

— Um tiro? — Innate empalideceu. — Meu irmão foi morto por causa de seus flertes com o submundo de Elendel. Eles não ousarão tocar em mim.

— Tenho certeza de que não — falou Wax, inclinando-se para fora da porta. Então, hesitou mais uma vez e olhou para dentro. — Sabe como reconhecer uma kandra, certo, Drim?

— Uma o quê? — perguntou o guarda-costas de pescoço largo.

— Isso são mitos — disse Lorde Innate.

— São? — insistiu Wax. — Então aquela que eu conheci essa noite devia estar mentindo. Embora eu não possa dizer como ela tornou sua pele transparente. Ah, bem... Acho que você tem tudo sob controle.

— Você pretendia me contar — falou Innate, detendo Wax com um toque antes que ele pudesse sair pela porta — que um dos *Imortais sem Rosto* estava na minha festa esta noite?

— Dois, na verdade — corrigiu Wax. — Uma veio ajudar. Eu a apresentaria para você e pediria para ela provar sua natureza, mas parece que você já tem uma opinião formada a esse respeito. A outra que estava na sua festa foi a pessoa que matou seu irmão. Tem certeza de que não quer uma arma? Não? Tudo bem, eu só...

— Você me convenceu, Lorde Waxillium — disse Innate, contrariado. Voltou a se acomodar perto de uma lâmpada da

carruagem, que queimava gás para fornecer iluminação adequada.

— Milorde — falou Drim, olhando para Innate —, isso é estúpido. Os Imortais sem Rosto? Uma em cada duas pessoas afirma ter encontrado um só para conseguir aparecer nos jornais! Não está realmente acreditando nessa história, não é?

Innate observou Wax.

— Ele está — respondeu Wax. — Porque sabe que *alguma coisa* estranha aconteceu com o irmão dele. Morto na sala secreta, os seguranças assassinados pelas costas por alguém em quem confiavam... E Winsting Innate levava sua segurança *muito* a sério. Suspeito que mais a sério do que você, senhor governador.

— Pode me apresentar para uma dessas criaturas? — perguntou Innate. — Posso ter uma prova da existência delas?

— Pode.

— Mas por que um dos servos do próprio Harmonia mataria Lorde Winsting? — indagou Drim.

— A kandra ficou louca — disse Wax, baixinho. — Ainda não sabemos quais são seus motivos, mas ela parece querê-lo morto, senhor governador. Então minha tarefa é mantê-lo vivo.

— O que faremos? — perguntou Innate. — Como vamos nos preparar?

— Bem, primeiro vou assumir sua segurança — começou Wax.

— O diabo que vai! — exclamou Drim.

— Isso é impossível — concordou Innate. — Drim tem me servido bem há anos. Ele... Aonde você vai?

Wax já estava na porta quando se virou.

— Eu queria ver uma peça hoje à noite — comentou, gesticulando. — Imagino que ainda possa pegar o final do espetáculo enquanto vocês dois discutem isso.

— E se a criatura vier até mim enquanto você estiver fora? — perguntou Innate.

— Tenho certeza de que o chefe da sua segurança pode lidar com isso — falou Wax. — Ele sabia que a kandra estava na festa hoje, não sabia? E certamente não deixou de notar quando Wayne se infiltrou disfarçado. E...

— Você pode revisar meus protocolos de segurança. — Innate cedeu com um suspiro. — E dar seus conselhos.

— Tudo bem — disse Wax, fechando a porta enquanto a carruagem virava uma esquina e se aproximava da mansão do governador. — Mas vocês têm que concordar com uma coisa agora

mesmo. Darei a cada um dos dois uma contrassenha e quero que ambos jurem que não vão contá-la para *ninguém*. Nem mesmo um para o outro ou para Lady Innate. Vocês também me darão uma contrassenha. Quando nos encontrarmos, vamos trocá-las com um sussurro, o que provará que nenhum de nós foi substituído.

— Você sinceramente acha que eu não reconheceria minha própria esposa? — perguntou Innate, cansado.

— Tenho certeza de que sim — disse Wax, suavizando o tom de voz. — Mas essa é uma exigência em troca da minha ajuda, e vocês devem me atender. Isso vai me deixar mais tranquilo.

A família representava o maior perigo. A Sangradora parecera muito confiante, como se tivesse o governador na palma da mão, o que fazia Wax pensar que a criatura já conseguira algum parente. Lady Innate não estava na festa, mas Harmonia dissera que a Sangradora podia mudar de corpo sempre que desejava. Ferrugem e Ruína, que situação horrível. A Sangradora podia ter matado um sobrinho ou uma sobrinha, até mesmo uma criancinha, e estar planejando imitar um deles para chegar até o governador. Na *Histórica*, os kandra imitavam animais. Os bichinhos de estimação podiam ser assassinos.

Wax olhou para o governador, que parecia profundamente perturbado, com as mãos apertadas, o olhar perdido. Ele começava a entender as implicações daquilo. Innate não era idiota. Só egoísta e, possivelmente, corrupto.

A carruagem parou diante da mansão, e Drim desceu. Quando Wax se preparava para segui-lo, o governador o pegou pelo braço.

— Quero ver essa sua prova, terrabrutense.

— Arranjarei um encontro amanhã.

— Esta noite.

Wax assentiu.

— Se isso for verdade — disse o governador, ainda segurando seu braço —, o que faremos? Li as “Palavras de Fundação”. Sei do que os Imortais sem Rosto são capazes. Ruína... esta criatura pode ser qualquer um. Contrassenhas não serão o bastante. Nem de perto.

— Não serão — admitiu Wax. — Senhor, a coisa tem acesso às artes metálicas também. A qualquer momento, ela pode ser qualquer coisa, de um Pulsador a um Arquivista. Embora só possa carregar um de cada vez sem correr o risco de perder o controle, ela pode mudar seus poderes conforme sua vontade.

— Grande *Harmonia* — sussurrou o governador. — Como se detém uma coisa dessas?

— Francamente, não sei. Você já devia estar morto.

— Por que não estou? — perguntou o governador, acenando para afastar Drim, que voltara para a carruagem para ver o que acontecia. — Esta criatura poderia ter me matado com a mesma facilidade que matou meu irmão.

— Ela parece ter algum tipo de objetivo. Maior do que você. Ela pode não querer derrubá-lo até que isso derrube o governo da cidade inteiramente. — Wax hesitou e se aproximou. — Senhor, você deveria deixar Elendel.

— Partir? — repetiu Innate. — Você já viu o que está acontecendo na cidade?

Wax assentiu.

— Eu...

— Greves de trabalhadores — prosseguiu Innate como se não tivesse ouvido Wax. — Os preços dos alimentos nas alturas. Homens demais sem trabalho, muitos outros exigindo melhores condições. Ferrugem! Há praticamente motins nas ruas, homem! E o *escândalo*. Não posso ir embora. Minha carreira estaria acabada.

— Melhor do que sua vida estar acabada.

O governador olhou para ele. Não parecia ver a situação desse jeito.

— Partir é impossível — reiterou Innate. — Seria como se eu abandonasse o povo... Eles pensariam que o escândalo me obrigou a me esconder. Eu seria visto como um covarde. Não. Impossível. Mandarei Lady Innate para um lugar seguro, assim como as crianças. Devo ficar, e *you* precisa cuidar disso, o que quer que seja. Detenha essa coisa antes que isso vá longe demais.

— Tentarei — afirmou Wax, inclinando-se. — Dê-me uma contrassenha para que possa me reconhecer. Algo de que possa lembrar, mas sem sentido.

— Levedura na areia.

— Ótimo. A minha é “ossos sem sopa”. Tem uma sala secreta?

— Sim — respondeu Innate. — No subsolo da mansão, embaixo da sala de estar.

— Fique lá — pediu Wax, saindo da carruagem. — E, se trancar a porta, *não* deixe ninguém entrar até que eu volte e possa dar a contrassenha.

Assim que desceu, Wax se pegou sacando Vindicação.

Levantou a arma antes mesmo de perceber o que estava acontecendo. Gritos de alarme, mas não de dor. Uma criada saiu

correndo da mansão do governador, deixando para trás os pilares da entrada, brancos e reluzentes sob as luzes, como uma linha de fêmuress.

— Milorde! — gritou a mulher. — Recebemos um telegrama. Aconteceu algo importante. Você vai precisar preparar um comunicado!

— O que foi? — Wax quis saber enquanto o governador descia da carruagem.

A criada hesitou, com os olhos arregalados ao ver a arma de Wax. Ela usava um uniforme negro elegante, cuja saia descia até o tornozelo, e echarpe vermelha no pescoço. Uma governanta ou talvez uma das conselheiras do governador.

— Sou policial — disse Wax. — Qual é a emergência?

— Um assassinato — falou ela.

Harmonia, não...

— Não foi Lorde Harms. Por favor, me diga! — Será que deixara o homem sozinho para ser morto em sua pressa em encontrar o governador?

— Lorde quem? — perguntou a mulher. — Não foi um nobre, policial. — Ela olhou para Drim, que assentiu, indicando que Wax era de confiança. — Foi o padre Bin. O sacerdote.

Marasi olhava o cadáver, que fora pregado na parede como uma tapeçaria antiga. Uma estaca através de cada olho. O sangue pintava as bochechas do homem e ensopava a túnica cerimonial branca, formando um traje carmesim. Quase como um V terrisano. O sangue também manchava a parede nos dois lados do cadáver, marcado pelos movimentos de braços e dedos. Marasi estremeceu. O sacerdote estava vivo quando aquilo aconteceu.

Apesar dos policiais que inspecionavam e andavam pela grande nave da igreja, Marasi sentia-se sozinha, parada diante daquele cadáver de olhos de aço. Apenas ela e o corpo, uma cena perturbadoramente reverente. Aquilo a fazia se recordar de algo da *Histórica*, embora não conseguisse se lembrar do quê.

O capitão Aradel apareceu ao lado dela.

— Tive notícia da sua irmã — comentou ele. — Nós a deixamos numa das nossas casas mais seguras.

— Obrigada, senhor.

— O que acha disso? — perguntou ele, apontando para o corpo.

— É horrível, senhor. O que aconteceu exatamente?

— Os conventicalistas não estão sendo de muita ajuda — falou ele.

— Não sei se estão em estado de choque ou se consideram ofensiva nossa intrusão aqui.

Ele gesticulou para ela ir na frente, e eles passaram por Wayne, que estava sentado num dos bancos, mascando chiclete e olhando para o corpo. Marasi e Aradel saíram da nave abobadada e entraram num pequeno vestibulo onde uma fila de pessoas de rosto acinzentado estava sentada em alguns bancos. Eram conventicalistas, pessoas que trabalhavam numa igreja sobrevivencialista.

Uma mulher de cabelo cinzento estava sentada na frente, usando o vestido formal de uma matrona da igreja. Ela enxugava as lágrimas, e várias crianças estavam perto dela, olhando para baixo. O policial Reddi estava parado ali perto. Ele enfiou a prancheta embaixo do braço e bateu continência para Aradel. Em geral, não era o tipo de coisa na qual um comissário de polícia estaria envolvido, mas Aradel fora detetive por muitos anos.

— Vai cuidar dos interrogatórios pessoalmente, senhor? — perguntou Reddi. Os conventicalistas ficaram visivelmente tensos com a palavra “interrogatórios”. Marasi podia ter batido nele por causa daquele tom de voz.

— Não — respondeu Aradel.

— Muito bem, senhor — disse Reddi, ajeitando a gravata-borboleta e pegando a prancheta. Deu um passo na direção dos conventicalistas.

— Na verdade — falou Aradel —, eu estava pensando em deixar a tenente Colms tentar fazer os interrogatórios.

Marasi sentiu uma pontada de pânico, que reprimiu imediatamente. Não tinha medo de um simples interrogatório, em particular um com testemunhas amigáveis, mas o jeito como Aradel disse aquilo, tão sério, a fez sentir como se fosse algum tipo de teste. Maravilha.

Ela respirou profundamente e passou por Reddi, que abaixara a prancheta e olhava para ela. O grupo era formado por oito pessoas, todas de ombros curvados. Qual era o melhor modo de se aproximar delas? Elas já tinham descrito para um desenhista o que acontecera, mas os detalhes podiam separar Ruína e Preservação.

Marasi acomodou-se no banco, entre duas delas.

— Minhas condolências pela perda de vocês — disse, baixinho. — Minhas desculpas também. A delegacia falhou com vocês hoje.

— Não é sua culpa — disse a matrona, abraçando uma das crianças. — Quem teria antecipado... Santo Sobrevivente, eu sabia que aqueles caminhantes eram um bando miserável. Sempre *soube*. Sem regras? Sem preceitos para guiar suas vidas?

— Caos — comentou um homem de cabeça raspada sentado no banco de trás. — Não querem nada além do caos.

— O que aconteceu? — perguntou Marasi. — Li o relatório, é claro, mas... Ferrugem!... Não consigo imaginar...

— Estávamos esperando a celebração da noite — contou a matrona. — As brumas tinham feito uma aparição espetacular! Devia ter umas mil pessoas na cúpula para venerá-las. E então ele simplesmente caminhou até o púlpito, aquele *mestiço* caminhante.

— Você o reconheceu?

— É claro que sim — garantiu a matrona. — Era aquele Larskpur; nós o vemos nas reuniões da comunidade o tempo todo. As pessoas acham que precisam convidar um sacerdote caminhante, para não mostrar favoritismo, embora ninguém os queira por perto.

Atrás dela, outro sacerdote menos graduado assentiu.

— Um lixo de homem, mal cabia em sua túnica — falou ele. — Nada ornamentado. Só um manto. Eles nem se arrumam para venerar.

— Ele começou a falar com a multidão — prosseguiu a matrona. — Como se *ele* fosse fazer o sermão das brumas da alvorada! Só que dos seus lábios só saíram vilanias.

— Como o quê? — perguntou Marasi.

— Blasfêmias — explicou a matrona. — Mas não importa. Olhe, policial. Por que está falando conosco? *Mil* pessoas o viram. Por que está *nos* tratando como se tivéssemos feito algo de errado? Você deveria estar prendendo aquele monstro.

— Temos pessoas atrás dele — contou Marasi. Ela apoiou a mão no ombro de uma das crianças, e a garotinha choramingou e segurou seu braço. — E prometo que vamos pegar e punir quem fez isso. Mas cada detalhe que consigam lembrar pode nos ajudar a capturá-lo.

A matrona e o outro sacerdote olharam um para o outro. Mas foi um dos outros, um ajudante de altar na casa dos vinte anos, quem falou.

— Larskpur disse que o Sobrevivente era um falso deus — sussurrou ele. — Que Kelsier tentara ajudar a humanidade, mas falhara. Que a morte dele não foi para nos proteger ou para Ascender, mas por pura estupidez e bravata.

— É o que eles sempre pensaram — disse a matrona —, mas não dizem. Esses caminhanes... afirmam aceitar todos, mas, se você se esforçar, dá para ver a verdade. Eles zombam do Sobrevivente.

— Eles querem o caos — repetiu o outro sacerdote. — Odeiam que tantas pessoas se mirem no Sobrevivente. Odeiam que tenhamos padrões. Eles não têm reuniões, igrejas ou mandamentos... O Caminho

não é uma religião, é uma *banalidade*.

— Vou dizer que tudo aquilo nos assustou — comentou a matrona. — Primeiro, pensei que o padre Bin *podia* ter convidado Larskpur para falar. Por que mais ele teria a ousadia de subir ao púlpito? Fiquei tão horrorizada com o que ele disse que no início não notei o sangue.

— Eu notei — falou o outro sacerdote. — Achei que ele estava usando luvas. Fiquei encarando aqueles dedos, num tom vermelho-vivo. E depois notei as gotas que caíam no chão e no púlpito enquanto ele gesticulava.

Todos ficaram quietos por um momento.

— Não há mais nada para dizer — disse a matrona, por fim. — Larskpur gesticulou mais uma vez, e as cortinas do fundo caíram. Ali estava ele, nosso abençoado padre, pregado ali como uma paródia terrível do Sobrevivente. Pobre padre Bin, estava... pendurado o tempo todo. Ainda devia estar vivo, sangrando e morrendo enquanto todos nós ouvíamos aquelas blasfêmias.

Marasi duvidava daquilo. Embora o sacerdote obviamente tivesse lutado no início, as estacas acabaram com sua vida rapidamente.

— Obrigada — disse ela para o perturbado grupo. — Vocês foram muito úteis. — Soltou cuidadosamente as mãos da garotinha, que segurava seu braço, e as passou para a matrona.

Marasi se levantou e caminhou até Aradel e Reddi, que estavam do outro lado do aposento.

— O que acham? — perguntou Marasi, baixinho.

— Das informações ou das suas técnicas de interrogatório? — perguntou Reddi.

— De ambos.

— Eu não teria conduzido assim — disse o policial. — Mas suponho que você conseguiu deixá-los à vontade.

— Não nos deram muita coisa — comentou Aradel, coçando o queixo.

— O que você esperava? — perguntou Marasi. — Capitão, esta só pode ser a mesma pessoa que matou Winsting.

— Não tire conclusões precipitadas — pediu Aradel. — Qual seria o motivo?

— Consegue explicar isso de outro jeito? — Marasi quis saber, gesticulando em direção ao aposento com o sacerdote morto. — Um caminhante? Assassinando alguém? Senhor, esses sacerdotes caminhantes estão entre as pessoas menos agressivas do planeta. Já vi crianças de colo mais perigosas.

Aradel continuou a coçar o queixo.

— Reddi, consiga algo para esses conventualistas beberem. Suponho que uma caneca com algo quente seria útil para eles agora.

— Senhor? — perguntou Reddi, abalado.

— Você já passou tanto tempo perto de armas que ficou surdo? — perguntou Aradel. — Vá logo, capitão. Preciso falar com a policial Colms.

O olhar que Reddi deu para Marasi foi tão intenso que poderia ter fervido água, mas ele se afastou como fora ordenado.

— Senhor, não posso deixar de notar sua determinação em ver o restante dos policiais me odiarem — comentou Marasi, observando Reddi partir.

— Bobagem — respondeu Aradel. — Só estou dando um empurrão no menino. Ele é inútil quando não está tentando se exhibir para mim... Aquelas semanas em que achou que o posto de assistente estava garantido foram miseráveis. Ele é um oficial melhor quando tem alguém com quem competir. — Ele segurou Marasi pelo ombro e a guiou para longe dos conventualistas sentados. Um cabo acabara de chegar com cobertores e canecas de chá quente. Com sorte, Reddi não ficaria muito irritado por esse trabalho também ter sido roubado dele.

— Não posso lutar contra espectros da bruma e espíritos da noite — comentou Aradel, chamando a atenção dela para si. — Sou uma vigia, não um exorcista.

— Entendo isso, senhor — respondeu Marasi. No caminho até ali, ela lhe contara o que Waxillium dissera sobre a Sangradora. Não ia esconder informações de seu superior. — Mas, se o criminoso é sobrenatural, que opções temos?

— Não sei — disse Aradel —, e isso me frustra de um jeito sem fim. Tenho uma cidade mais seca do que uma pilha de folhas de outono, tenente, prestes a entrar em combustão. Não tenho os meios necessários para caçar uma imortal caída. Preciso de policiais nas ruas para tentar impedir que a cidade consuma a si mesma.

— Senhor, e se as duas coisas estiverem relacionadas?

— Os dois assassinatos?

— Os assassinatos e os distúrbios, senhor. — Ela fechou os olhos, lembrando-se da capela com sua cúpula e seus bancos, e tentou imaginar como estaria mais cedo. Larskpur parado na frente de todos, agitando as mãos, e os paroquianos horrorizados, fugindo e contando a história de que um líder do Caminho tinha assassinado um sacerdote sobrevivencialista...

— A Sangradora, ou quem quer que esteja por trás disso, conseguiu

distrair o governo com um escândalo. — Marasi abriu os olhos. — Agora, ela ataca um líder religioso com a aparência de outro? Senhor, quaisquer que sejam os reais motivos dela, é óbvio que está tentando criar tensão em Elendel. Ela *quer* que a cidade exploda.

— Você está atribuindo muita coisa a uma pessoa, tenente.

— Não é só uma pessoa — falou Marasi. — É um semideus. Senhor, o que deu início às greves dos trabalhadores?

— Até parece que eu sei — disse Aradel, dando tapinhas no bolso e pegando o porta-cigarros. Abriu-o e encontrou só um bilhete dobrado. Fez uma careta e mostrou para ela. *Há uma banana em sua gaveta.* — Essa maldita mulher será minha morte. De qualquer modo, suspeito que as greves estão sendo planejadas há algum tempo. Harmonia sabe que simpatizo com os pobres tolos. Receber uma miséria enquanto os lordes vivem em mansões e coberturas.

— Mas por que agora? — perguntou Marasi. — É a comida, certo? Os preços que dispararam de repente e a preocupação de que, mesmo quando as greves terminarem, não haverá comida para ser comprada?

— Isso certamente não tem ajudado — concordou Aradel. — As inundações serão um problema.

— Uma barragem rompida. Investigamos isso adequadamente?

Aradel fez uma pausa, devolvendo o papelzinho dobrado ao bolso.

— Acha que pode ter sido sabotagem?

— Pode valer a pena conferir — sugeriu Marasi.

— De fato — concordou Aradel. — Verei se posso separar alguns homens para checar isso. Mas, se você estiver certa, qual é o objetivo final desta criatura?

— Caos generalizado? — sugeriu Marasi.

Aradel balançou a cabeça.

— Talvez seja diferente com espectros da bruma, mas homens que fazem coisas assim querem *provar* alguma coisa. Querem mostrar como são espertos ou querem acabar com uma injustiça. Talvez ela queira derrubar alguém. O governador não é um caminhante?

— Acho que sim.

— Então o assassinato desta noite pode ser uma tentativa de desacreditar a religião dele — concordou Aradel. — Matar seu irmão, expor um escândalo, minar sua fé, causar tumultos durante seu mandato... Ferrugem!, isso pode significar que ela não quer que Innate simplesmente morra, mas que seja *pisoteado*, que fique no *chão*.

Marasi assentiu lentamente.

— Senhor, eu... posso ter provas de que o governador é corrupto.

— O quê? Que tipo de provas?

— Nada definitivo — disse ela, corando. — Tem a ver com suas decisões políticas, ocasiões em que mudou de ideia sobre leis, em que votou de modo irregular após visitas de certos indivíduos. Senhor, você disse que me contratou em parte por causa da minha habilidade em ler estatísticas. Mostrarei o que tenho assim que esteja tudo acertado, mas meu histórico dos registros do governador mostra um homem que está se colocando à venda.

Aradel passou uma das mãos pelo cabelo ruivo que começava a ganhar fios brancos.

— Harmonia... Mantenha isso em sigilo, tenente. Vamos nos preocupar com isso em outro momento. Entendido?

— Sim, senhor. E concordo.

— Mas bom trabalho — observou ele, e então se apressou para receber os relatórios da cena do crime. Marasi não pôde deixar de sentir uma emoção por ele ter ouvido sua opinião, mesmo quando tudo o que tinha para oferecer eram meias explicações. Ao mesmo tempo, no entanto, um pensamento perturbador a atingiu. E se *Aradel* fosse secretamente a *kandra*? Quanto dano a Sangradora poderia causar se tivesse todos os policiais da delegacia sob seu comando?

Não. Aradel estava com outras pessoas quando o sacerdote foi morto. Ferrugem!... A criatura estava deixando Marasi assustada, desconfiada de que qualquer um que encontrasse podia ser a *kandra*. Resolveu pegar uma xícara de chá, esperando que isso ajudasse a afastar de sua cabeça a imagem do pobre padre Bin pendurado na parede. Não se encontrava nem a meio caminho da mesa onde estavam as garrafas quando as portas do vestíbulo se abriram e Waxillium entrou.

As tiras de seu casaco ondulavam como as brumas, e seus passos poderosos incentivavam os policiais menos graduados a saírem do caminho. Como podia encarnar tão completamente tudo o que os policiais *deveriam* ser e não eram? Nobre sem ser arrogante, contemplativo e ainda assim proativo, inflexível, mas curioso.

Marasi sorriu e correu atrás dele. Foi só quando chegaram à capela, com a grande cúpula de vidro e o padre morto pendurado no extremo oposto, que ela percebeu que tinha esquecido completamente o chá. Uma dor de cabeça ainda tamborilava em seu crânio.

Aradel estava na nave, acompanhado por dois policiais jovens.

— Lorde Ladrian — disse ele, virando-se na direção de Waxillium. — Teremos um relatório forense pronto para você em...

— Eu mesmo verei o corpo, comissário — respondeu Waxillium. —

Obrigado. — Derrubou um cartucho de munição e se ergueu no ar, sobrevoando as fileiras de bancos sob a cúpula e aterrissando no púlpito.

Aradel suspirou e xingou baixinho antes de se virar para um dos policiais.

— Assegure-se de que Lorde Ladrian tenha tudo de que precisar. Talvez ele possa tirar algo dessa bagunça horrível... presumindo que não resolva mandar esse lugar pelos ares.

O jovem policial assentiu e correu para se juntar a Waxillium, que dizia algo para Wayne, que já se juntara a ele. O que quer que Waxillium tenha dito fez o jovem policial sair rapidamente com alguma incumbência.

O comissário-geral balançou a cabeça, com um sorriso amargo nos lábios.

— Senhor? — perguntou Marasi. — Está irritado com Lorde Waxillium? Aradel parou como se tivesse visto — ou notado — pela primeira vez a presença dela ali.

— Não preste atenção em mim, tenente. Lorde Ladrian é um grande recurso para este departamento.

— Senhor, isso parece uma resposta ensaiada.

— Ótimo — respondeu Aradel —, porque precisei de muito tempo de prática para dizer isso sem xingar.

— Posso ter a versão não ensaiada?

Aradel olhou para ela.

— Vamos dizer, tenente, que deve ser realmente muito bom que outras pessoas limpem a sujeira para você. — Ele assentiu para ela e saiu da capela.

Ferrugem! Era assim que Aradel via Waxillium? Um nobre tratante acostumado a conseguir o que queria, franco de um jeito que Aradel jamais poderia ser? O comissário-geral não era nobre e tinha que se preocupar com financiamento, política e o futuro de seus homens. Waxillium podia simplesmente fazer o que quisesse, atirar à vontade e deixar que sua posição, tanto como alomântico quanto como lorde de uma casa, o livrasse de tudo.

Essa perspectiva era reveladora. Waxillium era um *problema*. Um problema valioso, já que conseguia resolver as coisas, mas quase tão perturbador quanto os problemas que resolvia. Naquele breve instante, pareceu menos um aliado e mais uma tempestade para a qual era necessário se preparar e limpar tudo depois.

Abalada, ela se aproximou dele ao lado do corpo.

— Essas estacas emitem linhas fortes — observou Waxillium para ela, apontando para o rosto destruído do padre Bin. — Para meus sentidos alomânticos, quer dizer. Pelo que li, acho que isso significa que não são estacas hemalúrgicas. Supostamente são difíceis de ver e de *empurrar*, como mentes de metal.

— O que pregá-lo assim poderia provar? — perguntou Marasi.

— Não tenho ideia — respondeu Waxillium. — Mesmo assim, depois que descerem o corpo, preciso de uma amostra do metal de cada estaca. Quero fazer alguns testes em sua composição.

— Tudo bem — concordou Marasi.

— Deveríamos ter previsto. Ela está tentando criar uma desavença entre os caminhantes e os sobrevivencialistas.

— O governador é um caminhante — comentou Marasi. — Achamos que a Sangradora está tentando atingi-lo.

— Você está certa — disse Waxillium, semicerrando os olhos. — Mas esse não é o real objetivo dela. Ela quer derrubar a cidade. Talvez a morte do governador seja a pedra angular, mas o que isso tem a ver comigo?

— Nem tudo *tem* a ver com você, sabia?

— Nem tudo — concordou Waxillium. — Só isso.

Apesar de irritante, ele provavelmente estava certo. Por que mais a Sangradora desfilaria pela cidade usando o corpo do homem que matara a esposa de Waxillium? Wax deixou o cadáver, *empurrando-se* pelo edifício em direção à saída dos fundos. Havia uma viela estreita que levava até a rua principal. Marasi foi atrás, juntando-se a Waxillium na escuridão e nas brumas.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

— Não se planeja um assassinato dramático como esse sem preparar uma rota de fuga — disse Waxillium. — Pelos lenços descartados e bolsas de mão deixados para trás, acho que a sala estava cheia quando ela revelou o corpo. Os adoradores correram pelas portas principais, e a assassina devia esperar por isso. Ela deve ter saído pelos fundos, escapando enquanto todos estavam aturdidos ou fugindo.

— E?

— Uma viela estreita — disse Waxillium, ajoelhando-se para inspecionar a parede. — Olhe isso.

Marasi apertou os olhos. Os tijolos ao longo da parede estavam marcados, deixando para trás vestígios do que os arranhara.

— Parece metálico. Prateado.

— Acho que é tinta — sugeriu Waxillium. — De onde veio, infelizmente, é uma pergunta de menor importância. Em primeiro lugar, por que ela mataria o padre? Ela me avisou que faria isso. Disse que mataria meu “santo pai”. Só que achei que ela se referia ao pai de Steris, e não ao padre Bin.

— Waxillium, precisamos de mais informações — falou Marasi. — Sobre o que essa criatura pode fazer e quais podem ser seus motivos.

— Concordo — disse Waxillium. Levantou-se e olhou para a viela. — Eu gostaria de fazer algumas perguntas difíceis a Deus, mas duvido que ele se mostrará disponível, então teremos que nos contentar com outro alguém.

— Quem? — perguntou Marasi.

— Tive certa ajuda esta noite — contou Waxillium. — De uma fonte inesperada. Tenho a sensação de que uma conversa com ela pode ser esclarecedora. Quer ir comigo?

— É claro que sim — respondeu Marasi. — Por que eu não iria?

— Bem — comentou Waxillium —, me preocupa que interagir com ela se prove... teologicamente difícil.



Wayne não se considerava um homem particularmente religioso. Imaginava que Harmonia não prestava muita atenção em camaradas como ele, pela mesma razão que um grande pintor não se perguntava o que sua mãe fizera com as pinturas que lhe dera quando era criança.

Dito isso, Wayne *gostava* de visitar o templo dos homens comuns de vez em quando. Isso fazia com que se sentisse melhor e se esquecesse de seus problemas, ainda que por uns instantes. Por isso ele conhecia o lugar que Wax lhe pedira para conferir.

O templo ficava numa das esquinas de um cruzamento, um edifício velho, atarracado e teimoso. Imóveis residenciais mais novos erguiam-se dos dois lados, alguns com seis andares, mas o templo tinha o ar de um velho capataz em sua cadeira, que não tinha a inclinação de olhar acima dos joelhos de um camarada. Como Wayne esperava, a porta estava aberta e convidativa, ainda deixando escapar luz, embora estivesse começando a ficar tarde. Ele seguiu pela rua e acenou com a cabeça para o guarda do templo, que usava boina e macacão como uniforme e levava um bastão cerimonial que parecia ter pedaços de cabelo colados na ponta, provavelmente de tanto acertar a cabeça de homens que faziam barulho demais.

Wayne tocou a aba do chapéu num cumprimento para o homem e declamou a invocação adequada para conseguir entrar.

— Olá, Blue. Quão aguada está a cerveja hoje?

— Não arranje encrenca esta noite, Wayne — entou o homem em resposta. — Minha paciência é realmente curta.

— Paciência? — comentou Wayne, passando por ele. — É um nome engraçado, cara, mas se as damas gostam que você dê nomes bobos para as partes do seu corpo, não vou dizer nada.

Com as introduções rituais terminadas, Wayne entrou no templo.

Lá dentro, homens e mulheres estavam encurvados em seus lugares, cabeças inclinadas enquanto pensavam nas profundas complexidades da Cosmere. Suas orações eram feitas em murmúrios trocados com amigos e seu incenso era formado pela queima de cachimbos. Uma imagem do Velho Ladrian estava sobre o altar, um homem com uma barriga considerável erguendo um copo, como se exigisse atenção.

Wayne ficou parado na porta, com a cabeça baixa em respeito. Passou os dedos numa poça de cerveja que escorria de uma mesa próxima e ungiu-se na testa e no umbigo, fazendo o sinal da lança.

O odor o marcou como a um peregrino em solo sagrado, e ele passou pelos penitentes que procuravam perdão em seu caminho até o altar. O ambiente estava estranho. Solene. Sim, o templo era um lugar de contemplação, mas também devia ser um lugar de alegria. Onde estavam os hinos, cantados em santa embriaguez? Onde estava o riso, o barulho alegre da celebração?

Isso não é nada bom, pensou enquanto se sentava num dos bancos — neste caso, numa mesa rústica e redonda, com escrituras gravadas, como “Mic é um completo imbecil” e “As salsichas são um lixo”. Ele sempre gostara desta última. Trazia implicações teológicas reais, trazia sim. Se a comida que comiam era lixo, eles eram, em última análise, lixo? No fim, eram todos nada? Ou, em vez disso, até o lixo deveria ser visto como algo a ser elevado, já que fora criado pelo Deus Além como todo o resto?

Wayne acomodou-se em seu assento e olhou discretamente para algumas mesas ali perto. Quando uma adorável e jovem conventualista numa roupa decotada passou com canecas, ele a segurou pelo braço.

— Eu queeero... — Ele pestanejou. — Eeeeu quero um uísque. — Ele tinha o sotaque e o tom de voz de um homem que já tinha sido muito, mas *muito* piedoso naquela noite.

A moça balançou a cabeça e continuou seu caminho. Os outros que estavam ali perto o ignoraram. Wayne fechou os olhos e ouviu suas preces.

— Vão nos deixar morrer de fome. Você ouviu o governador, Ren. Ele só se importa com sua reputação ferrada.

— Deveríamos ter uma vida boa. Harmonia fez esta terra para todos nós. Mas conseguimos desfrutar dela? Não. Suas riquezas só servem para que o pessoal que tem grana compre mais roupas e casas maiores.

— Alguma coisa precisa mudar nesta cidade. Não estou sem trabalho como aqueles camaradas da fábrica de aço, mas por Harmonia...

— Turnos de dezesseis horas. Saio de casa antes que minha garotinha acorde, e ela já está na cama antes que eu volte. Eu a vejo uma vez por semana, vejo sim.

— Trabalhamos e morremos para dar tudo para as mesmas pessoas. Eles são donos dos prédios em que a gente mora. Não é o plano perfeito? Trabalhamos para eles o dia todo e, à noite, damos tudo pelo privilégio de uma casa onde dormir e sobreviver para continuar trabalhando.

Eram fiéis fervorosos.

Wayne se afastou de sua mesa e caminhou até o altar na frente do salão, onde garrafas nas prateleiras brilhavam sob a luz. Lampiões a gás. Esse templo era realmente tradicional. Ele se acomodou no altar entre um camarada com suspensórios e outro com os braços tão peludos que devia ter algum urso em sua ascendência. Um avô, pelo menos.

— Uííísque — pediu Wayne para o sacerdote atrás do altar.

Em vez da bebida, o homem lhe deu um copo de água com um limão. Ferrugem! Devia ter exagerado um pouco no sotaque. Wayne se recostou, bebendo sua água.

Os homens no altar não reclamavam. Só olhavam para o nada, segurando seus copos. Wayne assentiu. Eram fiéis silenciosos, do tipo que podia ser lido nos olhos. Ele estendeu o braço, pegou o copo das mãos do homem ao seu lado e deu uma cheirada. Rum puro. Qual era a graça daquilo?

Estendeu o braço para o homem peludo, pegou a bebida de seus dedos e também deu uma cheirada. Os dois homens se viraram para ele enquanto tomava o resto de sua água. Então, misturou as bebidas de ambos em seu copo. Espremeu um pouco do limão, colocou uma pitada de açúcar, que pegou atrás do altar, acrescentou um pouco de gelo, colocou um descanso de copo em cima e sacudiu a bebida como se sua vida dependesse daquilo. E não deixava de ser verdade, já que o camarada com tapetes nos braços acabara de se levantar e estalava os dedos.

Antes que começasse a socá-lo, Wayne serviu um copo para cada homem e se recostou, pensativo. Com os copos no lugar, o altar ficou em silêncio. Hesitantes, os homens pegaram as bebidas e as experimentaram. O de suspensórios foi o primeiro.

— *Uau!* — exclamou o homem. — O que você fez?

Wayne não respondeu, tamborilando na mesa com um dedo enquanto o homem peludo experimentava sua bebida e assentia, aprovando. Viver entre o povo com grana ensinara algumas coisas para Wayne. O povo com grana não fazia nada do jeito normal.

Algumas vezes, ele achava que agiam de um jeito estranho só para não serem como as pessoas normais.

Mas eles *sabiam* como ficar bêbados. Wayne lhes dava o crédito por isso.

O sacerdote veio investigar o distúrbio, mas os dois homens só queriam mais da bebida que Wayne fizera. O sacerdote os ouviu explicar, e então assentiu — aparentemente já trabalhara em festas chiques ou alguém elegante já estivera por ali.

Wayne deslizou algo no altar. Um par de cartuchos de bala.

— O que é isso? — perguntou o sacerdote, abaixando o copo em que estava limpando. — Isso é... *alumínio*?

Wayne se levantou, pegou algumas coisas atrás do altar e as empilhou nos braços do sacerdote. Felizmente, ele tinha gelo, que recebera numa entrega mais cedo. O gelo ficava cada dia mais barato com os carregamentos que vinham das montanhas. O camarada também tinha uma bela coleção de aguardentes e algumas bebidas não alcoólicas. Era o suficiente.

Wayne fez sinal para que o homem o seguisse e começou a ir de mesa em mesa. Parava diante de cada cliente, pegava sua bebida e a retrabalhava. Os que bebiam cerveja ganhavam suco ou água com gás, misturados cuidadosamente e transformados. Sempre deixava as pessoas com alguma coisa parecida com a qual começaram, mas mesmo assim nova. Fresca. Adicionava gengibre para alguns, que funcionava muito bem com limão, e licor amargo para outros. Tentava usar algo de cada mesa e só foi xingado algumas vezes. Não demorou muito para que se sentisse num ambiente muito mais acolhedor. Na verdade, acabara atraindo uma multidão.

O grupo soltou gritinhos quando ele se sentou numa mesa diante de uma bela moça alta, com olhos grandes e dedos longos. A bebida que ele fez para ela não foi nada especial — gim e limão, como um pouco de água com gás e uma pitada de açúcar —, mas o ingrediente secreto... bem, esse *era* algo especial. Uma pitada de um pó azul que encontrara na festa naquela noite. Trocara um pouco de areia por aquilo.

Ele misturou o pó na bebida com um toque oculto dos dedos antes de acrescentar o limão. Quando colocou o copo na frente da mulher, o líquido azul rodopiava, passando para um tom violeta-escuro, a cor se movendo como brumas que aumentavam.

As pessoas ao redor soltaram exclamações de surpresa, e a mulher sorriu para ele. Wayne sorriu de volta. Era comprometido, sim, mas precisava praticar seu flerte, ou Ranette provavelmente começaria a ignorá-lo.

E então a pele da bochecha da mulher começou a ficar *azul*, e depois *violeta*, do mesmo jeito acontecera com a bebida. Wayne deu um salto da cadeira, mas a pele dela voltou ao normal. Ela pegou a bebida com um sorriso astuto e bebeu.

— Muito bom — comentou. — Mas, em geral, gosto de bebidas mais fortes.

As outras pessoas do templo retornavam aos seus lugares. Tinham gostado do espetáculo, mas desejavam ainda mais desfrutar suas bebidas. Nem chegaram a notar o que acontecera com a pele da mulher. Talvez Wayne tivesse se enganado. Sentou-se novamente, hesitante, e olhou para a mulher, cujos olhos, claros como a luz do dia, mudavam de azul para violeta e novamente para azul.

— Caramba, que susto! — comentou Wayne. — Você é aquela imortal, não é?

— Sou eu mesma — respondeu ela, tomando sua bebida e dando a mão para cumprimentá-lo. — Meu nome é MeLaan. Waxillium me disse para dizer “todas as calças amarelas” para provar que sou eu. Você se saiu bem aqui esta noite. Quando cheguei, parecia que o lugar ia estourar de raiva. Você deve ter impedido uma revolta.

— É só um pub — falou Wayne, apertando a mão dela e recostando-se na cadeira. — Um entre centenas. Se uma revolta está se formando, não vou conseguir impedi-la com umas bebidas de menininha.

— Suponho que seja verdade.

— O que preciso fazer é embebedar a *cidade* inteira — comentou Wayne.

— Ou, você sabe, conseguir que os trabalhadores tenham direito a menores jornadas, melhores condições e salários mínimos.

— Sim, sim — concordou Wayne. — Isso também. Mas, se eu conseguisse embebedar *todo mundo*, pense no quanto a cidade seria mais feliz.

— Desde que você *me* embebede primeiro, tudo bem. — Ela levantou o copo para ele. — Você poderia servir outro desses para esta dama?

Wayne franziu a testa.

— Isso não está certo. Você é um tipo de semideus ou coisa parecida. Não deveria me dar lições de moral?

— Ouça-me, homem — disse MeLaan, agitando o copo —, traga uma oferenda à sua deidade em forma de um pôr do sol azulado, com uma dose extra de gim, e você será abençoado.

— Acho que posso fazer isso — falou Wayne. — Diabos, no fim das

contas talvez eu *seja* religioso.

A semideusa imortal tomou um bom gole de cerveja e bateu a caneca na mesa, sorrindo como uma garotinha de quatro anos que fora paga com biscoitos para dedurar a irmã. Wax a observava enquanto ela analisava Wayne e soltava um arroto capaz de despertar os mortos. Ao lado de Wax, Wayne assentiu, satisfeito, parecendo bem impressionado. Ele tomou sua cerveja e respondeu ao arroto de MeLaan com outro duas vezes mais longo e mais barulhento.

— Como você *faz* isso? — perguntou MeLaan.

— Anos de treino e prática — respondeu Wayne.

— Estou viva há bem mais de meio milênio — comentou MeLaan.
— *Certamente* tenho mais prática do que você.

— Mas você não tem a *vontade* — explicou Wayne, sacudindo o dedo. — Você tem que *querer*. — Ele tomou o resto da cerveja e soltou um arroto interminável.

Marasi, que estava sentada perto de Wax na mesa do pub, olhava horrorizada para a troca de arrotos. Wax permitira que ela dirigisse até lá para que ele pudesse refazer um curativo e checar sua ferida. Os analgésicos já estavam agindo, no entanto. Ele mal sentia o tiro.

Depois de um percurso curto, Marasi e ele encontraram aqueles dois no meio de um... concurso de arrotos? Wax não sabia se era um concurso ou mais uma questão de apreço mútuo, como dois músicos virtuosos tocando suas peças favoritas.

MeLaan terminou sua cerveja e levantou dramaticamente a mão. A palma da mão se abriu, formando lábios que soltaram um arroto suave.

— Trapaceira — comentou Wayne.

— Só estou usando o que o Pai me deu — respondeu MeLaan. — Não me diga que não arrotaria com outras partes do corpo se pudesse.

— Bem... — falou Wayne. — Agora que você mencionou isso, eu *consigo* fazer um som realmente interessante com...

Wax limpou a garganta.

— Não quero interferir na conversa sobre quais partes do corpo de Wayne podem ou não podem fazer barulhos, mas tenho que admitir que você não é o que eu esperava, Vossa Graça.

— Maldição! — exclamou MeLaan. — Por favor, não me chame assim.

— Você é uma criada de Harmonia — disse Wax.

— Sou uma das últimas gerações — contou MeLaan. — No que se refere aos kandra, sou basicamente uma criança.

— Você viveu no Catacendro — comentou Wax. — Conheceu os Originadores.

— Passei o Catacendro no subsolo — contou MeLaan. — Eu era adolescente. Não conheci a terra quando ela estava coberta de cinzas. Vocês não precisam se sentir intimidados por mim.

— Você tem mais de *seiscentos* anos — falou Marasi.

— A terra também — respondeu MeLaan. Ela se inclinou para a frente. — Olhem, só estou aqui para ajudar. Se quiserem alguém para adular, mandarei VenDell ou um dos que são realmente antigos para vocês. Eles gostam disso. Só quero ajudar a deter Paalm.

Wax inclinou-se na mesa. Podia sentir, pelo jeito como MeLaan sorria para as pessoas que passavam, pelo jeito como ela tamborilava com o dedo no ritmo da canção que um grupo de bêbados entoava num canto, que ela gostava das pessoas. Gostava de estar ali, entre eles. Não era distante, como ele esperava, ou retraída. Nem mesmo tão estranha, apesar do fato de conseguir criar uma boca na mão.

— Foi você quem me trouxe o brinco — comentou ele, levando o dedo à pequena estaca que tinha na orelha. — Todos aqueles anos atrás.

MeLaan deu um sorriso largo.

— Eu usava o mesmo corpo, mas ainda me surpreende que você se lembre.

— E de quem é este corpo? — perguntou Marasi. — Onde você conseguiu esses ossos?

— Eu os fiz — explicou MeLaan, erguendo o queixo. Seu rosto ficou transparente de repente, revelando o crânio por baixo, feito de cristal esculpido numa cor vívida de esmeralda. — Eu prefiro os Corpos Verdadeiros, embora, se precisar, eu possa tomar outra forma. Mas vou avisá-los: ainda que eu seja uma kandra, deixo muito a desejar como imitadora.

— E essa que estamos caçando? — perguntou Wayne. Ele começara a fazer uma casinha com os descansos de madeira para copos espalhados pela mesa da taverna, equilibrando-os de lado.

— Paalm? — perguntou MeLaan, voltando ao seu rosto normal. — Ela é uma das melhores. Entre todos os kandra que conheço, só TenSoon é melhor do que ela.

— Mas podemos esperar que ela aja de forma errática — falou Wax. — Ela ficou louca. Isso deve nos ajudar a localizá-la, mesmo disfarçada, certo?

— Talvez — concordou MeLaan, sorrindo. Pegou alguns dos descansos para copos e começou a fazer sua própria casinha. — Paalm

é boa, e imitar... bem, é uma coisa meio *arraigada* em nós, em especial nos kandra mais velhos, que atuaram na época do Império Final. Alguns deles não sentem que têm personalidades próprias; não sabem como viver a menos que sejam outra pessoa.

— Você parece achar a ideia perturbadora — comentou Wax, curioso.

— Sou jovem — disse ela, dando de ombros. — Nunca cheguei a servir o Senhor Soberano. Sempre servi Harmonia, que parece, em geral, um camarada bacana.

Um jeito estranho de se referir a Deus. Wax olhou para Marasi, que levantou uma sobrancelha para ele e deu de ombros. Ao redor deles, as conversas dos outros clientes do pub formavam um zumbido baixo de energia e entusiasmo. Wax e os demais estavam sentados numa mesa reservada num canto. A quente iluminação a gás era, de algum jeito, amistosa, mais viva do que as luzes elétricas de sua mansão.

— Tudo bem — disse Wax para MeLaan. — Vamos falar sobre o que a Sangradora pode fazer. E como vamos matá-la.

— Você não precisa matá-la — disse MeLaan rapidamente, começando a montar o segundo andar de sua casinha. Ela olhou para Wayne, que já tinha uma construção de três andares. — Só remover a estaca restante, o que significa basicamente imobilizá-la. Ela está confusa. Poderemos cuidar dela depois que a tivermos sob custódia.

— Confusa? — falou Wax. — Ela matou um sacerdote *pregando-o pelos olhos*!

O sorriso de MeLaan desapareceu.

— Ela só tem uma estaca. Não está pensando direito.

— Sim, mas ela mesma arrancou a outra, certo?

— Achamos que sim — admitiu MeLaan. — Somos mais fracos do que outras criaturas hemalúrgicas. Só duas estacas, e já nos submetemos. Por isso ela removeu uma.

— Ela queria liberdade para matar — falou Wax. — Ela não está “confusa”, MeLaan. É destrutiva e, possivelmente, psicótica. Agora me diga como matá-la.

MeLaan suspirou.

— Ácido funciona, mas é horivelmente ineficiente. Esmagar o esqueleto dela fará com que tenha dificuldade em se mexer, então talvez seja útil. Tiros serão inúteis, assim como a maior parte dos danos físicos. A estaca: essa é a chave. Arranque-a, e ela voltará ao estado primal. É o melhor jeito.

— Seu estado primal — repetiu Marasi. — Um espectro da bruma.

MeLaan assentiu.

Wax tamborilou na mesa, pensativo.

— Se eu conseguir arrancar a estaca, é provável que já a tenha imobilizado. Se ela estiver amarrada, para que serve arrancar a estaca?

— Waxillium — disse MeLaan, inclinando-se para a frente —, você *percebe* com o que está lidando? Paalm foi treinada pelos antigos e serviu ao *próprio* Senhor Soberano. Ela esmagou rebeliões e derrubou reinos a serviço dele e está intimamente familiarizada com os meandros da Hemalurgia. Pelos seus relatos, ela aprendeu a usar as estacas para conseguir poderes alomânticos e feruquêmicos... algo que pensávamos ser impossível. Se conseguir capturá-la, não a manterá imobilizada por muito tempo. *Arranque aquela estaca.*

Wax sentiu um calafrio.

— Certo — cedeu ele. — Farei isso.

— Ferrugem!... — sussurrou Marasi. — Achei que não queria que nos sentíssemos intimidados por você.

— Por mim? — disse a kandra. — Sou inofensiva. — Ela acenou para o garçom e apontou para sua caneca. — Sou muito menos louca do que Paalm.

— Ótimo — falou Wax. Olhou para Wayne. — Você parece preocupado.

— Eu? — perguntou Wayne, colocando um quarto andar em sua casinha.

— Desculpe. Estava tentando pensar em como embebedar a cidade inteira.

— Eu... eu não vou perguntar. — Wax pegou alguns dos descansos para copos que o garçom deixara na mesa, percebendo que estavam brincando com eles. Começou a fazer uma casinha também. — Então vamos arrancar a estaca. Como?

— O jeito mais fácil é me chamar — disse MeLaan. — Eu consigo tirar. Mas, se eu não estiver perto, não me espere. Quebre os ossos dela, comece a tirá-los, e, em algum momento, você vai encontrar a estaca. Vai precisar de um estômago forte.

Que ótimo.

— Há algum jeito de reconhecer uma kandra? Padrões de ferimentos? Amostras de sangue?

MeLaan enfiou a mão no bolso.

— Uma vez que mudamos de forma, ficamos presos naquele corpo e *somos* aquela pessoa. Sangramos, e até nossa impressão digital é a da

pessoa que estamos imitando. Até outro kandra tem dificuldade em reconhecer um duplicado. Você não leu a *Histórica*?

— Várias vezes — disse Wax. — Mas a parte dos kandra é meio chata.

— Sinto que deveria ficar ofendida com isso.

— Então não está bêbada o bastante — respondeu Wayne, já com cinco andares. Wax balançou a cabeça e se concentrou em fazer seu segundo andar.

— De qualquer modo — prosseguiu MeLaan —, localizar outro kandra é um problema do passado. Fizemos algo a respeito, caso fosse necessário. Os mais habilidosos cientificamente entre nós desenvolveram um jeito.

Ela deslizou algo pela mesa. Um par de agulhas, quase do comprimento da palma da mão de um homem, presas a seringas de metal. Wax pegou uma.

— Injete isso num kandra — explicou MeLaan —, e o líquido fará com que sua forma mude por um instante. A pele vai ficar clara por um momento, revelando quem ela realmente é.

— Estiloso — comentou Wayne.

— Só tem um problema — observou MeLaan. — Se enfiar isso em alguém que *não* é um kandra, vai matá-lo.

— Inconveniente — falou Marasi, examinando a outra seringa.

— Sim — concordou MeLaan. — Estamos trabalhando nesta parte. É um último recurso, obviamente, mas *vai* imobilizá-la por alguns instantes. Se quiser ter certeza de estar lidando com Paalm antes de usar isso, pode tentar pegá-la numa mentira. Ela não tem a memória da pessoa que está imitando. Usar poderes no corpo de alguém que não é um Nascido do Metal também a delatará.

— Tenho a sensação de que se ela usar seus poderes diante de mim, estarei morto de qualquer forma — falou Wax.

O grupo ficou em silêncio. Wax pegou as duas seringas e as guardou no cinturão. Marasi rabiscava num caderninho, transcrevendo a conversa — ele teria que lhe pedir uma cópia. Mais bebidas chegaram, mas nenhum pagamento foi solicitado. O que Wayne fizera antes que Wax chegasse? Tinha medo de perguntar.

De que serve tudo isso?, pensou Wax, frustrado, vendo sua casinha desmoronar. Uma arma que só podia usar quando tivesse cem por cento de certeza de estar lidando com o impostor? Parecia muito pouco. A Sangradora podia ser qualquer um. A Sangradora podia manifestar qualquer poder. A Sangradora era antiga, brilhante e habilidosa.

— Ela tem um plano — falou Wax. — Ela *não* é simplesmente louca, MeLaan. Tem mais coisa nisso.

— Você ainda está determinado a matá-la — comentou MeLaan, suspirando.

— Se eu for obrigado. Por que está tão hesitante? Achei que uma kandra estaria mais determinada do que qualquer um a ver esse problema resolvido.

— Ela não é um “problema” — retrucou MeLaan. — Ela é uma pessoa. Sim, quero vê-la detida. Ela *precisa* ser detida. Mas... — Ela se recostou e, então, deu um peteleco na casinha de descansos de copo. — Sobraram tão poucos de nós. Diabos, não havia mais do que quinhentos ou seiscentos de nós, e perdemos muitos antes da Ascensão Final. Imagine que toda a sua raça consista de trezentas pessoas, homem da lei. Talvez você ficasse um pouco mais hesitante em ver um deles ser eliminado.

— A espécie de uma pessoa não importa! — replicou Wax. — Não me importa se sobram trezentos de vocês ou só três; quando alguém começa a pregar pessoas nas paredes na minha cidade, vou...

— Wax. — Wayne o interrompeu, equilibrando sua casinha de *seis* andares de descansos de copos. — Cheque sua pulsação, meu chapa.

Wax deu um suspiro profundo.

— Desculpem — disse ele.

— O que foi isso? — perguntou Marasi, balançando o lápis de Wayne para Wax. — Pulsação?

— Algumas vezes, Wax se esquece de que é uma pessoa e começa a pensar que é uma rocha — comentou Wayne.

— Isso é o que Wayne diz — explicou Wax, pegando alguns descansos e começando outra casinha — quando acha que eu deveria ter um pouco mais de empatia.

— De vez em quando você fica um pouco obcecado, meu chapa.

— Diz o homem que certa vez colecionou oitenta tipos de garrafas de cerveja.

— Sim. — Wayne sorriu com carinho. — Fiz aquilo principalmente para irritar você, fiz, sim.

— Está brincando.

Ele negou com a cabeça.

— Comecei a odiar todas aquelas garrafas ferradas, mas você xingava quando dava de cara com uma caixa nova todas as manhãs, e era tão melodioso...

— Sabe, vocês dois não são *nada* do que fui levada a achar —

comentou MeLaan, empurrando sua bebida.

— Nem me fale — disse Marasi.

— Primeiro — disse MeLaan —, eu não tinha ideia de que o garoto Wayne era tão talentoso com esculturas de descansos de copos.

— Ele trapaceia — falou Wax. — Ele grudou alguns dos andares de baixo com o chiclete que fica mascando.

Marasi e MeLaan se voltaram para Wayne, que sorriu. Pegou a escultura, derrubando os andares de cima e revelando que os três da base estavam de fato grudados.

— Wayne — disse Marasi, confusa —, está preocupado em nos impressionar?

— Não se trata de impressionar alguém — comentou Wax. — A competição não era para ver quem fazia a torre mais alta, era para ver se eu descobria o que ele tinha feito. Ele sempre dá um jeito de trapacear. De volta ao assunto, MeLaan, sua amiga, a kandra desonesta, está planeando alguma coisa. Se o plano dela ganhar *momentum*, vai esmagar essa cidade.

— Concordo — respondeu MeLaan. — Então, o que fazemos?

— Vamos nos antecipar a ela — sugeriu Wax. — Preciso saber qual é a motivação dela. Por que está fazendo isso? O que a levou a arrancar a estaca?

— Eu gostaria de saber — falou MeLaan. — Estamos tentando descobrir a mesma coisa.

— Fale-me sobre ela, então — pediu Wax, tamborilando os dedos no copo vazio. — Como ela é? Quais são suas paixões?

— Paalm era como uma tela em branco — contou MeLaan. — Uma kandra antiga. Como eu disse, ela passou tanto tempo em missões que mal tinha uma personalidade própria. Ficou realmente perturbada com o nascimento de um novo mundo. Alguns das antigas gerações gostavam de passar o tempo na Terra Natal, só saindo de lá para uma missão quando eram obrigados. Não Paalm. Ela era do próprio Pai, a kandra reservada especificamente para missões do Senhor Soberano. — Hesitou. — Ela sabia coisas sobre ele. Coisas que não contava ao restante de nós. Acho que ele pode até ter feito com que ela imitasse Inquisidores de vez em quando, agindo como uma espiã entre eles. De qualquer forma, ela não teria sido capaz de se fazer passar por um Inquisidor sem um bom domínio de Alomancia e Feruquemia. Então talvez tenha sido assim que ela conseguiu esse conhecimento. Era leal ao Senhor Soberano, e, quando ele se foi, ela se tornou leal a Harmonia. Fanática a esse respeito. Insistia em receber missão após missão e nunca passava um tempo conosco. Muito reservada. Estava

quase sempre num personagem. Até...

— As mortes violentas — disse Wayne, baixinho. — São sempre os mais quietos. Bem, e os psicopatas. Esses também.

Então, o que isso me diz?, pensou Wax, deixando sua casinha de três andares. *Que abordagem eu adotaria se fosse qualquer outro criminoso?*

MeLaan se recostou por um instante, como se perdida em pensamentos, e rodopiou um descanso de copos até a casinha de Wax, derrubando-a. Ela grunhiu.

— O que foi? — perguntou Wax.

— Eu estava curiosa para saber se você também estava trapaceando.

— Wax nunca trapaceia — garantiu Wayne, enquanto tomava um gole de cerveja. Wax nunca descobrira como ele conseguia falar e beber ao mesmo tempo sem engasgar.

— Isso é incorreto — corrigiu Wax. — Eu trapaceio *de vez em quando*. Desse jeito, ninguém sabe quando vou trapacear. — Ele se levantou. — Consegue imaginar um motivo para a Sangradora escolher o governador em particular?

MeLaan balançou a cabeça.

— Algum dos outros kandra a conhece melhor do que você?

— Talvez um dos mais antigos — sugeriu MeLaan. — Verei se consigo que um deles venha falar com você.

— Ótimo — falou Wax. — Mas primeiro quero vocês três vigiando o governador.

— Antes preciso me apresentar na delegacia — disse Marasi. — Quero cuidar de algumas pendências lá.

— Tudo bem — concordou Wax. — Wayne, você vai primeiro para a casa do governador.

— Ele escapou de mim da última vez.

— Ele não fará isso de novo — garantiu Wax. — Eu o persuadi a me escutar, embora precisemos que ele conheça MeLaan logo.

— Claro, tudo bem — disse Wayne. — Eu não tinha mesmo planos de, tipo, você sabe, *dormir* ou algo parecido esta noite.

— Dormir pode se tornar algo raro daqui para a frente — lamentou Wax.

— Quer que eu vá com ele, Tiro da Alvorada? — perguntou MeLaan.

— Depende. Marasi, gostaria de algum apoio?

— Sim, por favor — pediu ela.

— Cuide dela — falou Wax, acenando na direção de Marasi. — E talvez seja bom dar a Aradel uma amostra de sua natureza. Provavelmente já é hora de informá-lo contra o que estamos lutando.

— Já fiz isso — contou Marasi. — Embora eu tenha certeza de que ele gostaria de uma prova.

Wax bufou. Ele não a mandara fazer aquilo.

— Seja rápida em sua missão — falou Wax. — E vá até o governador. Quero mais do que um par de olhos nele. E, antes de nos separarmos, quero que troquemos códigos individuais e desconhecidos para os demais, para que cada um possa provar que é si mesmo. Fiz isso com o governador e com seu pessoal de confiança. — Harmonia, isso seria um pesadelo.

— Vigiar o governador não será o bastante, Wax — comentou Marasi, levantando-se. — Você mesmo disse isso. Reativo demais. O que mais vamos fazer?

— Vou pensar em alguma coisa.

Os demais também se levantaram, e Wax levou Wayne pelo braço para ver se não tinham nenhuma conta pendente no pub. Surpreendentemente, Wayne realmente pagara tudo o que consumira. A caminho da porta, Wax explicou para seu amigo a pequena ideia que tivera para proteger o governador.

Chegaram na porta do pub, onde MeLaan esperava enquanto Marasi ligava o motor do automóvel. Wayne saiu para pegar uma carruagem que o levasse até a mansão do governador, e Wax segurou MeLaan pelo braço.

— Odeio isso — observou, baixo o bastante para que o porteiro não escutasse. — Não poder confiar nas pessoas em quem sempre confiei. Duvidar de mim mesmo.

— Sim — respondeu ela. — Mas você vai dar um jeito. Há um motivo pelo qual Ele trouxe isso até você. — Ela se aproximou. Ferrugem!, ela era muito atraente. Mas seria estranho se não fosse. — Você e eu não somos as únicas pessoas caçando Paalm, homem da lei. Todo kandra na cidade está procurando por ela. Mas acho que muitos dos meus irmãos e irmãs não serão de utilidade alguma. São tímidos quanto a machucar os outros, em especial depois do que TenSoon foi obrigado a fazer durante a Duplicidade Observada. Além disso, eles podem formar um... grupo inconsistente.

— São servos de Deus — observou Wax.

— Sim — respondeu MeLaan. — E tiveram século após século para refinar suas excentricidades. Ficar mais velho *não* faz com que fiquemos mais normais, deixe-me dizer isso a você. Não pensamos

como assassinos. Estivemos próximos demais de Harmonia. O que Paalm está fazendo nos deixa aturdidos. Vai contra tudo em que acreditamos e o que vivemos durante séculos. Acho que não seremos capazes de encontrá-la, não a tempo. Mas você... você será.

— Porque penso como um assassino.

— Eu não...

— Não tem problema — disse Wax, soltando o braço dela. — Sou o que sou. — Ele pegou seu casaco de bruma, que pendurara num gancho na parede perto da porta, e o vestiu antes de sair na noite. — A propósito, obrigado — disse ele.

— Pelo quê?

Ele levou o dedo ao brinco na orelha.

— Por isso.

— Fui só a entregadora.

— Não importa. Era o que eu precisava. Quando eu precisava. — Ele jogou um cartucho de bala no chão e apoiou o pé em cima. — Encontrarei todos vocês na mansão do governador.



Se quiser conhecer um homem, revolva sua fogueira.

A frase era das Terras Brutas, talvez de origem koloss. Basicamente, significava que era possível aprender muito sobre a vida de um homem pelo que ele jogava fora — ou pelo que estava disposto a queimar para se aquecer.

Um relógio de igreja barulhento tocou as onze horas, enquanto Wax seguia pelas brumas em saltos alomânticos. O som ecoava na noite, a torre do sino oculta na escuridão. Onze horas não era tarde nesta época, muito menos no coração da cidade, mas *devia* assinalar o momento em que grande parte dos homens e das mulheres se prepararia para ir para a cama. O trabalho começava cedo na manhã seguinte.

Só que uma parte considerável dos trabalhadores da cidade não tinha emprego que a fizesse levantar cedo. Isso se refletia nas ruas lotadas e nos pubs concorridos, sem mencionar os salões de abrandamento pelos quais passara, ainda abertos bem tarde da noite. Eram lugares onde os desanimados podiam buscar um tipo diferente de alívio, na forma de um alomântico que, por um pequeno valor, limparia suas emoções e os deixaria insensíveis à dor.

Os salões de tumulto eram outro tipo de coisa. Ali, era possível escolher a emoção desejada e tê-la alimentada dentro de si. Esses ambientes eram ainda mais populares, a julgar pela fila que Wax viu do lado de fora de um deles.

Wax parou num telhado, ouvindo, e então seguiu na direção de homens que gritavam. Correu pelo telhado e *empurrou* os pregos nas telhas, lançando-se sobre um conjunto de apartamentos numa vizinhança tranquila e aterrissando na rua seguinte.

Ali encontrou um pequeno santuário de caminhantes. Não era a

igreja com o sino que ele tinha ouvido; as estruturas dos caminhantes eram pequenas demais para aquilo. Construídas no estilo das antigas cabanas terrisanas, essas estruturas com frequência não tinham nada além de duas cadeiras. Uma para o fiel. Outra, ostensivamente, para Harmonia. A religião proibia o culto formal, mas encorajava-se a conversa com Deus.

Naquela noite, o pequeno santuário estava sob cerco.

Havia gritos, e pedras eram arremessadas por um grupo de sombras nas brumas, provavelmente de bêbados. Wax podia distingui-los bem; as brumas da noite nunca eram muito escuras na cidade, não com toda a luz ambiente refletida nos vapores.

Wax pegou Vindicação no coldre e avançou, o casaco de bruma agitando-se atrás dele. Seu perfil foi o bastante. O primeiro homem que o viu saindo das brumas gritou em advertência e os outros se espalharam, deixando os detritos de seu pequeno motim. Pedras caídas. Algumas garrafas. Wax observou as linhas de metal para ter certeza de que nenhum tentaria atacá-lo por trás. Um deles parou ali perto, mas manteve distância.

Ele balançou a cabeça, entrando no santuário. Encontrou a missionária escondida, uma terrisana de tranças elaboradas. Um clérigo caminhante era uma coisa estranha. Por um lado, a religião enfatizava uma conexão pessoal do homem com Harmonia, fazendo o bem e sem formalidades. Por outro lado, as pessoas precisavam de orientação. De alguém para explicar tudo aquilo. Missionários caminhantes, chamados de sacerdotes por quem não era da religião, embora eles mesmos raramente usassem esse termo, ficavam em lugares como aquele, explicando o Caminho para quem aparecesse. Um clérigo, sim, mas não do jeito formal dos sobrevivencialistas.

Ele sempre achara curioso que os pequenos santuários dos caminhantes, com grandes portas abertas nas oito laterais, deixassem as brumas entrarem enquanto os sobrevivencialistas observavam as brumas atrás de cúpulas de vidro, confortáveis em seus salões ornamentados cheios de estátuas de ouro e belos bancos de madeira. A mulher ergueu os olhos quando ele se ajoelhou. O lugar cheirava a óleo. Sua lanterna tinha se quebrado ali perto.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Eu... sim — disse ela. — Obrigada.

Os olhos dela seguiram até a arma dele. Por princípio, ele não a guardara.

— Seria melhor se você fosse embora — sugeriu Wax.

— Mas eu moro no andar de cima.

— Vá para a Vila, então — disse Wax. — Na verdade, reúna os outros colegas que conseguir chamar num tempo curto e leve-os também. Um sacerdote sobrevivencialista foi brutalmente assassinado por alguém vestido como um missionário caminhante.

— Doces Harmonias — sussurrou a mulher.

Wax a deixou para pegar suas coisas e, com sorte, fazer o que ele lhe dissera. Ele se embrenhou na noite, seguindo algumas linhas de metal que apontavam para onde os homens que assustara antes tinham seguido. Ele observou a viela escura nas brumas, jogou um cartucho no chão e se ergueu no ar. Um *empurrão* cuidadoso o levou até o meio da viela, onde ele aterrissou e apontou a arma para a cabeça de uma pessoa escondida ali.

A pessoa imediatamente se sujou, a julgar pelo fedor e pelo líquido que escorreu pelos pés do jovem. Wax suspirou e levantou Vindicação. O jovem cambaleou para trás, tropeçando numa caixa de lixo e aumentando sua humilhação.

— Você vai deixar aquela missionária em paz — ordenou Wax. — Ela não tem nada a ver com o assassinato.

O jovem assentiu. Wax soltou outro cartucho e se preparava para se lançar no ar noturno.

— A-assassinato? — perguntou o jovem.

— Do... — Wax hesitou. — Espere. Por que estavam atacando aquele santuário?

O garoto choramingou.

— Eles foram até o pub, dois deles, com túnicas dos caminhantes, e xingaram o Sobrevivente.

— Dois? — perguntou Wax, avançando na direção do garoto, que se encolheu. — Eram mais de um?

Ele assentiu e, chorando, saiu tropeçando e correndo pela noite. Wax o deixou ir.

Eu deveria ter adivinhado, pensou, lançando-se no ar. *A notícia do assassinato não teria se espalhado tão rapidamente.* Havia mais na trama do que aquela morte. Ferrugem! Outros sacerdotes estariam em perigo?

Duas pessoas. A Sangradora e mais alguém? Ou dois ajudantes? MeLaan parecia confiante de que a Sangradora trabalharia sozinha, mas isso oferecia evidências contrárias. E a tentativa de matar Wax mais cedo, a trama envolvendo o criado na Torre ZoBell, combinava bem demais com suas suspeitas para ser coincidência. A Sangradora tinha ajuda, provavelmente do tio de Wax. Ele investigaria isso mais tarde. Agora, no entanto, tinha uma pista diferente que queria seguir.

Depois de um tempo, chegou ao local que esperava encontrar: Carruagens e Diligências Fornalha, um grande pátio aberto no extremo norte do oitante onde uma frota de carruagens de vários estilos era guardada. Landaus de aparência luxuosa, com capotas retráteis. Carros pequenos e convencionais, com estofados e madeiras menos luxuosos, para a clientela modesta. Alguns no estilo de uma carruagem, com cortinas franzidas.

O tipo mais comum estacionado ali era, de longe, uma carruagem de rua padrão, com o compartimento para passageiros totalmente fechado e espaço na parte de cima para um condutor. O modelo era conhecido na cidade como Barrington, por causa de Lorde Barrington, e, embora as pinturas variassem muito, o estilo era bem padronizado. As carruagens de Wax eram Barringtons.

Ele contou sete numa fila ali perto, todas iluminadas por lâmpadas elétricas presas a postes tão altos que sua luz se estendia por todo o pátio e as construções baixas e largas ao redor. Deviam ser os estábulos, claro, como seu nariz confirmou. Todas as carruagens da Fornalha eram pintadas de preto brilhante, o tom comum para veículos usados como táxis na cidade, e tinham um escudo redondo na lateral, proclamando o legado da família Cett.

Um escudo pintado de prata. A cor que marcara os tijolos no beco ao lado da igreja. A Sangradora provavelmente fugira numa carruagem como aquelas, uma que ficara esperando enquanto ela matava o sacerdote.

Wax inspecionou um veículo de cada vez, passando os dedos nos escudos pintados nas laterais. Nenhum arranhão.

— Posso ajudá-lo? — perguntou uma voz rouca. A visão de aço indicou uma pessoa caminhando pela fila de veículos. Nenhuma arma, mas botões de metal no casaco, um anel em cada mão, algumas moedas no bolso e um relógio no colete. Alguns pinos no colarinho da camisa, que criavam linhas muito pequenas, deram a Wax uma ideia da altura do homem.

Wax se virou na direção da voz. O homem era um camarada gorducho usando um terno elegante e formal, de cauda comprida, que o identificava como proprietário do estabelecimento. Wax conhecera mais do que alguns Cett na juventude. Nunca se dera bem com nenhum deles. Magro ou gordo, rico ou falido, todos tinham a mesma expressão calculista no rosto, como se tentassem estimar quanto dinheiro Wax estaria disposto a gastar.

Os olhos deste Cett fitaram os trajes de Wax, que estavam amarrotados, gastos e sem gravata. Usando o casaco, ele provavelmente não parecia muito distinto, e a expressão do homem

endureceu. Então, ele viu as franjas.

Seu comportamento mudou imediatamente. Sua postura foi de “Fique longe das minhas carruagens” para “Você parece o tipo que pagaria mais por almofadas de veludo”.

— Milorde — acrescentou ele, acenando com a cabeça —, gostaria de alugar uma carruagem para esta noite?

— Você me conhece? — perguntou Wax.

— Acredito que seja Waxillium Ladrian.

— Ótimo — disse Wax, enfiando a mão no bolso e pegando um pequeno emblema de metal, esculpido num lado. Suas credenciais, prova de que era um policial. — Estou a serviço da polícia. Quantas carruagens dessas você tem? — Wax fez um gesto com a cabeça na direção da fila.

A expressão de Cett se abateu quando ele percebeu que Wax provavelmente não pagaria por nada naquela noite.

— Vinte e três — disse o homem, por fim.

— Muitas carruagens ainda estão a serviço esta noite — comentou Wax. — Considerando a hora.

— Trabalhamos enquanto as pessoas estiverem na rua, policial — falou Cett. — E, esta noite, as pessoas estão na rua.

Wax assentiu.

— Preciso de uma lista dos motoristas que ainda estão trabalhando, as rotas deles e informações de qualquer cliente pré-agendado para hoje à noite.

— É claro. — Cett parecia mais relaxado enquanto levava Wax até um pequeno edifício no meio do pátio das carruagens.

Enquanto caminhavam, uma carruagem chegou — sem arranhões nas laterais —, trazida por um par de cavalos suados, com a cabeça caída e um pouco de espuma na boca. Parecia que a jornada era longa para os animais também.

Dentro do edifício, Cett pegou alguns registros numa mesa. *Ansioso demais*, pensou Wax enquanto o homem se apressava em entregá-los. Sempre que alguém colaborava com as autoridades com tanta facilidade, Wax ficava desconfiado. Então, começou a folhear as listas que Cett lhe ofereceu, mas ficou de olho no homem.

— Que porcentagem de suas saídas são espontâneas e que porcentagem é marcada com antecedência?

— Meio a meio, para as carruagens negras — falou Cett. — As carruagens abertas saem mais espontaneamente. — Tinha um ar tranquilo, mas alguma coisa o *incomodava*. O que estaria escondendo?

Você acha que todo mundo está escondendo alguma coisa, disse Wax para si mesmo, folheando as páginas. *Concentre-se na tarefa que tem em mãos.*

Wax analisou a lista, esperando que a Sangradora tivesse preferido alugar uma carruagem para uma fuga planejada em vez de apenas pegar um táxi na rua. Descobrir quem dirigira para ela também seria útil. Ele olhou os registros dos motoristas que ainda estavam trabalhando. Cada um tinha feito algumas viagens pré-agendadas ao longo do dia, mas só três estavam agendados no horário do assassinato. E dois eram clientes frequentes, com uma longa lista de viagens no passado.

Isso deixava apenas um. Uma pessoa que pegara a carruagem no Quarto Oitante e seria levada “em liberdade”, ou seja, a viagem duraria o tempo que o cliente desejasse. Shanwan era o nome dado pelo cliente. Um nome terrisano. Uma palavra que significava “segredo”.

— Preciso encontrar este motorista — falou Wax, levantando a lista e apontando. *Se ainda estiver vivo.*

— Carruagem dezesseis — falou Cett, esfregando o queixo. — É a de Chapaou. Não sei dizer quando vai voltar, e você provavelmente não vai querer esperar. Posso mandar uma mensagem quando ele retornar.

— Talvez — disse Wax, mas não se moveu.

A porta se abriu, e uma jovem usando calça e suspensório entrou.

— Chefe — disse ela —, um jogo de fim de noite está acabando na Bonn-weather. Vão querer carros.

— Já mandamos carruagens para lá.

— Não o suficiente — replicou a jovem. — Chefe, há *muita* gente nas ruas. Homens comuns, do tipo que deixam os ricos nervosos. Os jogadores vão querer carruagens.

Cett assentiu.

— Acorde Jone e Forgeron. Envie os dois e quem mais você conseguir despertar. Mais alguma coisa?

— Seria bom ter mais veículos na rua, em especial perto dos pubs.

— Lançamoedas — adivinhou Wax, notando a pequena bolsa de pedaços de metal, provavelmente sucata, que a mulher carregava. — Vocês estão usando mensageiros alomânticos para rastrear as áreas mais movimentadas e mandar motoristas.

— Isso o surpreende? — perguntou Cett.

— É caro.

— Você tem que gastar dinheiro para ganhar dinheiro, policial — comentou Cett. — E, como pode ver, estou tendo uma noite muito ocupada. Talvez possa me deixar trabalhar se eu prometer...

— Lançamoedas — disse Wax para a garota —, você viu a carruagem número dezesseis lá fora? Presumo que seu chefe faz com que fique de olho nos motoristas, para garantir que estão fazendo seu trabalho.

— Como... — Ela começou a dizer.

— Ninguém contrata um alomântico só para fazer relatórios de tráfego — falou Wax. — A carruagem dezesseis?

Ela olhou para Cett, que assentiu. Então, o que quer que estivesse escondendo, não tinha a ver com aquele motorista. De fato, provavelmente não tinha nada a ver com a Sangradora. Deviam ser só as infrações típicas de quem era dono de um negócio.

Pelo menos uma alomântica na equipe, pensou Wax.

— Não vi a dezesseis nas ruas — falou a jovem alomântica, virando-se para Wax. — Mas é porque Chapaou está num salão de abrandamento na rua Decan. A carruagem dele está do outro lado da esquina.

— Num *salão de abrandamento*? — Cett quis saber. — Ele está a serviço!

— Eu sei — falou a alomântica. — Achei que iria querer saber.

— Hum, sim — disse Wax. — E o Tumultuador que vocês têm na equipe. Ele também está lá?

— Não — respondeu a alomântica. — Ele está... — Ela parou de falar e ficou pálida. A sala toda ficou em silêncio.

— Estão usando Alomancia emocional para conquistar clientes — falou Wax. — Tumultuando pessoas que passam, deixando-as cansadas ou com pressa, e mais dispostas a pegar a carruagem convenientemente estacionada do outro lado da rua.

Cett parecia enjoado. Sim, era isso. Usava um Tumultuador para fazer negócios, uma violação do Acordo Alomântico de 94. Havia departamentos inteiros no governo que vigiavam esse tipo de coisa. Felizmente, embora fosse um crime perigoso, não era o que preocupava Wax naquele momento.

— Você não tem provas... — Cett começou a dizer, mas pensou melhor. — Vou falar com meu advogado. Meus funcionários não podem ser interrogados sem uma ordem judicial para...

— Resolva isso com o comissário-geral — falou Wax. — Tenho certeza de que você terá notícias dele logo. Por enquanto, preciso da descrição deste seu motorista, juntamente com os nomes de quaisquer

animais de estimação que ele tenha.

Marasi caminhou junto a um longo balcão coberto por uma fileira de rifles, cada um acompanhado por um capacete coberto de aço, uma pesada jaqueta forrada e uma caixa de munição. Ferrugem! Ela não percebera que a delegacia tinha acesso àquele tipo de arma.

— Bem — comentou ela, olhando para MeLaan —, estaremos prontos se um senhor da guerra koloss decidir invadir novamente.

Uma dupla de policiais, ambos homens, analisava cada arma para checar se estavam em bom estado. Embora ela tivesse visto mais do que um par de olhos sonolentos, o lugar estava repleto de atividade. Mais e mais policiais chegavam, chamados para o dever fora de hora. Quando entravam pela porta principal, tendiam a parar, como Marasi fizera, olhando para a fileira de armas. Talvez fosse por isso que Aradel ordenara que fossem colocadas assim. Uma rápida lembrança visual de quão perigosas as coisas estavam ficando na cidade.

Marasi deu a volta no balcão e entrou nos escritórios que ficavam atrás. Uma jovem policial passou por ela, dando-lhe uma xícara de chá escuro. O cheiro era forte, cozido para aumentar a concentração de cafeína. Ela experimentou um gole.

Sim. Horrível. Tomou outro gole mesmo assim. Não ia passar vergonha pedindo um pouco de mel quando todo mundo estava tomando a coisa como se fosse uma espécie de competição. MeLaan estava atrás dela, olhando a sala com interesse. A voluptuosa kandra atraía olhares. E, bem, encaradas. Não era sempre que uma bela mulher de um metro e oitenta entrava nos escritórios da delegacia vestindo calça e uma camisa apertada. Ela parecia gostar da atenção, julgando pelo jeito como sorria para os homens que passavam.

É claro que ela gosta de atenção, pensou Marasi. Ou não teria escolhido um corpo tão lindamente proporcional. Parecia evidente para Marasi. Afinal, tecnicamente, MeLaan nem era humana.

— Eu não esperava encontrar mulheres de uniforme aqui — observou MeLaan. — Eu presumia que você era uma extravagância.

— A delegacia é muito igualitária — falou Marasi. — A Guerreira Ascendente serve como modelo para todas as mulheres. Você não vai encontrar tantas de nós aqui quanto, digamos, nos escritórios dos advogados, mas dificilmente essa é considerada uma profissão não feminina.

— Certo, certo — disse MeLaan, sorrindo para a jovem tenente enquanto as duas seguiam até as salas do fundo, onde ficavam os arquivos. — Mas sempre achei os humanos um tanto quanto machistas. Um resultado natural do dimorfismo sexual de vocês,

VenDell diz.

— E os kandra não são machistas? — perguntou Marasi, corando.

— Hum. Bem, considerando que um kandra homem com quem você fale hoje pode decidir ser uma mulher amanhã, eu diria que temos perspectivas diferentes a esse respeito.

Marasi corou ainda mais.

— Certamente você está exagerando.

— Na verdade, não. Uau, você fica ruborizada com facilidade, não é? Eu pensava que vocês achariam isso natural, considerando que seu Deus é basicamente um hermafrodita. Tanto bom e mau, Ruína e Preservação, luz e escuridão, macho e fêmea etc.

Chegaram à porta da sala dos arquivos, e Marasi se virou para esconder o rubor. Ela realmente gostaria de achar um jeito de superar a vergonha.

— Harmonia não é meu deus. Sou sobrevivencialista.

— Ah, sim — disse MeLaan —, porque *isso* faz sentido. Venerar o cara que morreu em vez do que cara que salvou o mundo.

— O Sobrevivente transcendeu a morte — disse Marasi, olhando para trás; a mão estava na porta, mas ela não entrou. — Ele sobreviveu à morte, adotando o manto de Ascendente durante o tempo entre a morte da Preservação e a Ascensão de Vin.

Ferrugem!... Ela estava discutindo teologia com uma semideusa?

MeLaan, no entanto, apenas inclinou a cabeça.

— O quê? Sério?

— Hum... sim. *Harmonia* escreveu sobre isso nas “Palavras de Fundação”, MeLaan.

— Hum. Eu realmente deveria ler essa coisa um dia desses.

— Você não... — Marasi pestanejou, tentando imaginar um mundo em que uma dos Imortais sem Rosto não conhecia a doutrina.

— Sempre me proponho a fazer isso — disse MeLaan, dando de ombros. — Mas nunca acho tempo.

— Você tem mais de seiscentos anos.

— É o que acontece quando se tem a eternidade, criança— comentou MeLaan. — Fica *muito* mais fácil procrastinar. Vamos entrar nesta sala ou não?

Marasi suspirou, entrando numa sala cheia de arquivos enfileirados e mesas com pilhas altas de pastas e jornais. Isso era obra de Aradel: ele gostava de ficar de olho no que as pessoas diziam e escreviam na cidade. Até agora, não tinha feito muito com a coleção, além de

rastrear qualquer relato de crime que seus homens tivessem deixado passar, mas Marasi tinha outros planos.

Infelizmente, o policial Miklin, que administrava o arquivo, era um dos amigos mais próximos de Reddi. Quando Marasi entrou, Miklin e as outras duas pessoas que trabalhavam ali levantaram os olhos e imediatamente voltaram aos seus arquivos.

— Quem é a civil? — perguntou Miklin, de sua mesa no canto. Como ele *conseguia* deixar o cabelo tão em pé daquele jeito? Era quase um chumaço de grama crescendo num vaso.

— Uma investigadora especial de outra jurisdição — disse Marasi. — Lorde Ladrian a mandou.

Miklin deu uma fungada.

— Estou certo em acreditar que essa caçada a rumores infundados é coisa sua? Mal cheguei ao escritório esta noite e já me mandaram levantar informações sobre aquele rompimento da barragem.

— O que descobriu? — perguntou Marasi, ansiosa, passando entre dois grandes arquivos que ele posicionara como dois sentinelas e se aproximando da mesa dele.

— Nada — respondeu Miklin. — Beco sem saída. Desperdício de tempo.

— Eu gostaria de ver o que você descobriu mesmo assim — pediu Marasi. — Se não for dar muito trabalho.

Miklin apoiou as mãos na mesa. Falou com suavidade.

— O que está fazendo aqui, Colms?

— Achei que Aradel tivesse contado para você — disse Marasi. — O rompimento da barragem pode...

— Não isso. O que está fazendo aqui na delegacia? Você recebeu uma proposta para se juntar ao procurador-sênior do oitante, com uma carta de recomendação de seu estágio com ele. Eu pesquisei. E agora... o quê? De repente quer perseguir criminosos? Com uma pistola de seis tiros na cintura como fosse das Terras Brutas? A polícia não trabalha assim.

— Estou bem ciente disso — respondeu Marasi, seca. — Mas obrigada pela informação. O que você descobriu?

Ele suspirou e deu uma batidinha numa pasta com as costas da mão.

— Desperdício ferrado de tempo — murmurou.

Marasi pegou a pasta e voltou por entre os arquivos. Desejava ter que lidar apenas com Miklin, mas os dois outros policiais também deixaram suas opiniões claras com bufadas silenciosas de desdém.

Marasi sentia que estavam olhando para ela enquanto saía da sala com MeLaan, levando a pasta.

— Por que a tratam desse jeito? — perguntou MeLaan enquanto saíam.

— É complicado.

— As pessoas tendem a ser assim. Por que *deixa* que a tratem assim?

— Estou trabalhando nisso.

— Quer que eu faça alguma coisa? — perguntou MeLaan. — Eu poderia acabar com todo aquele cinismo de uma vez só, mostrar para eles que você tem amigos que...

— Não! — pediu Marasi. — Não, por favor. Não é nada que eu não tenha enfrentado antes.

MeLaan a seguiu enquanto ela se apressava para voltar para sua mesa, ao lado do escritório de Aradel. Uma policial esguia estava parada ali, com um pé na cadeira de Marasi, conversando com um homem na mesa ao lado e tomando chá. Marasi pigarreou duas vezes antes que a mulher — Taudr era o nome dela, não era? — por fim a olhasse, revirasse os olhos e saísse da frente.

Marasi se sentou. MeLaan puxou uma cadeira.

— Tem certeza de que não quer que eu...

— Tenho — respondeu Marasi imediatamente, mergulhando na pasta. Respirou profundamente. — Não, por favor.

— Tenho certeza de que seu amigo Waxillium poderia vir até aqui, dar uns tiros e obrigá-los a parar de ser tão amargos.

Ah, Sobrevivente, não, pensou Marasi, sentindo-se enjoada. Mas MeLaan obviamente não ia deixar aquilo de lado sem uma explicação.

— Estou começando a perceber que Waxillium é parte do motivo pelo qual me tratam assim — contou Marasi, abrindo a pasta preparada por Miklin. — A vida na delegacia segue uma hierarquia. Os sargentos começam como cabos, trabalham nas ruas, têm dez ou quinze anos de trabalho duro e, por fim, ganham uma promoção. Os capitães começam como tenentes, e a maioria vêm de casas nobres. De vez em quando, um sargento consegue chegar mais longe, mas espera-se que todo mundo passe seu tempo no fim da fila.

— E você...

— Eu pulei tudo isso — falou Marasi. — Eu me inscrevi e consegui um cargo importante como assistente-chefe de Aradel. Waxillium torna isso pior, já que estou associada a ele. Ele é como um rodamoinho, que gira e bagunça tudo. Mas também é bom no que faz,

e um nobre de alta posição, então ninguém reclama em voz alta. Eu, no entanto...

— Não é nobre.

— Não sou nobre o bastante — disse Marasi. — Meu pai tem uma posição pouco importante, e sou ilegítima. Isso me torna um alvo disponível, enquanto Waxillium é inalcançável.

MeLaan recostou-se na cadeira e analisou a sala.

— Fantasma sempre falava sobre essas coisas... que a linhagem não deveria importar tanto quanto a capacidade. O que você fez deveria impressionar todo mundo, não os ameaçar. Diabos, você disse que esse lugar era igualitário.

— E é — confirmou Marasi. — Foi por isso que consegui o emprego, antes de mais nada. Mas isso não impede as pessoas de se ressentirem. Represento o jeito como o mundo está mudando, MeLaan, e mudanças são assustadoras.

— Hum — disse a kandra. — E os escalões inferiores fazem o mesmo? Seria de imaginar que eles gostariam de ver você mostrar que alguém pode saltar a fila.

— Você não sabe muito sobre a natureza humana, não é?

— É claro que sei. Estudei e imitei dúzias de pessoas.

— Suspeito que entende de indivíduos, então — comentou Marasi. — O interessante sobre as pessoas é que, embora pareçam únicas, elas, na verdade, agem em padrões. Historicamente, as classes trabalhadoras são *mais* resistentes às mudanças do que as classes que as oprimem.

— Sério? — perguntou MeLaan.

Marasi assentiu. Estendeu a mão para pegar alguns livros numa pequena estante ao lado de sua mesa, mas parou. Não era o momento para aquilo. Na verdade, elas deviam estar testemunhando uma das exceções a essa regra, lá fora, nas ruas. E, como muitas transgressões ao *status quo*, essa podia ser violenta. Era como uma caldeira de um motor a vapor entupida, sem via de escape até que, de repente, tudo explodia.

Ninguém gostava de perceber que tinha sido enganado. O povo em Elendel acreditava que tinha uma vida boa — durante toda a vida lhe disseram que Harmonia os abençoara com uma terra rica e pródiga de recompensas. Mas, cedo ou tarde, todos começavam a se perguntar por que todos aqueles pomares tão incríveis pertenciam a outras pessoas enquanto alguns tinham que trabalhar longas horas só para alimentar os filhos.

Marasi mergulhou no conteúdo da pasta, que listava as

circunstâncias que rodeavam as inundações no leste. MeLaan recostou-se na cadeira. Era uma criatura curiosa, sentada com a cabeça erguida, enfrentando os olhares de quem passava sem a mínima preocupação em relação ao que alguém pensava dela.

Miklin era irritante, mas não tinha deixado que seu desprazer atrapalhasse seu trabalho, que era meticuloso e completo. Ele incluía relatórios da polícia sobre o rompimento da barragem, um artigo escrito por um engenheiro que investigara o problema e recortes de jornais de Elendel sobre o desastre.

Mais importante, estava ali a transcrição do recente julgamento e da execução do fazendeiro que causara a inundação. Ele afirmara querer arruinar a colheita do vizinho causando um “acidente”, mas o sabotador colocara muita dinamite e abrira um buraco na barragem grande o bastante para fazer a coisa toda despencar. Houve dúzias de mortos e plantações destruídas por toda a região, causando escassez de grãos.

A defesa chamara testemunhas que afirmaram que o sabotador, um homem chamado Johnst, andava agindo de maneira errática. Afirmavam que estava obviamente louco. Quanto mais lia, mais Marasi se convencia de que ele *estava* louco, mas só porque a Sangradora estava.

— Veja isso — falou Marasi, entregando uma folha para MeLaan.

A kandra pegou, leu e grunhiu.

— Ele não se lembrava dos nomes dos filhos no julgamento?

— Parece uma boa evidência de que Johnst foi substituído, não acha?

— Sim e não — respondeu MeLaan. — A velha guarda é *muito* boa em interrogar pessoas e pesquisar suas vidas antes de assumir uma nova forma. Não temos mais que fazer isso com tanta frequência... A maioria das formas que assumimos são personas que nós mesmos criamos. Se *era* a Sangradora, ela devia estar sendo pressionada pela falta de tempo. — MeLaan apontou para uma parte mais ao fim da página. — Para mim, essa é uma prova muito melhor.

Marasi se aproximou, olhando o parágrafo indicado: “Relatório da execução. O prisioneiro foi enforcado até a morte. Rejeitou a refeição final e exigiu que tudo ‘fosse feito rapidamente’. O túmulo foi profanado duas noites depois; suspeita-se que tenha sido obra de alguém que perdeu a família na inundação.”

— Uau — comentou Marasi, pegando o papel de volta. Ela ainda não tinha chegado naquela parte. — Sim. Escapando do túmulo, hein? Ela realmente deixou que a *enterrassem*?

— Sem dúvida — disse MeLaan. — Paalm é completamente dedicada à sua arte.

— Então, por que esquecer o nome dos filhos?

— Não tenho ideia.

De qualquer forma, parecia ser o suficiente para levar para Aradel.

— Vamos — disse Marasi.



Uma coisa que a vida de Wax nas Terras Brutas lhe ensinara era que os homens monetizavam tudo. Na primeira vez que viu alguém vendendo água, ficou surpreso. Quem venderia algo que literalmente caía do céu?

Agora, mais de vinte anos depois, estava surpreso que ninguém em Elendel tivesse encontrado um jeito de cobrar imposto pela coleta da água da chuva. Se alguém tivesse interesse no produto, era possível cobrar por ele. O mesmo valia em dobro para a Alomancia, embora os mais conservadores criticassem a comercialização crescente das artes metálicas. Feruquemistas de aluguel eram muito mais raros do que alomânticos, talvez pelas tradições terrisanas verem seus poderes com tamanha reverência.

Wax subiu os degraus do edifício, que se erguia solitário numa rua de um dos bairros mais bonitos da cidade, embora esse fosse o lado mais sombrio da avenida, por assim dizer. A construção tinha dois andares, e as cortinas das janelas estavam fechadas, ainda que a luz lá dentro fornecesse um brilho quente. Uma carruagem negra, com o escudo de prata arranhado, estava estacionada na rua à direita.

O abrandamento tomou conta de Wax assim que ele alcançou a porta. Uma sensação calma e gentil, como uma anestesia emocional. Como se alguém apertasse um travesseiro contra suas emoções numa tentativa de abrandá-las gentilmente.

Desleixado, pensou ele. *Deveria ter trazido meu chapéu*. Tinha forro de alumínio, e a Sangradora podia ter acesso a uma estaca que a tornasse Abrandadora ou Tumultuadora. Bem, precisaria pegá-lo mais tarde. Entrou no edifício, chegando a uma sala pouco iluminada por lamparinas em tons de vermelho. Vários homens e mulheres repousavam em almofadas lá dentro, fumando cigarro ou cachimbo de incenso e encarando o teto pintado como um vitral num belo padrão

abstrato.

A maioria dos negócios da cidade já estava fechada a esta hora, mas não os salões de abrandamento. Visitar um era mais caro do que uma noite num pub, mas não deixava nenhum dos efeitos colaterais do excesso de álcool. Ou, para ser mais preciso, tinha efeitos colaterais diferentes. Uma mulher madura e corpulenta, com um chapéu provavelmente forrado de alumínio, aproximou-se de Wax, talvez para cobrar o pagamento, mas Wax mostrou suas credenciais.

— Se acha que credenciais vão lhe garantir uma sessão grátis, você deve ser novo na corporação — comentou a proprietária.

Wax lhe deu um sorriso seco, guardando a placa de metal. Ela administrava um salão de abrandamento de segunda categoria. Embora aquilo não fosse ilegal — por mais estranho que fosse, não havia problemas em manipular as emoções das pessoas, desde que elas pagassem por isso —, ela estava acostumada com policiais aparecendo por ali de tempos em tempos. Não só aquele tipo de lugar tendia a atrair pessoas que se escondiam de alguma coisa, como era muito possível que um salão de abrandamento de má reputação tirasse vantagem de seus clientes.

Nenhuma das pessoas ali combinava com a descrição de Chapaou, mas, em geral, os salões de abrandamento tinham mais de um ambiente.

— Um homem baixo — falou Wax. — Careca. Conhecido como Chapaou, mas pode não ter dado seu nome verdadeiro.

A proprietária assentiu e gesticulou para que Wax a seguisse enquanto atravessava a sala, esquivando-se das pessoas deitadas no chão. O edifício escuro e esfumaçado deveria deixar Wax com os nervos à flor da pele — era o tipo de lugar em que acidentes e emboscadas aconteciam —, mas o Abrandamento era difícil de vencer. Ele arrancava as camadas superiores de sua preocupação, expondo as de baixo, como sua preocupação com Wayne e Marasi. Embaixo ainda, uma surpreendente frustração, e até raiva, em relação a Deus. Então, essas emoções também esvoaçaram, deixando-o vazio. Não calmo, apenas vazio.

Ele quis se acomodar numa daquelas cadeiras, fechar os olhos e soltar um suspiro relaxante. A Sangradora esperaria. Certamente ela não tentaria matar novamente naquela noite. Por que se preocupar se ela o fizesse? Provavelmente não conseguiria detê-la mesmo.

Descobriu que odiava essa sensação. Aquelas eram emoções dele, estavam no âmago do seu ser. Tirá-las não o deixava feliz nem o ajudava a esquecer. Só o fazia se sentir enjoado.

Ele acelerou o passo, tentando fazer a proprietária se apressar

enquanto deixavam a sala com as almofadas e entravam num longo corredor. Ali, passaram por várias outras salas: uma câmara completamente branca, com pessoas sentadas de pernas cruzadas no chão, outra toda negra, sem luz alguma, com pessoas quase invisíveis lá dentro. Havia ainda outra sala com árvores pintadas na parede e o chão coberto de palha, como uma cabana de reuniões terrisana. Um único homem estava sentado nesta sala, numa cadeira solitária, de olhos fechados.

A proprietária levou Wax até uma escada. Talvez o homem no quarto terrisano fosse um dos Abrandadores, o salão devia ter pelo menos um, em algum lugar, criando uma pequena bolha de abrandamento. Supostamente, esses salões deveriam ter folhas de alumínio nas paredes para impedir que a Alomancia emocional contaminasse a vizinhança, mas a regra não era seguida em todos os lugares.

A proprietária levou Wax até uma pequena sala no segundo andar, sem enfeite algum, exceto um sofá para massagens no centro. Chapaou não estava deitado nele. Em vez disso, caminhava de um lado para outro perto de uma janela trancada na parede oposta, frustrando a massagista que estava parada ali perto com os braços cruzados. Um velho estava sentado numa cadeira próxima à parede. Os frascos de metal em seu bolso, visíveis para Wax como linhas pequenas e difusas que apontavam para os flocos em suspensão, indicavam que era alomântico.

Wax ergueu uma sobrancelha. Chapaou pagara uma sessão privativa. Onde conseguira tanto dinheiro? O motorista da carruagem parou, olhando para Wax. Seus olhos seguiram direto para as armas nos quadris de Wax, e ele caiu de joelhos, chorando.

O velho Abrandador se levantou com um ranger audível das juntas.

— Fiz o que podia, srta. Halex — disse ele para a proprietária. — Mas este homem não precisa de Alomancia. Ele precisa de um médico.

— Ele é seu — disse a srta. Halex para Wax. — Tire-o daqui. Ele está incomodando meu pessoal.

Wax cruzou a sala e se ajoelhou ao lado de Chapaou. O homem baixote tremia, abraçando as pernas.

— Chapaou — falou Wax. — Olhe para mim.

Chapaou se virou para ele.

— Qual é o nome do seu cachorro? — perguntou Wax.

— Meu... Eu não tenho um cachorro. Ele morreu há alguns anos.

Era o bastante. Não era a Sangradora disfarçada, a menos que ela tivesse tido a ideia de interrogar um motorista de carruagem sobre

seus animais de estimação antes de matá-lo e assumir sua forma.

— O que aconteceu? — perguntou Wax. — Por que você está aqui?

— Para esquecer o que vi.

— O abrandamento não funciona assim — falou Wax. — Não tira suas lembranças.

— Mas deveria fazer com que eu me sentisse melhor, certo?

— Depende das emoções que está sentindo e da habilidade do Abrandador — disse Wax. Ele segurou o homem pelo ombro. — O que você viu, Chapaou?

O homem pestanejou, com os olhos avermelhados.

— Eu vi... a mim mesmo.

Aradel não estava em seu escritório, claro. Aquele lugar existia, como ele costumava dizer, “para dar aos lordes algum lugar para se sentar quando vêm reclamar comigo”.

Marasi o encontrou no telhado do prédio da polícia, ouvindo os relatórios de dois Lançamoedas que estavam vasculhando a cidade. Ela aguardou educadamente com MeLaan e vários tenentes parados ali perto e conseguiu ouvir a maior parte do último relatório. *Milhares de pessoas ainda estão nas ruas, milorde. Estão se reunindo nos pubs. Não vão para casa...*

Enquanto ouvia, Aradel mantinha uma bota apoiada na mureta baixa que circundava o telhado. As brumas se curvavam ao redor de cada Lançamoedas num vórtice distinto; elas respondiam ao uso da Alomancia. Por fim, Aradel liberou os dois. Não eram policiais de verdade, apenas trabalhavam por empreitada. A lealdade deles era com suas casas. Ou, em alguns casos, com suas carteiras.

Quando foram embora, saltando do edifício, o comissário-geral se voltou para os tenentes que o aguardavam.

— Preparem os homens para esvaziarem os pubs — disse ele, com suavidade.

— Senhor? — perguntou uma das mulheres.

— Vamos fechar todos os pubs — disse Aradel, apontando. — Primeiro, os das alamedas, depois os das ruas menores. Não podemos começar até termos uma autorização do governador para instituir a lei marcial no oitante, mas quero que os policiais estejam prontos para a ação assim que tivermos a notícia.

Os tenentes correram para obedecer. Aradel olhou para Marasi, e ela pensou ter visto algo de seu ancestral nele, um soldado que morrera em martírio durante os dias da Guerreira Ascendente. Em outra época, aquele homem teria sido um general de campo em vez de

um policial?

— O que tem para mim, tenente Colms? — perguntou ele, fazendo sinal para que ela se aproximasse. MeLaan permaneceu na escada, alguns degraus abaixo, com as mãos nos bolsos da calça.

— Nossa assassina, senhor — disse Marasi, mostrando a pasta. — Ela conseguiu sair do próprio túmulo depois de ser executada por causar as inundações no leste. Encontraram os ossos ali perto alguns dias depois e consideraram que alguém havia profanado o túmulo. Afinal, por que imaginariam que uma das sagradas Imortais sem Rosto tinha ocupado um corpo para cometer crimes e assassinatos?

Aradel soltou a respiração com um assobio. As sombras se moviam sob as luzes das ruas, apesar da hora, na alameda lá embaixo.

— Então isso tudo é feito dela?

— Perdão, senhor — disse Marasi —, mas eu diria que isso é culpa das condições desagradáveis de trabalho na cidade. Dito isso, a Sangradora está certamente atijando a fogueira. Ela queria deixar a cidade à beira do caos.

— Ruína... — sussurrou Aradel. — Diante disso, parece quase irrelevante o governador ser ou não corrupto, não é?

— Suponho que depende de para quem você pergunta. — Gritos se ergueram da rua lá embaixo, vindos de um grupo de homens passando ao longo do canal e falando alto uns com os outros. Ela não conseguia entender o que diziam, só percebia seu tom de voz.

— Ainda quero provas — falou Aradel. — Não quero diminuir seus esforços, tenente, mas não vou me deixar assustar por espectros da bruma até que possa vê-los com meus próprios olhos. Isso vale para o governador também. Fique de olhos abertos. Se puder encontrar algo concreto, vamos usá-lo assim que tudo estiver calmo novamente. E ainda quero algum tipo de prova a respeito da sua assassina sobrenatural.

— Entendo, senhor — falou Marasi, acenando com a cabeça na direção de MeLaan, iluminada pelas lanternas penduradas nos postes perto da porta da escadaria. — E eu tenho provas aqui. Mas seria melhor se fizéssemos isso num lugar privado.

Aradel jogou o peso do corpo para trás, lentamente, tirando o pé da mureta na qual se apoiava. Olhou para Marasi, que assentiu.

— Para baixo — disse ele para os dois policiais que ainda o acompanhavam. Soldados encarregados de levar mensagens. Eles obedeceram, e, assim que ficaram sozinhos, Aradel cruzou a distância que o separava de MeLaan.

— Espero que minhas perguntas não sejam ofensivas, hã, Vossa

Grça — disse ele, depois de limpar a garganta.

— Perguntas sinceras nunca são ofensivas, humano — respondeu MeLaan —, pois é seu dever buscar a verdade. Questões verdadeiras só são respondidas com a verdade. — A pele dela brilhou, ficando transparente como antes, mas, de algum modo, ganhando um tom caleidoscópico. Ela abriu os braços e sua blusa também se abriu e escorregou pelos ombros, expondo um torso transparente com um esqueleto cor de esmeralda que resplandecia sob a luz das lamparinas.

Marasi pestanejou. Bem, não era isso o que esperava. Ao seu lado, Aradel inspirou bruscamente e pareceu parar de respirar diante daquela visão. A cabeça de MeLaan, completamente transparente, inclinou-se, e ela olhou para eles com ar maternal.

— Fale — sussurrou ela.

— O que... — Aradel limpou a garganta. — O que a policial Colms me contou é verdade? Um de sua espécie realmente está por trás disso?

— Paalm é uma alma perdida — disse MeLaan. — Torturada por uma mente corroída e um espírito retorcido. Sim, ela é uma de nós, humano. Tua tarefa não é fácil, mas nós te ajudaremos em teu desespero.

— Ótimo — falou Aradel. — Eu acho... eu acho que era a confirmação de que eu precisava. — Ele hesitou. — Haveria uma chance de você falar bem de mim para Harmonia?

— Teus feitos são tuas melhores palavras, humano — respondeu MeLaan. — E teu Deus sabe deles. Vai e protege esta cidade. Não te preocupes contigo, mas com teus camaradas.

— Certo, certo — concordou Aradel. — Era só isso, então. A menos que você tenha algo mais para me falar...

— Teu ronco é muito forte — falou MeLaan.

— Meu... o quê?

— Parece uma centena de koloss zangados no meio de uma avalanche de rochas — comentou MeLaan. — O clamor é quase capaz de despertar os mortos.

— Certo... — disse Aradel.

— Segue teu caminho, humano — falou MeLaan.

— Como ordenado. Tenente Colms, tem um instante? — Ele abaixou a cabeça em reverência para MeLaan, circundando-a pelo lado, e teve dificuldades para tirar os olhos dela. Com Marasi acontecia o mesmo. MeLaan era impressionante até quando não estava transparente e seminua. MeLaan fez um sinal de cabeça para que Marasi o acompanhasse. Não precisaria vir buscá-la.

Quando estavam na metade da escada, Aradel soltou um profundo suspiro.

— Bem, isso foi estranho.

— Eu bem que avisei — observou Marasi.

— Avisou, sim. A parte sobre o ronco... é uma metáfora, presumo. Mas para o quê? Nós, policiais, somos barulhentos demais, talvez? — Ele assentiu para si mesmo. — Supostamente deveríamos servir o povo, mas as reclamações de brutalidade e os oficiais dando ordens por aí como se fossem lordes... Sim, eu entendo. Precisarei fazer algumas mudanças. Acha que foi isso que ela quis dizer?

— Não sei — respondeu Marasi cuidadosamente. — Um encontro desses tende a afetar as pessoas de maneiras profundas.

— Verdade. — Aradel hesitou nos degraus, virando-se como se desejasse voltar lá para cima. Conteve-se. — A pergunta que eu tinha antes permanece. Temos uma assassina imortal solta por aí, provavelmente tentando derrubar o governo. Como, por Preservação, podemos lutar contra algo assim?

— Não podemos — respondeu Marasi. — Lorde Waxillium vai cuidar da kandra. Devemos nos concentrar em impedir que a cidade exploda.

Aradel assentiu.

— Quero que faça algo por mim.

— Sim? — Ainda estavam parados na escada, iluminados por uma lâmpada elétrica solitária sobre eles.

— Você mencionou Lorde Ladrian — falou Aradel. — Ele parece confiar em você, tenente.

— Nós nos tornamos bons amigos no último ano.

— Ele é imprevisível, tenente — comentou Aradel. — Aprecio o trabalho que ele faz, mas os métodos... Vamos dizer que eu não me importaria em ter um pouco mais de informação sobre o que ele faz e quando.

— Está me pedindo para espioná-lo.

Aradel deu de ombros. Outro homem poderia ficar envergonhado em ser confrontado de um jeito tão claro, mas ele não pareceu estar.

— Não vou mentir para você, Colms. Acho que você pode ser um recurso importante para este departamento de mais de uma maneira. É minha função garantir que a lei seja observada no oitante, e me sentirei muito melhor se souber o que Lorde Ladrian está fazendo. Nem que seja para ter os mandatos necessários prontos, assim como os pedidos de desculpas.

— Entendo — falou Marasi.

Aradel esperou que ela dissesse mais alguma coisa. Ela praticamente podia ouvir a mensagem implícita naquilo. *Você é uma policial, tenente. Este é seu trabalho. Faça o que lhe foi pedido.*

— Você poderia simplesmente pedir isso a ele — sugeriu ela. — Ele recebeu uma autorização para exercer as funções de um policial. Está, tecnicamente, sob sua jurisdição.

— E acha que não tentei? Ele sempre promete um relatório. Se eu tiver sorte, isso consiste numa carta dizendo onde deixou um suspeito pendurado pelos tornozelos... Você se lembra disso? Ou um resumo rápido de alguém que esteja caçando, e só o faz para me pedir algum recurso emprestado. Não quero que você seja a dama de companhia dele, mas, sinceramente, um pouco mais de informação seria *maravilhoso*.

Marasi suspirou.

— Escreverei um relatório semanal, mais frequente se uma investigação estiver em curso, como agora. Mas informarei para ele que farei isso.

— Ótimo. Fantástico. — Aradel começou a descer a escada novamente, caminhando e falando rápido. — Vá até a casa do governador e diga para ele que preciso de uma ordem executiva para aplicar a lei marcial hoje à noite e fechar os pubs. Sugira que ele mande uma dessas autorizações para cada oitante. Depois, veja como está seu amigo Ladrian e me conte tudo o que ele descobriu sobre essa imortal que acha que pode derrubar nossa cidade.

Ele chegou ao térreo e seguiu para o salão principal, gritando por um relatório do número de policiais que tinham conseguido reunir naquela noite. Marasi foi atrás dele mais devagar, sentindo as pernas pesadas como se carregasse cem quilos em cada uma.

Você pode ser um recurso importante para este departamento de mais de uma maneira...

Ela chegou ao térreo e seguiu até a porta dos fundos da delegacia. Sempre soube que seu envolvimento com Waxillium a ajudara a obter aquele emprego. Se não tivesse se unido a ele na caçada a Miles Cernivas, nunca teria ganhado notoriedade suficiente. Dito isso, presumia que seu conhecimento dos índices históricos de crimes, suas cartas de recomendação e sua entrevista tinham sido mais importantes.

Seria esse o caso? Será que Aradel lhe dera o emprego, no lugar de Reddi, porque ela conhecia Waxillium? Seus estudos chegaram a fazer diferença?

Ela se encostou na parede, esperando MeLaan. Ferrugem!... tudo

sempre *tinha* que ter relação com Waxillium? É claro que pensar assim a fazia se sentir uma criança, com ciúmes de alguém que tinha mais brinquedos do que ela.

MeLaan surgiu na viela algum tempo depois, agitando as brumas.

— E aí? — perguntou MeLaan. — Como me saí?

— Nós te ajudaremos em teu desespero? — perguntou Marasi.

— Ei, era o que ele esperava.

— Não era o que *eu* esperava.

MeLaan bufou.

— Posso ser divina quando preciso. Tive *muito* tempo para praticar.

— Então por que não usou sua atuação comigo e com os demais?

— Quem disse que não estou atuando? — perguntou MeLaan. Ela encarou Marasi. — Talvez meu dever como uma das servas de Harmonia seja mostrar para as pessoas o que elas precisam ver, aquilo que lhes trará mais paz.

Marasi sentiu um arrepio repentino, um calafrio que atravessou seu corpo. Não foram as palavras, mas a expressão nos olhos de MeLaan, que tinham ganhado uma leve transparência. Como se fosse... um lembrete?

Então, MeLaan jogou a cabeça para trás e começou a gargalhar.

— Não, não, estou só provocando você, criança. Não mostrei esse lado para vocês porque é difícil demais manter uma expressão séria falando esse tipo de coisa grandiloquente.

— Por isso a piada do ronco? — perguntou Marasi.

— Sim. Tive que verificar o cara quando Harmonia começou a procurar Paalm. Ele ronca como um *motor a vapor*. Enfim, para onde vamos agora?

— Para a mansão do governador — falou Marasi.

— Lá vamos nós, então — respondeu MeLaan, seguindo para fora da viela.

— Fizemos uma parada — contou Chapaou, encurvado ao lado de sua carruagem, nas brumas, do lado de fora do salão de abrandamento. — E comecei a ouvir coisas dentro do veículo. Não gostei do jeito como ele saiu daquela igreja, com as mãos manchadas de vermelho.

Wax se ajoelhou na parte de trás da carruagem, ouvindo o relato enquanto desfazia cuidadosamente um pacote de tecido negro. Uma lanterna pendurada na lateral da carruagem lhe dava luz, mas também transformava as brumas num resplendor iluminado. Ainda podia sentir

o toque do abrandamento que vinha do edifício, mas era muito menos pronunciado agora. Quase se sentia em seu estado normal. Isso era ao mesmo tempo bom e ruim, pois não havia nada para conter sua sensação de repulsa enquanto desempacotava a marreta ensanguentada usada para pregar as estacas no padre Bin.

— Eu não deveria ter olhado dentro da carruagem — contou Chapaou. — Ele me disse para não olhar, sabe? Mas não pude evitar. Então me virei bem devagar e espiei pelo visor do condutor, aquele que usamos para ver se a pessoa dentro do veículo está rasgando o estofado ou aprontando alguma coisa. Descobri que eu não estava levando um homem, mas um monstro. Um espectro da bruma, com ossos e tendões expostos e um rosto cheio de músculos esticados e dentes à mostra. Aquela coisa olhou para mim, toda sorrisos, e subiu em direção ao visor. Pressionou aquele olho exposto contra o vão e, então, se *transformou*. Ela se *transformou*. A pele crescendo sobre a face, como a minha. Uma versão distorcida e mal-acabada de mim.

Ele começou a chorar novamente. Wax tirou os ossos de um pacote, partes do cadáver do caminhante que a Sangradora imitara para matar o padre Bin. Estavam descorados e limpos, e, embaixo deles, havia uma pilha de roupas. Túnica dos caminhantes? Sim, as cores conferiam.

— As mãos vermelhas... — sussurrou Chapaou.

— Você fugiu depois disso? — perguntou Wax, alinhando os ossos cuidadosamente.

— Não, eu dirigi — respondeu Chapaou. — Chicoteei os cavalos, correndo com aquela coisa demoníaca na minha carruagem. Um motorista para o próprio Olhos de Ferro. De que serviria fugir? Aquilo tinha minha alma. Harmonia... tinha *minha alma*.

— Não — falou Wax. — É uma trapaça, Chapaou, um embuste. Você disse que era uma versão distorcida de você mesmo? — MeLaan dissera que os kandra mais velhos com frequência conseguiam formar uma estrutura semelhante a um rosto sem ter seus ossos, mas a diferença era sempre perceptível.

— Isso. — O homem se encolheu ainda mais na calçada. — Sei o que pensa, homem da lei. Que eu matei o padre esta noite, não foi? Fiquei louco, o matei, e as mãos ensanguentadas são minhas. Eu deveria ter me matado, pulado daquela ponte...

— Não — assegurou Wax. — Você caiu nas garras de uma charlatã, Chapaou. Não foi você.

O homem apenas choramingou.

Wax continuou a separar as evidências metodicamente, embora uma parte dele se perguntasse qual era a utilidade daquilo. O trabalho

tradicional de detetive serviria para algo numa luta contra uma criatura como aquela? Como lutar contra a mitologia usando um microscópio? Harmonia... e se *encontrasse* uma pista? E se a perseguisse? Poderia derrotar algo desse tipo?

Ele encarou os ossos e balançou a cabeça. Enviaria aquilo a uma equipe de peritos. Precisava voltar para a mansão do governador e ver se tudo estava bem.

Espere, pensou e se reclinou. Ali, na barra da túnica. O que era? Tampou a lanterna com uma das mãos, fazendo Chapaou gemer e se encolher ainda mais.

Com a luz da lanterna reduzida, Wax viu melhor. A dobra da barra da túnica *brilhava*, emitindo uma fraca luz azul, que passaria despercebida com facilidade. Wax pegou um pouco da substância entre os dedos e a esfregou. Algum tipo de pó? Que espécie de pó tinha luz própria, por mais fraca que fosse?

— Você viu alguma coisa brilhando aqui, Chapaou? — perguntou ele, voltando-se para o homem. Wax teve que destampar a lanterna para conseguir que ele respondesse. Mesmo assim, a única resposta que conseguiu foi um confuso balançar de cabeça.

— Por onde você guiou a carruagem? — Wax quis saber.

— Pela praça Lestib — sussurrou Chapaou. — Onde me pediram para deixar a criatura. Então, fechei os olhos com força e esperei. Ela... ela subiu até onde eu estava. Colocou as mãos nos meus ombros, a cabeça ao lado da minha, nossas bochechas se tocando. Eu podia sentir o sangue, embora não estivesse manchando minha camisa. Ela... ela *sussurrou* para mim, homem da lei. “Eu o tornarei livre.” Quando abri os olhos, ela tinha partido, deixando aqueles ossos no compartimento do passageiro, junto com uma pequena pilha de moedas. Tive certeza de que tinha enlouquecido.

Wax engoliu um frasco de metais para reabastecer seus estoques, secou a embalagem e recolheu uma amostra do pó. Praça Lestib, que recebeu seu nome por causa de Lorde Nascido da Bruma. Era preocupantemente perto da mansão do governador.

— Não se preocupe. Estou no rastro dessa coisa. Pretendo detê-la.

— Ela disse que me faria livre — repetiu Chapaou. — Se não estou louco, isso significa... significa que a coisa era *real*.

— Ela é — confirmou Wax.

— Honestamente, senhor, eu preferia estar louco.

— Bem — respondeu Wax, erguendo e encaminhando Chapaou na direção de sua carruagem —, a coisa provavelmente não quer matar você.

— Provavelmente?

— Não posso saber com certeza — disse Wax, checando sua munição. — Mas eu apostaria meu dinheiro nisso. Pelo menos, ela não quer você morto mais do que quer todos mortos nessa cidade. Talvez. Não tenho certeza de qual é o objetivo de tudo isso.

Chapaou parecia enjoado. Maldição. Wax tinha certeza de que a última parte de seu discurso o acalmaria.

— Vá para casa — disse ele antes de jogar algumas notas para o homem. — Ou vá para um hotel. Durma um pouco. Ela não vai atrás de você.

Ela tinha presas muito maiores para caçar.



Empoleirado no alto de uma torre de eletricidade, Wax vigiava a mansão do governador — um edifício branco, iluminado por holofotes em meio às brumas. Aquelas luzes não eram tão fortes em outras noites, e o brilho delas naquele momento parecia indicar que Innate estava preocupado. As multidões não se dispersavam. Homens vagavam pelas ruas; parecia haver *mais* deles agora do que mais cedo, embora o relógio tivesse marcado meia-noite logo depois que Wax deixou o salão de abrandamento.

Ele parou em casa para refazer o curativo no braço, tomar alguns analgésicos e pegar alguns suprimentos: seu chapéu, sua escopeta de cano cortado e seu coldre de coxa. Pensou em mandar alguém buscar Lorde Harms, mas, sinceramente, preferia que o homem permanecesse em segurança onde a Sangradora não pudesse usá-lo contra ele. Melhor que ficasse escondido naquele telhado. De fato, estava meio tentado a buscar Steris e deixá-la em algum lugar parecido. Infelizmente, o tempo era curto. Tinha que acreditar que os policiais que a vigiavam a manteriam escondida.

Ao sair de casa, caminhou um pouco pelas ruas, prestando atenção nas pessoas. Escutava a raiva contra o governo. Acidez contra os caminhantes. As reclamações eram ruins o bastante, mas, misturadas a elas, havia uma tendência mais perturbadora. Raiva sem foco algum. Descontentamento generalizado. Homens resmungando enquanto tomavam cerveja, jovens jogando pedras nos gatos. Escondida entre tudo aquilo havia uma assassina, como um leão na relva alta.

Pelo menos a mansão do governador parecia calma. Ele chegara temendo o pior, um ataque contra Innate enquanto estava longe. *Ela me pegou de jeito*, pensou Wax, insatisfeito, enquanto a brisa agitava seu casaco de bruma. *Não posso ficar e proteger o governador porque tenho que seguir as pistas e tentar descobrir qual é o plano dela, mas não*

consgo ser tão efetivo nessa caçada porque deixar Innate exposto me preocupa.

Conseguiria convencer o governador a se esconder? Sob seus pés, a eletricidade corria como um rio invisível pelos cabos suspensos. Espíritos que se moviam como alomânticos no céu, saltando de edifício em edifício...

Ah, homem da lei, intrometeu-se uma voz em seus pensamentos como um prego numa tábua. *Aí está você.*

Wax levou a mão até Vindicação. Onde ela estava? Isso tinha que significar que a Sangradora estava perto, certo? Observando-o de algum lugar?

Você conhece as notáveis defesas do corpo?, perguntou a voz. Lá dentro, há pedaços minúsculos que os homens nunca veem. Nem mesmo cirurgiões os conhecem, de tão pequenos que são. É preciso um gosto refinado para distingui-los, conhecê-los. Como é que seu amigo gosta de dizer? Ninguém conhece a vaca melhor do que o açougueiro?

Wax se deixou cair de seu poleiro, diminuindo a velocidade ao *empurrar-se* numa tampa de garrafa no chão. As brumas rodopiavam ao redor, atraídas por sua Alomancia.

Se um invasor minúsculo entra em seu sangue, prosseguiu a Sangradora, *todo o seu corpo começa a girar em torno daquilo, a lutar contra aquilo até eliminá-lo. Como mil dedos de bruma, como uma legião de soldados pequenos demais para serem vistos. Mas o interessante é quando seu corpo se volta contra ele mesmo e esses soldados enlouquecem. Ficam livres...*

— Onde você está? — perguntou Wax, em voz alta.

Perto, respondeu a Sangradora. *Observando. Você e o governador. Precisarei matá-lo, você sabe.*

— Podemos conversar? — perguntou Wax, um pouco mais baixo.

Não é o que estamos fazendo?

Wax se virou, caminhando na noite. Ou a Sangradora o seguiria — e talvez ele conseguisse ver seus movimentos nas brumas — ou ele ficaria longe o bastante para que ela não pudesse escutá-lo, o que lhe indicaria em que direção deveria procurar.

— Vai tentar me matar? — Wax quis saber.

Que bem isso faria?

— Então quer jogar.

Não. A Sangradora parecia resignada. *Nada de jogos.*

— O quê, então? — questionou Wax. — Por que todo esse

espetáculo?

Eu vou libertá-los. Cada um deles. Guiarei este povo e abrirei os olhos dele.

— Como?

O que você é, Waxillium?, perguntou a Sangradora.

— Um homem da lei — disse Wax, imediatamente.

Esta é a capa que está usando agora, mas não é quem você é. Eu sei. Deus sabe que vi a verdade em você.

— Então me diga — falou Wax, ainda caminhando nas brumas.

Acho que não serei capaz. Talvez eu consiga mostrar para você.

A Sangradora não parecia ter dificuldade em ouvi-lo, embora Wax estivesse falando cada vez mais baixo. Alomancia? Ou ela simplesmente tinha a habilidade de tornar sua audição melhor do que a dos humanos? Ele continuou procurando. Talvez numa daquelas janelas escuras no edifício do governo ali perto? Wax seguiu naquela direção.

— Foi por isso que escolheu o governador como alvo? — perguntou ele. — Quer derrubá-lo, libertar as pessoas da opressão do governo?

Você sabe que ele é apenas outro peão.

— Eu não sei isso.

Eu não estava falando com você desta vez, Waxillium.

Ele hesitou. O prédio de escritórios assomava-se diante dele, e as janelas pareciam uma centena de olhos vazios. A maioria estava fechada, uma prática comum à noite. Não havia necessidade de convidar as brumas a entrar. A religião podia dizer o que quisesse, e em geral as pessoas acreditavam, mas as brumas ainda as deixavam desconfortáveis.

Ali, pensou Wax, escolhendo uma janela aberta do segundo andar.

Muito bem, disse a Sangradora, e Wax viu alguma coisa se mexer lá dentro, mas a luz ambiente era fraca o bastante para que ele não conseguisse discernir o que era. *Sempre foi um bom detetive.*

— Na verdade, não sou detetive — falou Wax. — Nas Terras Brutas, você resolve menos casos com investigação do que com um bom par de pistolas.

Essa é uma mentira divertida, comentou a Sangradora. *Você a conta nas festas para os jovens que leram histórias demais sobre as Terras Brutas? Eles não gostam de ouvir sobre os interrogatórios a membros da família de um homem mau? Sobre rastrear armeiros para descobrir quem consertou o rifle de um fora da lei? Revolver uma fogueira de*

acampamento velha depois de passar dias na estrada?

— Como você sabe essas coisas? — perguntou Wax.

Faço minha lição de casa. É uma coisa dos kandra, o que presumo que MeLaan explicou para você. Apesar do que afirma, você é um bom investigador. Talvez excelente. Mesmo que seja, por definição, um cão perseguindo o próprio rabo.

Wax seguiu até a base do edifício, diminuindo a camada de brumas entre ele e a Sangradora, que se escondia do outro lado da janela, apenas três metros acima. Seu rosto, embora envolvido pelas sombras, parecia errado para Wax. Um formato estranho.

— Você perguntou para ele? — sussurrou a Sangradora, mal audível na noite. Tinha uma voz áspera e seca, como aquela em sua mente.

— Para quem?

— Para Harmonia. Você perguntou por que ele não salvou Lessie? Um sussurro na hora certa, dizendo para vocês não se separarem. Um aviso no fundo da mente, dizendo para não entrar naquele túnel, mas em vez disso dar a volta? Você poderia ter salvado Lessie com facilidade se tivesse a ajuda dele.

— Não diga o nome dela — sibilou Wax.

— Ele supostamente é Deus. Podia ter estalado os dedos e feito Bronze cair morto na hora. Ele não fez isso. Você perguntou o motivo para ele?

No instante seguinte, Vindicação estava na mão de Wax, apontada para a janela. Sua outra mão procurava as seringas.

A Sangradora riu.

— Sempre rápido com a arma. Se falar novamente com Harmonia, pergunte para ele. Ele sabia o efeito que Lessie tinha sobre você, que era ela quem o mantinha nas Terras Brutas? Ele sabia que você jamais voltaria para cá, onde ele precisava que estivesse, enquanto ela estivesse viva? Será que ele *queria* que ela morresse?

Wax atirou.

Não para atingir a Sangradora. Ele só precisava ouvir um estalo na noite. Aquele som, tão familiar, do ar se rompendo. A bala deixou uma trilha nas brumas, e a parede ao lado da Sangradora foi atingida, soltando pedaços de tijolo.

Ferrugem!... Ele estava tremendo.

— Sinto muito — sussurrou a Sangradora. — Pelo que tenho que fazer. Limpar a ferida é, com frequência, mais doloroso do que o corte em si. Você verá, e entenderá, assim que estiver livre.

— Não, nós...

As brumas se agitaram. Wax cambaleou para trás, virando a arma na direção de alguma coisa que passou como um borrão, deixando um rastro de brumas em movimento.

A Sangradora. Movendo-se com velocidade feruquêmica.

Em direção ao governador.

Wax xingou, virando Vindicação para trás dele e plantando uma bala no chão. Então, *empurrou-a* com toda a força. Lançou-se pelas brumas na direção das luzes ardentes do jardim do governador, passando por sobre os portões e assustando um pequeno bando de corvos que se espalhou no ar ao seu redor.

Dois tiros soaram na noite. Quando Wax cruzou o jardim, localizou a Sangradora nos degraus da entrada da mansão, usando um casaco escarlate que ia até os tornozelos. Os guardas estavam mortos aos seus pés. Sob o brilho das luzes elétricas, ele pôde ver o que estava errado com o rosto da Sangradora: ela usava uma máscara branca e preta. A máscara do Atirador, mas retorcida, quebrada num lado.

Ela entrou no edifício, agora sem usar sua velocidade. Wax aterrissou ao lado dos corpos, sem tempo para conferir se algum ainda estava vivo, e rosnou enquanto entrava na mansão, arma em punho, conferindo a esquerda, depois a direita. O mordomo da casa gritou, derrubando uma bandeja de chá na entrada, enquanto a Sangradora deslizava pelo chão em direção ao próximo aposento.

Wax a seguiu, arrancando a porta principal do batente e fazendo-a voar para trás, noite afora, ao *empurrar-se* contra ela e suas dobradiças para cruzar a sala meio correndo, meio deslizando. Ele irrompeu no aposento seguinte, uma sala de estar, com Vindicação na mão, girando o tambor para colocar na posição certa uma das munições matabrumas. Uma bala contra Brutamontes, extraforte, projetada para causar o maior impacto possível.

A sala na qual entrou era decorada com o tipo de mobiliário perfeito que só se encontrava numa casa com muitos ambientes. Segundo a planta do imóvel que lhe deram, a sala secreta do governador ficava ali embaixo.

Ainda a arma, disse a Sangradora em sua mente enquanto saltava sobre um sofá, seguindo em direção à parede que escondia a escada até a sala secreta. *Inútil. Não posso ser morta com isso.*

Wax ergueu Vindicação e suspirou. Então atirou, *empurrando* a bala para a frente com toda a força. Acertou a Sangradora quando ela atingiu o solo.

Bem no tornozelo.

O osso se estilhaçou, e a Sangradora caiu ao tentar se apoiar. Virou-se na direção de Wax; os lábios eram visíveis o bastante no lado quebrado da máscara para ele ver que estavam retorcidos.

Wax deu outro tiro, que acertou um dos olhos da Sangradora.

Isso não faz diferença...

Ele avançou, atirando na mão da criatura quando ela tentou levantar a arma. Wax pegou a seringa, pronto para *empurrá-la* em direção à pele dela, mas ela grunhiu e se tornou um borrão. Wax tentou seguir o borrão, mas, naquele instante, a lateral da sala foi aberta, revelando a escadaria oculta. Um grupo de homens em ternos negros e escopetas em punho, frenéticos, surgiu pela passagem. A equipe de segurança especial do governador.

Wax buscou cobertura quando começaram a atirar. Não viu muito do que aconteceu a seguir, já que teve que se proteger atrás de uma poltrona pesada. A Sangradora se movia entre os homens, atirando. Eles tentavam revidar, causando mais danos aos companheiros do que a ela.

A luta acabou antes que o eco do primeiro tiro desaparecesse dos ouvidos de Wax. Os homens estavam caídos, gemendo e sangrando no chão, e a Sangradora entrava pela passagem secreta em direção à escada. Wax rangeu os dentes e se *empurrou* pela sala. Aterrissou, escorregando no sangue, e saltou pela escadaria. Outro *empurrão* o fez voar pelos degraus.

Tiros ressoavam no espaço apertado da escadaria, vindos de algum ponto à frente de Wax. Ele diminuiu a velocidade com um tiro no chão à sua frente, aterrissando ao lado de um punhado de guardas caídos e sangrando no chão.

A kandra estava parada diante da porta da sala secreta. Ela olhou para Wax, sorriu e se tornou um borrão.

Mas sua alta velocidade só durou uma fração de segundo. Logo depois que começou a usar sua mente de metal, ela ficou mais lenta.

Wax conseguiu ver quando ela destrancou a porta da sala secreta do governador, usando uma chave que não devia ter. Abriu a porta com um floreio e olhou de soslaio para Wax, balançando a cabeça. Ela obviamente pensava que ainda era um borrão, movendo-se com uma velocidade incrível. E era mesmo.

Wax simplesmente se juntara a ela.

Um dos corpos caídos se agitou, e Wayne empurrou seu chapéu para trás, sorrindo de orelha a orelha. Wax ergueu as mãos, com uma arma em cada, e foi recompensado com uma expressão de completo choque no rosto da Sangradora. Ela tinha reconstruído seu olho,

embora o sangue ainda escorresse pela frente da máscara. Enquanto ele a perseguia, conversara com ela, ela sempre parecera ter controle absoluto.

Até aquele momento.

Wax atirou com as duas armas. Isso, em geral, não era uma boa ideia, pelo menos quando se queria acertar alguma coisa, mas eles estavam separados por menos de três metros — e, além disso, ele estava dentro de uma bolha de velocidade. Suas balas desviariam ao deixar a aceleração do tempo, então mirar tinha um valor questionável de qualquer forma.

Em ocasiões assim, não valia a pena ser preciso. Valia a pena ser metuculofo. Steris ficaria orgulhosa.

Ele atirou sem parar, esvaziando as duas armas. Aproveitou a vantagem que tinha ganhado com a surpresa da Sangradora para jogar fora as armas e pegar sua outra Sterion no coldre embaixo do braço, descarregando-a. Sua escopeta de cano curto, que trazia no coldre na coxa, veio na sequência, soltando uma trovoadade chumbo enquanto Wax seguia até a beirada da bolha de velocidade.

Quando chegavam no limite, as balas desviavam para o tempo normal, movendo-se de modo dolorosamente lento, mas menos de quinze centímetros separavam a borda da bolha de Wayne e a Sangradora. Wax soltou a escopeta e pegou uma das seringas mais uma vez, jogando-a na direção dela e *empurrando* o metal, com uma pequena esperança de que, aturdida pela chuva de balas, ela não a notasse chegando.

Quando a kandra se virou para fugir, a primeira bala a acertou. Outras se seguiram numa tempestade. Metade errou o alvo, mas Wax tinha dado quase duas dúzias de tiros. Muitos acertaram a Sangradora, que diminuiu sua velocidade feruquêmica enquanto era atingida. Ela se movia lentamente, tentando escapar da trilha de balas, e jatos de sangue irrompiam silenciosamente no ar, como sementes saídas de um dente de leão.

Ela cambaleou contra o batente da porta, e um dos tiros da escopeta acertou a parte de trás de sua cabeça, abrindo um buraco em seu rosto e arrancando a máscara. Ela cedeu, segurando o batente da porta, envolta no casaco vermelho.

A agulha voou com o *empurrão* de Wax, girando no ar, mas, como as balas, foi desviada ao sair da bolha de velocidade e acertou a madeira do batente, a alguns centímetros da Sangradora.

Ela se endireitou um segundo depois e se acelerou novamente enquanto os ferimentos desapareciam. Não olhou para ele enquanto suas costas se endireitavam e entrou pela porta. Ela arrancou a agulha

do batente, jogando-a no chão em câmera lenta.

Wax pegou um punhado de munição no cinturão e saltou para fora da bolha de velocidade. Sentiu um *baque* imediato, como se o mundo tivesse sido abatido, e ouviu um som fraco de estouro. A náusea o atingiu como um soco no rosto, mas ele estava pronto para isso. Já tinha saído subitamente de bolhas de velocidade antes.

Um único tiro soou dentro da sala secreta.

Ele cruzou a distância que o separava da porta em um segundo, jogando os cartuchos diante de si, pronto para *empurrar* os que pudesse precisar para atingir a Sangradora. Uma vez lá dentro, no entanto, deixou a munição no chão. A Sangradora não estava na sala; uma porta aberta nos fundos a levava presumivelmente por um túnel até o quintal lá fora.

A suntuosa sala secreta, redonda e recoberta de estantes de livros, tinha um bar numa ponta e era iluminada por confortáveis lâmpadas de leitura. O governador estava ajoelhado no chão, segurando um ensanguentado Drim e tentando freneticamente estancar o sangue que saía do pescoço do guarda-costas.

Wax correu pela sala, parando na porta que levava ao túnel de fuga.

— Homem da lei! — gritou Innate. — Socorro. Por favor... Ah, Harmonia! Socorro!

Wax hesitou, espiando o túnel escuro e vazio. Aquilo o lembrava de outro túnel parecido, empoeirado e escorado por vigas nas laterais. Ao mesmo tempo uma tumba e um cenário...

Atrás dele, Wayne entrou no quarto e correu para ajudar Innate. Wax permaneceu ao lado da porta do túnel, rolando algumas balas entre os dedos.

— Ele me salvou — falou Innate, chorando. Estava encharcado pelo sangue de Drim. Arrancara a camisa, tentando usá-la para estancar o sangue. — Ele entrou na frente bem quando a assassina atirou — falou Innate. — Me diga que pode... por favor...

— Ele se foi, meu chapa — falou Wayne, sentando-se no chão.

— Temos outras baixas lá em cima, Wayne — falou Wax, apontando. Com relutância, fechou a porta do túnel de fuga. Não podia sair em perseguição, não sem deixar o governador sozinho.

Wayne saiu correndo do quarto para ajudar os homens feridos no andar de cima. Wax foi até o governador, que continuava ajoelhado ao lado do cadáver de seu guarda-costas. Innate nunca lhe parecera tão humano quanto naquele instante, de ombros caídos e cabeça baixa. Exausto, desconsolado. Alguém poderia fingir desse jeito?

Conferiu mesmo assim.

— Levedura na areia — disse Wax.

Innate ergueu os olhos desfocados. O coração de Wax saltou no peito, mas então o governador suspirou.

— Ossos sem sopa.

Ele sabia a contrassenha. Era realmente Innate.

Wax se ajoelhou ao lado do governador, olhando o cadáver de Drim. Por mais irritante que o homem fosse de vez em quando, não merecia isso.

— Sinto muito.

— Ela parou de se mover num borrão — contou Innate, com a voz tensa. — Apareceu aqui dentro, de arma em punho, mas parecia zangada com alguma coisa. Drim saltou na minha frente bem quando ela atirou. Ela sumiu no segundo seguinte. Certamente, poderia ter parado para acabar comigo em vez de fugir.

— Ela obteve seus poderes feruquêmicos há duas semanas — disse Wax. — Esse período de tempo limita muito a velocidade que ela pode ter estocado, e se mover tão rápido deve ter drenado depressa sua mente de metal. Ela precisava escapar antes de ficar sem velocidade.

Claro que podia haver outro motivo. Ela podia ter desejado apenas assustá-los. Para obrigar o governador a fazer alguma coisa. Mas o quê? Ela dissera que pretendia matá-lo, mas não até que fosse a hora certa.

Por quê? Qual era o plano?

— Então ela tem pontos fracos — disse Innate. — Pode ser derrotada.

— É claro que pode — respondeu Wax. Ele olhou para o cadáver e para o chão manchado de vermelho. *Mas a que custo?* Inspirou profundamente. — Quero que deixe a cidade.

— Não.

— Isso é uma estupidez — replicou Wax. — Ela *vai* voltar.

— Já deu uma olhada lá fora, homem da lei? — perguntou Innate, acenando com a mão ensanguentada para algum lugar lá em cima. — Já viu o que está acontecendo nesta cidade?

— Você não pode fazer nada a respeito esta noite.

— Claro que posso — disse Innate. — Sou o líder desta cidade; não vou fugir. Se não tiver mais nada que eu possa fazer, ao menos preciso ser visto... Preciso me encontrar com os principais instigadores deste movimento, se é que conseguiremos encontrar algum. Preciso me dirigir às multidões, preparar um discurso... Preciso reunir meu

gabinete e, com eles, ter certeza de que ainda teremos uma cidade pela manhã. — Apontou para Wax. — Você tem que *deter* esta criatura, Ladrian. Não tenho mais nenhum guarda-costas. Estou em suas mãos.

Innate saiu em seguida. O que quer que pensasse sobre o homem, Wax tinha que respeitar a coragem do governador.

Você tem que deter essa criatura...

Wax viu a seringa ainda caída no chão perto do batente da porta. Tão perto... Se tivesse acertado, ele poderia ter sido capaz de empurrar o êmbolo de metal e lançar o líquido pelas veias dela. Sentindo-se impotente, ele pegou a seringa e a levou até o cadáver de Drim, morto com uma bala no pescoço. Wax enfiou a seringa no braço do cadáver e a esvaziou na carne.

Nada aconteceu. Ele não esperava que fosse diferente — parecia bem pouco plausível que a Sangradora conseguisse assumir o rosto de Drim e enganar o governador, mas, ainda assim, isso deixou Wax mais confortável.

Tropeçou ao ficar em pé. Ferrugem!, estava cansado. Por que ela *não* tinha matado o governador? Havia mais coisas naquilo.

Wayne enfiou a cabeça pela porta.

— Dois guardas devem sobreviver. Um cirurgião já chegou.

— Ótimo — disse Wax. — Espere por mim lá em cima.

Wayne assentiu, voltando por onde viera. Wax seguiu até a rota de fuga da Sangradora e abriu a porta. Acendeu uma vela e subiu a rampa, cauteloso, com a arma na mão. Que relação existia entre prejudicar o governador, incitar uma revolta contra os caminhantes e aticar a “liberdade” do próprio Wax? O que ele estava deixando passar?

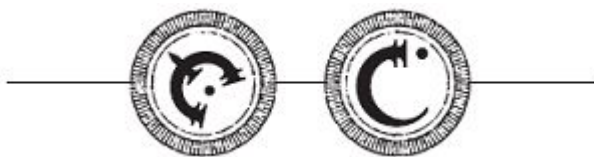
Ele não encontrou a Sangradora no túnel, mas sim seu manto vermelho, abandonado na metade do caminho. Ela o jogara ali, ensanguentado, de lado. Ali, rabiscado na parede de madeira, havia um desenho rudimentar de um homem, feito com o dedo sujo de sangue.

Manchas de sangue seco marcavam os olhos e a boca da figura. As palavras rabiscadas embaixo, com sangue, causaram um calafrio em Wax.

Eu arranquei a língua dele para conter as mentiras.

Eu preguei os olhos dele para me esconder de seu olhar.

Você será livre.



Cerca de meia hora após o ataque da Sangradora, Wayne entrou num banheiro chique da mansão do governador. Só que, em sua cabeça, aquilo não era um banheiro. Ele só sabia que devia chamá-lo assim naquela mansão.

Vejam, Wayne decifrara o código.

Pessoas ricas tinham seu próprio *código*. Todas o usavam como se fosse uma nova linguagem para excluir quem não pertencia ao grupo.

Pessoas normais chamavam aquilo pelo que era.

Wayne diria:

— O que é aquilo, Kell?

E Kell responderia:

— Aquilo? Aquilo é o cagador.

E Wayne replicaria:

— O que você faz com isso?

E ele diria:

— Bem, Wayne, é onde você caga.

Fazia sentido. Mas pessoas ricas tinham uma palavra diferente para o cagador. Chamavam de “toalete” ou “banheiro”. Desse jeito, se alguém perguntasse onde ficava o cagador, saberiam que era uma pessoa que precisavam oprimir.

Wayne fez o que precisava e cuspiu o chiclete antes de dar a descarga. Era bom usar seu chapéu novamente, além dos bastões de duelo na cintura. Passara uma boa hora, ou duas, usando as roupas e o rosto falso de um guarda de Innate. Aquilo era horrivelmente desconfortável.

Ele limpou o nariz, que escorria, e lavou as mãos, secando-as em

toalhas bordadas com o nome de Innate. Será que o governador tinha *tanto* medo de que as pessoas levassem suas toalhas embora? Bem, pior para ele. Wayne ficaria muito satisfeito em limpar sua sujeira com o nome do governador. Enfiou a toalha no bolso e deixou em troca algumas balas de menta que pegara no bar.

Saiu dali, espiando a sala onde o governador estava reunido com todo tipo de gente importante, o tipo que chamava o cagador de “lavabo”.

Sabe, talvez eu esteja errado, pensou Wayne. Talvez não seja um código. Talvez estejam tão familiarizados com o que sai de seus próprios rabos que palavras normais não sejam específicas o suficiente. Como na linguagem terrisana, que tinha sete palavras distintas para ferro.

Assentiu para si mesmo. Uma nova teoria. Wax adoraria essa. Wayne passou pela sala com os sofás, onde os guardas tinham sido abatidos. Wax estava parado lá, com um envelope no qual guardava alguma coisa pequena e metálica. Fechou-o e entregou-o para um jovem mensageiro da equipe do governador.

— Entregue rapidamente — falou Wax. — Bata na porta. Acorde-a se precisar... e não fique com medo se ela xingar ou ameaçar atirar. Ela não vai machucar você de verdade.

O jovem assentiu, embora estivesse pálido.

— Diga para ela que é urgente — falou Wax, erguendo o dedo. — Não a deixe jogar o envelope de lado para ler durante a manhã. Fique ali até que ela tenha lido o que escrevi, entendeu?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Agora vá.

O jovem saiu correndo. Wayne se aproximou de Wax, passando pela porta aberta que levava à sala secreta. Os corpos tinham sido removidos, embora a sujeira de sangue permanecesse.

— Ranette? — perguntou Wayne, esperançoso.

Wax assentiu.

— Pensei em algo que pode ajudar.

— Eu poderia ter levado para ela...

— Em você ela *teria* atirado — comentou Wax.

— Só porque ela gosta de mim — respondeu Wayne, sorrindo. Teria gostado de uma desculpa para ver Ranette. Parecia que aquela noite ficava cada vez mais tenebrosa.

— Wayne... — falou Wax. — Você sabe que ela não gosta de você.

— Você sempre diz isso, mas é só porque não está vendo a verdade, Wax.

— Ela tenta matar você.

— Para me manter vivo — replicou Wayne. — Ela sabe que tenho uma vida perigosa. Então, me manter atento é o melhor jeito de ter certeza de que continuarei por aqui. De qualquer forma, foi Marasi que eu vi ali com o governador e aquela gente importante?

Wax assentiu.

— Ela e McLaan chegaram há algum tempo. Aradel quer declarar a lei marcial.

— E você não? — perguntou Wayne, sentando-se num dos belos sofás que não estavam muito sujos de sangue. Gente importante estava reunida ali perto. Ele suspeitava saber o que viria na sequência e pretendia esperar por ali.

Wax parou por um instante e, então, balançou a cabeça.

— A Sangradora arranjou tudo isso, Wayne. Ela está nos empurrando nesta direção. “Eu arranquei a língua dele... Eu preguei os olhos dele...”

— Olha, sou bem chegado num desmembramento — comentou Wayne —, mas isso é um tanto violento para essa hora do dia.

— A Sangradora escreveu isso na parede lá embaixo. Um tipo de poema. Não me pareceu acabado.

— Ela pregou o sacerdote pelos olhos — observou Wayne.

— E arrancou a língua de Winsting — recordou Wax. Remexeu em seu bolso e pegou alguma coisa, que jogou para Wayne.

— O que é isso? — perguntou Wayne, virando o objeto entre os dedos. Era um pedaço de madeira pintada.

— Restos da máscara do Atirador. A Sangradora estava usando isso.

— Acha que ela era o Atirador? — Wayne quis saber.

— Talvez — respondeu Wax. — Teria servido ao propósito dela, enervando as pessoas nos cortiços, lembrando quão ricas as casas são. Ao abatê-lo, eu me coloquei contra as pessoas comuns.

— Odeio dizer, meu chapa — comentou Wayne —, mas você não era exatamente amado por elas.

— Sou um herói das Terras Brutais — lembrou Wax.

— Você é um tira — disse Wayne. — *E* um senhor de uma casa, meu chapa. Sem mencionar que pode... não sei... voar! Não dá para lidar com isso como nas Terras Brutais. Não dá para convencer um camarada de que você está do lado dele colocando-o na prisão e depois jogando cartas com ele até que ele veja você como um cara qualquer.

Wax suspirou.

— Você está certo, é claro.

— Em geral, estou.

— Exceto naquele aniversário de Lessie.

— Você sempre traz isso à tona, não é? — Wayne se recostou, abaixando a parte da frente do chapéu sobre os olhos. — Foi só um engano.

— Você colocou dinamite no *forno*, Wayne.

— Você tem que esconder o presente onde ninguém o procurará.

— Preciso juntar as peças dessa história — comentou Wax, começando a andar de um lado para outro. — Fazer esquemas. Escrever. Estamos deixando de lado alguma coisa muito importante.

Wayne assentiu, mas já não estava ouvindo. Wax descobriria. Wayne só precisava fechar um pouco os olhos, agora que a ocasião era propícia para...

Ele ouviu uma porta se abrir. Colocou novamente o chapéu e ficou em pé em um segundo, correndo até a porta. Wax xingou, pegando uma de suas armas e seguindo Wayne, que correu pelo corredor até interceptar uma criada com um prato cheio de comidinhas de festa.

— A-há! — exclamou Wayne. — Achou que escaparia de mim, não é?

A criada da cozinha parecia horrorizada enquanto Wayne pegava três unidades de cada petisco. Wax parou na porta e abaixou a arma.

— Ah, pelo amor de Harmonia!

— Harmonia pode se virar sozinho — falou Wayne, enfiando um bolinho na boca. Quando se virou para falar com Wax, a criada saiu correndo, dirigindo-se para a reunião.

Era exatamente o que Wayne estava esperando. Reuniões de gente importante sempre tinham petiscos. Ou canapés, se você sabia o código. Wayne enfiou um na boca — bacon cristalizado enrolado numa noz.

— Está bom? — perguntou Wax.

— Tem gosto de algodão doce — comentou Wayne, apreciando o sabor. — Feito de bebês.

— Eu não precisava ouvir isso — falou Wax, colocando a arma novamente no coldre. — Vou dar uma saída para ver se consigo descobrir qual é o plano da Sangradora. Isso deixa você encarregado da proteção do governador novamente.

Wayne assentiu.

— Farei o que puder, mas é uma ordem difícil, meu chapa.

— Vou conseguir ajuda — disse Wax, seguindo até o cagador feminino. Bateu na porta.

— Ainda estou me trocando! — A voz de MeLaan veio lá de dentro.

— Quanto tempo mais? — perguntou Wax.

A porta se abriu parcialmente, e o rosto da mulher que espiou para fora não tinha nada a ver com o de MeLaan.

— Não muito mais — disse ela com a voz de MeLaan. — O cabelo dessa mulher é um verdadeiro horror. — E fechou a porta.

— Eu conheço aquele rosto — falou Wayne, cruzando os braços e se recostando na parede.

— Uma das guardas que levou um tiro mais cedo — confirmou Wax.

— Ah, certo. — Wayne teve uma sensação de desânimo. — Não foi uma das que tentei salvar?

— Morreu um pouco depois — contou Wax. — MeLaan vai manter o braço na tipoia... Foi onde o tiro acertou primeiro, antes de penetrar nos pulmões da mulher. Vamos mantê-la na guarda do governador, e, com sorte, a Sangradora estará ocupada demais procurando por mim e não perceberá a srta. MeLaan.

— Espero que isso seja importante. — A voz da kandra veio de dentro do cagador. — *Odeio* ser baixa. Só para constar, esta senhora tem um gosto horrível. Muito magra e forte. — A porta se abriu, revelando o mesmo rosto de antes. — Da próxima vez, escolha um corpo mais sedentário, pode ser? Tenros e envelhecidos têm o melhor sabor para...

Ela parou de falar, olhando para Wayne e para Wax e percebendo as expressões deles.

— Ah, certo — disse ela. — Mortais. Esqueci quão delicados podem ser.

— Por favor — falou Wax, parecendo pesaroso —, mostre algum respeito pela morta. Já é difícil deixar você usar o cadáver dela assim.

MeLaan revirou os olhos. Ferrugem!, era estranho vê-la se comportar do mesmo jeito que antes, só que num corpo completamente diferente.

— Sou eu ou os vermes, garotos. Não acha que ela ficaria feliz em desaparecer de uma vez, em menos de meia hora, em vez de ficar sob a terra, desfazendo-se ao longo de...

— É descrição demais, MeLaan — comentou Wax, com a voz tensa.

— Tudo bem, tudo bem. Já estou quase pronta. Só preciso vestir as roupas dela. Como está o cabelo?

— Ótimo — falou Wayne. — Mas acho que você se esqueceu de uma sobrancelha.

MeLaan levou a mão ao rosto.

— Inferno! — exclamou. — Isso que dá ser obrigada a trabalhar tão rapidamente. — Ela voltou para o banheiro.

— Falando em rapidamente — disse Wax atrás da porta —, é isso que posso esperar da Sangradora? Meia hora para mudar de corpo?

Wayne assentiu. Seria útil saber isso.

— Não, infelizmente. — A voz de MeLaan veio lá de dentro, abafada. Ainda era a mesma voz que tinha no outro corpo. Será que mudaria isso? — Paalm é da velha guarda e tem *muita* prática. Não acho que alguém seja tão bom quanto TenSoon, veja bem, mas Paalm será rápida... em especial para mudar para um corpo que já usou antes. Conheço alguns das primeiras gerações que conseguem mudar de corpos em dez minutos, e com os olhos vendados.

— Isso não é difícil? — questionou Wayne. — Tipo... uma vez, comi vinte salsichas numa aposta. Ganhei cinco notas, mas passei uma hora no chão, gemendo como um sujeito na latrina tentando forçar a passagem de uma manga por sua delicada rosquinha, se é que me entende.

Wax gemeu baixinho, mas, algum tempo depois, MeLaan abriu a porta novamente, desta vez vestida com um terno negro como os outros guardas. Também estava sorrindo.

— Você é fofo — falou ela para Wayne. — Como está minha sobrancelha?

— Hã, bem. — *Fofo*? — Mas sou comprometido.

— Em resposta à sua pergunta — disse MeLaan —, é difícil, mas não pela razão que está insinuando. Podemos ingerir rapidamente e expulsar o excesso, o que torna conveniente fazer a transformação perto de um ralo, como aqui. A parte difícil é memorizar os padrões musculares enquanto você os digere. Isso e deixar o cabelo direito. Vocês estão praticamente afogados em pelos. Felizmente, para uma mudança rápida como essa, posso ignorar os pelos que ficam embaixo da roupa.

— Então... espere — disse Wayne, esfregando o queixo. — Está dizendo que é possível saber se uma pessoa é uma kandra olhando...

— Olhando se ela tem pelos nas pernas e nos braços? — perguntou MeLaan. — Isso poderia funcionar, mas só se a kandra tiver mudado de corpo muito rápido.

— *Pelos nos braços* — disse Wayne. — Certo. Eu estava pensando nos pelos nos braços.

— É a parte mais difícil de imitar no curto prazo — contou MeLaan. — Não conseguimos produzir pelos, então temos que usar os de vocês e colocar cada fio num poro. Braços e pernas têm milhares dessas coisas. É um sofrimento. Muito pior do que uma massa na cabeça ou coisa parecida.

— MeLaan — falou Wax, enfiando a mão no bolso do casaco e pegando alguma coisa. — Você reconhece isso?

— Não tenho muito no que me basear, chefe, mas eu diria que é um frasco de vidro vazio.

— Leve lá para dentro e apague a luz — pediu Wax, jogando o frasco para ela enquanto Wayne se aproximava, tentando dar uma olhada. Aquela coisa parecia interessante.

MeLaan se retirou e, então, abriu a porta um segundo depois. Agarrou Wax pelo casaco de bruma, ainda imponente de algum modo, apesar de agora ser mais baixa do que qualquer um deles.

— Onde consegui isso?

— Na barra da túnica da Sangradora — contou Wax. — A que ela estava usando para imitar o sacerdote.

— Isso é percamurcha — contou MeLaan. — Um fungo bioluminescente. Só cresce num lugar.

— Onde? — perguntou Wax.

— Na Terra Natal.

Wax pareceu desanimado.

— Ah, então vem de onde esperávamos que viesse, certo?

— Não — respondeu MeLaan. — Os kandra não estão mais presos lá. Nós nos mudamos para a sociedade... Temos casas, vidas. Se quisermos nos encontrar com outros da nossa espécie, vamos a um pub. A Terra Natal é um monumento. Um lugar sagrado. Um lugar de relíquias. Ela ter estado lá recentemente, usando o corpo de alguém que matou... — MeLaan estremeceu visivelmente, soltando Wax. — É nauseante.

— Eu deveria ir conferir — sugeriu Wax. — Ela pode estar lá.

MeLaan cruzou os braços, olhando-o de cima a baixo.

— Harmonia diz que tudo bem — falou ela. — Você pode entrar pelos túmulos. Procure pelo símbolo do atium e use seus outros olhos. Não usamos aquela entrada com muita frequência, mas provavelmente será mais fácil para você. Só não quebre nada, homem da lei.

— Farei o melhor possível — prometeu Wax, virando-se quando

um criado apareceu no corredor e se aproximou com uma pequena bandeja de prata com um cartão.

— Lorde Ladrian? — chamou o criado, segurando a bandeja. — Sua carruagem chegou.

— Carruagem? — perguntou Wayne. Numa caçada, Wax em geral entrava no modo “voar pela cidade como um abutre ferrado”. Por que precisaria de uma carruagem?

Wax pegou o cartão na bandeja e, então, assentiu, inspirando profundamente.

— Obrigado. — Ele se virou para Wayne e MeLaan. — Mantenham o governador vivo. Mandarei notícias se descobrir alguma coisa.

— Então, o que tem na carruagem? — perguntou Wayne.

— Enviei um bilhete para a mansão assim que cheguei aqui — contou Wax. — Há uma pessoa nesta cidade que pode ter um indício do que a Sangradora está tramando. — Wax assumiu uma expressão sombria.

Ah, é claro, pensou Wayne. Deu um tapinha no ombro de Wax. Aquela não seria uma reunião agradável.

— Quem? — perguntou MeLaan, olhando de Wayne para Wax. — De quem vocês estão falando?

— Você já ouviu falar de algo chamado O Grupo?

Wax encontrou seu tio esperando confortavelmente dentro da carruagem. Sem guarda-costas. O cocheiro nem sequer pediu a arma de Wax quando abriu a porta. Contatar seu tio fora fácil; os registros do tio listavam alguns cofres de depósito de Edwarn, mantidos sob nomes falsos. Depois de vigiar um deles por algumas semanas, Wax encontrou uma carta lá dentro, sugerindo que experimentasse outra coisa.

Ele deixara sua própria carta em resposta. Depois disso, outra carta apareceu. Elas não diziam nada de útil, e Wax quase enlouquecera tentando descobrir como tinham sido colocadas lá. Edwarn, por outro lado, parecia saber o momento exato em que o sobrinho lhe deixava algo.

Wax inspirou profundamente e subiu na carruagem. Edwarn era um homem robusto, caracterizado por uma barba bem aparada, um belo terno sob medida e uma gravata Ascot tão estreita e fina que parecia uma gravata-borboleta afrouxada depois de uma longa noite. As mãos de Edwarn estavam apoiadas tranquilamente no punho ornamentado de uma bengala, e seu rosto tinha um sorriso largo.

— Sobrinho! — disse ele quando Wax se acomodou em seu

assento. — Não pode imaginar minha alegria ao receber seu bilhete, e com a promessa de que não tentaria me prender. Tão singular! Vim imediatamente. Sinto que estivemos distantes demais nos últimos tempos.

— Distantes? Você tentou me matar.

— E você tentou retribuir o favor! — comentou Edwarn, batendo com a bengala no teto para que a carruagem começasse a se mover. — Mesmo assim, aqui estamos, ambos vivos e bem. Não vejo motivo pelo qual não possamos ser amistosos. Somos rivais, sim, mas ainda somos uma família.

— Você é um criminoso, tio — respondeu Wax. — Considerando as coisas que fez, não sinto muita empatia familiar.

Edwarn suspirou, pegando o cachimbo no bolso.

— Não pode pelo menos tentar ser agradável?

— Vou tentar. — A verdade era que Wax queria informações. Antagonizá-lo não seria inteligente.

Seguiram em silêncio por um tempo, enquanto Edwarn acendia o cachimbo e Wax tentava organizar os pensamentos. Como abordar o assunto?

— Noite perigosa — observou Edwarn, acenando com a cabeça na direção da janela enquanto passavam por um grupo de homens e mulheres segurando lanternas e tochas e ouvindo uma mulher que falava em pé sobre uma pilha de caixas. Ela gritava palavras zangadas nas brumas, mas Wax não conseguiu entender o que dizia. Ferrugem!, o grupo estava perto da mansão do governador. Esperava que Innate e os policiais conseguissem manter aquilo sob controle. — Eu me pergunto — continuou Edwarn, dando baforadas em seu cachimbo — se aquela noite há tanto tempo foi parecida com essa... A noite da aposta do Sobrevivente. A queda de um regime. O começo de um novo mundo.

— Não pode achar que isso é equivalente — comentou Wax. — O regime do Senhor Soberano era de terror e opressão. Essas pessoas estão irritadas, sim, mas é um mundo muito diferente agora.

— Diferente? — perguntou Edwarn, deixando a fumaça sair da boca enquanto falava. — Talvez. Mas as emoções humanas são as mesmas. Parece que não importa quão boa seja a caixa: coloque um homem lá dentro e ele se rebelará. Lutará. *Protestará*.

— E você afirma estar do lado do homem comum — disse Wax, seco.

— Difícilmente. Quero poder. Riqueza. Influência. Na verdade, exatamente como a equipe do Sobrevivente.

— Eles eram heróis.

— E ladrões.

— Eram o que tinham que ser.

— E o próprio Kelsier? — questionou Edwarn. — Nos anos antes de sua grande aposta? E quanto à Guerreira Ascendente, vivendo nas ruas, enganando nobres e sacerdotes para sobreviver? Você já leu as “Palavras de Fundação”, sobrinho? A *Histórica* fala francamente sobre as ambições deles. O Sobrevivente não queria apenas derrubar o Senhor Soberano, mas também roubar as riquezas do império. Queria governar o mundo que surgiu com a queda do Senhor Soberano. Queria poder. Influência. Riqueza.

— Não vou seguir por essa conversa, tio — falou Wax.

— Já se perguntou — devaneou Edwarn, ignorando a objeção de Wax — se você se daria bem com eles? Se vivesse naquela época, o que veria? Um bando de malandros? Criminosos? Você teria algemado a Guerreira Ascendente e a colocado atrás das grades? A lei não é algo sagrado, filho. É só um reflexo dos ideais daqueles com sorte o bastante para estar no comando.

— Não conheço nenhum policial que ache que a lei é perfeita ou que os tribunais são infalíveis — comentou Wax. — Mas são o melhor que temos agora, e não vou acalentar nem por um *segundo* a ideia de que você é algum tipo de justiceiro secreto. Você é podre até os ossos, tio.

— Que agradável — falou Edwarn. — E é isso que ganho por responder ao seu convite? Insultos e críticas ácidas? E as pessoas se perguntam por que nossa casa é considerada uma piada atualmente. Já me disseram que convidam você para as festas só para vê-lo se pavonear.

— Eu o convidei porque acho que podemos ter um inimigo em comum — respondeu Wax. — Sei que você quer governar esta cidade. Bem, preciso que você seja razoável. Falei com a criatura. Se não a impedirmos, pode não existir uma cidade *para* governar.

Edwarn não respondeu, segurando o cachimbo e olhando pela janela de vidro da carruagem para as brumas que se revolviam na escuridão lá fora.

— O que você sabe? — Wax quis saber, quase implorando. — Tenho certeza que o Grupo vem acompanhando os acontecimentos com interesse. Sua tentativa de me matar mais cedo... Diga-me que foi apenas um golpe de sorte. Diga-me que não está trabalhando com ela. Ela quer ver tudo pegar fogo, tio. Ajude-me a derrotá-la.

Edwarn pensou em silêncio por um tempo, desfrutando seu

cachimbo.

— Você percebe o que sua campanha exagerada contra nós conseguiu, sobrinho? — perguntou ele, por fim. — Metade dos elementos dessa cidade está assustada demais para trabalhar com o Grupo, com medo de que você apareça na porta deles e atire em suas mãos. O dinheiro que você apreendeu não nos arruinou, mas deixou alguns de nossos membros muito, muito irritados.

— Ótimo — disse Wax.

— Você diz isso porque é ignorante — replicou Edwarn. — Entre os membros do Grupo, eu sou conservador. Falo contra agir por impulso, contra a violência. Quanto mais você age, no entanto, mais fraca minha influência se torna, e mais fortes ficam as vozes clamando por mudanças. A qualquer custo.

— Ah, Harmonia — sussurrou Wax. — Você *está* trabalhando com ela.

— É mais como se estivéssemos guiando uma tempestade — comparou Edwarn. — Pessoalmente, eu adoraria ver você derrotar essa criatura. Isso poderia derrubar alguns dos meus rivais e me dar uma chance de propor algo audacioso de minha autoria para o Grupo. Mas não vou ajudá-lo, sobrinho. Talvez isso precise acontecer.

— Como pode fazer isso? Vai assistir a tudo pegar fogo?

— Cinzas são excelentes fertilizantes — falou Edwarn.

— A menos que a pilha seja alta o bastante para sufocar tudo.

Edwarn apertou os lábios.

— Você não enxerga longe e é seguro demais de seus valores. Sempre foi assim, desde jovem. Mas ainda amo você, sobrinho. Considero o fato de eu não o ter matado como um sinal desse amor. Continuo esperando que veja que não somos seus inimigos. Somos os ladrões e malandros dos dias de hoje, que algum dia serão saudados como heróis. Os homens e mulheres que farão mudanças no mundo porque... Como foi que você disse? Somos o que precisamos ser para sobreviver?

— E minha irmã? — perguntou Wax. — Mantê-la cativa é parte do que você precisa fazer para sobreviver?

— Na verdade, sim — respondeu Edwarn, encarando-o. — Porque não duvido que algum dia terei que usá-la contra você. Mate-me, e sua irmã estará morta.

Ele bateu com a bengala no teto do veículo. A carruagem parou.

— Agora vá correndo — disse Edwarn. — Vá ser o soldadinho de brinquedo e finja que não teria matado todo o bando do Sobrevivente se vivesse na época do Senhor Soberano. Tente fingir que foi para as

Terras Brutas em busca de justiça, e não porque percebeu que a vida nesta cidade era *dura* demais para você.

Ficaram sentados em silêncio na carruagem imóvel. Wax manteve-se firme, embora Edwarn olhasse para o coldre do sobrinho, como se esperasse que desembainhasse a arma. Ele podia fazer isso. Podia atirar no homem na sua frente, naquele instante — já quebrara promessas antes, e feitas a homens muito melhores que seu tio.

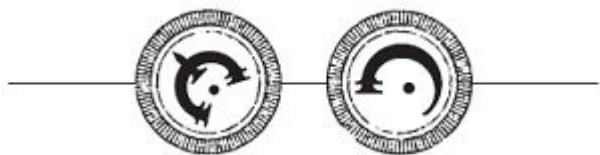
Mate-me, e sua irmã estará morta.

Wax abriu a porta com um chute.

— Vou cuidar daquela kandra, mas saiba que não me esqueci de você, tio. Um dia, vai me encontrar parado atrás de você, com uma arma na sua cabeça, e fará a súbita e horrível descoberta que não há nada para protegê-lo.

— Aguardo por isso! — disse Edwarn. — Se esse dia não chegar antes do próximo verão, você podia se juntar a mim no jantar de Ação de Mare. Faremos um leitão recheado em sua honra.

Wax rosnou baixinho, mas desceu da carruagem e bateu a porta.



Marasi tinha gastado grande parte da vida adulta para se preparar para ser advogada, e sua mãe desejava que um dia ela encontrasse seu caminho na política. Marasi abandonara as aspirações políticas na juventude, e recentemente abandonara a advocacia também. A questão era que essas profissões tinham uma falha importante: eram totalmente povoadas por advogados e políticos.

Apesar de seus esforços, ela agora se encontrava numa sala cheia deles. O governador Innate estava parado perto da lareira, em seu escritório particular, com um braço apoiado na cornija. Diante dele estavam os homens e mulheres de sua equipe executiva, um grupo caloroso que não parecia tão grogue quanto os policiais e guardas que haviam sido convocados no meio da noite.

De fato, o grupo mostrava bastava energia enquanto discutia a crise. Suas palavras tropeçavam umas nas outras na ansiedade de explicar suas opiniões, como crianças que disputam a aprovação dos pais. Marasi estava ao lado da janela — onde o governador a deixara, dizendo que falaria com ela mais tarde. Então, ela esperava, ouvia e fazia anotações circunspectas em seu bloco de notas. Se a kandra estivesse escondida entre eles, ela duvidava que um deslize verbal permitiria que a reconhecesse, mas parecia ser o melhor uso possível de seu tempo enquanto precisava ficar parada ali.

— Tudo vai voltar ao normal — repetia o diretor de Saneamento da cidade. Era um advogado que fizera o mesmo estágio que Marasi, embora muitos anos antes. Ela não tinha certeza do motivo de ser preciso ter um diploma de direito para administrar o sistema de saneamento da cidade. — Governador, você está levando isso muito a sério.

— Estou levando um atentado contra minha *vida* muito a sério? — perguntou Innate. — Um ataque que matou um dos meus amigos mais

antigos?

Isso trouxe silêncio à sala, e o diretor de Saneamento se recostou em seu assento, com o rosto vermelho. Innate trocara a camisa manchada de sangue, mas Marasi sabia que todos o viram antes de fazer isso. Na verdade, ela suspeitava que ele tinha demorado para mudar a roupa de propósito.

— Eu não estava falando da tentativa de assassinato — disse o diretor de Saneamento. — Eu me referia ao tumulto lá fora. Isso vai passar.

— Já estão saqueando — observou a ministra do Comércio. Era uma mulher de óculos, com dois ajudantes que tomavam notas para ela. Ela não lhes oferecera assentos.

— *Sempre* vão acontecer saques — comentou o diretor de Saneamento. — Isso acontece. Nós aguardamos e deixamos queimar o que precisa ser queimado. Conter em vez de tentar frear.

— Tolice — disse a secretária de Educação, uma mulher corpulenta que se sentara com os pés perto do fogo crepitante. — É hora de mostrar força, milorde governador. Precisa mostrar aos seus rivais que não será acovardado facilmente. Sabe que os Lekal estão conseguindo partidários ultimamente, e o escândalo do seu irmão só aumentará as ambições deles. Guarde minhas palavras: eles vão apresentar um candidato forte para rivalizar com você na próxima eleição e vão apoiar os acontecimentos desta noite para desacreditá-lo.

— Sim — concordou o ministro de Assuntos Públicos. — Será que estão por trás da tentativa de assassinato?

O governador olhou para Marasi — era a primeira vez que reconhecia sua presença desde que a reunião começara. Agora ele sabia sobre MeLaan; a kandra lhe mostrara sua verdadeira natureza um pouco antes de os presentes chegarem. Ele acreditara nela e começara a reunião explicando para a equipe executiva sobre a Sangradora. Os outros obviamente consideraram aquilo uma tolice e, como em geral ocorria com os de sua espécie, simplesmente ignoraram o que ele dissera.

Marasi encontrou seu olhar calmamente. Em algum momento do passado, ela sonhara em participar de reuniões como essa. Encontros em que decisões importantes eram tomadas, em que leis eram rascunhadas e estratégias políticas, adotadas. Agora, encontrava-se frustrada com todo o falatório. Waxillium a estava contaminando, e talvez não de um jeito que ela devesse apreciar.

— Não, não — falou o diretor de Saneamento. — Os Lekal não estão por trás disso. Um assassino? Está louco, Donton? Eles nunca seriam pegos envolvidos em algo tão potencialmente danoso.

— Concordo — disse a secretária de Educação. — Isso é coisa de alguém que está muito além do desespero. Repito, milorde governador, que deve mostrar força. Liderança. Você nos perguntou sobre a lei marcial? Bem, é o *mínimo* que deve fazer, na minha opinião. Mandar os policiais agirem com força. Esmagar os saqueadores, dispersar os tumultuadores, ser visto protegendo a cidade.

Outros deram sua opinião sobre o tema, e o governador os calou.

— Vou pensar no assunto. Vou *pensar no assunto*. — Seu tom de voz era cortante, mais cortante do que Marasi já ouvira vindo dele. — Saíam todos. Preciso pensar.

Naquele momento, parecia abatido. Os conselheiros ficaram em silêncio e saíram da sala. Marasi os acompanhou, relutante.

— Srta. Colms — chamou o governador, seguindo até sua mesa —, um momento.

Marasi obedeceu, parando diante da mesa enquanto ele se acomodava. Ele estendeu a mão até o chão, levantou um tapete e expôs a parte de cima de um pequeno cofre, que destrancou, distraído, com uma chave que estava na mesa. Remexeu lá dentro, pegando o carimbo de seu escritório, e se recostou novamente no assento, começando a escrever.

— Diga ao comissário-geral Aradel que ele tem o decreto de lei marcial que pediu — disse o governador, cansado. — Foi o único comissário-geral a entrar em contato comigo até agora, o que eu acho perturbador. Estou designando a ele a autoridade executiva de lorde alto comissário, diretor de todos os departamentos encarregados do cumprimento da lei nesta cidade até que a crise passe. Os comissários-gerais dos outros oitantes devem se reportar a ele.

Marasi não respondeu. Os outros comissários-gerais não gostariam daquilo. A rivalidade entre as delegacias dos oitantes era oficialmente caracterizada como amistosa, mas, na realidade, era forte demais para o gosto dela.

— E suas instruções em relação às pessoas da cidade? — perguntou Marasi, baixinho, enquanto ele escrevia. — Os policiais devem fazer como sua secretária de Educação sugeriu?

Innate terminou de escrever. Ergueu os olhos para ela e pareceu analisá-la.

— Acredito que seja nova na polícia. É a... prima da noiva de Lorde Ladrian?

— Eu não sabia que tinha chamado sua atenção — comentou Marasi.

— Não chamou. *Ele*, sim. Maldito homem.

Marasi permaneceu em silêncio, sentindo-se desconfortável diante do olhar crítico dele.

— Essas multidões vão acabar aqui cedo ou tarde — falou o governador, batendo com a caneta na mesa. — Virão exigindo resposta. Preciso falar com eles, mudar a maré.

Falar com eles?, pensou Marasi. *Como fez antes?* Aquele discurso não mostrara nenhum sentimento de empatia.

Ferrugem! Aquilo tinha sido só naquela tarde? Ao olhar o ornamentado relógio de mesa do governador, ela descobriu que eram quase duas horas, então, tecnicamente, o discurso do governador fora no dia anterior. Provavelmente não deveria ter olhado para as horas; ver que era tarde só a fez se lembrar do próprio cansaço. Era como um credor zangado batendo na porta, e ela só poderia ignorá-lo até certo ponto.

— Diga a Aradel — devaneou o governador — para não impedir as pessoas de convergirem até a mansão, mas que deve prender qualquer saqueador em outras partes da cidade. Façam com que tenham medo das penalidades da lei. Precisarei de uma força policial aqui, é claro, para manter sob controle as massas que vierem me ver, mas quero falar com eles. Essa será uma noite na qual a *história* será feita.

— Senhor, sei uma ou outra coisa sobre a mentalidade das multidões, se desejar... — Marasi começou a dizer.

Alguém lá fora chamou Innate, e ele se levantou no meio da frase de Marasi. Empurrou o decreto na direção dela, selou-o com seu carimbo e saiu para cuidar de outros assuntos.

Marasi o viu sair com um suspiro. Com sorte, Wayne e a kandra poderiam garantir a segurança dele. Ela gostaria muito de ver Innate preso algum dia, mas não desejava que morresse. Seu assassinato seria, entre outras coisas, terrível para a moral da cidade.

Ela guardou o decreto na bolsa, ao lado da pistola, e saiu da sala. Passou pelo corredor, onde vários membros do gabinete davam ordens para ajudantes e aceitavam xícaras de chá preto fumegante servidas pelos criados da casa. Wayne descansava num canto, os pés em cima de uma mesa, rodopiando uma caneta de ouro e mogno entre os dedos. Só Harmonia sabia de onde ele roubara *aquilo*.

Infelizmente, o automóvel dela precisava de combustível, então teria que usar métodos mais mundanos para levar o decreto para Aradel. Encontrou um criado e pediu uma carruagem, mas o criado, já exausto, balançou a cabeça.

— Vai demorar alguns minutos até que eu consiga uma carruagem,

senhorita. A equipe executiva está usando metade dos táxis da cidade para levar mensagens de um lado para o outro, e numa noite como essa... — Ele olhou de maneira significativa para a porta aberta. Do lado de fora, as luzes da varanda mal penetravam nas brumas. Elas se curvavam e dançavam, quase tímidas. Pequenas ondas se esgueiravam pelo hall de entrada para desaparecerem imediatamente, como vapor sobre um fogão.

— Eu espero — falou Marasi. — Obrigada.

Ele pareceu satisfeito com a resposta dela; talvez outros tivessem sido menos compreensivos. Quando ele se afastou para atender outra pessoa, Marasi ficou parada na porta, olhando para as brumas. Aquele tom alaranjado sobre a cidade não era normal. Havia incêndios em algum lugar. Com sorte, as chamas estariam apenas em lanternas e tochas, não em edifícios.

Ficar parada ali a fez ter a forte sensação de uma lembrança que não conseguia identificar. Balançou a cabeça e voltou para dentro da mansão com a intenção de encontrar Wayne e ver o que ele achava dos acontecimentos recentes. Na grande sala de estar depois da entrada, ela passou por um criado cansado que limpava o chão de madeira. Aparentemente, as manchas de sangue teimavam em não sair. O homem já enrolara discretamente o tapete num canto da parede para jogá-lo fora.

Marasi passou por ele e mudou de ideia sobre encontrar Wayne; em vez disso, desceu a escada até a câmara oculta. *Uma cidade prestes a explodir*, pensou enquanto chegava no andar de baixo. *Isso já aconteceu antes.*

No espaço confinado, o ar ainda cheirava ao sabão que fora usado para limpar o sangue. A sala secreta vazia dava uma sensação tranquila e acadêmica, com todos aqueles livros nas paredes. Não havia luz no teto, só nos abajures, atenuada por um suave tom laranja-avermelhado. Ela caminhou pelo aposento, notando os vários volumes de uma edição completa das “Palavras de Fundação”. Os livros encadernados em couro pareciam impecáveis, e, por capricho, ela pegou o primeiro volume e o analisou. As laterais das páginas ainda não haviam sido aparadas, como costumava acontecer em livros novos. Obviamente o volume nunca fora lido.

Há muito tempo, o Sobrevivente levava uma cidade à beira da destruição e, então, canalizara a fúria numa rebelião que derrubou uma ditadura que durava um milênio. Todo estudante aprendia isso, mas Marasi lera os contos detalhados, incluindo o relato da noite em que tudo veio à tona. Imaginava que teria sido uma noite muito parecida com a que estava vivendo agora.

Só que, em vez do Sobrevivente, tudo está sendo induzido por uma assassina psicótica.

Ela só pode estar fazendo isso de propósito, pensou Marasi, ainda analisando a sala. *Tentando copiar a noite em que o Senhor Soberano caiu. O povo à beira da insurreição. As casas nobres atacando umas às outras. E agora...*

Agora um discurso. O governador teria seu momento diante da multidão, e as pessoas perceberiam a ressonância, mesmo se não conseguissem identificar exatamente o que era. Todos aprenderam sobre aquela noite. Eles o ouviriam e esperariam que ele fosse como o Último Imperador, que discursara havia muito tempo, na noite da morte do Senhor Soberano. O Último Imperador ascendera ao poder por causa das palavras sinceras que proferiu naquela noite.

Mas o governador Innate *não* era Elend Venture. Longe disso.

Marasi parou, de repente, e retrocedeu alguns passos. Estava andando ao longo da estante embutida, prestando pouca atenção no mobiliário, mas tinha sido o suficiente para que notasse algo. Ali, naquela longa prateleira de livros impecáveis, havia três volumes em fila com as lombadas gastas na parte inferior. O que distinguia aqueles livros? Eram parte de uma coleção de sete volumes de áridos tratados políticos escritos há muito tempo pelo Conselheiro dos Deuses.

Ela pegou um e o folheou, sem encontrar nada interessante.

Talvez Innate estivesse estudando esses volumes ultimamente. Mas... por que só o terceiro, o quarto e o quinto volumes? Ela pegou outro e o abriu, e ali encontrou o motivo. Um buraco cortado no centro das páginas continha uma chave. Innate não estava lendo os antigos ensaios de Brisa. Simplesmente esquecia em que volume estava a chave.

Marasi pegou a chave e olhou para a solitária escrivaninha. Teria coragem?

É claro que tenho, pensou, cruzando a sala com um farfalhar de sua saia. Suas credenciais de policial, mais a preocupação de Aradel em relação ao governador, lhe davam bases legais para fazer uma busca rápida. Ela conhecia a lei tão bem quanto qualquer um.

Também sabia que a lei era sujeita à interpretação dos juízes da cidade, a maioria dos quais tinha sangue nobre e não seria gentil com alguém espiando o governador. Era por isso que seus dedos tremiam enquanto experimentava a chave rapidamente na gaveta da escrivaninha. Não serviu. Fez uma pausa e, então, procurou no chão um cofre como aquele que vira no andar de cima, de onde o governador tirara o carimbo.

Como esperava, encontrou-o sob o tapete. Ela experimentou a

chave e ouviu, satisfeita, um clique. Abriu o cofre e analisou rapidamente o conteúdo.

Uma pistola.

Charutos. Ela não reconheceu a marca.

Um maço de notas amarradas com um barbante. O bastante para comprar uma casa. Os olhos de Marasi se arregalaram um pouco, mas ela continuou procurando.

Uma pilha de cartas. Ela as colocou sobre a mesa, esperando encontrar detalhes de um romance ilícito ou algo do gênero. Primeiro, olhou-as por cima; depois, leu com mais atenção e, por fim, afundou na cadeira, levando o dedo aos lábios.

As cartas realmente detalhavam um relacionamento — ou, em vez disso, vários deles. Eram comunicações particulares com líderes de casas nobres por toda a cidade. Embora cheias de eufemismos e circunlóquios, elas claramente falavam de corrupção.

Marasi gelou enquanto folheava carta por carta. As expressões eram ambíguas. “Concordamos que certas cortesias serão estendidas” ou “Esses termos são aceitáveis segundo nossos acordos prévios”. As cartas eram datadas, e sua mente logo relacionou cada uma delas às anotações que tinha na delegacia. Eram as provas. Ela olhou mais algumas. Sim, combinavam com suas análises estatísticas. Eram promessas de Innate, oferecendo favores políticos em troca de suborno.

Com sua linguagem disfarçada, talvez não fossem uma arma carregada, mas eram pelo menos uma arma. Melhor ainda, Innate fizera anotações na maioria das cartas para lembrá-lo de pontos importantes. Havia uma que provavelmente trocava uma promessa de Innate de incentivar o aumento das tarifas do aço refinado vindo de fora da cidade em troca de um acordo favorável na compra de uma terra por um membro de sua família. Outra, mais recente, era sobre um cargo de juiz, e Innate indicava um membro da família Hammondess para uma vaga recém-aberta.

Ela suspeitava de corrupção, mas era chocante ver tudo aquilo discutido de modo tão flagrante. Olhou o restante da pilha. Nenhuma carta para os Lekal, seus principais rivais. Nenhuma para Waxillium tampouco, Marasi notou com alívio — nem cartas mais antigas para Edwarn Ladrian, tio de Waxillium.

Sob as cartas havia um livro-caixa, que ela esperava que mostrasse o que Innate achava que ainda lhe era devido e que também registrasse sua contabilidade privada. Olhando-o rapidamente, não conseguiu ter certeza, mas parecia bem razoável.

Marasi ficou sentada, segurando tudo aquilo e sentindo-se abatida.

Ferrugem! O povo está certo em sua revolta. Seria este o ponto crucial no plano da Sangradora? Jogar luzes sobre Innate e expor sua corrupção — na verdade, a natureza corrupta de praticamente todas as famílias nobres da cidade? Ao revelar aquelas cartas, Marasi podia estar jogando o jogo da criatura. Isso a deixava enjoada. Se Innate *era* tão corrupto, não precisava ser exposto e retirado do cargo?

Marasi enfiou as cartas na bolsa apressadamente. O capitão Aradel precisava ver aquilo. Fechou e trancou o cofre, devolveu a chave ao lugar e começou a subir a escada. Não queria estar ali quando o criado fosse procurar por ela para anunciar a carruagem.

Innate vai afirmar que foram plantadas pela Sangradora, pensou enquanto chegava ao térreo. É *uma saída fácil.* Além disso, se ele percebesse o sumiço das cartas, teria uma boa suspeita de quem as pegou. O mesmo criado ainda estava limpando a sala, e ele vira Marasi descer e voltar.

Mas... Ferrugem e Ruína, ela não ia simplesmente ignorar algo assim.

Voar pelo ar da noite permitia a Wax perceber a presença inconfundível da humanidade, como se delimitada por fronteiras estritas. Onde havia moradias, havia iluminação. Pontinhos na escuridão, homens e mulheres reclamando noite adentro. As luzes espalhavam-se como as raízes de uma árvore.

Seu tio o deixara muito longe de onde queria estar. Felizmente, para um Lançamoedas, até a vastidão de Elendel era administrável. Mas ele não seguiu imediatamente para a Terra Natal. As palavras do tio o assombravam, e, antes delas, o sarcasmo da Sangradora. Ambos o atacavam de duas direções diferentes, como alfinetes enfiados em suas têmporas.

Precisava pensar, ficar sozinho. Talvez assim pudesse descobrir o significado dessa confusão. Aterrissou num telhado com vista para o vasto carpete de luzes diante dele. Um gato o observava numa floreira ali perto, com os olhos brilhantes. Lá embaixo, na rua, havia outra fila de pubs. Barulhentos, estridentes. Certamente já passava de duas horas da manhã, mas aqueles locais não mostravam sinais de que fechariam tão cedo.

Ferrugem! Como odiava o fato de ninguém nunca se sentir realmente sozinho na cidade. Mesmo na privacidade de sua mansão, o silêncio era estragado pela passagem incessante de carruagens na rua.

Ele saltou na noite, assustando o gato. Voou num grande arco, tentando ficar longe o bastante para não ouvir os homens bêbados que gritavam nos pubs. Sua busca o levou para leste, em direção ao extremo da cidade. Enquanto se aproximava, algo emergia das brumas

como a coluna embranquecida de algum monstro antigo. Ponte do Leste, uma construção imensa que cruzava o rio do Portão de Ferro.

Por um lado, ele se admirava com o fato de a humanidade poder criar algo assim — uma enorme maravilha cheia de rebites, grande o bastante para permitir a passagem de automóveis e também para conter trilhos de trem. Por outro lado, as brumas engoliam completamente a estrutura, dando-lhe um aspecto ainda mais esquelético. A humanidade podia criar, orgulhar-se de suas criações, mas a presença de Harmonia ainda podia tornar tudo aquilo trivial

Será que Ele sabia? Wax parou no alto de uma das torres da ponte, batendo as botas no piso. *Ele poderia ter salvado Lessie?*

A resposta era simples. Era claro que Harmonia sabia. Acreditar em Deus era aceitar que Ele ou Ela não o livrariam de todos os problemas. Não era algo sobre o qual Wax parava para pensar. Ao viver nas Terras Brutas, ele aceitara que algumas vezes era necessário aguentar firme por conta própria. Nem sempre a ajuda vinha. A vida era assim. Era necessário lidar com isso.

Mas, agora, algo parecia diferente. Ele falara com Harmonia. Diabos, Wax estava ali, naquele momento, por causa de um pedido do próprio Deus. Isso tornava tudo mais pessoal. Deus não salvara Lessie, não avisara Wax. E agora Ele esperava que Wax simplesmente entrasse de cabeça e fizesse o que Ele mandava?

E o que você faria?, perguntou Wax para si mesmo, caminhando ao longo do pináculo da ponte. *Deixaria a cidade queimar? Deixaria a Sangradora continuar matando pessoas?*

Claro que não. Harmonia também sabia que não. Tinha Wax prendido pela garganta.

Você está aí?, perguntou Wax em pensamento. *Harmonia?*

Tocou a orelha antes de lembrar que tinha retirado o brinco. Por necessidade, sim, mas naquele momento ficou feliz por isso, por não deixar Deus entrar em sua mente, pois os pensamentos que tinha não eram particularmente piedosos.

Wax caminhou pelas brumas enquanto, lá embaixo, um automóvel solitário atravessava a ponte. A Sangradora estava brincando com ele. Podia sentir os dedos dela se esgueirando, entrando em seu crânio, envolvendo sua mente. Podia ver exatamente o que ela estava fazendo, mas não conseguia evitar as questões que ela levantara.

Wax parou num extremo no alto da ponte. Dali podia ver o fim da cidade, onde as luzes davam lugar à escuridão do campo. Atrás dele, a cidade era uma luz ardente, milhares e milhares de luzes, mas as linhas elétricas não atravessavam a ponte. As luzes acabavam nos arredores de Elendel. A última ficava na ponte, como aqueles faróis

que olham a vasta escuridão do mar.

Ele ansiava por aquela escuridão. Saltar nela, fugir de toda responsabilidade, não ter mais que se preocupar com centenas de milhares de pessoas que não conhecia e voltar a ajudar as poucas que podia.

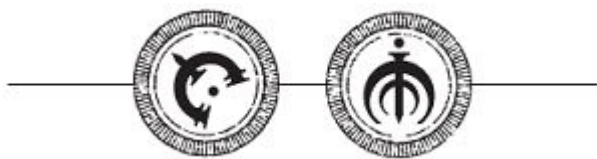
Liberdade. Liberdade para Wax não era ausência de responsabilidade. Ele não duvidava de que, se partisse novamente, acabaria mais uma vez como um homem da lei. Não, liberdade não era ausência de responsabilidade, era ser capaz de fazer o que era certo, sem ter que se preocupar se isso também era errado.

Não pensava em partir, não de verdade, mas ficou sentado por muito tempo, olhando aquela escuridão. Tentando olhar além das pessoas, dos subúrbios sombreados, e ver a simplicidade novamente. O que não daria para trocar todos os políticos, os jogos e os segredos por um assassino honesto que o chamasse para resolverem seus problemas na rua?

Covarde.

Eram seus próprios pensamentos. Não vinham de Harmonia nem da Sangradora. Esse soco no estômago doeu mais, pois ele sabia que era verdade. Wax inspirou profundamente e se levantou, carregando seus fardos. Deu as costas para a escuridão e saltou da ponte, *empurrando-se* na noite mais uma vez. Fora até ali para ter um momento de solidão, para pensar.

Só que não gostava da direção para onde esses pensamentos o levavam.



Por mais que Wayne gostasse daqueles petiscos chiques que o governador providenciara, tinha que admitir que não era totalmente solidário à situação do homem. Afinal, o objetivo de ter alguém no comando, como o governador, era garantir que as pessoas soubessem qual era o camarada que precisavam matar.

Foi para isso que ele ganhara as eleições, não foi? Innate tinha o comando e dava ordens para todo mundo, mas, quando os assassinos ficavam entediados, não iam atrás do cara que vende peixe na esquina. Iam atrás do cara no comando. Tudo tinha um lado bom e um lado ruim. Por um lado, ele tinha aqueles doces chiques a qualquer momento do dia. Por outro, podia encontrar assassinos no banheiro. A vida era assim.

E esse tal de Innate parecia *querer* realmente encontrar Olhos de Ferro. Não fugir para o campo quando *sabia* que uma superalomântica metamorfa e psicopata estava atrás dele? Sim, ele entendia que era um alvo. Enquanto Wayne o seguia de um lado para outro, pegando a bandeja de uma criada quando ela tentava se retirar ainda com bolos por servir, o governador parou na porta de seu escritório.

— Preciso de alguns minutos para pensar, para preparar meus comentários — disse ele para Wayne e os outros guardas. — Obrigado.

— Mas, senhor! — exclamou MeLaan. — Não pode entrar sozinho. Precisamos protegê-lo!

— E o que qualquer um de vocês vai fazer contra alguém que pode se mover na velocidade de um trovão? — questionou Innate. — Só podemos torcer para que os policiais consigam lidar com esta... criatura.

— Não acho... — MeLaan começou a dizer, mas foi interrompida quando ele fechou a porta, deixando-a com Wayne e dois outros

guardas no corredor.

Wayne revirou os olhos e se recostou na parede.

— Vocês dois — disse ele para os outros guardas. — Por que não vigiam a janela do outro lado? Vamos ficar aqui.

Os dois camaradas pareceram incomodados, como se fossem fazer objeções, mas saíram pelo corredor. *Eu me pergunto se estão repensando a escolha de carreira que fizeram*, pensou Wayne, sentando-se no chão ao lado da porta. *Já que quase todo mundo que protegia o governador morreu...*

— Vocês, mortais — comentou MeLaan, acenando em direção à porta —, podem ser surpreendentemente relapsos com suas vidas limitadas.

— Sim — concordou Wayne. — Ele provavelmente só quer me deixar encrencado.

— Como? — MeLaan pareceu se divertir. — Sendo morto?

— Claro — confirmou Wayne. — O idiota me proibiu de entrar naquela festa chique dele e depois escapou de mim. Está aprontando comigo. Vai se deixar ser morto para que eu tenha que me explicar com Wax: “Desculpe, meu chapa. Deixei que seu político de estimação fosse cortado ao meio.” E Wax vai me dar uma boa bronca, embora não seja minha culpa.

MeLaan sentou-se de frente para ele e sorriu.

— Foi o que aconteceu com o cavalo dele?

— Por que você tem que trazer esse assunto à tona mais uma vez? — perguntou Wayne, ajeitando-se para ficar mais confortável e puxando o chapéu por cima dos olhos. — Aquilo *não* foi minha culpa. Eu tinha um ferimento debilitante quando aconteceu.

— Debili...

— Sim. — Wayne a interrompeu. — Um ferimento que me fez xingar e beber como um condenado.

Ele se recostou, ouvindo, com os olhos fechados. Os criados iam de um lado para outro no edifício. Mensageiros levavam recados. Pessoas importantes discutiam suas opiniões no aposento ao lado.

Todos falavam. Todo mundo tinha que falar. As pessoas não podiam simplesmente pensar em algo, elas tinham que *explicar*. Wayne fazia o mesmo. Afinal, também era uma pessoa.

Essa assassina, essa kandra, também era uma pessoa. Também tinha que falar com Wax. *Tinha* que falar.

Wax provavelmente a pegaria. Ele fazia coisas assim, coisas impossíveis, que ninguém achava que ele conseguiria fazer. Mas, só

por garantia, Wayne ouvia. Podia dizer muito sobre as pessoas só pelo jeito que falavam. Sabia o passado delas, sua educação, suas aspirações, tudo pelas palavras que usavam. E essa kandra... Cedo ou tarde, ela daria uma escorregada e usaria a palavra errada. Uma palavra que seria óbvia, como um camarada bebendo leite no meio de uma taverna barulhenta.

Não escutou nada a princípio, embora estranhamente *notasse* que MeLaan sussurrava para si mesma. Enquanto ele ouvia, ela modulava a voz, tornando-a mais profunda, embora ainda feminina. Ela repetia algumas palavras para si mesma.

— Ela devia ser uma segundina — observou Wayne, os olhos ainda fechados.

— Hum? — resmungou MeLaan.

— A mulher — explicou Wayne. — A dona dos ossos que você está usando agora. Segundina. Segundo Oitante. Criada na periferia.

— E como você sabe isso? — MeLaan quis saber.

— Eu a ouvi xingar enquanto a ajudava — falou Wayne, sentindo uma pontada de tristeza. Ela estava apenas fazendo seu trabalho, tentando impedir que alguém morresse.

Ela ainda está fazendo seu trabalho, pensou ele, abrindo um olho e olhando para MeLaan. *Seus ossos estão, pelo menos*. Se morresse enquanto tentava fazer algo importante, ele mesmo preferiria que seus ossos se levantassem e fizessem a coisa certa. Diabos, com uns amigos kandra, ele poderia irritar Steris até bem depois da morte.

— Desse jeito? — perguntou MeLaan, tentando imitar o sotaque da mulher. — Segundo Oitante, com um toque de fazendeira?

— Muito bom — disse Wayne. — Arraste o fim das frases, deixe-as mais lentas. Coloque um sotaque segundino nessa voz.

— Assim está melhor?

— Sim, está sim — garantiu Wayne, sentando-se mais ereto. — Está muito bom.

— TenSoon ficaria orgulhoso — comentou MeLaan. — Ainda consigo imitar um sotaque difícil quando preciso.

— Difícil? — perguntou Wayne. — O sotaque segundino?

— Com um toque de fazendeira.

— Mistura comum — falou Wayne. — Uma vez, tive que imitar um cara que cresceu na costa noroeste, foi criado por pais surdos e só falava de vez em quando... E depois foi viver com fundamentalistas terrisanos nas montanhas.

MeLaan franziu a testa enquanto uma criada passava por eles

levando roupas de cama. Alguns membros da equipe executiva passariam a noite na mansão, ou o que restava da noite, e os quartos de hóspedes precisavam ser preparados.

— Não sei se consigo fazer isso — disse MeLaan, falando de um jeito conscientemente lento, com um toque de terrisano e várias palavras arrastadas. — Mas parece bem divertido.

— Rá! — exclamou Wayne, usando o sotaque, que era, na verdade, mais entrecortado do que MeLaan o fizera soar. — Está bom, mas você está se esforçando muito. Ser criado por pais que não podem ouvir não torna o sujeito um idiota. Ele só vê o mundo de um jeito diferente, entende?

— Não está ruim — respondeu MeLaan. Mais uma criada passou e lhes deu um olhar mal-humorado ao ter que desviar das pernas estendidas de ambos no corredor.

— É melhor quando estou de chapéu — disse Wayne.

— Um... chapéu.

— Claro — assegurou Wayne. — Chapéus são disfarces para seu *cérebro*. Ajudam você a pensar como a pessoa que o vestiu por último. Quer conhecer um cara? Coloque o chapéu dele.

— Alguém já lhe disse que você é surpreendentemente inteligente? — comentou MeLaan.

— Toda hora.

— São idiotas. Você não é inteligente, só está enganando eles. Você faz isso de propósito. — Ela sorriu. — Adorei.

Wayne empurrou o chapéu para a frente, sorrindo, e se recostou novamente.

— Mas não estou mentindo sobre os chapéus. Eles ajudam.

— Claro — concordou MeLaan. — Como os ossos.

Ele abriu um olho para ela.

— Isso alguma vez... incomodou você? Saber que pode viver para sempre?

— Me incomodar? Por quê? A imortalidade é bem conveniente.

— Não sei — disse Wayne. — Para mim, parece que é bom finalmente *acabar*, sabe? É como... É como correr uma corrida, e não saber bem onde está o fim, mas você tem uma ideia. E só precisa chegar até esse ponto. Imagino que eu possa fazer isso. Mas para você... não tem fim.

— Você fala como se *quisesse* morrer.

— Algum dia — confirmou Wayne. — Hã... talvez eu deva entrar na política.

MeLaan balançou a cabeça para ele, parecendo divertida.

— Pensar na eternidade da mesma forma que Harmonia deve ser aterrador — admitiu ela algum tempo depois. — Mas, sempre que fico entediada, só preciso começar a viver uma nova vida.

— Colocar um chapéu novo — falou Wayne. — Tornar-se outra pessoa.

— Mudar. Ser ousada, se antes eu era tímida. Ser grosseira, se antes eu era respeitosa. Tornar a vida interessante, dinâmica. — Ela fez uma pausa. — E tem outra coisa. Nós *podemos* morrer, se quisermos.

— O quê? Morrer e pronto?

— Mais ou menos — explicou MeLaan. — Não sei se já leu os relatos. De qualquer forma, são meio confusos sobre esse tópico, mas, perto do fim do Mundo das Cinzas, Ruína tentou dominar os kandra. Controlá-los diretamente. Bem, TenSoon e os que estavam no comando ficaram *realmente* assustados com isso. Então, fizeram um plano, e todos nós conversamos. E, cerca de um século depois do Catacendro, nós descobrimos um jeito de acabar com nossas próprias vidas. Exige um pouco de concentração, mas leva o corpo a uma espiral na qual simplesmente... acabamos.

— Legal — comentou Wayne, assentindo. — Isso faz muito sentido. Sempre precisamos ter uma rota de fuga planejada. Ah, e seus “a” ainda precisam melhorar; você não está colocando o novo sotaque neles. Não estão suficientemente anasalados. Arraste-os mais um pouco, se quiser parecer uma segundina de verdade.

Ela inclinou a cabeça.

— Você é um desperdício como humano.

— Que nada — replicou Wayne. — Só porque tomei uns goles hoje? — Ele enfiou a mão no bolso e pegou seu frasco de bebida. — Bem, talvez tenha tomado um pouco mais.

— Não, eu quis dizer...

Ele sorriu para ela, e ela parou de falar e sorriu de volta. Ele tocou a aba do chapéu, num gesto cúmplice, fechou os olhos e continuou a escutar. Algum tempo depois, ela se levantou e começou a caminhar de um lado para outro no corredor, e ele podia ouvi-la treinando a pronúncia de seus “a” para si enquanto andava.

Ele escutou por um bom tempo, sem notar nada anormal, embora tivesse quase certeza de que o diretor de Saneamento da cidade estava mentindo sobre sua formação. Aquele camarada nunca estivera na universidade — ou, se esteve, não ficara tempo suficiente para incluir as palavras apropriadas em seu vocabulário. Wayne estava refletindo

sobre isso quando ouviu alguma coisa na entrada. Uma voz fraca, mas inconfundível.

Ele ficou em pé, dando um susto em MeLaan.

— Tenho que ir — disse ele. — Fica de olho no idiota.

— Mas...

— Volto correndo — respondeu Wayne, agarrando o chapéu e disparando pelo corredor, o sobretudo comprido, no estilo das Terras Brutas, esvoaçando. Dobrou uma esquina em disparada e seguiu para a entrada da mansão.

— Ele disse para entregar isso aqui — dizia a mulher para o mordomo. — Então eu trouxe. Era uma tarefa simples... Ele só precisava que eu fizesse algo. Dificilmente importante o bastante para me acordar...

Ela se virou para ele. Uma mulher radiante, gloriosa, com a constituição de uma boa cerca das Terras Brutas: alta o suficiente, esbelta mas forte. Wayne comparava o cabelo escuro dela ao de um pônei em várias situações, e era bem injusto que ela ficasse louca com isso, já que o mantinha preso num rabo de cavalo e tudo mais. Ela usava calça, porque saias eram idiotas, e botas, porque as coisas precisavam ser chutadas.

O mundo todo podia estar dando errado, mas vê-la fazia com que Wayne se esquecesse de tudo. Ele sorriu.

Em resposta, ela fez sua carranca especial, aquela que fazia só para ele. Era como ele sabia que ela se importava. Isso e o fato de que, quando atirava nele, ela tendia a mirar em lugares que não machucavam muito.

— Ela está comigo — falou Wayne, correndo até ela.

— O *diabo* que estou! — exclamou Ranette, mas deixou que ele a levasse para longe do mordomo.

— E as pessoas se surpreendem — disse o mordomo, baixinho, pelas costas deles — que a vida de Sua Graça esteja ameaçada quando deixamos que todos os ratos sujos da cidade apareçam e...

Ele parou de falar quando Ranette se virou, já com a pistola na mão. Wayne a segurou pelo braço a tempo de impedi-la de atirar.

— Ratos sujos? — murmurou ela.

— Quando foi a última vez que você tomou banho? — perguntou Wayne. Então, corrigiu-se. — Só... só por curiosidade, sabe?

— As armas não se importam se estou fedendo, Wayne. Tenho mais o que fazer. E *não* gosto que me deem ordens. — Ela sacudiu uma pequena bolsa de tecido na mão esquerda. Atrás deles, o

mordomo estava muito pálido.

Wayne a levou até a sala de estar. Ela não estava fedendo, apesar do que dissera. Cheirava a graxa e pólvoras. Cheiros bons. Cheiros de Ranette.

— O que é isso? — perguntou Wayne, pegando a bolsa assim que se afastaram dos demais.

— Algo que Wax me pediu para fazer — contou Ranette. — Quem foi morto por aqui? — Ela apontou para a porta da sala secreta, que ainda estava aberta. Assassinos sempre chamavam sua atenção, ainda que fosse porque quisesse ver os corpos e analisar como as balas entraram na carne.

Wayne rolou um pequeno objeto de metal da bolsa para a palma da mão.

Uma bala.

Sua mão começou a tremer.

— Ah, pelo amor de Harmonia! — exclamou Ranette, pegando a bala antes que ele a derrubasse. — Isso não é uma arma, seu idiota.

— É parte de uma — disse Wayne, enfiando a mão no bolso e respirando profundamente. Podia segurar uma bala. Fazia isso o tempo todo para Wax. O tremor passou. Algo parecia estranho naquela bala, no entanto.

— Então, se eu lhe der uma lasca de madeira e lhe disser que era parte de um estojo de rifle, você vai se partir em pedaços também?

— Não sei — confessou Wayne. — Acha que entendo como meu cérebro funciona?

— Eu diria que há uma falácia lógica nesta declaração — falou Ranette. — Talvez duas. — Enfiou a bala na bolsa. — Wax está aqui?

— Não. Está fora, investigando.

— Então você vai ter que ficar com isso — disse ela, entregando-lhe a bolsa. — O bilhete dele insistia que era importante. Metade pólvora, como ele pediu. Uma bala perfurante, forjada para não se partir.

Ele *podia* segurar uma bala. Pegou a bolsa e a guardou imediatamente no sobretudo. Viu?

— Então, hum, quer sair para tomar uma bebida? — perguntou ele. — Sabe, quando a cidade estiver segura? Ou talvez antes de ficar segura? Não me importo se o pub estiver um pouco tumultuado enquanto bebemos.

— Você sabe que eu preferiria atirar em mim mesma, Wayne — respondeu ela, com um suspiro. — E Misra atiraria em mim se, por

algum motivo, eu aceitasse.

Wayne franziu a testa. Aquilo não era *nem de perto* a acidez que ele em geral recebia dela.

— O que aconteceu? — perguntou.

Ela balançou a cabeça, olhando em direção à entrada.

— As coisas estão feias lá fora, Wayne. As pessoas ainda estão nas ruas, aglomerando-se, gritando. Vi multidões assim antes, nas Terras Brutas. Em geral, antes que enforcassem alguém, com ou sem lei. Mas aquelas eram cidades de quinhentos habitantes. O que acontece quando *cinco milhões* começam a agir como...

— Provavelmente o retorno do Mundo das Cinzas — comentou Wayne. — Que momento melhor para por fim professar seu há muito acalentado amor por certo camarada bonito que não se importa se você cheira como a parte interna de um barril de enxofre?

Ela o fulminou com o olhar novamente. Ele sorriu. Mas ela não atirou nele. Nem mesmo o socou. Maldição. Isso não era *nada* bom.

— Estão começando a se reunir lá fora — comentou Ranette, distraída. — Gritando coisas sobre o governador.

— Preciso ver isso — decidiu Wayne. Se o governador não ia deixá-lo entrar e vigiá-lo de perto, talvez conseguisse descobrir alguma coisa sobre os planos da Sangradora entre a multidão. — Volte para casa. Tranque as portas e mantenha as armas à mão.

Era revelador que ela não oferecesse a mínima objeção às ordens dele enquanto Wayne saía da mansão para as brumas.

O capitão Aradel olhava fixamente para o decreto do governador como se o papel trouxesse os últimos desejos e o testamento de um membro amado de sua família, fazendo-o ao mesmo tempo com reverência e óbvio desconforto.

— Ele me nomeou lorde alto comissário — falou Aradel. — Mas... Ferrugem!, não sou lorde. — Ele olhou para Reddi e seus outros tenentes.

— Talvez o título venha com a nomeação, senhor — sugeriu Reddi.

— O governador não pode nomear alguém como nobre — comentou Marasi. — Um novo título precisa ser ratificado por um conselho com um quórum das principais casas da cidade. — Ela mordeu o lábio assim que falou. Não pretendia ser do contra.

Aradel não pareceu se importar. Dobrou o decreto cuidadosamente e o guardou no bolso do casaco. Ela o encontrara reunindo uma força considerável na frente do quartel-general, preparando-se para calar os protestos e soando as sirenes da delegacia para que as pessoas que viviam ali perto soubessem que pelo menos alguém estava em

patrulha. Sons espectrais atravessavam as brumas. Gritos distantes. Ruídos metálicos. Berros. Parecia que o próprio inferno os cercava, oculto num véu de escuridão e neblina.

— Senhor — chamou Marasi —, o governador disse que quer que o senhor faça duas coisas. Primeiro, mandar um destacamento para sufocar os tumultos na cidade. Segundo, enviar uma força menor para protegê-lo enquanto ele se prepara para discursar para as pessoas que se reunirem perto da mansão. Não devemos expulsar os manifestantes que estiverem ali, só nos outros locais da cidade... Senhor, ele o aconselhou a ter pulso firme. Muito firme.

— Aqueles idiotas ferrados merecem isso — disse a tenente Mereline, uma mulher com cabelo loiro curto.

— Não há necessidade de sede de sangue, tenente. — Aradel a repreendeu. — Lembro-me de vê-la xingando a casa Hasting com bastante regularidade.

— Não quer dizer que eu queira pôr fogo na cidade — respondeu Mereline. — As casas nobres serem cretinas não é desculpa para que o povo seja cretino, senhor.

— Bem, a mansão parece ser um bom centro de operações — disse Aradel. — Chip, você e os mensageiros devem ir até os outros comissários-gerais e pedir que me encontrem na mansão do governador com seus oficiais. Vamos coordenar o bloqueio da cidade a partir dali. Todos os demais, vamos dobrar o turno. Se Sua Graça quer falar para o povo, precisamos de uma barreira bem *grossa* de policiais entre ele e seus eleitores. Entendido?

O grupo começou a se espalhar. Os encarregados dos sinos seguiram para a frente da delegacia enquanto os mensageiros tomavam seus rumos, um deles pelos céus; Chip era um dos Lançamoedas. O restante dos policiais saiu em marcha. Uma marcha desigual, já que não eram soldados, mas não menos resoluta.

— Senhor — disse Marasi, caminhando rapidamente ao lado de Aradel. — Tem mais uma coisa que preciso lhe falar, se tiver um momento.

— É muito importante? — perguntou Aradel, parando ao lado do grupo.

— Muito.

Reddi limpou a garganta atrás deles.

— Talvez vocês devessem discutir isso no caminho até a mansão, senhor. Se o governador está realmente planejando se dirigir para a multidão...

— Sim — concordou Aradel. — Innate me nomeou lorde alto

comissário de repente; isso é o bastante para me preocupar com as outras coisas impulsivas que ele é capaz de fazer esta noite. Vamos conversar no caminho, Colms. Reddi, reúna e traga os outros policiais o mais rápido que puder. Iremos na frente.

Marasi assentiu. As coisas que queria discutir seriam melhor ditas na privacidade de uma carruagem.

Só que...

Idiota, pensou quando Aradel seguiu até um grupo de cavalos com arreios, as rédeas presas por um cabo. A carruagem que ela imaginava que usariam já estava partindo, provavelmente carregada com equipamentos. Reddi sorriu para ela de um jeito presunçoso.

Marasi suspirou. Tinha esperanças de manter o decoro, mas tudo bem. Ela se aproximou e pegou as rédeas de um cavalo.

Aradel já estava em sua sela. Olhou para ela e levou a mão à cabeça.

— Ah, eu claro... Eu não pensei...

Marasi montou no cavalo, amontoando a saia desajeitadamente entre as pernas e sentando-se em parte do volume de tecido, revelando uma porção generosa da perna.

— Ocorre-me, senhor, que os uniformes das policiais podiam ser muito mais práticos — observou Marasi.

— Nós... levaremos isso em consideração, tenente Colms. — Ele olhou para a carruagem que partia. — Se desejar...

— Senhor — disse Marasi —, a cidade está em *chamas*. Talvez possamos discutir a discrição feminina em outra ocasião?

— É claro. — Ele assentiu, e eles partiram em meio ao barulho de cascos, seguidos por dois cabos com rifles nas bainhas das selas. Os quatro cavalos ultrapassaram rapidamente o grupo maior de policiais e até mesmo a carruagem e seguiram cavalcando nas brumas.

Marasi estava feliz com a escuridão que escondia seu rubor. Em compensação, lembrava-se da expressão assombrada de Reddi, que ficara totalmente chocado com o que ela fizera.

Bem, *por que* não podia mostrar as pernas? Precedentes históricos e a simples praticidade exigiam que as mulheres tivessem espaço em todas as profissões. Que lorde recusaria um Brutamontes ou um Criassangue em sua guarda pessoal só porque tinha seios? Que delegacia de polícia perderia a chance de conseguir cada Olho de Estanho e Lançamoedas que pudesse? Que banco não empregaria uma terrisana com mentes de cobre?

A coisa era que *também* se esperava que as policiais agissem como damas. Uma herança do passado, reforçada pelos discursos de Lady

Allrianne Ladrian logo depois do Catacendro. Havia uma forte expectativa de que as mulheres continuassem femininas ao mesmo tempo que faziam seus trabalhos. Um duplo padrão difícil. Em geral, Marasi não se importava. *Gostava* de vestidos, de um belo penteado e de resolver problemas com uma palavra cuidadosa em vez de com um soco na cara. Para ela, era perfeitamente razoável ser feminina e policial. Mas em algum momento os homens tinham que se preocupar em serem adequadamente masculinos enquanto faziam seus trabalhos?

Um problema social por vez, Marasi, censurou a si mesma, cavalgando ao lado de Aradel. Mas *ia* comprar algumas calças. Cavalgar assim a fazia sentir muito *frio*.

— Você cavalga bem — disse Aradel quando diminuíram um pouco a velocidade inicial. Ele liderava o caminho por uma ponte sobre o canal, atravessando o meio do Terceiro Oitante, para chegar ao Segundo Oitante.

— Tenho muita prática — comentou Marasi.

— Isso é incomum na cidade ultimamente — observou Aradel. — Um passatempo?

— Pode-se dizer que sim — falou Marasi, corando ao se lembrar de sua fascinação juvenil com as histórias sobre as Terras Brutas, os homens da lei e o alomântico Jak. Quando seus amigos, bem, seus conhecidos, receberam casacos de aniversário, ela implorara por um sobretudo e um chapéu das Terras Brutas.

Pura tolice, claro. Já deixara isso completamente de lado.

— O que queria me dizer? — perguntou Aradel.

— Podemos ir mais devagar por um momento?

Ele assentiu e reduziu o passo até os cavalos passarem a seguir num trote ligeiro. Marasi abriu a bolsa que levava pendurada no ombro e entregou as cartas para Aradel. Não tinha realmente consciência de quão ansiosa estava para passar aquilo para outra pessoa, para que a responsabilidade que aquilo acarretava não ficasse apenas com ela.

Aradel pegou a pilha de papéis.

— O que é isso? — perguntou ele, baixinho.

— Lembra que o senhor me disse para xeretar a casa do governador, se tivesse a chance?

— Lembro de dizer, com grande prudência, que ficasse de olhos abertos, tenente.

— Foi o que fiz, senhor. Fiquei com as mãos abertas também. Caso *acontecesse* de alguma coisa cair nelas.

— Harmonia. O que encontrou?

— Cartas — contou Marasi. — De Innate para várias ladies e vários lordes da cidade, combinando a compra de favores políticos e a supressão de leis que não interessavam a eles. Senhor, as cartas têm anotações feitas à mão pelo próprio Innate e batem com as datas dos meus registros de acontecimentos suspeitos durante seu mandato como governador. No caminho até a delegacia, levando o decreto, li todas elas e estou convencida de que ele é tão corrupto quanto o irmão era.

Aradel não teve nenhuma reação extrema de surpresa ou indignação. Seguiu cavalgando em silêncio, segurando as cartas, com os olhos fixos no caminho.

— Senhor? — perguntou Marasi, por fim.

— Você me coloca numa posição difícil, tenente.

— Senhor, eu diria que o governador o colocou nesta posição, não eu.

— Você obteve isso de maneira legal?

— Depende de como o tribunal interpretar sua autoridade para investigar quando há indícios razoáveis de descumprimento da lei e se você teria justificativa para me autorizar a agir — falou Marasi.

— Em outras palavras, você as roubou.

— Sim, senhor.

Aradel as guardou.

— Não quer dizer que não devemos protegê-lo, senhor — observou Marasi. — Até que sua culpa seja provada no tribunal, ele ainda é o líder desta cidade por direito. Não estamos nas Terras Brutas, onde poderíamos simplesmente entrar em algum lugar e atirar em alguém e depois dizer quais foram os motivos.

— O simples fato de você sentir que precisa dizer isso — comentou Aradel — indica que tem passado tempo demais com seu amigo Lançamoedas, Colms. Não estou pensando em fugir do meu dever. Só estou pensando em todas aquelas pessoas e na revolta delas. E elas estão *certas*. Elas *estão* sendo roubadas pelo sistema. Ruína... Nós devíamos ser melhores do que isso. O que Lorde Nascido da Bruma diria se nos visse agora?

— Suspeito que ele nos diria que precisamos fazer algo a respeito dessa situação — respondeu Marasi.

Aradel assentiu de leve. Ao perceber que ele não fez mais comentários, Marasi acelerou o passo do seu cavalo, e o lorde alto comissário a seguiu.

A tradição dizia que o Campo do Renascimento tinha a mesma aparência desde a época em que a humanidade se arrastou para fora do ventre de pedra que Harmonia criara. Embora a cidade tivesse reivindicado toda a área ao redor, o anel central de relva agradável e de colinas suaves fora protegido como um monumento de outra época.

As flores de Mare-me-Quer roçavam o casaco de bruma de Wax enquanto ele caminhava pelo campo cheio de nascentes. A tradição de que o lugar não mudara era pura estupidez. Certamente, quando Brisa e Hammond saíam sob a luz do sol, não achavam a relva tão bem cuidada ou flores que cresciam em linhas cuidadosas. As pessoas que falavam daquela tradição simplesmente ignoravam os bancos e os caminhos? As construções? Certamente Harmonia não fizera *banheiros* para a conveniência dos visitantes.

No centro da colina mais alta havia algo que era metade museu, metade mausoléu, que abrigava os túmulos do Último Imperador e da Guerreira Ascendente. Estátuas gigantes de ambos se erguiam sobre os túmulos, dominando a área. Quando Wax se aproximou, ficou surpreso ao encontrar lamparinas na parte de baixo da estrutura, banhando a relva e as flores com luz. Dois policiais guardavam a porta.

— Dê meia-volta e não cause problemas — disse um deles quando Wax se aproximou.

Wax ignorou a ordem, caminhando pelas brumas até se aproximar dos homens.

— Presumo que os zeladores tenham pedido a ajuda de vocês.

Os dois policiais o analisaram e bateram continência com relutância. Sua reputação o precedia, embora esses homens usassem distintivos dos policiais do Primeiro Oitante. Era uma delegacia que Wax não visitava com frequência, mas quem mais caminharia pela noite usando um casaco de bruma e uma escopeta presa na perna?

— Estão preocupados com os saqueadores — falou um dos policiais, um camarada robusto, com um cavanhaque ao redor da boca. — Hã... senhor.

— Inteligentes — comentou Wax, passando por eles e entrando no mausoléu.

— Hum, senhor? — chamou um dos policiais. — Eles nos disseram para não deixar... Senhor?

Wax fechou a porta enquanto os dois policiais começavam a discutir se deviam detê-lo ou não. Examinou o vestíbulo aberto, com os murais dos Originadores. Hammond, Lorde Nascido da Bruma, Lady Verdade e o ancestral do próprio Wax, Edgard Ladrão. Roliço e metido, ele segurava uma taça de vinho no retrato. Sempre parecera o

tipo de pessoa em quem Wax gostaria de dar um soco. O tipo que certamente era culpado de *alguma coisa*.

Wax ignorou os mostruários com várias relíquias do Mundo das Cinzas e não entrou na câmara que continha os restos mortais da Guerreira Ascendente e de seu marido, mas ergueu a arma e rodou o cilindro naquela direção em homenagem. Uma tradição de respeito aos mortos típica das Terras Brutas.

— O que é isso? — Uma mulher com cara de sono saiu de um aposento próximo, aparentemente um pequeno apartamento destinado ao zelador. — Ninguém pode entrar!

— Inspeção de rotina — respondeu Wax, passando por ela sem olhar.

— Rotina? No meio da noite?

— Você pediu a presença da polícia — falou Wax. — O regulamento exige que façamos uma inspeção para ter certeza de que não há contrabando.

— Contrabando? — perguntou a mulher. — Este é o *túmulo dos Originadores*!

— Só estou fazendo meu trabalho — disse Wax. — Você pode conversar com meus superiores lá fora, se quiser.

Ela saiu em disparada na direção da porta principal enquanto Wax seguia para uma sala pequena, sem relíquias ou placas. A única coisa que existia ali era um buraco no chão.

Era um fosso aberto, com uma cerca baixa para impedir crianças curiosas de caírem lá dentro. Havia uma escada, mas Wax derrubou um cartucho de bala e saltou, seguindo em queda livre por uma distância curta antes de diminuir a velocidade e atingir o chão de pedra escura e vítrea.

Algumas luzes pendiam do teto, como pingos de melaço. Ele *empurrou* um interruptor ali perto, fazendo com que as luzes tremeluzissem na gruta enorme. Estivera ali quando jovem; todos os tutores levavam seus alunos para visitar aquele lugar, e ele sabia que o mesmo acontecia nas escolas públicas. Era diferente, no entanto, ficar parado ali, sozinho, na grande câmara de teto baixo. Sem turistas tagarelas para quebrar o clima ou espantar visões do passado. Podia ouvir muito melhor a água correndo ao longe, onde o rio fluía. Supostamente, partes da caverna haviam sido inundadas com o tempo. Ele só se lembrava vagamente das explicações que ouvira durante suas visitas ali sobre por que as outras permaneceram secas.

Wax entrou na gruta, tentando imaginar como fora se abrigar numa daquelas cavernas enquanto o mundo morria lá fora, cada um se

perguntando se passaria o resto da curta vida preso na escuridão. Passou os dedos nas paredes de pedra enquanto dobrava as esquinas. O lugar era grande e aberto, mas também continha uma série de câmaras menores nas laterais. A maioria era parte do museu e continha placas com citações dos Originadores, escritas em metal. Outras continham descrições da reconstrução do mundo ou outras relíquias, como uma réplica dos braceletes de Harmonia e dos Braceletes da Perdição.

Uma câmara inteira era dedicada às “Palavras de Fundação”, aos livros de Harmonia, à sabedoria, ao conhecimento e ao relato sagrado do que acontecera no Mundo das Cinzas. Outra câmara continha os volumes dos outros Originadores, alguns dos quais eram considerados cânones sagrados por uma seita ou outra — enquanto alguns, como o *Docksithium*, eram, sem sombra de dúvida, apócrifos. Wax tentara ler essa coisa uma vez. Páginas de créditos eram mais interessantes.

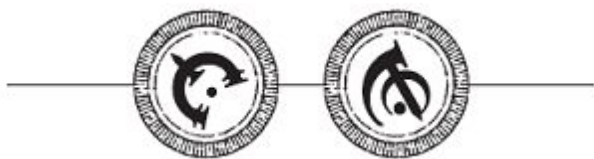
Ele se demorou numa câmara dedicada ao Sobrevivente, que continha uma centena de representações diferentes dele feitas por vários artistas, algumas contemporâneas, outras antigas. Havia um fascínio fervoroso com suas “aparições” póstumas ao povo durante os dias finais, embora o próprio Harmonia atribuisse isso aos Imortais sem Rosto.

Ecos de vozes fizeram Wax seguir em frente. Wayne provavelmente lhe daria uma bronca por confundir aquela pobre gente em vez de simplesmente dizer o que estava fazendo ali. Claro que Wayne provavelmente os convenceria de que era o Senhor Soberano e faria com que preparassem seu jantar. Então Wax tentava não deixar que o compasso moral de Wayne o influenciasse muito.

Wax contou as câmaras dedicadas a cada um dos metais até chegar ao símbolo do atium. A pequena câmara continha documentos e rumores sobre o metal mitológico; Wax não tinha tempo para lê-los. Em vez disso, seguiu as linhas azuis que sua visão de metal lhe mostrava. Elas apontavam para uma parede lateral, onde conseguiu empurrar uma peça decorativa num painel de madeira e acionar uma alavanca. Uma porta se abriu e revelou uma caverna secreta.

Ele entrou, tirou uma velha lanterna a óleo que trazia presa à cintura e fechou a porta antes de se ajoelhar na escuridão absoluta, tentando encontrar fósforos no cinturão. Quando os encontrou, uma voz rouca soou na escuridão.

— Eu estava esperando por você.



Wax ficou imóvel na escuridão. Avivou seu aço, buscando orientação naquele fogo confortável dentro dele. As linhas azuis apontavam todas para trás, na direção da porta escondida e dos pregos na parede. Não havia mais nada.

Exceto... Era possível que estivesse vendo algo? Duas linhas fracas, finas como os fios de uma teia de aranha? Ele avivou seu metal, forçando, *empurrando*. As linhas tremiam na escuridão. Então, sumiram.

Wax sacou sua Sterrion, apontou-a para o corredor por onde as linhas seguiam e disparou três vezes em sucessão rápida. O fulgor da pólvora iluminou o ambiente como um relâmpago enquanto ele levantava a outra arma em direção às linhas azuis e à fonte de som.

Naqueles clarões, identificou alguma coisa encolhida ali perto, na escuridão. Era algo não humano, com olhos bestiais e fortes dentes brancos. *Ferrugem e Ruína*. Com os dedos suados em volta da arma, Wax afastou-se da coisa, pronto para atirar.

Mas não puxou o gatilho. Não se atira em alguém só por falar com você.

— Você certamente se assusta com facilidade — grunhiu a voz.

— Quem é você? *O que é você?*

— Acenda sua lanterna, humano — disse a voz. — E tranque aquela porta. Precisamos estar bem longe daqui antes que alguém venha investigar o tiroteio.

Wax parou um instante para recuperar o fôlego e acalmar os nervos, mas depois guardou as armas nos coldres. O que quer que fosse aquilo, poderia tê-lo atacado em vez de falar com ele. A coisa não queria matá-lo.

Ele acendeu a pequena lanterna, mas, quando a ergueu, a criatura

recuou no corredor até se tornar apenas uma sombra. Ainda enervado, Wax fechou as travas que encontrou na parede, trancando a porta secreta por dentro.

— Venha — disse a voz.

— Você é um deles — sussurrou Wax, levantando a lanterna e seguindo a figura sombria que caminhava sobre quatro apoios. — Você é um kandra.

— Sim.

Wax se apressou para se aproximar, e, por fim, sua lanterna permitiu que desse uma boa olhada em sua companhia. Um cão de caça, de longe o maior que já vira, com pelo cinzento manchado. A pelagem o fazia se lembrar das brumas.

— Já li sobre você — comentou Wax.

— Que emocionante — grunhiu o kandra. — Estou tão feliz que Sazed tenha me incluído em seu livrinho para que pessoas bêbadas possam xingar usando meu nome.

— Elas... fazem isso?

— Sim. — O cão deu um rosnado baixinho que veio do fundo da garganta. — Também há... animais de pelúcia.

— Ah, sim — falou Wax. — Filhotes de Soonie. Já vi por aí.

O rosnado foi mais alto, e o nervosismo de Wax retornou. Era melhor não provocar o cão imortal. Ele não sabia quais das muitas lendas sobre a criatura eram verdadeiras, mas mesmo se uma pequena porcentagem fosse baseada em fatos...

— Então, Guardião, estava esperando por mim? — perguntou Wax.

— Foi decidido que permitir que um humano vagasse sozinho por essas cavernas era pouco sábio — disse o kandra. — Eu mesmo vim. Os outros estavam ocupados.

— Caçando a Sangradora?

— Contra-atacando — disse o kandra, levando-o a um cruzamento e virando à direita.

Caminharam em silêncio por um curto período antes de Wax pigarrear.

— Hum... você se importaria em explicar o que quis dizer com isso?

O cão suspirou, emitindo um som desconfortável. Um cão falante era estranho, mas o suspiro era tão *humano*.

— Não tenho falado muito ultimamente — contou o kandra. — Estou... sem prática, parece. Paalm está tentando iniciar uma revolução, usando as habilidades que aprendeu com o próprio Senhor

Soberano. Mas é apenas uma dos kandra. Ela desdenha do restante de nós e, portanto, nos subestima. Podemos fazer o que ela faz, imitar pessoas, aparecer nas ruas. Para cada “sacerdote” que ela usa para cometer uma atrocidade, teremos dúzias lá fora esta noite, pregando temperança e paz, implorando que as pessoas não ouçam os rumores.

— Inteligente — comentou Wax. Não tinha pensado no que os outros kandra podiam fazer, além de presumir vagamente que estariam rastreando a Sangradora. Aquilo fazia sentido. Ele poderia usar isso, de algum modo, em sua investigação?

Quando avançaram mais pelas cavernas, Wax notou uma substância branca cobrindo as rochas como uma crosta, a fonte do resíduo de pó que encontrara nas roupas da Sangradora. Provavelmente, se apagasse a lanterna, poderia ver seu brilho. Poderia nem precisar da lanterna, mas, ao pensar em toda aquela rocha o circundando, separando-os das brumas lá em cima, não sentia vontade alguma de apagá-la.

A rede de túneis era muito mais extensa do que ele esperava. Pensava naquele lugar apenas como aquela única caverna sob o túmulo, mas não era assim. Harmonia criara muitos refúgios diferentes para as pessoas enquanto refazia o mundo, colocando-as todas na mesma área que agora era Elendel. Esses túneis se espalhavam por quanto da cidade? Passaram por vários que estavam inundados; qual era a diferença entre aqueles e os que continuavam secos?

Enquanto atravessavam os túneis, passaram por uma abertura para uma gruta grande e diferente. Wax ergueu a lanterna para dar uma olhada e ficou paralisado. Em vez de mais rochas naturais e ásperas, sua lanterna iluminou telhas e pilares empoeirados, com partes do chão destroçadas. Mais ao fundo, havia o que parecia ser uma pequena *cabana*.

— TenSoon? — chamou enquanto o kandra seguia em frente.

— Venha logo, humano.

— Isso é...?

— Sim. Muitas pessoas se esconderam nos porões de Kredik Shaw, o palácio do Senhor Soberano. Sazed mudou tudo para cá, como fez com todas as outras cavernas de refugiados.

Wax não conseguia se afastar, boquiaberto com a história — não, a *mitologia* — que ganhava vida. O palácio do Senhor Soberano. Lugares por onde o Sobrevivente e seus seguidores andaram.

Ferrugem e Ruína... o *próprio Poço da Ascensão* devia estar ali.

— Humano — chamou o kandra, insistindo. — Há algo que desejo

que veja. Venha.

Outra hora, pensou Wax, afastando-se da entrada do palácio perdido de Kredik Shaw e seguindo TenSoon.

— MeLaan disse que os kandra não vêm aqui embaixo com muita frequência. Por que não? Não é sua casa?

— É um lugar sagrado — respondeu o cão. — Sim, é nossa casa, mas também é uma prisão... e muito mais. Sob o governo do Senhor Soberano, precisávamos deste lugar para ter liberdade para sermos nós mesmos. Lá fora, éramos controlados, escravizados pelos homens.

Amargura, pensou Wax. Mesmo depois de centenas de anos, a criatura ainda sofria com a vida que levava. Culpava a humanidade? A Sangradora culpava?

— Costumamos vir aqui quando nosso humor está abatido — falou TenSoon. — Em geral, fazemos isso sozinhos e com pouca frequência. Agora há lugares lá em cima onde podemos socializar, sermos nós mesmos. Lares. Vidas. As gerações mais jovens quase nunca visitam este lugar. Preferem suas vidas como são agora e não desejam lembrar o passado. Suponho que eu também seja assim, mas por motivos diferentes.

Wax assentiu, caminhando com o kandra enquanto penetravam ainda mais fundo nos túneis retorcidos da Terra Natal. Passaram por várias câmaras vazias, mas algumas tinham esquisitices, como cestas velhas e alguns ossos descartados no chão.

Wax tinha tido sua cota de túneis nas Terras Brutais, mas a maioria daqueles eram algum tipo de mina feita pelo homem. Essas cavernas eram diferentes. Aquelas cheiravam a pó e terra enquanto essas pareciam vivas. Cheias de água e fungo. De paciência.

As paredes dos túneis tinham protuberâncias, mas eram macias como a cera que se acumula na base de uma vela que queima. Solo sagrado. Tudo mais no mundo, até onde ele sabia, fora completamente refeito durante o Catacendro, mas aquelas cavernas remontavam à eternidade, tão antigas quanto a memória humana. Mais antigas.

Depois de um tempo, chegaram a uma pequena câmara que não parecia tão orgânica quanto as demais. Fora moldada, de algum modo, por mãos kandra? TenSoon se sentou na entrada do aposento. A luz da lanterna de Wax refletia nas rochas nodosas e suaves do chão, que se abriam numa série de buracos com um metro de diâmetro. Pareciam os buracos escavados por garimpeiros que buscavam insensatamente metais nas Terras Brutais.

Wax olhou para TenSoon.

— Passei por aqui enquanto ia ao seu encontro — contou o kandra

em sua voz meio humana, meio rosnada. — Notei um cheiro estranho.

Cheiro estranho? Wax não percebia nenhum odor estranho, mas todo o lugar cheirava estranho para ele. Ele entrou no aposento e, então, notou algo. Um dos pequenos buracos estava cheio. Eram folhas de papel?

Sim, eram. Quando se ajoelhou na beira do buraco, Wax ficou surpreso em encontrar centenas de folhas de papel lá dentro, rasgadas numa das bordas, como se tivessem sido arrancadas de um livro. Continham uma escrita apertada, com versículos numerados. As “Palavras de Fundação”.

Além da escrita, alguém rabiscara por cima com uma tinta marrom-avermelhada.

Sangue, pensou Wax. *É sangue*.

Wax deixou a lanterna ao seu lado e pegou uma página. Livro 80, versículos 27 até 50. Os versículos sobre a busca de Harmonia pela Verdade.

Alguém, provavelmente a Sangradora, escrevera por toda a página a palavra “mentiras”.

Wax folheou as outras páginas. A maioria tinha algo escrito, uma palavra ou frase, embora muitas estivessem apenas manchadas de sangue. Alguma coisa naquilo tudo incomodava Wax, aticava sua intuição, mas ele não sabia dizer o que era.

“Eu estava lá”, dizia o rabisco numa página. “Ninguém”, dizia em outra. “Foi”, estava escrito numa terceira. Começou a espalhá-las. TenSoon, de quem ele quase se esquecera, farejou na porta.

Wax olhou por cima do ombro.

— Você viu isso?

— Vi — contou TenSoon.

— O que acha que são?

— Eu... eu não fiquei muito tempo — disse o kandra, desviando o olhar. — Não passo muito tempo nesta sala, humano. Não gosto dela.

Esta sala... Wax sentiu frio. Seria a prisão em que TenSoon ficara, trancado sem ossos, esperando a execução?

Ferrugem! Estava ajoelhado num lugar que tinha decidido o destino do mundo.

Wax se esticou para pegar mais folhas. Parecia que a Sangradora tinha arrancado todas as páginas de uma edição das “Palavras de Fundação”, uma versão completa. Uma edição velha, a julgar pelo fato de ter sido escrita à mão, em vez de impressa.

— Você realmente a conheceu, não é? — perguntou Wax. — A

Guerreira Ascendente?

— Eu a conheci — disse TenSoon, baixinho. — Perto do fim, passei quase uma hora sem minhas estacas, então minhas lembranças se degradaram. Mas grande parte do que perdi foi do período imediatamente anterior à minha queda, então boa parte das minhas lembranças sobre ela são nítidas.

Wax hesitou, com uma pilha de páginas nas mãos.

— Como ela era? Como pessoa, quero dizer.

— Ela era forte e vulnerável ao mesmo tempo — sussurrou TenSoon. — Foi minha última e maior mestra. Tinha um jeito de se entregar por completo a qualquer coisa que fizesse. Quando lutava, era a lâmina. Quando amava, era o beijo. Neste sentido, era muito mais... humana do que qualquer outro que já conheci.

Wax se pegou assentindo enquanto arrumava as páginas por perto, separando em pilhas as que tinham palavras e as que não tinham. Aquelas com digitais foram colocadas numa pilha específica. Talvez pudessem ser úteis. Provavelmente não. Afinal, a Sangradora *era* uma metamorfa.

Depois de um tempo, TenSoon se aproximou dele.

— É como se pudessem dizer alguma coisa se você as colocar na ordem certa — comentou TenSoon, inspecionando as folhas.

— Sim — respondeu Wax, insatisfeito.

— O que há de errado?

— É muita coisa — falou Wax, apontando para tudo aquilo. — Tudo é muito intrincado, muito extraordinário. Por que ela escreveria num monte de páginas e depois as arrancaria e as deixaria por aí?

— Porque ela é louca.

— Não — discordou Wax. — Ela não é esse tipo de louca. O jeito como ela vem agindo é muito deliberado, muito focado. Os *motivos* dela podem ser insanos, mas seus *métodos* são cuidadosos. — Como ele poderia explicar aquilo? Seus instintos lutavam uns contra os outros neste caso. Ele tentou novamente. — Uma coisa como essa significa desleixo ou alguém que está se esforçando demais. Ela não é desleixada, mas não acho que esteja tentando bancar a interessante, deixando pistas e fazendo joguinhos. Quando falei com ela...

— Você *falou* com Paalm? — exigiu saber TenSoon, levantando as orelhas. — Quando?

— Hoje à noite — contou Wax. — Havia certo arrependimento nela. Ela afirmou não estar jogando, mas isso parece um jogo. Mil páginas descartadas, deixadas para serem colocadas em ordem e formar uma pista? — Ele negou com a cabeça. — Não me convence.

Loucura ou não, ela tinha que saber que, em algum momento, outro kandra encontraria isso.

— Tudo bem — disse TenSoon, sentando-se. — Mas ela falou com você como *ela mesma*, não uma imitação?

— Sim. Isso é estranho? Você está fazendo isso agora mesmo, e MeLaan tampouco parece estar desempenhando um papel.

— Não somos Paalm — comentou TenSoon. — Desde que a conheço, sempre viveu um personagem. Eu também era assim, anos atrás. Eu não sabia quem eu era se não estivesse imitando alguém.

Wax olhou para as folhas. *Liberdade*, dizia uma delas num rabisco que cobria a página toda. *Daremos liberdade para você, quer queira*, dizia outra, só metade de um pensamento.

— Como ela era? — perguntou Wax. — Quem é ela, Guardião?

— Difícil dizer — replicou TenSoon. — Paalm era a kandra de estimação do Senhor Soberano, uma escrava da vontade dele e do Contrato que fizemos com ele. Ela ignorou os acontecimentos relativos ao fim do Mundo das Cinzas e desapareceu, não retornou à Terra Natal. Presumi que estava morta, até que ela apareceu entre os sobreviventes. Mesmo então ela se separava de nós, embora servisse Harmonia como todos nós. Até que... nada. Ausência.

— Liberdade — falou Wax, apontando para uma das páginas. — Ela falou sobre isso comigo. O que significa?

— Não sei — confessou TenSoon, com a voz mais parecida com um rosnado do que antes. — Ela traiu tudo o que somos. Mas eu também fiz isso. Então talvez sejamos um par, ela e eu. Dois dos monstros mais antigos que restam neste planeta, agora que muitos dos Segundos optaram por escapar, acabando com as próprias vidas.

— Liberdade... — sussurrou Wax. — Alguém nos move... Ela deixou um bilhete para mim na mansão do governador. Ela removeu a língua de um político para acabar com as mentiras dele. Matou um sacerdote furando seus olhos para impedi-lo de olhar. De ver. Por quem? Pelo quê?

Ela fora a kandra do Senhor Soberano, movendo-se e dançando aos caprichos dele. E então... serva de Harmonia? Ela vivia com a voz dele em sua mente, sabendo que ele podia assumir o controle dela quando quisesse. Como seria viver uma situação dessas?

Isso a faria remover uma de suas estacas? Estaria tentando conseguir aquela liberdade para todo mundo? Extraviada, em sua insanidade, certa de que o mundo precisava ser salvo?

Wax se levantou lentamente.

— Isso tudo é sobre Harmonia.

— Como?

— Ela está tentando derrubar Deus.

— Isso é insano.

— Sim — concordou Wax, voltando-se para o kandra. — É insano. — Ele começou a andar de um lado para outro na pequena sala. — Fale com Harmonia e descubra algo para mim. A Sangradora partiu pela primeira vez porque Harmonia tentou assumir o controle sobre ela em algum momento? Foi isso que desencadeou tudo?

Um momento de silêncio.

— Sim — respondeu TenSoon. — Harmonia diz que Ele não tentou controlá-la diretamente, mas a pressionou muito a fazer algo que ela não queria fazer.

— Ela tem persistido na ideia de que todo o povo é controlado. — *Harmonia... ela era Bronze Sangrento? Estava usando o corpo dele já naquela época? Era ela lá quando atirei em Lessie?* — Ela vê todo mundo como marionetes de Harmonia... Aos olhos dela, os políticos são a boca Dele. É por isso que ela quer derrubar o governador. Religião? Os olhos de Harmonia, para vigiar o povo. Ela quer minar isso criando uma rixa entre as seitas religiosas.

— Sim... — disse TenSoon. — De certo modo, isso pode ser visto como uma continuação do Primeiro Contrato. Servir o Senhor Soberano. Derrubar a força que ele lutou para derrotar. Harmonia é metade disso.

— Mas como eu estou envolvido nisso? — Wax continuou a falar, prestando pouca atenção em TenSoon. — Por que eu? Por que se concentrar em...

Não, era a pergunta errada.

O que ela pretendia fazer agora? Olhos, língua... ouvidos, talvez? *Finja que ela está um passo à sua frente*, disse Wax para si mesmo. *Prepare-se para o pior.*

Ele olhou mais uma vez para as folhas no chão. Ela queria Wax fora do caminho. Um quebra-cabeça elaborado? Era algo para perder tempo, uma distração. Ela arrancara aquelas folhas não para provocá-lo, mas para tirá-lo da investigação por tempo o bastante para conseguir completar a próxima fase de seu plano. Ela o *levava* até lá com aquele pó na túnica. Ela plantara a pista ali de propósito.

— Ela sabe — disse Wax, baixinho. — Ela sabe o que você vai fazer, TenSoon. O que você *fez*. — Ele sentiu frio e fitou os olhos não humanos do kandra. — Ela *sabia* que você enviaria seus kandra para tentar recuperar os corações e as mentes do povo. Isso expõe vocês. O próximo passo dela é derrotar os kandra.

Wayne vagava entre duas fogueiras. Dentro de uma, pernas de mesas e de cadeiras formavam pontas afiadas, como membros sombrios de cadáveres sendo queimados. As brumas não chegavam muito perto do fogo, embora a fumaça as imitasse bem na noite. Como um mendigo bem-vestido, só dava para reconhecê-la ao se aproximar o bastante para dar uma boa cheirada.

Wayne se inclinou junto a uma das fogueiras para acender seu charuto, embora isso exigisse que curasse a pele do braço enquanto ela queimava. Ficou cheirando tanto a seus próprios pelos queimados quanto ao odor da fogueira. Móveis polidos não queimavam direito. Mas ele gostava de sentir o calor mesmo assim. Fazia com que se sentisse vivo.

Tinha parado de encher suas mentes de metal, esperando ter saúde suficiente para o que estava por vir. Não podia se dar ao luxo de estar fraco ou adoentado neste momento. Não com o que estava acontecendo.

Afastou-se das chamas e deixou o charuto preso entre os dentes. Era de uma marca chique, do estoque secreto do governador. Wayne deu uma longa baforada antes de lembrar que odiava aquelas coisas ferradas. Ah, bem. Não tinha trocado aquilo por nada muito bom. Só um dos garfos de Wax.

A multidão que se reunia na praça era a maior que vira em toda a noite. As pessoas se amontoavam perto da fogueira como um bando de corvos atraídos por um cadáver. Wayne se separou e entregou o charuto para uma mulher por quem passou. Ela ficou parada ali, surpresa, e ele voltou para o meio do povo.

Não dava para se mover *através* de uma multidão daquele tamanho, somente *com* ela. Era necessário vestir a multidão como um bom casaco, confortável e apertado, e deixar que o tecido indicasse alguma direção. Wayne se virava quando a multidão se virava e gritava nos momentos adequados, dando o tom embriagado necessário ao seu discurso. Devolveu uma cotovelada amistosa quando alguém o cutucou, e não demorou muito até se aproximar da frente. Ali, acima dos demais, um camarada sem camisa, com calça e suspensório, estava em pé sobre a estátua da fonte, segurando-se na lança do Sobrevivente para manter o equilíbrio, com o outro punho erguido em direção à multidão.

— Eles nos roubam tudo! — gritou o homem.

Sim, isso é verdade, pensou Wayne, juntando seu grito ao urro de aprovação da multidão.

— Esperam que trabalhemos longas horas todos os dias, mas, quando isso não é mais conveniente para eles, simplesmente nos

mandam embora e não se importam se passamos fome.

Sim, eles fazem isso, pensou Wayne, juntando-se aos berros e xingamentos.

— Eles fazem favores uns para os outros — gritou o homem. — Eles nos sugam, e depois fazem festas suntuosas!

Estive numa dessas festas, pensou Wayne. *Bons sanduíches.*

— O Sobrevivente teria suportado isso?

Provavelmente não, admitiu Wayne. Enquanto a multidão o rodeava, Wayne cruzou os braços e pensou. Certo, derrotar uma metamorfa homicida era importante e tudo mais, mas parecia ser um péssimo momento para andar por aí com tiras e nobres. Ao ouvir aquele discurso, ele ficara meio inclinado a se *enforçar*, o que era realmente perturbador, já que, em geral, só tinha pensamentos suicidas pela manhã.

Estava prestes a voltar para a mansão para conversar com MeLaan sobre tudo aquilo, quando alguma coisa mudou. Uma nova figura subiu na estátua: um homem careca e mais velho, um pouco mais largo na cintura, mas um tipo amistoso. Usava uma túnica ornamentada que terminava em franjas, como um casaco de bruma. Um sacerdote sobrevivencialista?

O homem mais velho ergueu uma das mãos, suplicante, e o camarada que estava gritando abaixou a cabeça em respeito e se afastou. Sob a imagem gigante do Sobrevivente, seu sacerdote seria ouvido. Wayne sentiu uma perturbação se agitar dentro de si mesmo, como se seu estômago descobrisse que tinha comido um punhado de maçãs podres. A religião o preocupava. Ela podia pedir para os homens fazerem coisas que, de outra maneira, jamais fariam.

— Venho até vocês com compreensão e simpatia — falou o sacerdote na noite. — Mas imploro que não invoquem o nome do Sobrevivente para justificar saques e destruição. Há um jeito de revidar, e eu me unirei a vocês nele, mas não estamos mais no tempo da tirania do Senhor Soberano. Vocês podem fazer com que suas vozes sejam ouvidas. Podem mandar representantes para falar com o governador.

A multidão silenciou. Alguns homens gritaram palavras, explicando exatamente o que queriam fazer ao governador, mas a maioria permaneceu quieta.

— O Sobrevivente dizia que deveríamos sorrir — suplicou o sacerdote. — Ele ensinou que não devemos deixar que os pesares nos puxem para baixo, não importa quão ruim a vida se torne.

O humor da multidão estava mudando. Eles se mexiam em vez de

gritar. Wayne relaxou. Bem, talvez a religião fosse boa para outra coisa além de roupas chiques e chapéus esquisitos. Se aquele sacerdote desarmasse o grupo, Wayne lhe pagaria uma bebida, pagaria sim. E pagar uma bebida para um sacerdote era ótimo, porque em geral eles não bebiam, então dava para ficar com as duas...

Espere. Por que aquele camarada com os suspensórios, o mesmo que falava antes, estava se esgueirando por trás do sacerdote? Levantando a mão como se...

— Não! — gritou Wayne, empurrando as pessoas para chegar até a fonte. Ele congelou o tempo, o que causou certa confusão nas pessoas ao seu redor, mas não ajudou muito. Só permitiu que ele ficasse parado ali, sentindo-se impotente, sabendo que o sacerdote estava longe demais para ser salvo. O camarada de suspensórios estava parado atrás do velho gentil, com a mão levantada, uma faca brilhando à luz da fogueira.

Só que não era uma faca. Era uma *agulha*.

Wayne desfez sua bolha de velocidade. A agulha caiu, acertando o sacerdote nas costas. O homem de rosto redondo arqueou o corpo para a frente, e sua carne começou a *derreter*. Tornou-se translúcida, os olhos caindo das órbitas, os ossos de cristal brilhando sob a luz da fogueira.

— Olhem! — exclamou o homem de peito nu. — Veem o que os nobres tentam para aplacar vocês? Os Imortais sem Rosto servem à nobreza! Esse não era um sacerdote, era um criado dos nobres. Eles querem que vocês acreditem que são livres, que a democracia deles funciona para o povo, mas tudo o que cerca vocês são mentiras!

Wayne ficou boquiaberto enquanto o sacerdote — não, o kandra — lutava para permanecer em pé e falar, mas isso só tornava tudo pior. Os manifestantes gritaram, e a rudeza voltou com força renovada. Só as pessoas que estavam perto de Wayne ainda estavam confusas com o motivo pelo qual o tempo parara para elas.

Uma mulher usando uma saia suja olhou para ele.

— Ei, você não é aquele cara das Terras Brutas?

Wayne fez uma cara feia, recuando. Na fonte, o líder o localizou e interrompeu seu discurso. Apontou para Wayne.

— Um deles está aqui! — gritou. — Mandaram policiais para se misturar entre nós! Estão por toda parte, controlando vocês!

Basicamente a multidão inteira se virou para Wayne.

Ora, diabos.

Precha-se de investidores.
Indica-se o seguinte: a. Indicações de
a. P. 100.000.000

mais conhecidas.
As apostas e moças de boxes
de dança e de jogos de
de jovens começaram a pagar

emhorários predeterminados.
O ponto mais crítico é o
Tudo o que o mundo viu, mas
longas ruas e ruas paralelas, e

pam automóveis ao amigo
recine de feiras adjacentes ao
do do Pontal de São
(Continua no verso.)

ção stra!

atracante como
um tempo livre.
... não é do
podera ser. Em
vez de como em
o mundo do amor
e com os olhos,
seus, os homens
arras do chamam-
dos que alguns
dos artistas são
apresentando ao
o, terá mais co-
or também tinha
dos, exalados nu-
da parte do. As
tão emocionan-
o não é porque
uma arma, mas
em um momento
e os olhos de
os olhos.
uso de mulheres
e vai se lembrar
na semana pas-
o "Um oportu-
e parte do meu
complicado, um
mundo um cam-
de de desajus-
tado mais cedo
ma, senhor",
nda-me por ser
o no caso que
m quando enrei-
cado, foi trou-
as terras ditas
conhecidas, sem
de mim? Nun-
mente, se suba
a minha par-
de, não parei para

qualquer coisa naquela sala. Eu
não vinha a ribas dos Pócos
de Elnora? Não foi o primeiro
a trazer histórias das encostas
da Montanha de Cinzas. Agora
vender pela segurança? E não foi
eu quem desmentiu os fabulosos
canais de peçonha ao longo das
Pantufas de Karamazov?
"Eu não assisto a ela sem",
disse o homem, "me que pague
por seus crimes."
Mas sentidos acenando
necavam um pouco, então se
disseram do homem. Porém, se
mostramos, posso imaginar
você de seus olhos para a cidade
e para a escuridão. Não em um
dos membros da guarda do
Pentecostalismo, não, eu per-
tencia ao início. Era um homem
procurando vingança, e não tinha
muito certeza se era de mim que
devia cobrar.
"Vamos conversar sobre isso
de modo mais fácil", sugeri. Afinei
gentilmente os dentes, lembrando
de Lady Lavinia que amoviam
muito trago. "Tudo está acabado,
maldade", falei, decidindo um leve
afeto em sua expressão quando
meus dedos saíram de sua per-
ta e bato no chão.
"Você mudou meu irmão há
muito anos, nas terras brancas,
perto de C. Gervais", disse Rigode
Elnora.
Os presentes da tempo para
pensar naquela situação, não
do um pouco diferente, levaram
as mãos e disseram: "Como pode
ser, então desarmado?" Me deu
uma volta completa, mirando para
a multidão que se não tinha
nenhuma arma visível. E sim,
consequentemente, os seus olhos
para o Rigode, mostrando na incerteza
que ele tinha respeito da minha
identidade.
Quando me vi, pensei sobre
o que eu me havia conhecido.
Era verdade que eu havia estado
nas proximidades de Gervais
muito tempo atrás. Mas não me-
rda e não a quem há. Não du-
dava que tivesse deixado muitos
homens sem filhos, mas nunca
intencionalmente. Aspirei ideia
de matar um homem e não a pro-
pósito de deixar outro sem irmão
é claramente repugnante para mim.
"Não sou o homem que procura-
vi, disse, lembrando minha taga
para outro país, porque, pela
Sua Bacia, se eu não me esqueci,
teria me esquecido em todo o mundo
Mentira 328.
O tempo da arma se agitou
mais. Se minha cabeça falhas-
se, eu teria a minha cabeça de lado
em meu abdômen rasgado. Pela
e ninguém poderia ser culpado,
mas a ideia com de tecido não
que eu usava para presente da
língua do proprietário das Lidas



Giles - na esquina da avenida
Cannon com o Grande Teo-
phane - alfinetes de crânio
maravilhosamente elegantes
para homens da alta sociedade.
Linda gostaria de estragá-lo com
uma simples seta.
"Quão quer devoto?", pergun-
to a Rigode. O senhor da arma se
agitou ainda mais. O momento
de perguntar não passou mas
minha respiração estava mais
três vezes. Meus sentidos antes
tacos no aram, por as barbas
soleradas do colete de Rigode
também eram diminuindo até
um ritmo mais rápido.
"Sou o cavalheiro Jak", falei,
com humildade. "Certamente é
certo falar de mim."
"Exato, você não é o tal Wil-
liam Lavinia."
"Pelo Sobrevivente, não!" Mi-
nha cara ficou a terra sem ar.
Minha cabeça estava com-
cido a força dos dois dias me-
dores do momento em que a-
rison, mas di, não me esqueci pouco
cidade das Caldas de Elnora,
ou seja, que não deveria castigar
aquele estúpido mal informado
por sua tolice.
"Mas tem horror, não", falei,
mas outro, somente uma gar-
güla, gentileza. Com os olhos
retratos, ele girou a arma na
cabeça. Um sorriso retorcido se
formou entre os bigodes alados
do homem. Aproximei-me de e
comecei a falar de um jeito de
de novo, mas segundos mais
tarde ele estava dando um passo
em sua direção como um velho
amigo (e evitando cuidadosa-
mente que sua cara pontas se

seu bigode expressasse o olhar de
minha cabeça bruta, um biscoito
que tem certeza de estar a ven-
rado Hinderwym com inveja da
mente de um tal que eu poderia
pensar assim.
"Uma bebida", falei. "Uma
bebida para mais amigos? Porque
eu também apenas uma arma
para William Lavinia, se eu
comprei pessoalmente!"
Fiquei estúpido, Lady Lavinia
você novamente está me a ca-
coloco! ao mesmo tempo um sorriso
assumido-se em seus lábios.
Fiquei no meio da multidão dos
brigos agitados e se agitando,
que recordava-lhe instantaneamente
como sendo de Hinderwym.
Na tentativa de chamar minha
atenção, eu não vi a multidão que
tinha a festa, quando os brigos
com uma ênfase que ami-
de suas maneiras de socialização
sempre e o mesmo como um
megafone de cantadas das
Cidades Exteriores vendendo bor-
bulhante, espalhando gotas de
líquido vermelho que transpa-
ram o tecido de noite, de certo
então, pastas, de Lady Lavinia.
As cantadas de meu confuso
estado se tinham se interpreta-
das de um jeito. Juntei minha
distração com Rigode, eu tinha
horas restantes de 1 hora Nascida
da Bruma tinham sido roubadas,
três vezes por triplicação, não dis-
tingui, e não Hinderwym nem eu
reconhecemos culpados para não
cegar os perseguidores.
Em primeiro de meus sentidos
aumentados para procurar os
falsos, mas não mais me ilu-
mou nenhum estado para apu-
de a atualizar o desejo de Rigode
de me fazer conhecer o velho
filho de Elnora com quem
Aqui curtimos ante a multi-
tude em direção a única fiada de
estamos, confiante naquela sala.
O líquido de Lady Nascida da
Bruma, que eu coloco no bolso...
Continuação na próxima semana!



O MELHOR DA BACIA!
O cavalheiro Jak recomenda um
Chamblis 328
com uma caixa de charutos **Doxonar**

lodos os assuntos de cavalheiro
são publicados em O Jornal das Caus
anunciadas semanalmente e com
todas de seu folheto terrível
agora disponíveis nas melhores li-
vrias de notícias e jornais



— Pelas cinzas! — exclamou TenSoon enquanto corria ao lado de Wax pelos túneis da Terra Natal. — Eu pedi a Harmonia para espalhar a notícia entre meus companheiros. Vamos interromper nossos esforços imediatamente, mas Ele diz que pode ser tarde demais.

Wax assentiu, segurando sua lanterna e bufando por causa do esforço físico.

— Somos os ouvidos de Harmonia — rosnou TenSoon. — Isso combina com o tema da Sangradora, não é? Nós ouvimos, nos movemos entre vocês, reportamos tudo para Deus. Ela vai tentar ensurdecê-lo.

Wax assentiu novamente.

— Isso é inútil! — disse TenSoon. — Ela não pode deter Harmonia. Mesmo com tudo isso, ela é só uma criança jogando pedras numa *montanha* para tentar movê-la.

— Sim — respondeu Wax, tropeçando em alguns escombros. Pedacos da Terra Natal obviamente tinham sofrido com a movimentação de terra de um lado para outro durante o Catacandro. Paredes tinham desabado e ficado caídas ali, quebradas por centenas de anos. — Mas ela não está tentando *matar* Deus. Ela só quer libertar as pessoas Dele, com seu jeito distorcido.

— Libertá-las? — perguntou TenSoon. Ficou em silêncio por um tempo. — Emoção. É isso, não é? Vin libertou os koloss fazendo-os sentir emoções poderosas. Isso criou uma abertura para suas almas, deixou-a ultrapassar o controle e dominar as criaturas.

— É o que dizem as antigas histórias — replicou Wax. — É bom ter confirmação.

— Humanos não são criações hemalúrgicas como os koloss. Emoções poderosas não vão “libertá-los” de Harmonia.

— Claro que vão — falou Wax. — Pelo menos aos olhos da Sangradora. Se você está irado, não está seguindo os planos cuidadosos de Harmonia. Está fora de controle. Ela vai levar a cidade à loucura numa tentativa insana de libertá-la.

— Ruína! — rosnou TenSoon. — Posso ter que deixá-lo para trás, homem da lei. Preciso encontrar meu povo rapidamente e falar com eles sobre o que está acontecendo.

— Tudo bem — concordou Wax. — Mas poderei acompanhá-lo melhor do que imagina, assim que eu...

Um uivo estridente ecoou pelo corredor, tão aterrorizante que Wax parou. Sacou Vindicação, segurando a lanterna bem alto com a outra mão. O uivo se juntou a outros, numa terrível cacofonia, cada um ressoando nos demais.

TenSoon soltou um rosnado baixo quando os uivos desapareceram.

— O que diabos foi isso? — perguntou Wax.

— Nunca ouvi nada assim, humano.

— Você não tem mais de mil anos de idade?

— Mais ou menos isso — confirmou TenSoon.

— Ah, *inferno* — disse Wax. — Esse lugar tem outra saída?

O kandra deu meia-volta, seguindo por onde vieram. Os uivos recomeçaram, mais altos. Os túneis apertados e as rochas irregulares de repente pareciam mais claustrofóbicos.

Wax correu e, apesar da bravata anterior, descobriu que tinha dificuldades reais em acompanhar TenSoon. A rocha ao redor deles não tinha metal algum, pelo menos não puro o bastante para que ele *empurrasse*. Além disso, os túneis eram muito cheios de curvas para possibilitar *empurrões* longos.

Então ele correu, segurando a lanterna com os dedos suados, ouvindo as coisas que vinham atrás deles ficarem mais revoltadas. Distraído como estava, quase colidiu com TenSoon quando o encontrou parado no túnel.

— O que foi? — perguntou Wax, ofegante por causa corrida.

— Há um cheiro estranho adiante — falou TenSoon. — Estão esperando por nós.

— Ótimo — comentou Wax. — O que são eles?

— Têm cheiro de homens — disse TenSoon.

Mais uivos vinham de trás.

— Isso são *homens*? — duvidou Wax.

— Venha — chamou TenSoon, virando-se e voltando a correr,

arranhando as pedras com as unhas.

Wax o seguiu.

— Outra saída?

TenSoon não respondeu, limitando-se a guiá-lo numa corrida por pequenas grutas, dobrando esquinas, passando por túneis. Pararam num cruzamento. TenSoon pensou nas opções que tinham enquanto Wax segurava sua arma, nervoso. Jurava que tinha visto algo se movendo nos túneis que tinham acabado de deixar, aquele onde TenSoon afirmara ter localizado uma emboscada.

— TenSoon... — Wax o chamou, nervoso.

— Por aqui — disse o kandra, saindo em disparada.

Wax o seguiu, entrando num túnel mais comprido. Perfeito. Deixou-se ficar para trás, segurando a lanterna e tentando ter um vislumbre do que os seguia.

Sua luz se refletiu em alguns pares de olhos nas sombras. Figuras encurvadas, movendo-se sobre quatro patas, de um jeito marcadamente não humano. Suando, Wax derrubou um cartucho de bala e pressionou-o com o pé numa fenda na rocha. Então *empurrou*, lançando-se pelo corredor até alcançar TenSoon, aterrissando um pouco antes de virarem uma esquina a toda velocidade.

— Não são humanos — comentou Wax. — Não completamente.

— Hemalurgia — explicou TenSoon. — Isso é terrível. Paalm... Ela foi muito mais longe do que eu presumia. Ela não quer só matar. Ela quer Ruína.

— Estão quase nos alcançando — falou Wax, segurando a arma e a lanterna. — Como vamos sair daqui?

— Não vamos — disse TenSoon, correndo para o lado e entrando numa pequena câmara. — Vamos lutar.

Wax o seguiu, mas parou na entrada, com a arma em punho. Já tinham passado por aquela sala antes, ou por uma parecida. Estava cheia de pequenas cestas. Ao olhar para elas agora, pôde ver que estavam repletas de ossos.

As coisas que os perseguiam começaram a latir baixinho, mas ele podia ouvi-los raspando as unhas nas pedras, podia ouvi-los respirar de excitação conforme se aproximavam.

Dentro da sala, TenSoon se transformou.

Aconteceu de repente. A pele do kandra soltou-se dos ossos caninos e se esparramou no chão como um balde de água suja jogado no fundo de uma cozinha. Os músculos e a pele derretidos caíram sobre uma das cestas, derrubando-a e despejando os ossos.

MeLaan dissera que ele era rápido, mas essa palavra nem começava a descrever o movimento súbito de TenSoon para absorver os ossos. Os braços brotaram nas laterais de sua massa corpórea e se ergueram no ar conforme as pernas se formavam embaixo, grossas como as de um lutador. Um crânio emergiu como uma bolha no melaço, enchendo-se de músculos que se esticavam contra os ossos, uma mandíbula aparecendo no lugar certo.

Em segundos, uma figura baixa, mas robusta, estava em pé na câmara. O rosto, de pele e músculos esticados, lembrava um koloss, mas aqueles antebraços eram como martelos, e o peito era de uma potência sobre-humana. Estava nu, embora não tivesse genitais de tipo algum.

Wax olhou para o corredor lá fora e ergueu a pistola, suando. As coisas se aproximavam. Cabeças emergiram na escuridão, mostrando rostos com feições humanas retorcidas em algo mais canino. Contou cinco no total. Aquelas criaturas não eram mais bípedes, mas ainda tinham traços de humanidade — dedos compridos demais, mãos com polegares opositores. As juntas nos joelhos e cotovelos se dobravam para o lado errado, e os olhos... os olhos estavam mortos. Totalmente negros.

— O que ela fez com vocês? — sussurrou Wax para eles.

As criaturas não responderam. Não podiam pensar, não falavam ou não se importavam com nenhum dos dois. Wax deu um tiro para cima, com alguma esperança de que o som as assustasse, fazendo-as voltar correndo para a noite.

A maior parte dele, no entanto, esperava que aqueles bichos permanecessem ali, para que pudesse acabar com todos os pobres bastardos.

O tiro soou alto nos túneis, mas os animais não fugiram. Em vez disso, avançaram mais rápido, sua relutância dando lugar ao frenesi. Wax apontou Vindicação e a descarregou nas primeiras criaturas, mirando nos crânios. Clarões dos tiros iluminaram o túnel. Embora as balas arrancassem a pele e deixassem faixas de músculos ensanguentados à mostra, nenhuma criatura caiu.

Wax voltou para dentro da câmara, guardando Vindicação e pendurando a lanterna numa saliência da rocha.

— Os crânios deles foram reforçados — gritou para TenSoon enquanto sacava sua Sterrion.

O kandra passou por ele, ao mesmo tempo leve e poderoso. Wax quase podia ouvir os músculos se contraindo e se esticando sob a pele a cada movimento. Quando as primeiras criaturas entraram, TenSoon esmagou as laterais de suas cabeças, imobilizando-as contra a parede

com uma das mãos. Depois deu um passo para trás e levantou o pé para *estilhaçá-las* contra as rochas.

Os outros saltaram sobre TenSoon, derrubando-o e mordendo sua carne. Ele agarrou um, arrancando as patas traseiras e jogando-as longe. Wax atirou, mirando nos olhos.

— Eles foram criados para lutar contra você — rosnou TenSoon, no chão, onde lutava com uma das criaturas enquanto as outras rasgavam sua carne. — Fuja. Suas armas modernas são inúteis aqui, homem da lei!

Isso nós vamos ver, pensou Wax, soltando sua Sterrion e levando a mão ao coldre em sua coxa, onde pegou a escopeta de cano curto. Pegou um punhado de cartuchos e os jogou no chão com um som que parecia chuva. Então, entrou na briga, acertando a escopeta no rosto do primeiro monstro que foi até ele. A coisa se encolheu e uivou, mostrando fileiras de dentes desiguais.

Wax enfiou a arma em sua boca e atirou.

Pedaços da cabeça pintaram as paredes enquanto o resto do corpo tombava sobre as cestas, espalhando ossos no chão de rocha. A morte da criatura chamou a atenção das outras, que deixaram o ensanguentado TenSoon e atacaram Wax.

Em geral, Wax preferia pistolas. Esse tipo de arma era uma extensão da concentração de alguém, uma arma de precisão, como jogar uma moeda na época do Catacendro. A alma de um Lançamoedas, sua vontade manifestada.

A escopeta era diferente; não era uma extensão da concentração ou da vontade, mas se saía *muito bem* ao representar sua fúria.

Wax gritou, acertando a escopeta no rosto de um animal e *empurrando* o tambor, dando uma força incrível ao golpe. O impacto fez a criatura voar para o lado enquanto Wax girava, recarregava a arma e atirava na pata dianteira do monstro seguinte, arrancando-a da articulação e fazendo o animal bater de cara na pedra.

Ele saltou por cima do próximo que o atacou, *empurrando-se* numa bala caída para se erguer no ar. Deu um tiro com a escopeta nas costas da besta, aturdindo-a, e então multiplicou seu peso e aterrisou sobre ela, esmagando-a.

A coisa se remexia e se retorcia debaixo dele quando outra saltou em sua garganta. Ele deu um tiro na cabeça da criatura e *empurrou* a munição. Com seu peso ainda aumentado, drenando sua mente de metal num ritmo furioso, aquela bala não foi detida pelo crânio como as demais, estilhaçando o osso e espalhando cérebro por todo canto.

Wax desviou do cadáver que caiu ao lado dele e ergueu a escopeta,

acertando a cabeça da última besta que vinha até ele. A coisa deu um salto para trás, expondo a barriga.

Wax atirou três vezes, esvaziando a escopeta. A barriga era macia, como ele esperava. A coisa caiu no chão.

Wax se levantou, respirando com dificuldade, consumido pelo ritmo da luta. Ali perto, TenSoon virou de lado, os ferimentos nos braços e pernas começando a fechar. Ele matara outra das coisas, rasgando-a ao meio. Seus olhos estavam arregalados quando olhou para Wax. Seu rosto ensanguentado parecia tão pouco humano quanto o das criaturas com as quais tinha acabado de lutar.

TenSoon ficou em pé, observando o massacre. A lanterna ainda queimava calmamente, iluminando os ossos espalhados no chão e as massas que certa vez — horivelmente — foram humanas, mas que agora eram restos retorcidos. Wax se sentia enjoado. Ele chamara aquilo de “coisas”, mas tinham sido pessoas. TenSoon estava certo. O que a Sangradora fizera ali era até pior, de algum modo, do que seus assassinatos.

— Terei que perguntar a Harmonia se falhei com Ele hoje ao matar — comentou TenSoon. Sua voz tinha o mesmo rosnado grave de antes, quando habitava o corpo do cão.

— Por que ele se importaria? — perguntou Wax, ainda enjoado. — Ele me usa para matar o tempo todo.

— Você é a Ruína Dele — explicou TenSoon. — Eu sou Sua Preservação.

Wax ficou parado em silêncio no meio dos mortos e moribundos e abaixou a escopeta, tentando suprimir a sensação imediata de *indignação*. Isso era tudo o que ele era para Harmonia? Um matador? Um destruidor?

— Mesmo assim — prosseguiu TenSoon, abrindo caminho pela câmara e falando como se não percebesse o insulto que acabara de cometer —, acho que Harmonia não vai se importar com o que fiz. Essas pobres almas... — Ele se ajoelhou e cutucou um dos corpos que Wax matara.

TenSoon se levantou, exibindo um pequeno pedaço de metal prateado, talvez com o comprimento de um dedo. Tinha um tom vermelho ou era apenas sangue? Wax usou sua visão de aço e descobriu que, embora pudesse ver a estaca, a linha azul era mais embaçada do que deveria ser. Hemalurgia.

— Uma estaca — falou TenSoon, virando-se para Wax. — Mais uma, e Harmonia seria capaz de controlar esses animais. Como uma mudança dessas pode ser feita com uma única estaca? Este é um nível de Hemalurgia que está além do meu entendimento, homem da lei.

Wax balançou a cabeça, verificando as criaturas. Não para ver se ainda eram uma ameaça, mas para ter certeza de que não deixaria nenhuma delas ali para ter uma morte prolongada. Encontrou uma mulher ainda viva, paralisada pelo tiro nas costas. Ela o olhava com aqueles olhos que tinham formato humano, mas eram estranhos e escuros. Independentemente do que a Sangradora tivesse feito com aquelas pessoas, deveriam ao menos ter conservado seus olhos.

Wax colocou a arma contra o olho da mulher e atirou direto no cérebro. Então fechou os olhos e ofereceu... o quê? Uma prece para Harmonia? Harmonia não ajudara aquelas pessoas.

Eu fiz algo para ajudar... As palavras vieram como um sussurro do passado. Uma lembrança da última vez que Harmonia falara com ele. *Eu enviei você.*

Wax não tinha certeza de que isso bastaria dessa vez.

— Diga-me que vai enterrar essas pessoas — pediu Wax.

— Eu vou — disse TenSoon enquanto um uivo soava ao longe. — Há mais a caminho. Lutamos aqui ou fugimos?

— Pode nos tirar daqui? — perguntou Wax, recarregando a escopeta.

— Talvez. Não da maneira convencional, mas pode haver um jeito.

— Então vamos — falou Wax. — Esta é outra distração, TenSoon. Aquelas criaturas só vieram atrás de nós depois que deixamos a outra câmara.

TenSoon assentiu, soltando seu corpo no chão e absorvendo os ossos do cão mais uma vez. Em questão de segundos, assumiu a antiga forma novamente, exceto os pelos, que começaram a brotar na pele enquanto TenSoon seguia para a porta. Os pelos vinham em ondas, e o corpo do kandra os distribuía onde era necessário.

Wax pegou a lanterna, e eles saíram correndo, TenSoon indicando o caminho mais uma vez.

— Lá vai ele, rapazes! — gritou Wayne, apontando para a escuridão. — Eu vi aquele tira sujo escapar por ali. Vocês vão por lá, e eu vou pelo outro lado, e nós o cercamos, cercamos sim!

A pequena força de homens que o acompanhava, armada com ferramentas e vassouras, separou-se numa massa animada e barulhenta, cheia de raiva e desejo de vingança. Wayne os encorajou enquanto corria de costas na outra direção. Depois de um tempo, diminuiu o passo, por fim só, e balançou a cabeça. Não eram más pessoas, exceto pelo fato de que tinham a inteligência combinada de um tijolo.

Wayne girava o bastão de duelo entre os dedos enquanto seguia por uma viela que o deixou perto da mansão do governador. Não entraria pela frente — mais e mais pessoas zangadas se reuniam ali, e algumas podiam reconhecê-lo. Ele usava um gorro de jornaleiro, e seu outro chapéu fora escondido cuidadosamente num arbusto no caminho. Não tinha problema, já que gostava bastante do novo chapéu, mas sentia-se nu em outro aspecto: estava sem curvaliga. Completamente sem.

Isso não era bom. Nada mais de parar o tempo, a menos que Wax tivesse um frasco extra para ele. O camarada quase sempre levava um consigo.

Wayne deu a volta na mansão, com a intenção de alcançar a entrada dos fundos, por onde esperava que os guardas o deixassem entrar. Perdera tempo demais se livrando daquela multidão. A visão daquele pobre kandra derretendo na frente de todo mundo ainda o assombrava.

Ferrugem! Não sabia em que lado da briga estava, mas pelo menos não saía por aí derretendo pessoas para conseguir público. Além disso, imaginava que, por enquanto, era melhor escolher o lado que *não* tentava matá-lo.

Continuou caminhando e enfiou uma bola de chiclete na boca. Então, hesitou, as brumas rodopiando ao seu redor, a mansão assomando-se diante dele como se saísse dos planaltos das Terras Brutas, totalmente branca. E, por uma janela, ouviu uma voz que chegou até dele.

O sotaque estava errado. Um *pouco* errado, mas de um jeito profundo.

E, de repente, ele soube por quem a Sangradora estava se fazendo passar.

Os uivos estavam distantes de Wax, mas o assombravam ainda mais do que na primeira perseguição, pois agora sabia o que fazia aqueles sons. Se sobrevivesse a isso, teria que fazer algo por aquelas criaturas.

TenSoon o levou pelo âmago da Terra Natal até chegarem a uma parede cheia de rachaduras. Wax ergueu sua lanterna, inspecionando-as. O cão ao seu lado ainda tinha partes de pele em que faltavam pelos.

— E então? — perguntou Wax, analisando o beco sem saída.

— Temos observado este ponto — contou TenSoon. — Ele rachou há muito tempo, e as rachaduras parecem estar ficando mais largas ao longo dos anos. Se elas se abrirem, vão proporcionar outro caminho para a Terra Natal, e queremos estar cientes de cada um deles.

Wax passou os dedos pelas rachaduras na rocha. O ar passava por elas, trazendo um cheiro de algo mais... podre. Mais como a cidade que ele conhecia. Familiar e desagradável ao mesmo tempo.

Acessou sua mente de metal, aumentando seu peso, e jogou o ombro contra a parede. Era arriscado, pois sua força não aumentava, exceto na capacidade de mover os próprios membros e os músculos mais pesados. Isso lhe conferia certa habilidade, mas ele tinha que tentar forçar as coisas de modo que caísse contra elas tanto quanto as empurrava.

Por fim, conseguiu o equilíbrio correto, atravessando a rocha rachada e abrindo uma cratera. Conseguiu abrir caminho por uma fenda estreita, como um desfiladeiro muito estreito nas Terras Brutas. As paredes estavam escorregadias de água e eram irregulares, como grande parte daquele reino subterrâneo.

— E agora? — perguntou Wax.

— Agora escalamos, humano — respondeu TenSoon. Ele se derreteu mais uma vez, largando pelos e ossos no chão e tornando-se um grupo de músculos. Naquele estreito confinamento, isso era uma vantagem. TenSoon conseguiu empurrar as duas paredes e começar a deslizar pela fenda, enchendo buracos e passagens com sua massa e depois usando os músculos em si para se erguer. Uma bolsa parecida com um estômago se formara ao redor dos ossos do cão, e TenSoon a carregava consigo.

Era grotesco e, ao mesmo tempo, fascinante. Este era o estado natural de um kandra, uma coleção gosmenta de músculos que, de vez em quando, assumia uma forma humana.

É claro, pensou Wax, começando a escalar. O que eu sou além de uma pilha de sangue e carne que se levanta e anda por aí?

A subida era difícil, particularmente carregando a lanterna, embora diminuir seu peso ajudasse bastante. Depois de um tempo curto, ele ouviu as criaturas uivando e raspando a rocha lá embaixo. O coração de Wax se acelerou, mas os monstros não conseguiam escalar a subida. Continuou a escalar centímetro por centímetro até que, na urgência de encontrar um apoio para a mão, atrapalhou-se e derrubou a lanterna.

Ela bateu e ressoou contra as pedras antes de quebrar no chão lá embaixo. A luz se apagou.

Nesse instante, Wax percebeu que estava enterrado, segurando-se em rochas na escuridão. As paredes pareciam pressioná-lo, e monstros deformados uivavam lá embaixo e ansiavam por seu sangue. Ele arfou, subitamente em pânico.

Então, seus olhos se ajustaram, e uma suave luz azul revelou o

mundo para ele. Não estava preso. Havia uma saída acima. Podia ver pelas manchas de fungos azuis que cresciam nas paredes, dando um tom luminoso para tudo.

— Harmonia fez com que esses fungos se espalhassem por aqui — soou a voz de TenSoon lá em cima. — Ele queria ter certeza de que nenhuma pessoa ficaria presa na escuridão deste lugar novamente.

Wax se obrigou a continuar escalando. Sabia onde estava agora, por causa das histórias. Os buracos nas paredes que usava como apoios para as mãos tinha estado cheios de cristais, e, dentro deles, os geodos continham um pequeno pedaço do metal perdido. O lendário atium.

Ele estava escalando as Minas de Hathsin.

— Acalme-se, homem da lei — disse TenSoon. — Continue escalando.

Teria ele ouvido a respiração acelerada de Wax? Ele se acalmou e prosseguiu. Aquele lugar já não era uma prisão. Já não cortava e lacerava como fizera com os braços do Sobrevivente. Na verdade, a subida era fácil, com todos aqueles buracos. Os sons lá embaixo ficavam mais fracos.

Por fim, arrastou-se por uma fenda até um túnel feito por homens. Uma das vias de esgoto da cidade; a rachadura atrás dele era apenas uma abertura numa rocha e não dava pistas de sua origem antiga. Wax estremeceu, respirando os odores horríveis do esgoto, mas feliz por estar livre. TenSoon era uma massa em convulsão ali perto, assumindo a forma do cão novamente.

— Entendo os motivos pelos quais Paalm quer me manter distraído e incapaz de impedir meu povo de cair em sua armadilha — comentou TenSoon. — Mas o que aconteceu lá embaixo não era para mim, humano, mas para você. Do que ela está tentando distraí-lo?

Wax não respondeu, mas só podia pensar em um motivo. Assim que desse um jeito nos kandra, estaria pronta para os passos finais do seu plano. Ela precisava levar o povo da cidade a um frenesi maior, libertando-os, como achava que fazia, e criando uma multidão cheia de ira e ódio que destruiria Elendel.

O governador planejava discursar para o povo. A Sangradora ainda não conseguira matá-lo, e Wax achava que sabia por quê.

Porque, quando o matasse, ela queria espectadores.



TERCEIRA PARTE





As brumas pareciam arder na noite, como nuvens antes do alvorecer. Wax se deixou cair através delas, aterrissando com um baque na escadaria da mansão do governador, surpreendendo os guardas que estavam ali. Policiais, a julgar pelos uniformes, em vez da guarda particular do governador. Ótimo. Os guarda-costas estavam escasseando ultimamente.

Wax se levantou, virou-se e olhou a multidão que se reunia na frente da mansão. Policiais com rifles formavam uma barreira ansiosa entre o povo e o edifício. Ali perto, trabalhadores construíam um pequeno palco na escadaria. Aradel supervisionava, mas, pela expressão azeda que estampava seu rosto, estava bem desgostoso com o plano do governador.

Wax concordava. Discursar para a multidão seria cair bem nas mãos da Sangradora. Ele segurou o braço de um dos policiais.

— Presumo que não houve outra tentativa contra a vida do governador.

— Não, senhor — respondeu o policial. — Ele está em seu escritório, senhor.

Wax assentiu e entrou na mansão, seguido pelas brumas que se dissipavam atrás dele. Foi direto para os fundos da mansão, e, no corredor, Marasi o interceptou, segurando-o pelo braço.

— Sangue de koloss — disse ela, dando-lhe a senha para provar que não era a kandra.

— Verão da noite — respondeu Wax, autenticando-se também. — Precisam fazer algo a respeito dessa multidão, Marasi. Eles vão colocar a cidade abaixo.

— Estamos trabalhando nisso. Você viu Wayne?

— Não. Por quê?

— MeLaan disse que ele saiu para inspecionar os manifestantes. Faz mais de meia hora. Ninguém o viu desde então.

— Ele vai voltar — disse Wax. — Preciso conversar com o governador.

Marasi assentiu, mas o segurou pelo braço novamente quando ele tentou seguir em direção ao escritório.

— Wax — disse ela, baixinho —, ele é corrupto. Corrupto *de verdade*. Encontrei provas.

Wax suspirou profundamente.

— Vamos sobreviver a esta noite. Depois faremos algo a respeito.

— Penso o mesmo — comentou Marasi —, mas acho que a Sangradora quer nos colocar numa posição difícil... Talvez ela queira nos forçar a deixar o governador morrer.

— Isso não vai acontecer — garantiu Wax. — Nós o entregaremos à justiça, não à turba. Sabe algo de sua irmã?

— Não — respondeu Marasi. — Mas pretendo ver como ela está.

— Faça isso — pediu Wax. — Vou ver como está seu pai assim que falar com o governador. Não quero que nenhum dos dois apareça como um refém inesperado.

— Contanto que não seja eu dessa vez — disse Marasi, com uma careta. — MeLaan está usando o corpo da guarda. Está furiosa, pois o governador não deixa que ela e os outros entrem. Vou ver se consigo encontrar Wayne. Não me surpreenderei se ele estiver na primeira fila da multidão.

Ela soltou o braço dele e começou a se afastar.

— Marasi — chamou Wax.

— Hum?

— O uniforme — disse ele. — Fica bem em você. Não sei se já tive a oportunidade de mencionar isso.

Ela corou — *era* Marasi, afinal — antes de continuar.

Wax deu meia-volta e seguiu pelo corredor até a porta do escritório do governador. MeLaan estava ali com mais três guarda-costas.

— Ninguém pode entrar, homem da lei — falou um deles, com um tom de voz irritado. — Ele está escrevendo o discurso. Não vai querer...

Wax passou por eles e tentou abrir a porta, que estava trancada. Podia ouvir a voz de Innate lá dentro, ensaiando o discurso. Wax

aumentou seu peso e abriu a porta com Alomancia, estilhaçando o batente. Innate estava no meio da sala, segurando um bloco de papel e andando de um lado para outro enquanto discursava. Ele ficou imóvel, no meio do caminho, e se virou na direção de Wax. Então, ficou visivelmente mais relaxado.

— Você podia ter batido — sugeriu o governador.

— Você teria ignorado — respondeu Wax, entrando e fechando a porta. Não ficou completamente fechada, é claro, depois do que Wax fizera. — O que acha que está fazendo, Innate? Poderia ter sido morto aqui, em silêncio, sozinho, sem ninguém para ajudar.

— E o que eles teriam feito? — Innate quis saber, jogando o bloco de notas na mesa. Caminhou até Wax e disse, baixinho: — Sussurro do vento.

— Riacho bêbado — respondeu Wax, trocando as últimas senhas. Innate era ele mesmo. — Deixar seus guarda-costas lá fora foi tolice. Eles teriam lutado por você, protegido você. Já espantamos a Sangradora uma vez.

— Você a espantou — disse Innate, voltando para a mesa e pegando o bloco de notas. — O resto foi inútil. Até o pobre Drim. — Ele voltou a andar de um lado para outro, falando as frases de seu discurso e praticando a ênfase.

Wax ficou furioso, sentindo-se dispensado. Aquele era o homem que lutavam para proteger? Wax foi até a janela. Para sua surpresa, estava aberta, deixando que as brumas entrassem. Elas não duravam muito ali. Ele ouvira lendas de brumas que enchiam aposentos, mas isso raramente acontecia.

Apoiou-se na janela, olhando para a escuridão, ouvindo o discurso de Innate sem prestar completa atenção. Era inflamado e desprezível. Ele afirmava entender os problemas que as pessoas tinham, mas as chamava de camponesas.

Isso só deixaria tudo pior. *Ela quer isso*, pensou Wax. *Ela quer libertar Elendel de Harmonia, deixando a população da cidade furiosa.*

Ela sabia o que Innate diria. *Claro* que sabia. Ela os levaria até ali. Cada pista que Wax encontrara até agora fora cuidadosamente plantada para ele. Então, o que deveria fazer? Impedir o discurso de Innate? E se fosse isso que ela queria?

Ele tamborilou com o dedo no peitoril da janela. Toc. Toc.

Algo viscoso.

Ele olhou para baixo e pestanejou. Um pedaço de chiclete mastigado tinha sido colado ali. Wax levantou o dedo e, enquanto contemplava aquilo, alguma coisa começou a se encaixar. Algo que

não tinha percebido. A Sangradora tinha preparado tudo desde o início.

As suspeitas de Wax começaram porque ela deliberadamente o alertara ao usar o rosto de Bronze Sangrento. Aquilo fora parte consciente de sua trama, uma maneira de iniciar as festividades. Tudo seguia de acordo com a programação dela.

A Sangradora tinha tudo no lugar quando a noite certa chegou. Planejava isso havia muito tempo. Muito mais do que ele presumia.

Então, onde era o melhor local para se esconder?

Ferrugem!

Wax levou a mão até sua arma e se virou.

Viu-se de frente para o governador Innate, que apontava uma arma para ele.

— Maldição, Wax — falou o governador. — Só mais alguns minutos e tudo daria certo. Você vê longe demais. Sempre consegue ver um *pouco* longe demais.

Wax ficou paralisado, a mão na arma. Olhou o governador nos olhos e assobiou baixinho.

— Você conhecia a senha — sussurrou Wax. — Mas é claro que sim. Eu a dei para você. Quando você o matou? Há quanto tempo a cidade vem sendo governada por um impostor?

— Há tempo suficiente.

— O governador não era seu alvo. Você pensa em algo maior do que isso... Eu deveria ter visto. Mas Drim... ele estava na sala secreta quando você desceu até lá. Foi por isso que o matou? Não. Ele sabia que você não era o governador.

— Ele sabia o tempo todo — contou a Sangradora. — Ele era meu. Mas tive que matá-lo esta noite por sua causa, Wax. Você atirou em mim e...

— Você estava usando a roupa do governador por baixo do manto — deduziu Wax. — Ferrugem! Você se sujou de sangue. Então precisava de um motivo para o governador estar coberto de sangue, uma desculpa para tirar a camisa e estancar o ferimento.

Ela apontava a arma para ele, imóvel. A arma não era percebida por sua Alomancia. Alumínio. Ela estava preparada, claro. Mas parecia atormentada. Não queria matá-lo. Por algum motivo, nunca quis matá-lo.

Então, Wax gritou por socorro.

Era arriscado, mas nada jamais terminava bem quando se obedecia à pessoa que tinha uma arma apontada para você. Como ele

suspeitava, a kandra não atirou nele quando a porta se abriu. Wax sacou sua arma e atirou na Sangradora para distraí-la enquanto procurava no cinturão a última agulha que MeLaan lhe dera.

Os guardas apontaram as armas para Wax e começaram a atirar.

Idiota, pensou ele, jogando-se na direção da escrivania do governador para se proteger. Era claro que fariam aquilo.

— Esperem! — gritou ele. — O governador foi tomado. Não...

A Sangradora atirou nos guardas. Wax rolou para trás da escrivania, mas conseguiu ouvir quando gritaram em choque — seu próprio governador, pelo menos até onde sabiam, atirando neles. Wax se encolheu, praguejando. Aquelas mortes eram culpa dele.

— Acho que o restante dos policiais logo estará aqui — disse a Sangradora. — Eles ainda não estão livres. Nem você, apesar do tanto que tentei...

Wax espiou por sobre a mesa e se abaixou novamente quando ela apontou a arma em sua direção. O rosto do governador estava retorcido numa máscara de fúria e frustração.

— Por que não me deu um pouco mais de tempo? — quis saber ela. — Eu estava tão perto. Agora terei que matar você, afirmar que você era a kandra e culpá-lo por atirar nos meus guarda-costas. Ainda posso falar para a multidão, libertá-la...

Ainda assim, ela não o atacou. Ainda parecia irritada. Era melhor tirar vantagem disso.

— MeLaan, agora! — gritou Wax. Ele *empurrou* os pregos do chão, lançando-se no ar.

Um dos cadáveres aos pés da Sangradora a agarrou pelas pernas.

Wax *empurrou* a parede, saltando na direção da Sangradora. Ela grunhiu e bateu na mão dele quando ele aterrissou, fazendo-o soltar a agulha. Ferrugem e Ruína!, ela era *forte*. Ela chutou MeLaan para longe enquanto Wax mergulhava atrás da agulha caída.

A Sangradora se tornou um borrão. Bem quando ele tentava pegar a agulha, ela a apanhou e a enfiou no ombro de MeLaan. Tudo aconteceu em um piscar de olhos.

Então, ela parou de repente. Parecia impactada pela mudança de velocidade. Seu estoque de mentes de metal, por fim, acabara.

Wax sacou a arma e atirou, deitado no chão. As balas arrancaram a pele da Sangradora, mas nada além disso. Ali perto, a forma de MeLaan ficava distorcida, com o rosto caído e a pele transparente.

Wax esvaziou a arma na direção da Sangradora, cuja pele se regenerava dos ferimentos. Eles se encararam por um bom tempo

antes que o som de botas no corredor fizesse a Sangradora xingar e sair em disparada pela janela. Wax pegou a outra arma e foi até a janela, jogando-se no chão quando sons de tiros ecoaram lá fora.

Ele esperou por um instante antes de olhar para cima, mas não a viu nas brumas agitadas. Wax xingou, girando a articulação do ombro. O tiro que levara mais cedo estava sangrando novamente, e a dor voltara. Achava que tinha tomado analgésicos suficientes para impedir isso.

— Você está bem? — perguntou para MeLaan, que conseguira se sentar.

— Sim — respondeu ela, embora o som tenha sido distorcido pelo rosto derretido. — Eu os fiz colocarem isso em mim uma vez para testar. Ficarei bem em alguns minutos.

— Obrigado por me salvar — falou Wax, esquadrinhando o escritório ansiosamente em busca de compartimentos secretos, usando sua visão de aço. Linhas trêmulas saíam do armário. Seria tão sortudo assim? Ele correu até lá e abriu a porta.

Wayne, bem amarrado e amordaçado, tombou e atingiu o chão com um baque. Estava vivo, graças a Harmonia. Wax se ajoelhou, suspirando de alívio, e soltou a mordaca. Aparentemente, Wayne fora esfaqueado na perna e tinham tirado suas mentes de metal, para que não pudesse se curar, mas estava vivo.

— Wax! — exclamou Wayne. — É o governador! O maldito fala o mesmo “a” que MeLaan!

— Eu sei — respondeu Wax. — Você teve sorte. Ela provavelmente queria recolher suas habilidades de Nascido do Metal; caso contrário, teria matado você na hora. Por que não avisou ninguém?

— Eu ia fazer isso, mas precisava checar antes. Cheguei bem perto da janela, e ela me pegou. Bateu no alto da minha cabeça, arrancou minhas mentes de metal e me jogou por cima do ombro num piscar de olhos. Depois me arrastou para cá, tudo em silêncio. Você a pegou?

— Não — falou Wax, soltando as amarras de Wayne. — Ela fugiu. Tiros ecoaram lá fora.

— E você não foi atrás dela?

— Eu tinha que ver como você estava.

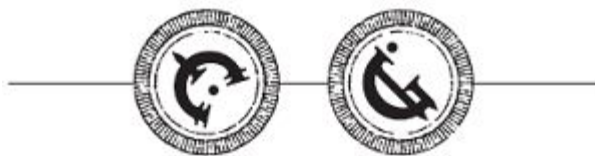
— Estou bem — garantiu Wayne. — Pare de me desamarrar e olhe no meu bolso.

Wax enfiou a mão no bolso de Wayne e pegou uma pequena bolsa de tecido.

— Ranette trouxe para você — disse Wayne.

Wax tirou um único cartucho de bala. Segurou-o diante dos olhos enquanto um grupo de policiais tensos, liderados por Marasi, enchia a sala.

Os recém-chegados pediram explicações. Wax deixou que interrogassem Wayne e saiu para as brumas mais uma vez.



Wax era uma bala na noite, saindo em disparada pelas brumas, perturbando-as com sua passagem. Ele se tornara o caçador em vez da caça, embora a transição tivesse levado tempo demais. Primeiro tinha se elevado para ter uma visão melhor da área. Uma multidão cada vez maior cercava a mansão do governador. Rugindo. Pedindo mudanças, ou talvez apenas sangue.

Será que derrotaria a Sangradora só para descobrir que ela vencera e que a cidade estava destruída?

Não podia se preocupar com isso naquele momento. Em vez disso, procurava sinais, pistas, uma história. Ninguém fugia, mesmo na noite, sem deixar um rastro. Talvez o rastro estivesse fraco demais para que Wax pudesse localizá-lo, mas existia mesmo assim.

Ali. Um grupo de pessoas se *afastava* da mansão em vez de se dirigir para ela. Wax aterrissou como uma tempestade, o casaco de bruma resplandecendo. Estavam no jardim da mansão, perto de um grande galpão de trabalhadores. Wax observou o padrão em que as pessoas se afastavam.

Os disparos que acabei de ouvir, pensou. *Não eram para atingir alguém, mas para abrir caminho na multidão.* A Sangradora estava sem sua velocidade feruquêmica e em fuga frenética, por isso disparara no ar para afastar as pessoas. Enquanto escutava, Wax distinguiu gritos confusos, algumas pessoas afirmando que a polícia abrisse fogo contra a multidão. Outros afirmavam ter visto o próprio governador em fuga, tentando escapar da mansão.

Wax carregou Vindicação com a única bala que Ranette mandara, colocando-a num compartimento especial que poderia rapidamente engatilhar quando desejasse. Então, abriu alguns centímetros da porta do galpão, agachando-se ao lado da entrada para não se tornar um

alvo. As brumas resplandeciam à luz das tochas, mas ela não penetrava dentro do galpão escuro. Wax vasculhou as sombras até que viu alguma coisa.

Um osso? Sim, enrolado num tecido. Notou uma gravata Ascot caída, uma camisa branca com botões na frente... Eram as roupas do governador. A Sangradora escondera outro corpo ali e fugira com ele. Quão rápida era para se transformar? MeLaan dissera que a Sangradora podia mudar sua aparência mais rápido do que ela, mas que ninguém era mais rápido que TenSoon.

Isso não queria dizer muita coisa. MeLaan levava vários minutos, mas TenSoon só levava alguns segundos.

Wax segurou Vindicação ao lado da cabeça e entrou pela porta. Se pudesse encontrar a Sangradora no meio da transformação...

— Ainda posso libertar você — sussurrou uma voz na escuridão lá dentro. — Talvez eu tenha perdido a cidade, mas não vim até aqui por causa dela. Não no início. Vim por sua causa.

— Por que eu? — perguntou Wax, procurando furiosamente no breu, a mão suada segurando Vindicação. — Maldição, criatura, *por que eu?*

— Eu o deixei surdo — sussurrou a Sangradora. — Cortei a língua dele, furei os olhos dele, mas ele ainda pode agir. Você é a mão dele, Waxillium Ladrian. Ele pode estar surdo, cego e mudo, mas, com você, ainda pode mover seus peões.

— Estou por conta própria, Sangradora — falou Wax, por fim localizando o que achou ser a silhueta dela, agachada no fundo do galpão empoeirado, ao lado de uma prateleira com pás. — Talvez eu sirva Harmonia, mas só porque desejo.

— Ah... — sussurrou ela. — Sabe, Wax, por quanto tempo ele o cultivou? Por quanto tempo ele o provocou, o guiou por onde desejava? Como ele enviou você para as Terras Brutas, para endurecê-lo e trazê-lo de volta assim que tivesse a idade certa, como um couro curtido...

Wax ergueu Vindicação, mas a lateral do galpão explodiu em pedaços, lançando lascas de madeira pelo gramado. Wax tentou mirar nela, mas não disparou, e a Sangradora correu. Ele tinha que ser muito cuidadoso com esse tiro. Ranette lhe mandara uma única bala, e só ela faria diferença nesta luta.

A Sangradora saiu em disparada pela noite e se lançou no ar. A parede quebrada era um indicativo, mas isso era uma confirmação. Sua mente de metal, já sem a velocidade que ela estocara, era inútil agora. Ela a deixara no chão, ao lado dos ossos do governador, e, em vez disso, tornara-se uma Lançamoedas.

Wax a seguiu, *empurrando-se* nos mesmos pregos e alçando voo. Podia ver por que ela escolhera se tornar uma Lançamoedas; empurrões de aço garantiam grande capacidade de manobra e velocidade, e logicamente lhe davam mais chances para fugir.

Havia um problema, porém.

O aço era a especialidade *dele*.

* * *

As pilhas de ossos no chão do pequeno galpão provavam que pelo menos uma pessoa tivera uma noite pior do que a de Wayne. Ele cutucou a pilha com o pé e fez uma careta de dor por causa do ferimento na perna. Era bem inconveniente, era sim. Teve que se apoiar na parede para não cair.

Ele olhou para Marasi.

— Não consigo decidir se o fato de o governador já estar morto significa que fizemos um péssimo trabalho ou um ótimo trabalho — comentou.

— Como pode ver isso como qualquer outra coisa *além* de terrível? — respondeu Marasi, ajoelhando-se ao lado do cadáver.

— Veja bem, não éramos encarregados de mantê-lo vivo quando ele morreu. — Wayne deu de ombros. — Acho que me sinto um pouco aliviado toda vez que encontro um cadáver e não é *minha* culpa que ele esteja morto.

MeLaan andou pelo galpão, ainda usando o corpo da guarda-costas, embora tivesse voltado a usar sua voz.

— Está ficando feio lá fora. Vamos ter que voltar para a mansão em breve.

Marasi continuou ajoelhada ao lado dos ossos, que eram iluminados pela lanterna de Wayne. Seus punhos ainda estavam esfolados pelo confinamento, e sua perna latejava com ferocidade. Kandra ferrada. Ela sabia exatamente como derrotá-lo: uma explosão rápida de velocidade, amarrar suas pernas, amordaçá-lo e roubar suas mentes de metal — embora não importasse quão rápido podia se curar se estivesse amarrado.

Claro que ela deveria ter checado se havia chiclete em sua mão antes de puxá-lo para dentro do escritório.

— O governador está morto — sussurrou Marasi.

— Sim — concordou Wayne. — Ter seu esqueleto removido tende a causar esse tipo de efeito num cara.

— O que isso quer dizer? — perguntou Marasi, olhando para o

buraco na parede do galpão, na direção em que Wax partira.

— Bem, quer dizer que ele não vai conseguir ir à aula de sapateado esta...

— Wayne?

— Sim?

— Cale a boca.

— Sim, senhora.

Marasi fechou os olhos, e Wayne se recostou na parede, olhando para a multidão lá fora. Estavam zangados, esperando que o governador fizesse seu discurso. O discurso que supostamente pararia tudo aquilo.

— A Sangradora planejava ultrajá-los — comentou MeLaan. — Ouvi parte do discurso dela. Talvez possamos dispersá-los.

— Não — falou Marasi, ficando em pé. — Podemos fazer melhor do que isso. — Ela se virou para MeLaan e, então, cutucou o crânio do governador com o pé. — Quanto tempo até você conseguir imitá-lo?

— Não digeri o cadáver dele... E não faça essa cara: não é minha culpa se vocês são comestíveis. Se isso ajuda, vocês têm um gosto horrível, mesmo quando estão devidamente envelhecidos. De qualquer modo, será difícil. TenSoon é muito bom em recriar um rosto, mas eu tenho menos prática.

Wayne não falou nada. Podia calar a boca. Claro que podia calar a boca quando necessário. Mesmo que as piadas praticamente *implorassem* para serem feitas.

— Nós podemos ajudá-la — disse Marasi para MeLaan. — Além disso, está escuro. Não precisamos enganar a mãe de Innate, só uma multidão de cidadãos zangados, e a maioria nunca viu o governador de perto.

MeLaan cruzou os braços, inspecionando os restos mortais.

— Tudo bem. Se acha que pode conseguir falar alguma coisa para aplacar a multidão, eu finjo ser o governador.

Wayne ainda estava quieto, rangendo os dentes. *Nenhuma piada sobre... Bem, sobre coisas óbvias.* Além disso, ele descobrira algo muito pior. Algo que *não* era motivo de risadas.

Marasi olhou para ele e franziu a testa.

— Wayne, qual é o problema?

Ele se sentou, balançando a cabeça.

— Wayne? — insistiu Marasi, levantando-se parecendo realmente preocupada. — Eu não quis brigar com você. É só que...

— Não me importo com o que você disse — respondeu Wayne.

— Então o que foi?

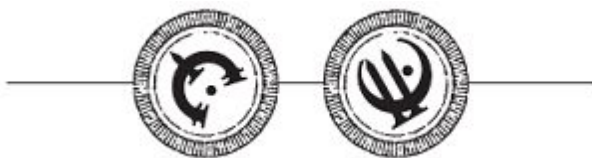
— Bem — disse ele, olhando para MeLaan —, sempre presumi... você sabe... que humanos tinham um gosto *maravilhoso*.

— Não — garantiu MeLaan.

— Você realmente abala minha autoestima — comentou Wayne. — Talvez eu seja diferente. Quer roer um pouco meu braço? Vai crescer de volta, ou pelo menos quando descobrirmos o que aquele monstro fez com minhas mentes de metal...

Marasi deu um suspiro alto.

— MeLaan, trabalhe com esses ossos. Preciso reescrever o discurso...



Era óbvio que a Sangradora praticara o uso alomântico do aço. Ela sabia como *empurrar* trincos e postes de iluminação para ajustar seu curso. Sabia como cair bem baixo antes de *empurrar* um automóvel estacionado para conseguir velocidade lateral em vez de simplesmente se *empurrar* mais alto. Era habilidosa.

Wax era mais do que habilidoso. Ele a seguia como uma sombra, nunca mais do que meio salto atrás dela. Notava um frenesi cada vez maior nos movimentos da kandra, queimando aço enquanto tentava se *empurrar* para além de seu alcance.

Primeiro, ele a deixou ir, tentando fazer com que ficasse sem aço. Percorreram a cidade como duas correntes de ar entre as brumas, saltando sobre ruas tomadas por pessoas revoltadas, passando por bairros de classe média cheios de portas e janelas fechadas e luzes apagadas e por sobre os jardins dos ricos — cujas forças de segurança estavam tensas nos portões, esperando que aquela noite infernal acabasse.

Wax confirmou para si mesmo, enquanto voavam, que o Atirador não fora um dos disfarces da Sangradora. Ela tinha usado uma das máscaras dele antes — e parecia fazer isso novamente, pelo olhar de relance que lhe deu quando passaram por um edifício em chamas na noite —, mas fizera isso para consterná-lo e confundi-lo. O Atirador procurava o interior dos prédios enquanto fugia, tentando armar uma emboscada. Ela preferia os espaços abertos, como se ficasse assustada dentro de um ambiente fechado. Nenhuma corrida até arranha-céus, nenhuma perseguição em cortiços apertados. Em vez disso, ela seguia para leste, em direção à liberdade do extremo da cidade.

Não haveria tanto metal lá, tornando mais difícil sua fuga, mas também tirando parte da vantagem dele. Wax não deixaria que isso acontecesse.

Quando a perseguição os levou por sobre um trem noturno, Wax redobrou seus esforços. Adiantou-se a um movimento da kandra, que usou o trem para seguir na direção do bairro industrial, e fez a curva antes, ganhando alguns segundos. Quando ela saltou sobre um edifício quadrado em chamas, por cima de manifestantes que passavam pela rua e jogaram pedras nela, Wax passou rapidamente entre o edifício e a construção ao lado numa curva perfeita. Atravessou a fumaça ardente e emergiu, com a arma em punho, quando ela desceu num arco mais gracioso.

Um palavrão escapou dos lábios da Sangradora quando ela o viu. A kandra se jogou na rua, usando cada poste pelo qual passava para *empurrar-se*, aumentando sua velocidade. Fez isso com destreza, mas Wax tinha uma vantagem. Ele diminuiu seu peso, enchendo sua mente de metal. Como sempre, embora a mudança algumas vezes fosse sutil, isso aumentava sua velocidade. Se diminuísse o peso enquanto estava em movimento, conseguia ganhar uma pequena explosão de velocidade. Não sabia o motivo.

Numa perseguição assim, pequenas vantagens se somavam. Cada curva bem-feita, cada arco cuidadoso, cada uso do aumento de velocidade em voo depois de aterrissar por um momento o deixavam mais perto dela. Quando estavam prestes a alcançar a fronteira da cidade, ela olhou para trás e descobriu que ele estava quase em seus calcanhares.

Ela deu um grito, uma exclamação feminina de surpresa. Jogou-se de lado, passando por sobre o rio, e conseguiu aterrissar na estrada da Ponte do Leste, segurando um dos cabos de suporte da construção.

Wax aterrissou graciosamente diante dela, com a arma em punho.

— Não pode fugir de mim, Sangradora. Deixe-me remover sua estaca e levá-la como prisioneira. Talvez os demais possam encontrar um jeito de, algum dia, curar sua loucura.

— E me tornar uma escrava novamente? — sussurrou ela atrás da máscara vermelha e branca. — Você colocaria algemas nas próprias mãos?

— Se eu tivesse feito as coisas horríveis que você fez, sim. Eu exigiria ser levado.

— E quanto ao deus que você serve? Quando Harmonia aceitará a punição *dele*? As pessoas que ele deixa morrer. As pessoas que ele *faz* morrer.

Wax levantou a arma, mas a Sangradora lançou-se para cima.

Ele a seguiu com sua arma, mas ela saltava para a frente e para trás entre os enormes cabos de suporte da ponte, subindo, e ele não atirou. Em vez disso, ergueu-se com um *empurrão*, agitando o casaco e

elevando-se até chegar ao topo de uma das torres de suspensão da ponte. A Sangradora o aguardava ali, no alto do pináculo, vestida com uma camisa vermelha e calça, cercada por uma capa solta que se mexia ao seu redor.

Wax aterrisou e mirou a arma.

A Sangradora tirou a máscara.

Usava o rosto de Lessie.

* * *

Marasi não contara para os outros policiais, nem mesmo para Aradel, a verdade sobre Innate. O que poderia dizer? “Me desculpem, mas o homem que estávamos protegendo era, na verdade, a assassina”? “Ah, a cidade vem sendo *governada* por uma kandra insana ninguém sabe há quanto tempo”? Faria um relatório em breve, assim que soubesse como explicar, mas por enquanto não tinha tempo. Precisava salvar a cidade.

Sentiu uma pontada de culpa quando o capitão Aradel passou por ela, perto do frágil palco construído na frente da escadaria. O lorde alto comissário parecia visivelmente mal enquanto caminhava. A situação em que ela o colocara ao sugerir que o governador era corrupto perturbava-o profundamente.

Ali perto, MeLaan subiu no palco e se dirigiu à multidão. Embora a kandra criticasse seus próprios defeitos, Marasi achou que sua imitação do governador era excelente.

A multidão ficou em silêncio. Marasi franziu a testa. Os homens de Aradel induziram aquilo de alguma forma? Não... Os policiais estavam parados numa linha apertada entre a multidão e a mansão, mas não estavam fazendo nada para reprimir os manifestantes.

Que estranho. Embora algumas pessoas estivessem zombando, a maioria estava em silêncio —, observando através das brumas, que pareciam menos espessas do que antes, agora que as luzes tinham sido acesas na praça diante da mansão. A multidão até então amotinada realmente queria ouvir o que o governador tinha para dizer. Bem, por que *não* ia querer?

Marasi sentia o ambiente de curiosidade hostil. Ela também se sentia calma. O discurso de MeLaan daria certo. Tudo estava bem. Por que estava tão preocupada antes? Era...

Ferrugem! Ela estava sendo *abrandada*.

Marasi ficou alerta, tensa de repente. Conhecía as multidões. Estudara a dinâmica das massas. Era sua especialidade, e podia dizer com facilidade que tinha algo errado ali. Mas quem era o Abrandador?

Por quê? Como?

O Sr. Elegante, pensou ela. Waxillium lhe dissera que o Grupo estava envolvido. O tio dele tinha acesso a alomânticos, e uma inclinação para ver os planos da Sangradora darem frutos. Não importava o que Marasi escrevera para MeLaan dizer; quando os homens do Sr. Elegante descobrissem que “o governador” estava saindo do roteiro, levariam a multidão ao frenesi.

Agitada, Marasi não ouviu o início do discurso de MeLaan. Conseguiria chegar até Aradel? Não, ele estava parado no maldito palco, perto de MeLaan. Wayne, mantendo uma cara de coragem apesar do ferimento, estava próximo aos dois, pronto para ajudar se algo desse errado.

Marasi se moveu rápida e silenciosamente para não alertar o Grupo. Viu Reddi parado no último degrau, observando a multidão, de braços cruzados. Marasi se aproximou e segurou seu braço.

— Reddi — chamou. — Tem um Abrandador em algum lugar da multidão.

— O quê? — perguntou ele, sem prestar atenção, mas olhando para ela. — Hum?

— Um Abrandador — repetiu Marasi. — Amortecendo nossas emoções. Provavelmente há um Tumultuador por aí também, esperando para levar a multidão à loucura assim que ouvirem o discurso.

— Não seja boba — falou Reddi, com um bocejo. — Está tudo bem, tenente.

— Reddi — disse ela, apertando o braço dele. — Como se sente?

— Bem.

— Não está irritado comigo? — perguntou ela. — Não está zangado por eu ter conseguido o posto que você queria? Não está com nem um pouco de inveja?

Ele olhou para ela e inclinou a cabeça. Então, assobiou baixinho.

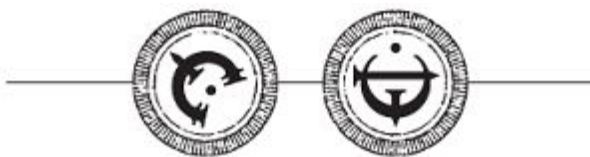
— Maldição, você está certa. Em geral, eu odeio você, mas tudo o que sinto agora é um leve desgosto. Alguém está brincando com minhas emoções. — Ele hesitou. — Ah, sem ofensa.

— Não posso me ofender — respondeu Marasi. — No momento, tenho dificuldade em sentir qualquer emoção forte ou senso de urgência. Mas, Reddi, *temos* que impedi-los.

— Reunirei um esquadrão — disse ele. — Mas como vamos encontrá-los? Eles podem estar em qualquer lugar.

— Não — disse Marasi, esquadrinhando a multidão. Seus olhos

encontraram uma carruagem estacionada discretamente numa viela do outro lado da praça do governador. — Não podem estar em qualquer lugar. Eles não vão querer se misturar às massas que estão planejando transformar numa turba assassina. É perigoso demais. Venha comigo.



Ao ver o rosto de Lessie, Wax soltou um grunhido gutural, primitivo. O som de um homem atingido no estômago por um soco bem dado. Ele ainda apontava a arma para a Sangradora, mas sua mão vacilava e sua vista se nublava.

Não é ela. Não é ela.

— Novamente com as armas — disse a Sangradora, com suavidade. Ferrugem! Era a voz de Lessie. — Você confia demais nelas, Wax. Você é um Lançamoedas. Quantas vezes tenho que dizer isso para você?

— Você desenterrou o cadáver dela? — perguntou Wax, num tom suplicante. Estava tendo dificuldade para enxergar com clareza. — Sua monstra. Você *desenterrou o cadáver dela*?

— Eu gostaria de não ter sido forçada a fazer isso — confessou Les... *Sangradora*. — Mas emoções fortes nos libertam dele, Wax. É o único jeito.

Ela olhava a arma com desprezo. Claro, era uma kandra. Ele tinha que se obrigar a se lembrar disso. Uma arma não significava nada para ela.

Lessie... Quantas vezes ele sonhara em ouvir aquela voz novamente? Havia chorado, desejando dizer uma última vez que a amava. Querendo explicar o buraco aberto, como o ferimento de um tiro de escopeta, que a morte dela deixara nele.

Pedir desculpas.

Harmonia. Não posso atirar nela de novo.

No fim, a Sangradora se adiantara a ele.

— Fiquei preocupada ao usar o corpo de Bronze — disse Lessie, avançando em sua direção. — Preocupada que você pudesse descobrir

quem eu realmente era.

— Você *não* é Lessie.

Ela sorriu.

— Sim, suponho que seja verdade. Nunca fui Lessie. Sempre Paalm, a kandra. Mas eu *queria* ser Lessie. Isso conta para alguma coisa?

Ferrugem!... Ela tinha exatamente a mesma expressão corporal de Lessie. MeLaan tinha dito que ela era boa, mas isso era tão real, tão *crível*. Ele se pegou abaixando a arma, desejando. Desejando...

Harmonia?, implorou.

Mas não estava usando seu brinco.

Marasi e Reddi deram uma volta, avançando cerca de um quarteirão antes de voltarem por trás da carruagem suspeita. Não tinham conseguido reunir uma força tão grande quanto ela queria — não só se preocupavam que o Abrandador percebesse a movimentação como Reddi temia deixar poucas pessoas para vigiar a multidão.

O discurso de MeLaan saía pelos projetores de voz, audível até na parte mais distante da viela, onde Marasi e sua equipe de onze homens estavam reunidos. Quanto tempo tinham até que o Grupo percebesse o que acontecia? Provavelmente, não muito. Marasi tinha conservado a parte inicial do discurso, para não parecer *tão* diferente do que Innate diria, mas logo a fala tomaria outro rumo.

Reddi tirou o capacete de policial — o de Marasi pressionava seu cabelo, criando um peso incômodo — e assentiu para o restante dos policiais na escuridão. Sem o capacete forrado de alumínio, ele podia sentir o toque do Abrandador, mais poderoso ali do que enquanto estavam perto da multidão. A carruagem era realmente a fonte daquilo.

Ele colocou o capacete novamente. A delegacia tinha só uma dúzia desses, todos doados por Waxillium. Reddi tinha patente apenas alta o suficiente para requisitar a força-tarefa que os utilizava. Ele prendeu o capacete e levou a mão à lateral do corpo, pegando um bastão de duelo grosso como um porrete comprido com uma saliência na ponta. Os outros fizeram o mesmo. Não haveria tiroteio tão perto de uma multidão de civis.

— Vamos agir rápido e em silêncio — sussurrou Reddi para a equipe. — Espero, por Harmonia, que não tenham um Lançamoedas entre eles. Fiquem com os capacetes. Não quero que o Abrandador controle vocês.

Marasi ergueu uma sobrancelha. Abrandadores não controlavam pessoas, embora muitos fizessem essa confusão. Não ajudava que as

“Palavras de Fundação” falassem vagamente de kandra e koloss sendo controlados pela Alomancia, mas Marasi sabia que isso só era possível para quem tivesse estacas hemalúrgicas.

— Colms — chamou Reddi, ainda falando baixo. — Fique na retaguarda. Você não é agente de campo. Não quero que se machuque ou, pior ainda, que estrague tudo.

— Como quiser — respondeu ela.

Reddi contou baixinho. Quando chegou a dez, o grupo todo entrou na viela cheia de brumas. Marasi ficou perto da entrada, caminhando com as mãos apertadas atrás das costas. Quase imediatamente depois que entraram na viela, os policiais pararam. Uma força de homens em roupas escuras apareceu na outra extremidade, bloqueando o acesso à pequena carruagem.

O coração de Marasi disparou enquanto os dois grupos se encaravam. Pelo menos, isso provava que estava certa sobre a carruagem. Alguns dos recém-chegados portavam armas, mas uma palavra dita por um dos homens de roupas escuras fez com que fossem guardadas.

Eles não querem desviar a atenção da multidão, pensou Marasi. Ainda acham que a fala do governador se encaixa em seus planos.

Manter a luta discreta seria bom para ambos os lados. Os dois grupos ficaram esperando, tensos, até que Reddi acenou com o bastão de duelo.

As duas forças se chocaram.

A Sangradora se aproximou de Wax nas brumas. No alto daquela torre sobre a ponte, nada mais parecia existir. Era como se estivessem numa pequena ilha de aço que se erguia do mar. Cinza por todos os lados, a escuridão estendendo-se na vastidão acima deles.

— Talvez eu devesse ter ido até você — disse a voz de Lessie. — E feito com que me ajudasse em meu plano. Mas ele estava observando. Ele está *sempre* observando. Estou feliz que tenha tirado o brinco. Pelo menos minhas últimas palavras significaram alguma coisa para você.

— Pare — sussurrou Wax. — Por favor.

— Parar o quê? — perguntou Lessie, a poucos centímetros dele. — Parar de andar? Parar de falar? Parar de amar você? Minha vida teria sido bem mais fácil se eu fosse capaz de fazer isso.

Wax a segurou com a mão aberta, agarrando-a pelo pescoço, o polegar em seu queixo. A kandra o encarou, e ele viu pena nos olhos dela.

— Talvez o motivo pelo qual não fui até você não tenha conexão

alguma com Harmonia — comentou ela. — Eu sabia que isso machucaria você. Sinto muito.

Não, pensou Wax.

— Terei que fazer algo com você — disse ela. — Mantê-lo em segurança de algum modo, mas fora do caminho. Talvez eu tenha que machucar você, Wax. Para seu próprio bem.

Não, isso não é real.

— Ainda não sei o que fazer com Wayne — prosseguiu ela. — Não consegui matá-lo, pobre idiota. Ele o seguiu até aqui para ajudar você na cidade. Por isso, eu o amo. Mas ele ainda é de Harmonia, então provavelmente estará melhor morto do que do jeito como está agora.

NÃO!

Wax a empurrou para trás, levantando Vindicação novamente. A arma, no entanto, saltou de seus dedos, *empurrada* pela Sangradora, e despencou nas brumas.

Wax rosnou, jogando o peso de seu ombro na Sangradora e tentando jogá-la da torre. Ela o agarrou quando ele a acertou, desequilibrando os dois.

Enquanto caíam juntos, ela pegou a arma de alumínio e deu um tiro na perna dele.

O grito de Wax ressoou enquanto despencavam da torre através das brumas. Um *empurrão* frenético na ponte diminuiu a velocidade de Wax, mas, quando aterrisou, sua perna cedeu e ele soltou um berro, caindo sobre um joelho.

A arma. Encontre a arma.

Tinha caído por ali. Ferrugem! Ainda funcionaria depois de despencar de uma altura daquelas? Ele não a ouvira cair na ponte. Queria dizer que tinha afundado na água?

A Sangradora aterrisou ali perto. Virou-se para ele, iluminada agora pelas luzes elétricas resplandecentes que ladeavam toda a estrada sobre a ponte. Não havia carruagens ou automóveis ali, e, atrás dela, uma luz mais intensa pairava sobre a cidade. Uma luz vermelha e violenta, que parecia queimar as brumas.

Ao olhar para a cidade, ele viu escuridão e paz. Mas, por dentro, Elendel ardia.

Marasi se mantinha à margem do campo de batalha.

Era verdade que era um campo de batalha bem *pequeno*, mas a ferocidade do conflito a deixou aturdida. Sentia que podia, pela primeira vez, imaginar como teria sido viver durante a Guerra de Cinzas, tanto tempo atrás.

Mas certamente as guerras, naquela época, eram mais pensadas, mais deliberadas. Não aquela mistura confusa de figuras batendo umas nas outras, quebrando ossos, xingando, pisando em pessoas caídas. Ver aquilo a deixava enjoada, ansiosa. Aqueles homens eram seus colegas, lutando freneticamente para abrir caminho entre os capangas do Grupo. Durante toda a noite, tinham sido obrigados a ficar parados, vendo a cidade se decompor ao seu redor, a situação ficando pior e pior enquanto se sentiam impotentes.

Isso era algo pelo que podiam lutar, então eles lutavam, rachando cabeças, empurrando inimigos, grunhindo naquela viela suja e escura, num esforço para chegar até a carruagem. Felizmente, as tropas do Grupo que estavam ali não pareciam incluir Lançamoedas ou Braços de Peltre.

Mesmo assim, os homens dela estavam em desvantagem e, apesar de toda a determinação, não estavam fazendo muitos avanços. Fora da viela, a multidão ficava cada vez mais inquieta. O discurso da kandra já havia chegado à parte que Marasi escrevera, palavras que prometiam reforma social e leis para reduzir as jornadas de trabalho e melhorar as condições nas fábricas. Infelizmente, o que Marasi era capaz de ouvir da voz que ecoava trazia uma sensação de desespero. Soava falso, não autêntico.

Isso não era culpa de MeLaan. Ela dissera que não havia tempo para preparar sua imitação adequadamente, e, antes de mais nada, que aquilo não era sua especialidade. Ferrugem! A multidão começou a gritar e a amaldiçoar as mentiras do governador. A voz de MeLaan falhou. Seria o Tumultuador, levando a multidão ao frenesi? Ou as pessoas estavam tão zangadas que estavam vencendo o poder da Alomancia?

De qualquer forma, Marasi não podia deixar de se desesperar enquanto seus homens lutavam e caíam e a multidão estava à beira de um motim. Seguiu pela lateral da viela, esperando que pudesse fazer alguma coisa se alcançasse a carruagem. Infelizmente, a viela era estreita demais, e os combatentes tomavam todo o espaço. Metade de seus homens já estava caída. Os policiais que ainda lutavam pareciam espectros que se moviam e ondulavam nas brumas. Sombras tentando consumir sombras.

Ninguém pareceu prestar muita atenção nela. Isso era comum. Durante a maior parte de sua vida, seu pai desejava que ela desaparecesse. Os membros da alta sociedade eram muito bons em fingir que ela não existia. Até Waxillium parecia se esquecer de sua presença algumas vezes.

Bem, que assim fosse. Marasi inspirou profundamente e caminhou direto para a luta. Quando se aproximou de dois homens que lutavam,

lançou-se na direção deles, como se tentasse fazer alguma coisa para ajudar, e então se jogou de lado, como se tivesse sido atingida. Uma boa interpretação, em sua opinião.

Ela ouviu Reddi gritar seu nome em algum lugar, mas ninguém veio resgatá-la. Todos continuavam tentando matar uns aos outros, então Marasi se arrastou pelo chão, engatinhando nas sombras até se aproximar da carruagem.

Dois guardas estavam parados ali. Droga. Precisava passar por eles. Como?

Ela olhou por cima do ombro para a luta, que tinha avançado pela viela quando os policiais foram obrigados a recuar diante dos números superiores. Era provável que já estivessem longe o bastante para que Marasi pudesse tentar algo realmente desesperado.

Usar sua Alomancia.

Por um breve instante, criou uma bolha de velocidade que envolveu apenas ela e os dois guardas. Depois, desfez a bolha. Só segundos tinham se passado do lado de fora.

Mesmo assim, era desconcertante. As brumas pareciam se aglomerar com súbita rapidez em volta deles, e os combatentes se moviam acelerados. Os dois guardas saltaram de susto, olhando ao redor. Marasi fez sua melhor interpretação de cadáver.

Então, ela usou sua Alomancia novamente.

— Ruína! — disse um dos guardas. — Você viu aquilo?

— Tem Nascidos do Metal entre eles — disse o outro. Ambos pareciam muito nervosos.

Marasi lhes deu outro instante de tempo distorcido. Os dois guardas começaram uma discussão cochichada, frenética; depois, bateram na porta da carruagem e falaram com alguém pela janela. Marasi esperou, suando, os nervos à flor da pele. Seus homens não tinham muito tempo...

Os dois guardas saíram correndo pela viela, deixando a carruagem e levando ordens para os outros combatentes tomarem cuidado com Nascidos do Metal. Marasi ficou em pé, esgueirou-se pelo outro lado da carruagem, que não tinha motorista, abriu a porta e entrou, sentando-se.

Uma mulher gorducha estava sentada lá dentro, usando um vestido luxuoso com três camadas de seda. O homem ao lado dela estava sentado com uma das mãos no pulso dela, os olhos fechados, usando um terno muito elegante e moderno. A arma que Marasi apontou para eles, por outro lado, era bem tradicional. E bem funcional.

A mulher pestanejou, interrompendo sua concentração para olhar

Marasi, horrorizada. Cutucou o homem, que abriu os olhos, sobressaltado. Uma Abrandadora e um Tumultuador, Marasi diria.

— Tenho uma teoria de que uma dama nunca deve recorrer a algo tão bárbaro como a violência para alcançar seus objetivos. Você concorda? — disse Marasi para eles.

Os dois assentiram rapidamente.

— Sim, de fato — prosseguiu Marasi. — Em vez disso, uma dama deve usar a *ameaça* de violência. É muito mais civilizado. — Ela inclinou a arma. — Façam com que aqueles cabeças de peltre parem de bater nos meus amigos. E então conversaremos sobre o que fazer com esta multidão...

— Pare, Wax! — gritou a Sangradora. — Pare de obedecê-lo!

Ali. Vindicação! Ele encontrou a arma perto da Sangradora, caída numa sarjeta na beira da estrada.

Wax saltou até ela, rolando dolorosamente sobre o braço ferido e usando um *empurrão* para se lançar para a frente. A Sangradora apontou a arma para ele, mas não atirou. Talvez, bem no fundo, uma parte da criatura adotasse os sentimentos da pessoa cujo corpo usava. Talvez não pudesse mais notar a diferença entre sua mente e seu rosto.

Wax apanhou Vindicação.

— Por favor — sussurrou a Sangradora. — Escute.

— Você está errada sobre mim — disse Wax, engatilhando a arma, sentindo o gatilho, esperando que a arma ainda funcionasse. Olhou para a Sangradora e mirou.

Ao olhá-la nos olhos, viu Lessie. Seu estômago se contraiu novamente.

— Como estou errada? — perguntou a kandra.

Ferrugem!, ela estava chorando.

— Não sou a mão de Harmonia — sussurrou Wax. — Sou Sua espada.

E atirou.

A Sangradora não se esquivou. Por que faria isso? Balas mal a incomodavam. O tiro a acertou bem na testa. Embora sua cabeça tivesse sido jogada para trás com o impacto, ela não caiu e pouco se moveu.

Ela o encarou enquanto uma gotinha de sangue corria pelo nariz até os lábios. Então, seus olhos se arregalaram.

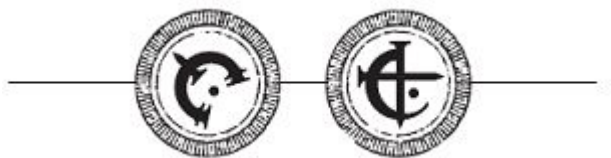
A arma dela caiu dos dedos trêmulos.

Somos mais fracos do que outras criaturas hemalúrgicas, MeLaan

dissera. Wax lutou para ficar em pé, usando o parapeito da ponte como apoio. *Só duas estacas, e já nos submetemos.*

— Não! — gritou a Sangradora, caindo de joelhos. — *Não!*

Uma estaca permitia que ela fosse sábia. E uma segunda, enfiada em seu crânio na forma de uma bala forjada a partir do brinco de Wax, permitia que Harmonia assumisse o controle sobre ela novamente.



Marasi arrastava a Abrandadora atrás de si, segurando a mulher pelo colarinho com uma das mãos, trazendo a arma na outra. Eram acompanhadas por um maltratado Reddi, que olhava a multidão crescente com desgosto. Tinham deixado os outros presos com o restante dos policiais, e ela rezava para Harmonia para que aquilo não fosse abusar da sorte.

— Detenha-os — silvou Marasi para a mulher quando chegaram perto da multidão que jogava coisas no palco. A pobre MeLaan continuava firme em seu discurso, ficando cada vez mais irritada porque ninguém a escutava.

— Estou tentando! — reclamou a Abrandadora. — Talvez fosse mais fácil se você não estivesse me *enforcando*!

— Apenas *abrande*! — falou Reddi, levantando seu bastão de duelo.

— Não posso controlar a mente deles, seu tolo! — respondeu ela. — E me espancar não vai adiantar de nada. Quando vou poder falar com meu advogado? Não quebrei nenhuma lei. Estava simplesmente assistindo aos acontecimentos com interesse.

Marasi ignorou a resposta raivosa de Reddi, concentrando-se na multidão. MeLaan estava diante do povo, iluminada por trás por luzes elétricas, mas também pelas fogueiras que as pessoas haviam feito. A raiva da multidão, um fogo antigo, contra a esterilidade fria do novo mundo.

— Vocês deveriam ser gratos! — gritou MeLaan para a multidão. — Eu vim falar com vocês pessoalmente!

Palavras erradas, pensou Marasi. A irritação a fazia se desviar do roteiro.

— Eu estou ouvindo! — berrou MeLaan em meio ao barulho do

povo. — Mas vocês também precisam ouvir, seus bandidos!

Ela fala como Innate. Demais, talvez? MeLaan estava desempenhando um *papel*. Ela era o governador, papel que Marasi lhe dera. Parecia que a kandra estava deixando que a forma ditasse suas reações. Ferrugem!... Não que estivesse fazendo um mau trabalho. Estava fazendo um bom trabalho, sendo Innate. Infelizmente, Innate sempre tivera dificuldade em se conectar com as multidões.

— Tudo bem — falou MeLaan, acenando com a mão. — Queimem a cidade! Vamos ver como vão se sentir de manhã, quando não tiverem casas onde morar.

Marasi fechou os olhos e gemeu. Ferrugem!, estava cansada. Que horas seriam agora?

A multidão começava a ficar mais violenta. Estava na hora de pegar MeLaan e Wayne e partir. A tentativa deles fracassara. Era muito arriscada, desde o princípio, talvez impossível. A multidão viera atrás de sangue. E...

As pessoas gritaram mais insultos. Marasi franziu a testa e abriu os olhos. Estava parada no extremo sul da aglomeração de pessoas, perto de uma das fogueiras, perto o bastante para distinguir o comissário-geral Aradel, que deu alguns passos e parou do lado de MeLaan. Provavelmente, ele ia escotar “o governador” em segurança.

Em vez disso, Aradel pegou sua pistola e a *apontou para o governador*.

Marasi ficou sem ar por um momento. Então, virou-se para a Abrandadora.

— *Abrande-os!* — ordenou. — Agora. Com tudo o que tem. Faça isso, e eu lhe darei imunidade pelo que fez esta noite.

A mulher olhou para Marasi, mostrando uma astúcia que contradizia seu choramingo até agora. Parecia pesar a oferta.

— Eu prometo — garantiu Marasi. — Pela lança do Sobrevivente.

A mulher assentiu, e uma onda atravessou a multidão, causando um súbito silêncio. Não calou o povo completamente, mas, quando Aradel falou, sua voz foi ouvida.

— Replar Innate, em nome do povo desta cidade, e com a autoridade do meu posto de lorde alto-comissário, prendo você por corrupção em grande escala, exploração dos recursos da cidade em benefício próprio e perjúrio de seus juramentos como funcionário civil.

A multidão se calou completamente.

— Que idiotice... — começou MeLaan.

— Homens, virem-se — comandou Aradel. Olhou para seus policiais. — *Virem-se.*

A fraca linha de soldados se virou, relutante, para encará-lo, dando as costas para a multidão.

— O que ele está *fazendo*? — perguntou Reddi.

— Algo brilhante — respondeu Marasi.

Aradel olhou para a multidão, ainda apontando a arma para o governador.

— Esta noite, o próprio governador declarou estado de lei marcial. Isso coloca os policiais no comando, com ele à frente. Infelizmente, parece que o governador é um desgraçado mentiroso.

Algumas das pessoas começaram a dar gritos hesitantes de concordância.

— Ele não está mais no comando — prosseguiu Aradel. — Até onde entendo, *vocês* estão no comando. Então, se desejarem, os policiais estarão ao lado de vocês esta noite. Agora, sei que vocês vieram aqui para começar um motim. Escutem! Parem de gritar! Não vou permitir tumultos ou saques. Se começarem a queimar a cidade, lutarei contra vocês até meu último sopro de vida. Estão me ouvindo? *Não somos uma turba.*

— Então o que somos? — gritou alguém, seguido por vários outros.

— Somos o povo de Elendel e estamos cansados de sermos liderados por um bando de ratos! — gritou Aradel. — Tenho provas de que pelo menos sete lordes de casas nobres são corruptos. Pretendo levá-los presos. Esta noite. — Aradel hesitou e, então, falou mais alto, sua voz sendo levada e amplificada pelos cones colocados na frente do palco. — Eu poderia levar um exército para me ajudar, se estiverem dispostos.

Entre os urros de apoio da multidão, Aradel empurrou MeLaan para as mãos de dois cabos que esperavam ali perto. Eles pareciam completamente aturdidos. Na verdade, o próprio Aradel parecia um pouco aturdido pelo que acabara de fazer.

— Pura Preservação — falou Reddi, baixinho, olhando para a multidão animada. — Eles vão se transformar num bando de linchamento.

— Não — falou Marasi. — Não vão.

— Como pode ter certeza?

— Porque é mais fácil canalizar um rio do que detê-lo, Reddi — explicou Marasi.

Aquilo podia dar certo. Não tinha muita esperança de que

conseguiriam manter encarcerados os lordes e as ladies das casas nobres que Aradel pretendia prender, mas o governador... Com aquelas cartas e MeLaan desempenhando o papel... Sim, poderia *dar certo*.

Marasi soltou a Abrandadora.

— Está livre. Dê o fora daqui. E diga ao Sr. Elegante que pode ser bom para ele tirar longas férias durante os acontecimentos que estão por vir.

Wax cruzou a ponte mancando. A vida o ensinara a nunca subestimar um inimigo que acreditava ter derrotado. Com uma das mãos na perna ensanguentada, ele manteve a arma apontada para a figura que se retorcia até conseguir chutar a arma dela para longe. Então, apoiou-se no joelho bom e rolou-a de lado, para ter certeza de que não estava escondendo outra arma.

Ele encontrou lágrimas escorrendo dos olhos dela, misturadas com o fio de sangue que escorria do ferimento de bala.

— Ele está na minha cabeça de novo, Wax — sussurrou ela, tremendo. — Ah, *Ruína*, ele está na minha cabeça. Está me levando. Não quero voltar para ele.

— Quieta — disse Wax, puxando uma segunda arma que a kandra trazia na lateral do corpo e jogando-a longe. — Está tudo bem.

— Não — gemeu ela, agarrando o braço dele. — Não, não está. Não serei dele de novo! *Serei eu mesma* no fim!

Os tremores da Sangradora aumentaram e seu corpo se contraía enquanto segurava o braço dele. Ele franziu a testa, mantendo a cabeça dela inclinada para a frente, encarando seus olhos, que choravam e tremiam. Destroçada.

— O que está fazendo? — exigiu saber Wax.

— Morrendo. Nós decidimos! Não voltaremos a cair. Descobrimos um jeito de escapar. — Ela não podia mais olhá-lo e deixou a cabeça cair para trás, tendo espasmos. Os olhos se dilataram rapidamente e a pele tremia contra os ossos.

Wax assistia àquilo horrorizado. Segurou seu braço. Sem pulsação. Ela *estava* morrendo. Matando a si mesma.

Ele poderia impedir aquilo?

Por que se importar? Ela era uma assassina que deixara muitas vítimas. Era um final apropriado. Na verdade, ele a compreendia. Que seguisse seu caminho, em vez de sofrer sob o controle de Harmonia. Hesitante, mas sentindo que havia pouco o que fazer pela pobre criatura, ele a segurou entre seus braços. Que morresse abraçada por

alguém. Revoltava-o fazer isso depois de tudo o que ela fizera, mas, maldição, era a coisa *certa*.

A Sangradora virou a cabeça para ele, e sua expressão se suavizou, apesar das contrações, os lábios ensanguentados se abrindo num sorriso.

— Você é... Você é tão surpreendente quanto um... macaco dançarino, Sr. Gravatinha.

Wax gelou.

— Onde ouviu isso? Como conhece essas palavras?

— Acho que comecei a amar você naquele mesmo dia — disse ela. — Homem da lei por contrato. Tão ridículo, mas tão... sério. Você não tentou me proteger, mas parecia tão ansioso em impressionar... Um lorde com um propósito.

— Quem lhe contou sobre aquele dia, Sangradora? — exigiu saber Wax. — Quem...

— Pergunte a Harmonia — disse ela, e os tremores se tornaram mais violentos. — Pergunte a ele, Wax! Pergunte por que ele mandou uma kandra para vigiar você tantos anos atrás. *Pergunte a ele se ele sabia que eu me apaixonaria por você!*

— Não...

— Ele nos movia, mesmo naquela época! — sussurrou ela. — Eu me recusei. Eu não manipularia você para voltar a Elendel! Você adorava aquela vida. Eu não o traria de volta para se tornar um peão dele...

— Lessie? — Harmonia, *era* ela.

Aquilo era *ela*.

— Pergunte a ele... Wax — disse ela. — Pergunte a ele... por que... se ele sabe tudo... deixou você me matar... — Ela ficou imóvel.

— Lessie? — chamou Wax. — Lessie!

Ela se fora. Ele encarou o corpo dela em seu colo. A kandra manteve a forma. A forma de Lessie. Ele a agarrou e soltou um uivo baixo e grave, vindo do mais fundo do seu ser, um grito dolorido que ecoou na noite.

Isso pareceu afastar as brumas.

Ainda estava ajoelhado ali, segurando o corpo, quando, uma hora depois, uma figura saltou das brumas e se aproximou em quatro patas. TenSoon, o kandra, o Guardião da Guerreira Ascendente, aproximou-se dele com passos reverentes, a cabeça de cão abaixada.

Wax olhava para as brumas agitadas, segurando um cadáver, esperando irracionalmente que seu calor a mantivesse aquecida.

— Diga-me — falou Wax, com a voz rouca e áspera pelos gritos. — *Diga-me*, kandra.

— Ela foi mandada até você há muito tempo — contou TenSoon, sentando-se. — A mulher que você conheceu como Lessie sempre foi uma de nós.

Não...

— Harmonia estava preocupado com você nas Terras Brutas, homem da lei — falou TenSoon. — Queria que tivesse um guarda-costas. Paalm exibia a disposição para ir contra proibições que para o resto de nós eram sagradas. Ele esperava que vocês fizessem bem um para o outro.

— E você não me contou? — replicou Wax, entre os dentes. Ódio. Achava que nunca tinha sentido um ódio tão intenso quanto o que sentia naquele momento.

— Eu estava proibido — disse TenSoon. — MeLaan não sabia, e eu só fui informado há alguns dias. Harmonia previu um desastre se você soubesse quem estava caçando.

— E isso *não é* um desastre, kandra?

TenSoon se virou. Ficaram sentados ali, sob as luzes elétricas que abriam espaços entre as brumas, com uma mulher morta no colo de Wax.

— Eu a matei — sussurrou Wax, fechando os olhos com força. — Eu a matei *de novo*.

EPÍLOGO



Wax estava sentado sozinho numa sala cheia de gente. Tinham feito tudo para deixá-lo confortável. Um fogo aceso na lareira e uma pequena lamparina na mesa ao seu lado, pois Steris sabia que ele preferia a luminosidade das chamas à da eletricidade. Jornais estavam intocados ao lado de uma xícara de chá que há muito esfriara.

Todos conversavam e celebravam, comandados por Lorde Harms, que ria e se exibia de sua pequena participação em tudo o que tinha acontecido. Um desastre evitado. Um novo governador, o primeiro que não tinha sangue nobre. Até o Lorde Nascido da Bruma, muito tempo atrás, era em parte nobre. O Último Imperador era puro-sangue, e o Sobrevivente, parcialmente nobre. Todos grandes personagens que deviam ser louvados.

Mas Claude Aradel não tinha a mesma linhagem. Nem uma gota de sangue nobre. Os convivas congratulavam-se uns aos outros por serem tão progressistas a ponto de falar favoravelmente de alguém de nascimento tão comum.

Wax olhava fixamente para o fogo, passando um dedo na barba que nascia em seu queixo. Falava quando alguém lhe dirigia a palavra, mas a maioria o deixava em paz. Ele estava esgotado, Steris lhes dissera. Cansado depois das coisas terríveis que vira. Ela os afastava dele o máximo que podia, dizendo, quando inevitavelmente perguntavam, que tinham resolvido adiar o casamento para que Wax pudesse ter curtas férias para se recuperar.

No meio do evento, Wayne apareceu, usando muletas. Não podia se curar sem estocar mais saúde — e não podia fazer isso enquanto se curava do ferimento, o que não teria muito propósito. Por enquanto, tinha que lidar com a fragilidade de seu corpo, como uma pessoa normal.

Somos tão frágeis quando pensamos a respeito, pensou Wax. *Uma coisinha dá errado, e nos arreventamos.*

— Ei, meu chapa — cumprimentou Wayne, sentando-se no banquinho aos pés de Wax. — Quer ouvir o quanto sou um gênio ferrado?

— Diga — sussurrou Wax.

Wayne inclinou-se para a frente, abrindo as mãos diante de si num gesto dramático.

— Vou conseguir embebedar *todo mundo*.

As pessoas continuavam a conversar. A maior parte dos convidados eram policiais. Alguns políticos aliados de Wax. Ele escolhera fazer negócios com as pessoas de melhor reputação da cidade, então a limpeza que Aradel fizera entre os nobres não afetara sua casa. Isso foi considerado uma enorme vitória política.

— Veja só, elaborei um plano — falou Wayne, batendo com um dedo na cabeça. — As pessoas aqui na cidade têm problemas. O pessoal que trabalha nas fábricas acha que ter mais tempo livre vai resolver suas angústias, mas precisa fazer alguma coisa *com* esse tempo. Então, tive uma ideia. Vou consertar tudo isso.

— Por Harmonia, Wayne — falou Wax. — Você não vai envenenar a cidade, vai?

— Não — respondeu Wayne. — Pelo menos não seus corpos. — Abriu um sorriso largo. — Você vai ver. Vai dar certo. Vai ser *incrível*. — Levantou-se e tropeçou, quase caindo. Olhou para sua perna, surpreso, como se tivesse se esquecido do ferimento. Então, balançou a cabeça e pegou as muletas.

Uma vez em pé, ele hesitou e se inclinou de novo.

— Vai passar, meu chapa — falou Wayne. — Meu pai me disse uma vez: “Filho, não chore.” Então, se as coisas estão ruins, você bate o rosto contra a parede até que o lábio sangre, e você se sentirá melhor. Dá certo para mim. Pelo menos, acho que sim. Não consigo me lembrar, depois de ter batido tantas vezes com a cabeça.

Ele abriu um sorriso largo. Wax ficou olhando para as chamas. O sorriso de Wayne desapareceu.

— Ela iria querer que você a detivesse, sabe? — disse Wayne, baixinho. — Se tivesse sido capaz de falar com você, se pudesse pensar direito, ela teria exigido que você a matasse. Assim como eu iria querer. Você iria querer o mesmo, se tivesse perdido seu cobre. Você fez o que tinha que ser feito, meu chapa. E fez bem.

Apertou o punho diante de Wax e assentiu antes de se afastar, mancando, aproximando-se de uma jovem com longo cabelo loiro.

Uma adolescente? Wax não a reconheceu.

— Eu conheço você, não conheço? — perguntou Wayne. — A filha de Remmingtel Tarcel? O cara que inventou a lâmpada incandescente?

A garota ficou boquiaberta.

— Você o conhece? — Ela segurou o braço de Wayne. — Você sabe sobre meu pai?

— Claro que sim! — respondeu Wayne. — Ele foi roubado, tenho que dizer. Um gênio. Dizem que você é inteligente como ele. Aquele dispositivo que inventou para os discursos é ótimo.

Ela ficou olhando para Wayne e, então, se inclinou em sua direção.

— Isso é só o começo. Eles a trouxeram para suas casas, não vê? Está por toda parte.

— O quê? — perguntou Wayne.

— Eletricidade — respondeu a garota. — E serei a primeira a usá-la.

— Hum — disse Wayne. — Precisa de dinheiro?

— Se preciso... — Ela levou Wayne para andar pela festa, radiante, falando tão rápido que Wax não pôde mais ouvir o que dizia.

Ele não se importava. Só continuou a olhar fixamente para o fogo.

Os convidados eram educados o bastante para não insinuar que a indiferença dele estava estragando a festa. Clotide foi até ele, trocando a xícara de chá frio por outra, quente. No que dizia respeito a Wax, aquela poltrona confortável podia ser um banco duro. Ele não sentia a maciez dela, nem o calor do fogo nem a alegria da vitória.

Como era possível ouvir o zumbido de uma abelha em meio a uma tempestade?

Depois de um tempo, os convidados deram desculpas para partir, concluda a diversão moderada. Alguns se despediram dele. Outros, não. Mais ou menos na metade da agonia prolongada da festa, Marasi sentou-se no banquinho aos pés de Wax. Usava o uniforme da polícia. Uma coisa estranha para se usar numa festa, embora, pensando bem, os policiais fizessem isso o tempo todo.

Marasi pegou o chá dele e tomou um gole. Então, colocou alguma coisa na mesa onde a xícara estava. Wax olhou de relance. Uma estaca pequena, comprida como um dedo, feita de algum metal prateado com pontos vermelho-escuros, como partes enferrujadas.

— É uma das estacas que ela usou, Waxillum — disse Marasi, baixinho. — MeLaan queria que eu mostrasse para você.

Wax fechou os olhos. Achavam que ele queria *ver* uma coisa

daquelas?

— Waxillium — continuou Marasi —, não conseguimos identificar o metal. Não é nada que vimos antes. Certamente não era uma das estacas que ela usava no início. Isso significa que ela removeu ambas e enfiou essa no lugar. Onde ela conseguiu isso? Quem deu isso para ela?

— Não me importa — sussurrou ele, abrindo os olhos.

Marasi ficou em silêncio.

— Wax...

— Ele a mandou até mim, Marasi. Ele mandou uma *kandra* para me *seduzir*.

— Não — replicou Marasi, com firmeza. — Ele mandou uma guarda-costas para proteger você nas Terras Brutas. Eu falei com TenSoon. A sedução foi ideia dela. E sua, presumo.

— Harmonia sabia. — A voz de Wax era rouca. — Ele sabia que isso aconteceria.

— Talvez não.

— Então que tipo de Deus Ele é? De que *serve* um Deus como Ele, Marasi? Explique-me isso.

Marasi se remexeu no assento. Então, suspirou e pegou a estranha estaca novamente. Deixou outra coisa na mesinha ao se levantar. Um pequeno brinco, apenas uma barrinha de metal com a extremidade dobrada.

— Mandaram isso para você.

Wax nem olhou. Deixou o brinco onde estava enquanto Marasi se despedia e deixava a festa. Outros vieram até ele, ofereceram algum encorajamento, do tipo que podia ser escrito num cartão.

Ele assentia, mas não escutava.

Depois que saiu da festa na Mansão Ladrian, Marasi parou na delegacia no caminho para casa. Pretendia pegar sua cópia do livro de Hemalurgia de Lorde Nascido da Bruma, que mantinha trancada na gaveta. Os escritórios estavam escuros e silenciosos, um grande contraste em relação ao caos de poucas noites atrás. Embora alguns policiais estivessem em patrulha nas ruas, a maioria estava de folga. Só os que cuidavam da cadeia estavam em serviço.

Por isso, ela ficou surpresa quando viu luzes acesas no fundo do salão principal. Foi até lá e recostou-se na porta, olhando para Aradel, que tinha uma pilha de papéis diante dele e trabalhava à luz de uma vela.

— Acho difícil acreditar que um governador não tenha nada

melhor para fazer em seu primeiro dia no cargo do que analisar relatórios de depreciação de equipamentos. Não que eu me importe. Você os tem ignorado por... quanto tempo?

A expressão de Aradel era azeda.

— Não sou o governador — disse ele. — Não de verdade.

— O título “governador interino” tem a palavra “governador” nele, senhor.

— No mês que vem, vão eleger outra pessoa para o cargo, numa sessão apropriada para isso.

— Francamente, senhor, duvido que isso aconteça.

Ele pegou uma folha que estava na pilha, assinou-a, selou-a e continuou sentado, olhando para ela. Por fim, passou a mão pelo cabelo.

— Ah, Preservação. O que eu fiz? E por que diabos nenhum de vocês me impediu?

Marasi sorriu.

— Você não nos deu exatamente uma chance, senhor.

— Vou fugir — disse ele. — Vou recusar o cargo. Vou... — Ele olhou para ela e suspirou. — Não serei feliz neste cargo, Colms.

— Parece que aqueles que são felizes neste papel, senhor, já tiveram sua chance. Estou animada para ver para onde iremos a partir de agora. Você mudou o mundo.

— Eu não tinha essa intenção.

— Não importa — falou Marasi, olhando para o lado quando alguém se aproximou na sala escura. Outro policial que tinha vindo terminar o trabalho? — Ah, não.

O governador Innate apareceu na porta, segurando um cinto.

— Algum de vocês sabe como amarrar uma coisa dessas? — perguntou o ex-governador com a voz de MeLaan.

— Você não amarra um cinto, kandra — comentou Aradel. — Você o afivela.

— Não, não — falou MeLaan, passando a ponta pela fivela e puxando-a em volta do pescoço. — Estou falando em fazer um laço. As pessoas sempre falam de caras que se enforcam nas celas, mas não consegui descobrir como se faz. Fiquei pendurada ali por uns dez minutos, e tenho quase certeza de que isso não teria matado nem o mais frágil mortal. Fiz alguma coisa errada.

Ela olhou para os dois e franziu a testa ao ver suas expressões assustadas.

— O que foi?

— *Enforçar-se?* — perguntou Marasi, atabalhoadamente, por fim encontrando sua voz. — Você é nossa testemunha-chave!

— Você realmente acha que Harmonia me deixará sentar num tribunal e dar um falso testemunho contra pessoas que nem sequer conheço? Seria zombar da justiça, crianças.

— Não — disse Marasi. — Temos as cartas. Sabemos a verdade.

— Sabem mesmo? — perguntou MeLaan, colocando o cinto no pescoço de novo. — Vocês têm certeza de que Paalm não forjou aquelas cartas ou de que o próprio Innate não fez isso antes que ela o pegasse? Têm certeza de que os lordes e ladies foram até o final com seus planos e não desistiram? Têm certeza de que não estavam falando apenas sobre possibilidades?

— Temos bons casos, sagrada imortal — explicou Aradel. — A tenente Colms pesquisou tudo. Estamos muito seguros de que as provas estão corretas.

— Então convençam o juiz e o júri — respondeu MeLaan, dando de ombros. — Não fazemos coisas assim. As pessoas devem ser capazes de confiar na lei. Sou muitas coisas, mas *não* serei eu quem vai abrir o precedente de que uma kandra pode mentir para incriminar alguém, mesmo que você esteja “muito seguro de que as provas estão corretas”.

Marasi cruzou os braços e trincou os dentes. Aradel olhou para ela, questionador.

— Sem ela, eles vão dar um jeito de escapar das acusações — comentou Marasi. — Não conseguiremos mantê-los na cadeia. Agirão livremente pela cidade mais uma vez. — Ela suspirou. — Mas... Droga. Ela provavelmente está certa, senhor. Eu teria chegado a essa conclusão se tivesse pensado o suficiente. Não podemos falsificar evidências, por mais justa que seja a causa.

Ele assentiu.

— Não vamos conseguir mantê-los na prisão de qualquer forma, Colms. Eles têm muito poder, mesmo agora. Vão dar um jeito de escapar da sentença, colocando a culpa nos subordinados. — Ele se recostou na cadeira. — Tomarão o assento do governador mais uma vez, a menos que alguém faça algo a respeito. Maldição. Eu realmente vou ter que fazer isso, não vou?

— Sinto muito, senhor — disse Marasi.

— Bem, pelo menos posso limpar minha mesa dessa papelada antes — disse ele, inclinando-se sobre os relatórios, determinado. — Sugestões para minha substituição como comissário-geral?

— Reddi — respondeu Marasi.

— Ele odeia você.

— Isso não o torna um mau policial, senhor — respondeu Marasi.
— Desde que alguém fique de olho nele, como você disse. Posso fazer isso. Acho que ele vai aceitar o desafio.

Aradel assentiu e estendeu a mão para MeLaan. Ela jogou o cinto, e ele o prendeu num laço.

— Essa parte vai ao redor do pescoço, sagrada — explicou ele. — Faça com que sua pele fique com hematomas em forma de V, para que a morte pareça verdadeira. Sabe como forjar a aparência de alguém que morreu de estrangulamento?

— Sei — confirmou MeLaan. — Infelizmente.

— Vou lá cortar o cinto em quinze minutos. — falou Aradel. — Você vai precisar enganar o legista.

— Sem problema — garantiu MeLaan. — Posso respirar por um sistema traqueal, sem utilizar os pulmões. Consiga que o corpo seja cremado e me dê algum tempo. Sairei e deixarei os ossos para você queimar. Rápido e limpo.

— Tudo bem — concordou Aradel, parecendo enjoado.

MeLaan despediu-se dele, voltando para a cela. Marasi se juntou a ela depois de bater uma continência que Aradel nem viu.

— Como conseguiu sair da cela? — perguntou Marasi, alcançando MeLaan.

— Enfiando o dedo na fechadura, derretendo parte da minha pele e jogando lá dentro — contou MeLann. — É incrível o que se pode fazer quando não se está restrito às formas normais do corpo.

As duas seguiram juntas até a entrada do cárcere. Marasi não ia perguntar como MeLaan evitara os guardas. Com sorte, os dois não tinham sido feridos.

— Harmonia sabe, certo? — perguntou Marasi quando MeLaan chegou perto da porta. — Se essas pessoas são culpadas ou não?

— Sabe.

— Então você poderia simplesmente perguntar para Ele se é justo aprisioná-las. Se Ele disser que sim, vamos em frente com isso. Eu aceitaria a palavra de Deus sobre o assunto para satisfazer minha consciência.

— Mesmo assim é contra as regras — explicou MeLaan. — E Harmonia provavelmente não diria.

— Por que não? — questionou Marasi. — Você percebe o que tudo isso causou a Waxillium, certo?

— Ele vai superar.

— Ele não deveria ter que superar nada.

— E o que você acha que Harmonia deveria fazer, *mulher*? Dar todas as respostas? Guiar-nos para onde deseja, como Paalm jurava que Ele fazia? Transformar-nos em peças num tabuleiro para Seu divertimento?

Marasi recuou. Nunca ouvira aquele tom de voz em MeLaan.

— Ou talvez prefira o oposto? — continuou MeLaan. — Que ele nos deixasse completamente a sós? Sem nenhuma interferência?

— Não, eu...

— Pode imaginar como deve ser? Saber que qualquer ação vai ajudar alguns, mas machucar outros? Salvar a vida de um homem agora e deixá-lo espalhar uma doença que vai matar uma criança mais tarde. Harmonia faz o melhor que pode... O melhor *possível*, pela própria definição. Sim, Ele machucou Wax. Machucou feio. Mas colocou a dor onde Ele sabia que seria suportada.

Marasi corou e, irritada consigo mesma, remexeu na bolsa e pegou a estranha estaca.

— E isso?

— Não é um metal que conhecemos.

— Foi o que TenSoon disse. Mas Harmonia...

— Não é um metal que *Harmonia* conheça — falou MeLaan.

Marasi sentiu um calafrio.

— Então... não é Dele? Não provém de Sua forma, como as antigas histórias sobre atium e lerasium?

— Não — confirmou MeLaan. — Vem de algum outro lugar. Paalm usou essas estacas estranhas para roubar atributos, em vez de usar as que conhecemos. Talvez seja por isso que conseguiu roubar poderes de Alomancia e Feruquemia, enquanto outros kandra não conseguem. De qualquer forma, você não se perguntou por que Harmonia não conseguia ver a Sangradora? Não conseguia rastreá-la, não conseguia prever suas ações? O que pode deter um deus, Marasi Colms? Algum palpite?

— Outro deus — sussurrou Marasi.

— Congratulações — falou MeLaan, abrindo a porta. — Você encontrou provas de algo que nos aterroriza. Pense nisso um pouco antes de sair por aí acusando Harmonia ou os kandra de qualquer coisa. Agora, se me dá licença, vou tentar me enforcar do jeito certo.

Ela entrou na cela, fechando a porta.

Outro deus, pensou Marasi, parada no escuro. Além de Harmonia,

Ruína e Preservação.

Ela olhou para a pequena estaca em suas mãos e ouviu um nome que Miles Cem-vidas dissera havia um ano, quando morreu. O nome de um deus muito antigo. Marasi pesquisara o nome, mas sem muito entusiasmo, muito mais interessada em sua interação com o Olhos de Ferro.

Agora, no entanto, estava determinada a ir fundo nos registros e descobrir as respostas.

Quem ou o que era *Trell*?

A sala provavelmente ficara em silêncio muito antes de Wax perceber que estava sozinho. O fogo na lareira estava se apagando. Ele deveria fazer algo a respeito.

Não fez.

Steris se aproximou, colocou mais lenha e agitou as brasas. Então ele não estava sozinho. Ela colocou o atizador ao lado da lareira e olhou para ele. Wax esperava que ela dissesse alguma coisa.

Ela não falou nada. Em vez disso, empurrou o banquinho até deixá-lo ao lado da poltrona dele. Sentou-se com as pernas cruzadas com delicadeza e colocou as mãos no colo.

Os dois ficaram ali, sem dizer palavra alguma. Depois de um tempo, ela colocou a mão sobre a dele. O fogo parecia frio para ele, o ar, congelado, mas aquela mão era quente.

Por fim, ele se virou de lado, apoiou a cabeça no ombro dela e chorou.

ARS ARCANUM

SOBRE AS TRÊS ARTES METÁLICAS

Em Scadrial, existem três manifestações principais de investidura. Localmente, elas são chamadas de artes metálicas, embora haja outros nomes para elas.

A Alomancia é a mais comum das três. É uma arte de fim positivo, de acordo com minha terminologia, ou seja, o praticante retira poder de uma fonte externa. Então, o corpo usa esse poder de várias formas. O efeito do poder não é escolhido pelo praticante, mas, em vez disso, é gravado em sua Teia-Espiritual. A chave para extrair esse poder vêm na forma de diversos tipos de metais, exigindo composições específicas. Embora o metal seja consumido no processo, o poder em si não vem de fato do metal. O metal é um catalisador, pode-se dizer, que inicia uma investidura e a mantém em marcha.

Na verdade, não é muito diferente das investiduras baseadas em formas que se encontra em Sel, onde formatos específicos são as chaves — aqui, no entanto, as interações são mais limitadas. Ainda assim, não se pode negar o poder da Alomancia. Ela é instintiva e intuitiva para o praticante, sem exigir uma grande quantidade de estudo e exatidão, como se encontra nas investiduras de Sel baseadas em formas.

A Alomancia é brutal, crua e poderosa. É acessada por dezesseis metais-base, embora dois outros, chamados localmente de Metais Divinos, possam ser usados para formar outro conjunto de dezesseis ligas cada um. No entanto, como esses Metais Divinos não estão mais disponíveis, os outros metais não são amplamente usados.

A Feruquemia ainda é amplamente conhecida e usada nesse momento em Scadrial. De fato, talvez seja possível dizer que é mais presente hoje em dia do que foi em muitas eras no passado, quando estava confinada à distante Terris ou escondida pelos Guardadores.

A Feruquemia é uma arte de fim neutro, ou seja, não se ganha nem se perde nesse poder. Essa arte também exige metais como ponto focal, mas, em vez de ser consumido, o metal funciona como um meio de armazenar capacidades dentro do praticante. Investe-se naquele metal num dia e retira-se poder dele em outro dia. É uma arte diversificada, com algumas sondagens no Físico, algumas no Cognitivo e até mesmo algumas no Espiritual. Esses últimos poderes estão sob

extensa experimentação pela comunidade terrisana e não são divulgados a estrangeiros.

Deve-se observar que a reprodução entre feruquemistas e a população geral diluiu o poder em alguns aspectos. Atualmente, é comum as pessoas nascerem com acesso a apenas uma das dezesseis capacidades feruquêmicas. Levanta-se a hipótese de que, se alguém pudesse fazer mentes de metal a partir das ligas com os Metais Divinos, outras capacidades poderiam ser descobertas.

A Hemalurgia é bastante desconhecida no mundo moderno de Scadrial. Seus segredos foram mantidos por aqueles que sobreviveram ao renascimento do mundo, e os únicos praticantes conhecidos agora são os kandra, que, na maior parte das vezes, servem a Harmonia.

A Hemalurgia é uma arte de fim negativo, pois um tanto do poder se perde na sua prática. Embora muitos através da história a tenham demonizado como uma arte maligna, nenhuma das investiduras é realmente maligna. Em sua essência, a hemalurgia lida com capacidades — ou atributos — retiradas de uma pessoa e concedidas a outras. Seu foco principal são elementos do reino Espiritual, o que atrai muito do meu interesse. Se uma das três artes é de grande interesse para a Cosmere, é esta. Acredito que existem grandes possibilidades para seu uso.

COMBINAÇÕES

Em Scadrial, é possível nascer com habilidades de acessar tanto a Alomancia como a Feruquemia. Isso tem sido de grande interesse para mim ultimamente, já que as misturas dos diferentes tipos de investiduras têm efeitos curiosos. Basta olhar para o ocorrido em Roshar para percebê-lo — dois poderes combinados com frequência causam uma reação quase química. Em vez de ter exatamente o que foi colocado, consegue-se algo novo.

Em Scadrial, alguém com um poder alomântico e um poder feruquêmico é chamado “Duplonato”. Os efeitos aqui são mais sutis do que em Roshar, mas estou convencido de que cada combinação também cria algo distinto. Não só dois poderes, pode-se dizer, mas dois poderes... e um efeito. Isso exige mais estudos.

TABELA DE REFERÊNCIA RÁPIDA DE METAIS

METAL	PODER ALOMÂNTICO	PODER FERUQUÊMICO
 <i>Ferro</i>	<i>Puxa fontes de metais próximas</i>	<i>Armazena peso físico</i>
 <i>Aço</i>	<i>Empurra fontes de metais próximas</i>	<i>Armazena velocidade física</i>
 <i>Estanho</i>	<i>Amplia sentidos</i>	<i>Armazena sentidos</i>
 <i>Peltre</i>	<i>Amplia habilidades físicas</i>	<i>Armazena força física</i>
 <i>Zinco</i>	<i>Tumultua (inflama) emoções</i>	<i>Armazena velocidade mental</i>
 <i>Latão</i>	<i>Abranda (atenua) emoções</i>	<i>Armazena calor</i>
 <i>Cobre</i>	<i>Esconde pulsos alomânticos</i>	<i>Armazena memórias</i>
 <i>Bronze</i>	<i>Permite ouvir pulsos alomânticos</i>	<i>Armazena prontidão</i>
 <i>Cádmio</i>	<i>Reduz a velocidade do tempo</i>	<i>Armazena fôlego</i>
 <i>Curvaliga</i>	<i>Aumenta a velocidade do tempo</i>	<i>Armazena energia</i>
 <i>Ouro</i>	<i>Revela o eu passado</i>	<i>Armazena saúde</i>
 <i>Electrum</i>	<i>Revela o eu futuro</i>	<i>Armazena determinação</i>
 <i>Cromo</i>	<i>Esvazia as reservas alomânticas do alvo</i>	<i>Armazena sorte</i>
 <i>Nicrosil</i>	<i>Fortalece o consumo alomântico do alvo</i>	<i>Armazena investidura</i>
 <i>Alumínio</i>	<i>Esvazia as reservas alomânticas internas</i>	<i>Armazena identidade espiritual</i>
 <i>Duralumínio</i>	<i>Fortalece o próximo metal queimado</i>	<i>Armazena conexão espiritual</i>

LISTA DE METAIS

AÇO: *Brumosos Lançamoedas* queimam aço e podem empurrar fontes de metais próximas. Os empurrões precisam ser para longe do centro de gravidade do Lançamoedas. *Ferumosos Corredores de Aço* podem armazenar velocidade física numa mente de metal de aço, tornando-os mais lentos enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua velocidade.

ALUMÍNIO: um Nascimento da Bruma que queima alumínio instantaneamente metaboliza todos os seus metais sem nenhum efeito, esvaziando suas reservas alomânticas. *Brumosos* que queimam alumínio são chamados de *Mosquitos de Alumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Verdadeiros* podem armazenar sua noção espiritual de identidade numa mente de metal de alumínio. Essa é uma arte raramente comentada fora das comunidades terrisanas e, mesmo entre elas, ainda não é bem compreendida. O alumínio e algumas de suas ligas são inertes alomanticamente; não podem ser *empurrados* ou *puxados* e podem ser usados para proteger um indivíduo de Alomancia emocional.

BRONZE: *Brumosos Buscadores* queimam bronze para “ouvir” os pulsos emitidos por outros alomânticos que estejam queimando metais. Diferentes metais produzem diferentes pulsos. *Ferumosos Sentinelas* podem armazenar prontidão numa mente de metal de bronze, o que os deixa sonolentos enquanto armazenam. Podem drenar a mente de metal mais tarde para reduzir a sonolência ou aumentar sua percepção.

CÁDMIO: *Brumosos Pulsadores* queimam cádmio para alterar a passagem do tempo numa bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais devagar dentro da bolha. Isso faz com que os eventos fora da bolha ocorram a uma velocidade estonteante do ponto de vista do Pulsador. *Ferumosos Ofegantes* podem armazenar fôlego dentro de uma mente de metal de cádmio; durante a armazenagem, precisam hiperventilar para seus corpos conseguirem ar suficiente. O fôlego pode ser recuperado mais tarde, eliminando ou reduzindo a necessidade de respirar pelos pulmões enquanto drenam suas mentes de metal. Também podem oxigenar muito seu sangue.

COBRE: *Brumosos Nuvens de Cobre*, também conhecidos como *Esfumaçadores*, queimam cobre para criar uma nuvem invisível ao redor de si, impedindo que os alomânticos próximos sejam detectados por um Buscador e protegendo indivíduos próximos dos efeitos da Alomancia emocional. *Ferumosos Arquivistas* podem armazenar lembranças numa mente de metal (mente de cobre); a lembrança desaparece da cabeça enquanto estiver em armazenagem e pode ser

recuperada com perfeição mais tarde.

CROMO: *Brumosos Sugadores* que queimam cromo enquanto tocam em outro alomântico limpam as reservas desse alomântico. *Ferumosos Fiandeiros* podem armazenar sorte numa mente de metal de cromo, deixando-os sem sorte durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para aumentá-la.

CURVALIGA: *Brumosos Deslizantes* queimam curvaliga para comprimir o tempo numa bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais rápido dentro da bolha. Isso faz com que os eventos fora da bolha aconteçam lentamente do ponto de vista do Deslizante. *Ferumosos Absorvedores* podem armazenar nutrientes e calorias numa mente de metal de curvaliga; podem comer grandes quantidades de comida durante a armazenagem sem se sentirem cheios ou ganhar peso e não precisar comer ao drenar a mente de metal. Uma mente de metal de curvaliga pode ser usada para regular ingestão de fluidos da mesma maneira.

DURALUMÍNIO: um Nascido da Bruma que queima duralumínio instantaneamente queima quaisquer outros metais que estejam sendo usados no momento, liberando uma enorme explosão de poder. *Brumosos* que queimam duralumínio são chamados de *Mosquitos de Duralumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Conectores* podem armazenar conexão espiritual numa mente de metal de duralumínio, reduzindo sua consciência do próximo e a capacidade de amizade durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para estabelecer relacionamentos de confiança rapidamente com outras pessoas.

ELECTRUM: *Brumosos Oráculos* queimam electrum para ter uma visão de possíveis futuros. Em geral, o efeito é limitado a apenas poucos segundos. *Ferumosos Pináculos* podem armazenar determinação numa mente de metal de electrum, entrando num estado depressivo durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para entrar numa fase maníaca.

ESTANHO: *Brumosos Olhos de Estanho* queimam estanho para aumentar a sensibilidade dos seus cinco sentidos. Todos são fortalecidos ao mesmo tempo. *Ferumosos Sussurradores de Vento* podem armazenar a sensibilidade de um dos cinco sentidos numa mente de metal de estanho; deve ser usada uma mente de metal de estanho diferente para cada sentido. Enquanto o ferumoso armazena, a sensibilidade daquele sentido fica reduzida, e, quando a mente de metal é drenada, esse sentido se fortalece.

FERRO: *Brumosos Atraidores* que queimam ferro podem puxar fontes de metais próximas. Os puxões devem ser direcionados para o centro de gravidade do Atraidor. *Ferumosos Depuradores* podem

armazenar peso físico numa mente de metal de ferro, reduzindo seu peso efetivo enquanto armazenam ativamente, e podem drená-la mais tarde para aumentar seu peso efetivo.

LATÃO: *Brumosos Abrandadores* queimam latão para abrandar (atenuar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Abrandador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Almaquente* podem armazenar calor numa mente de metal de latão, resfriando-se enquanto armazenam. Eles podem drenar a mente de metal mais tarde para se aquecer.

NICROSIL: *Brumosos Nicroestouro* que queimam nicrosil enquanto tocam em outro alomântico instantaneamente exaurem quaisquer metais que estejam sendo queimados por aquele alomântico, liberando uma explosão enorme (e talvez inesperada) do poder daqueles metais. *Ferumosos Portadores de Alma* podem armazenar investidura numa mente de metal de nicrosil. Esse é um poder que poucos conhecem; de fato, tenho certeza de que o povo terrisano não sabe realmente o que está fazendo quando usa esse poder.

OURO: *Brumosos Adivinhos* queimam ouro para ter uma visão do próprio passado ou de quem seriam se tivessem feito escolhas diferentes. *Ferumosos Criassangue* podem armazenar saúde numa mente de metal de ouro, reduzindo sua saúde enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para se curar rapidamente ou além das capacidades normais do corpo.

PELTRE: *Brumosos Braços de Peltre*, também conhecidos como *Brutamontes*, queimam peltre para aumentar força física, velocidade e resistência, também fortalecendo a capacidade de cura do corpo. *Ferumosos Brutos* podem armazenar força física numa mente de metal de peltre, reduzindo sua força enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua força.

ZINCO: *Brumosos Tumultuadores* queimam zinco para tumultuar (inflamar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Tumultuador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Faiscadores* podem armazenar velocidade mental numa mente de metal de zinco, embotando sua capacidade de pensar e raciocinar enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para pensar e raciocinar mais rápido.

1a edição Novembro de 2017
papel de miolo Pólen Soft 70g/m²
papel de capa Cartão Supremo 250g/m²
tipografia Minion Pro
gráfica

BRANDON SANDERSON

creceu em Lincoln, Nebraska. Atualmente mora em Utah com a esposa e os filhos e dá aula de escrita criativa na Brigham Young University. Além de ter concluído a série "A Roda do Tempo", de Robert Jordan, ele inovou a literatura fantástica ao criar a Cosmere, a galáxia onde se passam muitos de seus livros – entre eles, a série "Mistborn", no planeta Scadrial. Em 2013, Sanderson ganhou o Hugo Awards por "The Emperor's Soul", um conto passado em Sel, o mesmo planeta de *Elantris*, seu aclamado primeiro livro – também publicado pela editora LeYa.

www.brandonsanderson.com

Wax e Wayne não medirão esforços para proteger a cidade de Elendel de um ataque misterioso

Trezentos anos se passaram e Scadrial se modernizou: ferrovias foram construídas, a eletricidade chegou e as brumas agora passam por uma nova paisagem, reberta por arranha-céus de aço.

Nesse novo cenário, Kelsier, Vin, Fantasma, Beisa e todos os outros personagens de "Mistborn – Nascidos da Bruma" se tornaram lendas, mitos e até mesmo objetos de veneração. Embora a ciência e a tecnologia tenham atingido novos patamares, a Alomancia e a Feruquemia ainda são ferramentas cruciais nesse mundo – sobretudo para aqueles que desejam estabelecer ordem e justiça.

Em *As sombras de si mesmo*, a movimentada cidade de Elendel enfrentará seu primeiro ataque terrorista, com crimes destinados a provocar conflitos trabalhistas e religiosos. Wax e Wayne – agora também acompanhados pela brilhante Marasi – terão que desvendar a conspiração antes que o progresso de Scadrial seja seriamente comprometido.

"Agilidade, diálogos inteligentes e uma boa dose de ação fazem o leitor querer ler este livro de uma vez só."

— *Library Journal*

"O mundo de fantasia de Sanderson une elementos steampunk, do período pré-industrial, e do faroeste. Ele incorpora a magia dos metais da Alomancia e da Feruquemia na história com muita inteligência. Fãs de fantasia vão saborear esta emocionante aventura."

— *Publishers Weekly*



omelete.com.br

Índice

CAPA	PÁGINA
PÁGINA DE TÍTULO	
PÁGINA DIREITOS AUTORAIS	
SUMÁRIO	
PRÓLOGO	
PRIMEIRA PARTE	

1
2
3
4

SEGUNDA PARTE

5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21

TERCEIRA PARTE

22
23

24

25

26

EPÍLOGO

ARS ARCANUM